



Revista mensal literária e de cultura nacionalista

DIRECTOR: D. José Ferrão.

SECRETÁRIO DA REDACÇÃO E EDITOR: M. Alves de Oliveira.



N.º 1 - JANEIRO, 1925

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO: Largo Prior do Crato, 59-A
GUIMARAES

Como o Integralismo avança...

POR felicidade, o *Gil Vicente* vem encontrar na sua nova fase uma serie de factos absolutamente concordes com a doutrina do Integralismo Lusitano creada pela geração imortal de Antonio Sardinha (cuja morte deixou ha dias no espirito de todos os portugueses uma memoria de grandeza incomparavel), Alberto Monsaraz, Luís d'Almeida Braga, Manuel Murias, Pequito Rebelo, Pires de Lima da Fonseca e tantos outros, entre os quaes se destaca, na sua nova modalidade, o escritor e pensador notabilissimo Dr. Alfredo Pimenta cujo caracter de independencia e intransigencia, atentas as circunstancias especiais da sua vida, é um exemplo rarissimo que todos os homens bons devem seguir.

Sob o ponto de vista moral citarei tão sómente o depoimento do grande escriptor da "Ressurreição", "Catedral" e "Deserto", o senhor Manuel Ribeiro, no inquerito ás tendencias intellectuais modernas aberto no jornal a "Voz de Coimbra,,. Nesse depoimento, Manuel Ribeiro fala do livro de Antero de Figueiredo, o illustre autor do « D. Sebastião » livro de tendencias nacionalistas, procurando acentuar o valor do misticismo religioso nos grandes empreendimentos da nossa Raça, a cujo modo de ser, notabilissimo na historia do mundo, vão sempre ligadas manifestações de ordem religiosa. Diz Manuel Ribeiro, logo no principio do seu depoimento: « A vaga filosofica do seculo XVIII, onde incarnaram os pontifices politicos e sociais da Revolução Francesa, inundou rapidamente a Europa e submeteu, sem as destruir, as velhas estruturas nacionais. As desilusões democraticas, reforçadas pela vaga espiritualista, fizeram ressurgir o espirito tradicionalista, onde tanta coisa boa e

bela havia ». Por aqui se vê a curiosíssima evolução de espirito do grande escritor que ficará sendo, através de muito tempo, um dos maiores renovadores da sua época, pela elevação espiritualíssima da sua obra. Manuel Ribeiro veio das organizações da C. G. T., tendo estado ao serviço da « Batalha », jornal daquela organização.

Outro facto curioso é a organização das forças económicas constituídas pelo commercio, industria e agricultura, sob a designação de U. I. E. (União dos Interesses Economicos), tendo adquirido, para a defesa dos seus pontos de vista, o grande jornal « O Seculo ». Na onda miseravel de lódo que resultou dos principios da demagogia dominante em que tudo se vai subvertendo dia a dia, ficando simplesmente de pé o estado republicano, assumindo todas as funções, coartando todas as actividades, assaltando todas as instituições, como as Misericórdias, os Bancos, etc., etc., para sustentar nas altas hierarquias do seu funcionalismo, individuos insaciaveis mais ou menos atacados da « megalomania », o movimento de organização das classes, embora rudimentar, era fatal.

E' preciso pois, que todos se organizem dentro da esfera da sua actividade porque isolados não podemos debater-nos com o potentado, que a indiferença de muitos e a boa fé da maior parte deixaram formar e crescer desmedidamente.

Assim organizada, a representação de classes e dos interesses regionais dentro de cada municipio teria a característica de independente e o character de interesse local que lhe vinham da descentralisação preconizada pelas doutrinas tradicionalistas.

Deus queira, portanto, que o « Gil Vicente » consiga de algum modo salientar o valor da organização das classes para ver se assim nos salvaremos com a nossa desditosa Patria.

D. Frei Chyrso de Guimarães

NOVELLA MINHOTA

POR

Fernando da Costa Freitas

On ne doit jamais écrire
que de ce qu'on aime.

RÈMAN.

PELOS fins do seculo XVIII, começos do seculo XIX, havia ainda em Guimarães, na Rua do Valle de Donas (1), já então meio derruido, um palacio de architettura incaracteristica, — pesado, massiço, acachapado, uniforme—, notavel, tão só, por uma enorme pedra d'armas collocada a meio e ao alto da sua larga frontaria, — palacio que era o solar d'uma familia, nobre e rica, conhecida pelos Farias do Cidral.

Não constituia o segundo nome um appellido particular, ou exclusivo, d'esta familia porque era antes uma alcunha que o povo lhe puzera, pela qual a conhecia, alcunha que o uso e o decórre do tempo havia perpetuado, que passára já dos avós aos netos e d'estes aos filhos e tinha tido origem, como ella propria indicava, n'um vasto campo de cidras que havia junto da vetusta casa solarenga e era pertença d'esta, como aliás os campos, pomares e jardins — de boas e correntias aguas, de raras e deliciosas fructas e de lindas e mimosas flores —, que lhe ficavam em derredór.

Foi sem duvida d'essa alcunha e do campo que lhe deu ori-

(1) Ainda hoje conhecida por estes nomes devido ao facto de ter sido installado ali, no anno de 1672, o «Convento da Madre de Deus» ou «das Capuchinhas», o qual foi transferido, em 1683, para um novo edificio construido no logar do *Campo do Galego*, chamado tambem o *Rosal de Santa Isabel* — «GUIMARÃES» — «Apostamentos para a sua historia» pelo erudito e saudoso P.^o Antonio José Ferreira Caldeas, vol. II paginas 133 e 134 — Porto 1881.

gem, que provem, mais tarde, o titulo de *Conde do Cidral* com que um dos reis portuguezes quiz galardar, n'um dos membros d'essa linhagem, os valorosos feitos d'armas praticados, outr'ora, em terras da moirama, por alguns dos seus mais illustres antepassados, — feitos de que o seu brazão heraldico fallava com orgulho, nas vieiras d'azul que o cobriam em campo d'oiro, e no leão rompente que o timbrava.

Além d'outras mercês e distincções com que os Farias do Cidral se pavoneavam, tinham elles, n'uma das suas propriedades situada nos suburbios de Guimarães, um privilegio cuja importancia é facil de calcular e que consistia em não poder ser preso pelo povo, nem por este entregue ás justicas do rei, nenhum malfeitor que, tendo conseguido entrar na referida propriedade, ali se conservasse com uma das mãos collocada, ou espalmada, sobre uma columna de pedra, d'um metro de altura, pouco mais.

Este privilegio, já ha muito extincto, como todos aquelles com que, em tempos idos, foi honrada e distinguida, em serie ininterrupta e nobilissima (1) a terra natal do primeiro rei portuguez, honrando e distinguindo, consequentemente, cada um dos seus naturaes, constituia, como pode suppôr-se, um chamariz para toda a qualidade de malfeitores da velha cidade e seu termo — pelo menos.

Por ali passaram, — *em transitu*, — ali se acoitaram durante horas e até, alguns, durante dias, — á chuva, ao vento e ao frio, ou sob os rigores inclementes do sol —, criminosos de toda a especie, desde os simples desordeiros, aos salteadores de estrada; desde os reus de pequenos e insignificantes delictos, aos ladrões sacrilegos; desde os miseros larapios de fructa e criação, aos mais audazes e temiveis quadrilheiros; todos aquelles, emfim, que tendo contas em aberto com a sociedade, tinham, tarde, ou cedo, de saldadas com a justiça, a não ser que conseguissem collocar-se, antes, sob a égide d'um bom patrono porque, então, este se encarregava de pôr pedra sobre o processo, favor que lhe collocava nas mãos a vida e fazendas do protegido e de que muitos usaram, — e abusaram —, em proveito proprio.

Esta protecção, ou antes esta dependencia, dava origem a no-

(1) Vide paginas 409 a 414 do livro «Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães» pelo P.^e Torquato Peixoto d'Azevedo em 1692 — publicado no Porto em 1845.

vos maleficios e novos crimes, visto que a bondade dos protectores e a sua honradez orçava pela bondade e pela honradez (sic) dos protegidos, — quando, n'um grande numero de casos, não lhes fosse mesmo muito alem! . . .

Sim porque então, — como hoje e como sempre, — a fortuna e o valimento não eram o producto d'uma bondade excelsa, nem d'uma probidade inconcussa, mas resultavam de causas, factos e circumstancias bem diversas e até, por vezes, bem antagonicas. E' dos livros e da historia de todos os tempos, — ainda os mais affastados e longinquos.

Ora a narrativa que esta novella encerra, gira, precisamente, em torno d'um d'esses Farias do Cidral, descendente, em linha recta, do nobre conde d'esse titulo, homem rude e voluntarioso, possuindo todos os defeitos mas nenhuma das qualidades d'aquelles que, tendo herdado um nome illustre e uma fortuna consideravel, souberam manter o primeiro com dignidade e empregar a segunda com proveito.

Vão passadas muitas dezenas de annos sobre a sua figura antipathica e se hoje, ao pretendermos vivificá-la aqui, ella não ficar constituindo para nós outros, vimaranenses, nenhum motivo de orgulho, nem titulo de gloria, convem attentar que, em torno d'esse homem, outras personagens surgem egualmente do pó frio do Tempo e a seu lado se movem, formando estas um contraste flagrante com elle e sendo, por isso mesmo, um motivo de desvanecimento para os seus concidadãos ou conterraneos, — d'hontem, d'hoje e d'amanhã!

(Continúa).

«Nação Portuguesa»

Revista de Cultura Nacionalista

Propagar a «Nação Portuguesa» é contribuir para o renascimento e restauração da Patria. Nenhum bom português deve deixar de assiná-la e divulgá-la.

Redacção e Administração:

Rua da Horta Seca, 7-1.º — LISBOA

A graça do sofrimento

A' hora de morrer, a Mãe dissera-lhe, docemente, para a consolar,

Entrelaçando-lhe os dedos, já frios, nos cabelos loiros :
... *Depois, filhinha, daqui a alguns anos, estaremos os trez no paraizo...*

Ela era então, pequenina, e o Pai, que era môço e sabio, Desprezou a Sciencia e dissipou, em mil loucuras, os bens, para esquecer,

Poucos anos idos, do lar ficara apenas o oratorio rico e o Pai que era um pobre desesperado.

E como tanta miseria lhe fazia dôr, a pequenina dobrou, no oratorio, os joelhos tenros,

E resou: *Meu Deus! Guiai os negocios de meu Pai e tornai-o rico...*

E como Deus a ouvisse, de novo a casa se encheu de amigos e mulheres belas...

No seu quarto de criança, onde, á noite, uma criada a escondia entre cortinas brancas,

Ela ouvia os risos e as blasfemias das orgias, e pensava já sem esperança,

Naquele dia abençoado em que «os trez se juntariam no Paraizo...»

O que falta a meu Pai, Senhor, para que ele vos reconheça — resava ela —

Não tem ele a Gloria, a Sciencia, a Riqueza e a Saude?!...

E a sua cabecita adormecia, ás noites, inundada de pranto...

Mas o Pai caiu doente, as dores eram mortais, os medicos já não receitavam...

Senhor! Senhor! Agora é que ele Vos reconhece, se Vós o curais!... —

Resou, contente, alvoraçada, na alegria de um milagre certo.

E como Deus o curasse, o Pai recomeçou logo quella vida louca,

Onde Satan vertia o filtro embriagante das sete culpas mortais!

O corpo tenro da pequenina amareleceu, então no sal das lagrimas,

Agora, as suas mãos magrinhas, quando se abraçavam aos pés da Virgem,

Eram duas rosas torcidas de sede no alto de duas hastes murchas, miudinhas...

E como a flor que pende até ao chão, lançando a ultima onda de perfume,

Ela tombou aos pés do oratorio, resando, ainda num murmurio:

*Senhor! Eu não torno a pedir... Vós é que sabeis,
Mas se soffrendo eu ele pudesse reconhecer-Vos,
amar-Vos?...*

E durante meses, o Pai, sentado á sua cabeceira, teve-a entre a vida e a morte,

Ferida por Deus, como se aquele Anjo fosse um demonio!

Uma noite abriu os olhos, e vendo o Pai no oratorio, a soluçar,

Pediu baixinho: *Senhor! fazei que eu sofra muito...
Fazei que eu sofra mais...*

.

E quando passado um ano, a pequenina se ergueu do leito,

Pai e filha ajoelhavam juntos, a ouvir aquela que os chamava do Ceu...

NUNO DE MONTEMÓR.

« Nas multidões descristianisadas, vinca-se mais profundamente o traço da animalidade, da sordidez: essas almas, á falta de nelas nunca entrar o raio iluminado da fé, que as ergue até á contemplação interior dum reino de espiritual beleza, degradam se, afogam se sob o pêso das necessidades físicas, reduzindo a vida a pouco mais que comer, faltar, gozar! »

DR. GONÇALVES CEREJEIRA.

Casa NUN'ALVARES

— DE —

L. GONZAGA PEREIRA

Antiga Rua da Rainha, 53, 55

GUIMARÃES

Livraria literária, escolar e religiosa. Sempre novidades. Papelaria: Papeis de carta, almossos, etc. Completo sortido neste ramo. Grande sortido em artigos religiosos como estampas, livros de missa, terços, medalhas, imagens, etc. Modicidade de preços.

Castelos de Portugal

Berços vãos do meu Reyno heraldico, evocando ausências!...

Sombras estranhas de alongada bravura de antanho, — trofeus de esquecida usança, perdidos na indiferença das gerações bastardas. O seu Silencio fala-me, na grande voz indefinida das tristes coisas mortas...

Castelos de Portugal! Ruínas alpenduradas nos horizontes nevoentos do meu scismar. A' sombra deles foi por certo que floriram as Rosas do Milagre.

Cruzeiros de antiga Fé, onde as almas vão rezar, num rumor de sombras, na ronda nostalgica das tardinhas.

Senhorios da velha grei portugueza, eternizando nas suas pedras d'armas, belos gestos gloriosos da alta frol dos filhos de algó.

Lembram ciprestes sonambulos e esguios, como vagamundos dos caminhos, — via sáca em fora dum tragico Calvario...

Harmonias de granito acastelado, debruçadas na cumieira dos séculos.

Na minha saudade amargurada da Distancia, vós sois os mais lindos miradoiros do meu Sonho de ensimesmado errante. Dentro em vós, como num deserto ilimitado, o Silencio lembra o *simoun* revolvendo o Passado...

E acordam lendas num luar de cinzas e passa a Historia em visões do Alem.

Castelos de Portuga!! O' sete castelos da boa menágem, — berços vãos do meu Reyno heraldico, evocando ausências...

Sois a lápide mais bela do Milagre de Ourique; sois o

O mesmo Deus

*O Deus que apareceu no Sol fulgente
Ao grande Afonso, — o Deus d'Aljubarrota, —
Não nos abandonou... inda devota
A Portugal o mesmo ardor ingente!*

*O Deus que guiou a lusitana frota
A' Índia e ao Brazil, e que me alenta,
O Deus de Mil seiscentos e quarenta
Não nos deixou no Campo da Derrota...*

*A fé que sinto em mim, no coração,
Diz-me em religiosa elevação,
Que Portugal (¡ que a Graça o dignifique!)*

*Ha-de-se erguer coberto de trofeus!
E um novo Afonso então verá nos Céus
O mesmo Deus dessa Manhã d'Ourique...*

(Do livro inédito «No Reyno do Encanto»).

RUY GALVÃO DE CARVALHO.

relicário das chagas de Cristo, dessas flôres sangrentas da
nossa legenda imortal.

Meus Paços de Bruma, — onde escuto gemidos das ban-
zas de Alcacer-Kibir, deixai-me ouvir a balada distante des-
se Rei-menino, encantado lá por terras da moirama!...

HORACIO DE CASTRO GUIMARÃES.

Portugal falsificado

Nós que vivemos enleados nas voltas do turbilhão diário a que nos conduziu a anarquia politica da nossa hora, mais atentos á defeza das pessoas e lares que nos pertencem, nem sempre nos apercebemos do rigor e da coerencia com que a Republica vai procedendo á substituição de todas as expressões de antiga vida social, instituições, leis ou costumes que traduziam, na experiencia dos seculos, a fisionomia moral e a propria organica da Nação Portuguesa.

Quando muito, os que mais ousam, erguem em voz alta o seu protesto, mas não tardam esses mesmos a deixar-se dominar por impressões e indignações maiores, ante as ruinas que nunca param de amontoar-se.

A familia monogamica, firmada na base tradicional e divina de um sacramento que santificava o amor e exprimia um alto conceito de dignidade humana pela limitação voluntaria da liberdade pessoal dos conjuges, converteu-a a lei civil de 1910 num ajuntamento de duas pessoas, unidas pelo vinculo de um contracto de que ambos podem desobrigar-se por diversas e faceis razões, entre elas a do mutuo consentimento, em obediencia ao dogma revolucionario que divinisa o individuo humano, sacrificando-lhe a especie.

Com a amplitude que inicialmente lhe foi dada e pelas facilidades suplementares com que o Poder em generosas concessões o tem dotado, o divorcio deixa o casamento com menos garantias de estabilidade do que quaisquer contractos, regulados no Codigó Civil.

No aspecto social, vê-se nele a consagração da ruina da familia por parte do Estado; dos seus efeitos morais, dizem-no alarmantes estatisticas, não é o menor aquele que abre ao homem a porta da libertinagem e á mulher o caminho da prostituição.

A' propriedade, fundamento material da familia, foram cerceadas, na lei e na pratica, as garantias que acompanhavam os titulos de posse; extinguiram-se virtualmente os contractos de enfiteuse; oneraram-na com impostos extorsivos; os generos foram tabelados em preços iguais ou inferiores, muitas vezes, ao custo de produ-

ção; os inquilinos tornaram-se co-proprietários dos prédios que habitam, não sendo já mesmo permitido aos que usam a alcunha de donos (e que o eram a justo título), venderem as suas casas a quem lhes aprouver.

A moeda, sucessivamente falsificada na razão do seu valor expressivo para a sua capacidade de compra, é hoje uma mercadoria aviariada, com a natureza irrisoria de uma cautela de penhor.

Não se engana quem nela vir uma disfarçada declaração de falencia do Estado, cujo credito só pode apoiar-se na desenvoltura com que vai alienando o patrimonio colectivo e na ausencia de escrupulos em entrar pela expropriação, franca e declarada, dos bens patrimoniais de cada um.

Neste sentido, a nota-moeda portuguesa é uma letra a vencer-se em praso que já não pode ser longo e pela qual respondem como avalistas forçados todos os proprietarios de terras, de casas, de fabricas, de lojas e de oficinas.

A todos esses que trabalharam e continuam trabalhando, ela os ameaça de lhes fazer pagar o descalabro e a orgia dos politicos republicanos e daqueles monarquicos pomposos que, em boa aliança com eles, tem sido tambem beneficiarios da ruina nacional.

O trabalho, pela consagração official do direito á greve pela falta de justiça e de firmeza com que a autoridade intervem nos conflitos, pelos exemplos de administração corrupta e quasi nula produção das oficinas e estabelecimentos do Estado, esse trabalho que dignificava o homem no seu exercicio, já não é a lei natural da vida, por todos aceite e cumprida, consoante as suas aptidões e forças, nem uma actividade nobilitadora em sua cooperação com a intelligencia e o capital: tornou-se condenação de uma coorte de forçados que constantemente e sangrentamente *trabalham* para não trabalhar, esperando que em breve soe a hora marxista da igualdade social em que os expropriadores sejam expropriados.

Para os cargos publicos suprimiram-se habilitações legais ou titulos de competencia, desde que se criou, em diplomas de lei, uma categoria profissional nova, a dos revolucionarios civis, em que se recrutam todas e as mais exigentes aptidões.

A' justiça arrancaram-lhe a venda dos olhos, prejudicial a quem mais precisa de medir do que de pesar, em tribunais que veem sob a suspeição de qualquer beleguim que é politico e na permanente incerteza das leis que vão applicando, sob a pressão e a ameaça dos *bons republicanos*.

A Religião Catolica tem sido (e continua sendo) escarnecida e ultrajada nos seus simbolos, desrespeitada na sua hiérarquia, tolhida na liberdade do seu culto e do seu ensino, expoliada nos seus bens, perseguida no seu clero, tendo sido estatuidos na Constituição Política diversos principios hostis aos direitos eternos da Igreja de Cristo, ainda hoje em pleno vigor, enquanto se permitem e favorecem as infiltrações protestantes e judaicas nas escolas e no povo.

Só não foi destruida a fé, por sêr ela inseparavel das almas em que vive.

Por tudo quanto temos visto e convem não esquecer, a Republica Portuguesa, gerada nos clubs jacobinos e nas lojas, nasceu e mantem-se igualmente anti-catolica e anti-monarquica, adversa ás leis de Deus e ao bem comum, constituindo um atentado permanente contra a vida, a independencia e a honra da Nação.

Por inspiração maçõnica, pretendeu substituir ao culto de Deus-Criador, o auto da arvore, organisando discursatas e cegadas panteisticas, junto das escolas e defronte dos templos.

Depois, entrando na guerra a defender terra alheia, abandonando o territorio nacional á invasão do inimigo e vendendo o sangue portuguez para gloria de um partido, a Republica fez a importação do culto aos soldados desconhecidos que cumpriram tanto o seu dever como os que nós conhecemos, cortados de cicatrizes, e que mais portugûes e mais cristão seria lembrar, resando-lhes por alma e deixando-os descansar na terra onde cairam batalhando.

E para que se avalie das origens desse culto, nunca visto nem sonhado em Portugal, com seus ritos de invasão judaica e sua expressão estranha, aqui se transcreve uma nota da *Revue Internationale des Sociétés Secrètes*, referida a 16 de Dezembro do ano passado.

E' como segue :

«*Le Matin* du 11 novembre a repris sa campagne en faveur du «culte nouveau», si maladroitement soutennue par certains catholiques sous couleur d'hommage au soldat inconnu. Cependant l'*Universe israélite* du 2 novembre faisait observer très justement que la plupart de ces «rites» sont juifs. La minute de silence qu'on observe, tournés du côté de la Ville Sainte. La «lampe perpetuelle» allumée sur le tombeau, «c'est notre *nêr tamid*». I.e souci d'une

lumière «naturelle» et non pas électrique, M. Bérard semble l'avoir pris de *Bamé* Madlikin, etc... »

Assim fica já compreendido que na nave da Batalha os altos dignatarios da Republica, mações e judeus, se substituissem ao Sr. Cardial Patriarca na presidencia do *culto aos soldados desconhecidos*, fazendo seguir os cadaveres para a Sala do Capitulo, enquanto as vozes liturgicas da Igreja ficavam entoando os officios de corpo presente, sufragando mortos já ausentes da aspersão e das benções dos sacerdotes . . .

No desígnio de acabar com as desigualdades, o mesmo poder revolucionario de 5 de outubro, investiu contra os nobres proibindo o uso official de todos os titulos, uns que ainda representavam sobrevivencias com valor historico ou moral, outros que traduziam mercês conferidas em galardão de serviços em traficancias e bur-las eleitorais, nessa almoeda degradante a que o Constitucionalismo reduziu a instituição da nobreza, de tal sorte que, quando a Republica a quiz suprimir, já ela não existia por não ter função propria.

Mas não se demorou o regimen a constituir a sua nobreza em função decorativa, sujeitando para isso os nomes de Jesus Cristo e dos seus Santos a servir a vaidade livre-pensadora dos agraciados, collocando-lhes ao peito insignias de ordens de natureza, nome e instituição eclesiastica, realisando um espectáculo gratuito, equivalente ao de um carnaval de gorilas.

Podéramos ir revendo outros artigos da falsidade com que a Republica ultraja o verdadeiro espirito nacional. Os que aí ficam transcritos, bastam para dar sentido ao nosso protesto e demonstram que a posição dos melhores portuguezes é a do combate contra o poder usurpador da Republica que oprime, desonra e pretende matar a Nação Portuguesa.

HIPOLITO RAPOSO.

«vale mais ser anti-liberal, alheio a formas de governo, do que liberal monarquico».

MARIOTTE.

Aos que souberam crer

HA nas páginas desse livro que Antonio Sardinha publicou ha pouco « Ao Principio era o Verbo », uma vibração tão forte, que ao reler aqueles trechos já conhecidos evoquei intensamente as horas ardentes em que foram escritos e por momentos dentro em mim se reacendeu a chama audaciosa e violenta que em tempos bem próximos e simultaneamente distantes, ajuntou em volta duma bandeira estranha, erguida num paiz em ruínas, um punhado de corações moços.

Meditação de Aljubarrota, o Rei Fernando, Alcacer-Kibir, o Processo de Gomes Freire... que gritos de guerra então, dispersos mas iguais, saídes todos da mesma ansia de reconstruir, de ressuscitar, de insuflar uma vida nova ao fantasma dum povo!

Meu Pobre Integralismo, erguido por tanta esperança e purificado por tanto sacrificio, meu Pobre Integralismo do Pelicano a sangrar, como te farão justiça e alta, aqueles que mais tarde hão-de vir a julgar e a crear!...

A todos esses que comnôscô andaram, a todos os que um dia estiveram na nossa Fé, eu quereria escrever aqui, as palavras ansiosas de S. Paulo, aos Corintios, recomendando-lhes firmeza e constancia.

E que caminho andado desde esses primeiros instantes que as paginas tão belas de « Ao Principio era o Verbo » agora veem recordar! Se uma realidade politica, a mão salvadora que arrancasse o paiz à loucura que o devasta, não logrou surgir do nosso esforço, ninguem de boa-fé poderá negar a extensão imensa e definitiva da nossa victoria espiritual. Quando as primeiras vozes se ergueram vindas do

pequeno arraial do Integralismo, só encontraram em volta estranheza e pasmo.

Toda a variada fauna liberal se agitou, meio alarmada, meio irónica, achando-nos retrógrados, obscurantistas, qualquer coisa em suma de pouco compreensível e muito condenável.

Essa fauna liberal era muito naturalmente a grande maioria do paiz espalhada pelo constitucionalismo e pela republica auspiciosa, instruida na grande imprensa e amante de todas as quejandas alavancas do progresso. Qualquer pessoa conta por certo na galeria das suas recordações dois ou três desses bachareis em direito, expoentes maximos da epoca que mais ou menos decaidos perante a posteridade, para ahi restam hoje hierarquicamente aferrados á nau do Estado.

Passaram uns anos e se se fôr analizar o que em Portugal se pensa, escreve e diz, apesar de tuõ o que diariamente em palavra estampada compromete a meia duzia de ideias definitivas e absolutas, ganhas pelo rolar dos seculos, em sciencia, bom-senso e arte, um observador atento encontrará uma como que vastissima sementeira, florindo até entre as pedras, nascendo a par das ortigas, daquelas verdades que o Integralismo espalhou durante os curtos anos da sua vida ardente.

Esta é uma certesa profunda e tanto mais sensível quanto se notar em todos esses esboços de movimentos políticos e intellectuais dos ultimos tempos, o que neles houve do nosso pensamento, mais ou menos abastardado, diluido por vezes, até á caricatura.

Repila-se no entanto e bem para longe a vaidade que daí possa vir. Alegrementemente ergamos as mãos ao Céu por todos os que estão perto de nós e lamentemos com tristeza os que mal nos entenderam e ficaram perdidos no caminho.

Passou já a hora em que os nossos olhos poderiam fixar-se nas coisas proximas, recusando-se a ver mais longe neste horizonte imenso que o futuro entreabre.

Para além do problema político que primeiro nos reteve, reaparece agora a encruzilhada eterna dos dois caminhos aonde a Civilização doente procurará de rastos a Vida ou a Morte.

Mais que portugueses votados a salvar Portugal, nós somos hoje cristãos, neste sentido superior da responsabilidade, defendendo o Reino de Deus. Sem se apoucar, o nosso nacionalismo tomou agora um sentido universal filho daquela herança da Cristandade, pastora dos povos.

Maior tem que ser a nossa confiança quanto maior se tornar o fardo que os nossos braços moços quizeram suportar. Sejamos nós, integralistas, alguma coisa de mais digno, mais forte e mais inteligente no meio deste pobre paiz que perdendo-se dos seus destinos se tornou eco de toda a inferioridade internacional, naufragado numa politica réles, roído pelo jornalismo, a literatice e a ociosidade pseudo-intelectual, as três peores pragas deste seculo gentio.

E entretanto que o nosso esforço não falte aonde a consciencia de bons portugueses no-lo imponha, Portugal é hoje um «forum» cristão, caído em poder duma horda barbara, mixto de cretinos e de canibais e aonde os grandes templos, órgãos vitais da sociedade, estão fendidos a toda a altura e alguns já em ruinas. Defendamo-los, tentemos salvá-los ainda da catastrophe que, em muitos paizes, subverteu toda a ideia imortal.

E serenamente, com a grande serenidade dos que pisam pela graça de Deus a rocha dura que os tempos não abalam, olhemos confiados o futuro.

O momento social portuguez

O ano de 1925, marcando o quarto do Seculo, marca tambem para Portugal um *tournant* da sua historia. Assinalam-se grandes modificações no espirito publico, grandes mudanças na organização nacional, grandes alterações no regimen da Riqueza, movimentos estes em todo o caso não chegados ainda a uma eclosão completa, antes consistindo em esboços e tendencias de incerta resultante.

No campo da economia, o descabro chegou ao seu momento critico, e isto significa um estado especial em que o mal se agravou ao maximo, mas de si mesmo oferece consequencias que podem ser a reacção e o remedio... se acaso a catastrophe definitiva não sobrevem.

Na agricultura, o regimen economico vigente da desvalorisação periodica da moeda em velocidade acelerada, depois de ter algum tempo movimentado a economia agricola com sua apparencia optimista de prosperidade ficticia, açabava por mostrar-se á evidencia publica, tal qual era na realidade: a dança vertiginosa dos escudos, passando-nos pela mão sem deixar vestigios, com os orçamentos enganadoramente pletoricos, e deficitarios logo que os tentassemos exprimir numa *conta-ouro*, com lucros aparentes que só vinham do capital de exploração, que a breve tempo estava exausto; e assim o lavrador insensivelmente foi tendo que apressar a venda dos seus productos e aquele que costumava guarda-los algum tempo (numa funcão de reserva economica que para a sociedade era de toda a vantagem) tem de vende-los á pressa e mal para arranjar o dinheiro das ferias...

O salariato agricola, alicerce da produção, o mesmo re-

gímén o tinha desorganizado: habituado aos salarios altos e á procura patologica de mão-de-obra, o trabalhador desmoralisou-se; diminuiu as horas e o rendimento do seu trabalho, e reagiu á crise agravando-a com os efeitos que dela colhia no seu proprio modo de ser; o patrão, o trabalhador -chefe, tambem sofreu na sua psicologia e baixou no grau da sua prudencia, previdencia, energia e assiduidade.

Maus resultados poderiam cifrar-se, se estatisticas houvesse em Portugal. A cultura do trigo, que é um grande indice, considero-a eu como tendo sofrido um grave golpe nas regiões de terras mais pobres. Este esforço notavel e honroso dos ultimos 30 anos de proteccionismo cerealifero, este habil arranjo legislativo e social portuguez para tirar da terra ingrata o trigo suficiente, fizeram os ultimos governos o possivel para o inutilizar, contrariando o proteccionismo natural que devia provir da guerra, só se tendo desenvolvido a cultura onde por condições de facto a lei não actuou ou não foi cumprida. Nas perspectivas novas do cambio e na orientação demagogica da politica, não existindo ja sequer uma sobreelevação no preço internacional do trigo, não é de esperar para ele protecção do Estado, e um gravissimo risco corre a nossa anti-suficiencia cerealifera.

A crise economica tem o seu maximo expoente na alteração do cambio. Feita no bom sentido da melhoria, ela porrem tem os vicios originaes da má organização politica, que actua tão predominantemente nas cousas economicas, como a Economia politica dos nossos dias, contra antigos preconceitos, está mostrandó. Misteriosa na sua origem, duvidosa na sua permanencia, irracional no seu processo por não derivar naturalmente da normalisação progressiva do orçamento especulativo no seu aspecto demagogico politico na sua finalidade, a alteração do cambio é verdadeiramente o ponto maximo da crise: não só porque pode trazer nos seus misterios a final catastrophe, mas tambem por-

que pode dar logar a uma salutar reacção nacional que tudo consolide e salve (até pelo interene que todos temos de evitar a derrocada com as tragedias imensas que seriam o seu cortejo).

Deve defender-se, pois, a seguinte attitude, por parte da nação sã e trabalhadora: uma grande reacção de todos os seus elementos no sentido de tomar das mãos incompetentes dos politicos a espada de dois gumes que eles ineptamente manejam, e fazer por obra da nação a *restauração integral* e a *consolidação definitiva da economia nacional*. Ao jogo dos politicos, procurando exercer uma acção pelo menos inepta, paremos com o contra-golpe habil de fazermos nós a alteração cambial e economica definitiva, reformadora e semeadora.

Reorganizar tudo sobre a moeda forte; revocar á agricultura e industrias fundamentais os capitais que delas se alheiam com mau criterio; reeducar o salariato no trabalho rendoso, disciplinado, mas bem pago; lançar os patrões numa campanha de esforços redobrados de progresso tecnico e de equilibrio economico; evitar a emigração e o desemprego; desenvolver a produção nacional, começando pela base que é a anti-suficiencia cerealifera.

Eis uma obra colossal, mas realisavel, que pode derivar da *melhoria cambial*, se esta for real e definitiva e se lhe acrescemos todo o esforço, patriotismo e humanidade dos productores e do Estado, unidos numa ideia de pacificação e de maior gloria Nacional.

JOSÉ PEQUITO REBELO.

Eulalia Couto

PARTEIRA MUNICIPAL
Rua 31 de Janeiro, 111

A CAMINHO!

RENEGA-SE todos os dias e todos os dias dá um grotesco signal de si este abortosinho dos tempos e das ideias que dá pelo nome de Democracia, esta inconcebivel monstruosidade politica e social que já não causa odios e só provoca nauseas.

Com um descaramento só comparavel ao seu cinismo, a Republica, pela inconsciencia radical de um dos seus mais tipicos governos, acaba de reconhecer capacidade juridica aos Sindicatos, ás Federações, a todos os institutos associativos enquadrados ou á ilharga da Confederação Geral do Trabalho.

Estas vergonhosas concessões da Democracia ao espirito corporativo e sindicalista do Nacionalismo e á aggressividade do Sovietismo internacionalista, esta pôdre transigencia em que se esvae como um moribundo que se desfaz em fezes nas convulsões da agonia, não podem tomar-se já como uma formidavel, uma torturante mistificação: fazem lembrar aqueles pavorosos tormentos do «Jardim dos Suplicios» no sarcasmo tentalico com que legisla sem a menor noção das realidades sociaes sobre assuntos em que é esteril e impotente.

Cópia grosseira da Democracia franceza, a luza Democracia seguiu-lhe as pisadas incoerentes e estupidas. E é assim — incoerente e estúpido, ignorante e mau — que este vêsgo regime se vai arrastando entre o odio duns, o comodismo doutros e o nôjo de todos até á morte que será o fim deste tórvo pesadêlo de que nem o Diabo pretenderá a alma...

Ignora a Republica burgueza o que significa o reconhecimento juridico das associações profissionais? Decerto que não.

Quanto ás suas improvaveis consequencias, recolhem-se os nossos radicalissimos governantes a um mutismo comprometedor.

Profundamente ilogicos com a sua propria essencia, os democratas portuguezes são coerentes com a desorientação de todas as democracias europeias. Nem sequer lhes falta o impudôr com que

se justificam dos latrocínios, das arbitrariedades, dos conchavos politico-financeiros de todos os dias pela necessidade irremediavel e feroz de um regime se defender.

Batida de todos os lados, não só pela complicação viciosa do sistema que em tudo põe uma nota de confusão e de hostilidade e que a cada passo levanta um novo atricto e abre precedentes a novos abusos e agrava questões sem remedião a Democracia creou finalmente uma fórmula em que pretende estabilisar-se, e com que procura atrair o conservantismo comodista ou bronco, sempre receoso das transformações politicas e sociais, mais ou menos revolucionarias.

A fórmula — nem Reacção nem Revolução — hemos de convir em que é engenhosa. Engenhosa, mas tôla. Quando muito, pode ter prestigio em certas classes para as quaes todos os extremismos são papões avermelhados por um jacobinismo original!

Mas se é engenhosa, embora tôla, nem por isso deixa de ser velhaca e mentirosa.

A Democracia não pode já hoje regressar á simplicidade geometrica e basilar dos seus principios. Transige com tudo o que seja exótico e disparatado, com tudo quanto tenha audacia e violencia para se lhe impôr.

Daí o descalbro da sua administração, o impudente descôco com que aceita e perfilha ideias que se não acomodam ao seu der-raucado organismo; daí esta pretensão estúpida, para não dizer criminosa, de querer encaixar a força o Corporativismo no Liberalismo, de querer á força adaptar o Sindicalismo á pavorosa anarquia de uma sociedade a que preside um Estado furiosamente democrático.

Não nos iludâmos porém com as aparentes transigencias de quem, neste permanente assalto ás ideias alheias, melhor afirma a sua ascendencia pirata. E' que, entre o Comunismo sovietico e o Corporativismo nacionalista — as duas unicas correntes que em verdade disputam o predomínio em uma nova civilização — a Democracia inclina-se declaradamente para o bolchevismo.

Por isso os democratas vão tomando posições e atitudes que lhes permitam prevalecer numa futura ordem social. Pouco se lhes dá que a futura Republica seja dos «soviets»: é uma Republica, e -isso é o que importa...

Gerados no mesmo ventre, embora as contingencias politicas

os façam hoje cúmplices e amanhã carrascos uns dos outros, democratas e comunistas entendem-se completam-se.

Compreende-se agora melhor porque motivo a Democracia, renegando-se no reconhecimento dos organismos profissionais, a si própria se reconhece avançada e progressiva...

E' uma esperteza como qualquer outra; em todo o caso uma esperteza que deve trazer-lhe a maior das desilusões depois de lhe haver causado alguns anargos de bôca.

Concordemos com Oliveira Martins em que é lei da História (regra geral que as excepções confirmam) os vencedores assimilarem sempre os costumes e as instituições dos vencidos. Tendência ou regra, constatemos nós o facto de ter a Alemanha, vencida na Guerra, insinuado nos povos que a venceram o semi-corporativismo da sua formidável organização. Democratisada á força, nem por isso o seu arcaboço social ficou aniquilado. O genio germanico, sobrevivente da derrota, soube ainda arruinar o Ocidente europeu com a mais desvergonhada bancarrota de que ha memoria e envenená-lo com a aparente estabilidade de uma confusão de sistemas que é um verdadeiro paradoxo.

Note-se porem que a Alemanha é hoje uma frágua ardente em que se fundem todos os detricos politicos e sociais, mas onde o Sindicalismo se extrema e se define, esse mesmo Sindicalismo que na balburdia dos partidos deixou minguar a sua força e eclipsar o seu prestigio.

O cáos e a instabilidade governativa da Europa actual não permitem um esboço ainda que ligeiro do incremento sindicalista.

Tão baralhada e confusa se nos apresenta a situação politica dos diversos países, tão fragil e precaria é a «ordem» mesmo naquelles em que impéra um mal interpretado cesarismo, que já ninguém duvida do proximo desabar da inconsistente sociedade capitalista e da Democracia que a gerou e sustenta da mesma forma que o Sindicalismo se fortalece e afirma. Resta saber quem está nas condições de o fazer triunfar em Portugal: se os bolchevistas sem Patria, se os paladinos do Nacionalismo.

Desde as suas origens até aos alvôres sangrentos da Revolução, afogada em sangue ou atascada em lama, só quando procura

guardar avaramente o proveito exclusivo do poder é que a Democracia dá a impressão de sangrar-se em saúde patriótica: a logica do progresso indefenido arrastam-na ao mais abjecto e cínico internacionalismo.

Os filhos da Republica, longe ainda o pesadêlo imperialista de Napoleão, alimentavam já o sonho igualitario de uma humanidade remida e liberta pela bandeira da Revolução: nem Deus, nem Reis, nem Fronteiras.

Ideología suprema em 89, foi nestes principios que o Socialismo se firmou, tão depressa a triunfante Democracia teve de sacrificar parte da sua essencia á teoria liberalista do «laissez faire...»

Francoamente internacionalista, preciso é que o lembremos, o Socialismo esterilizou-se num oportunismo que o atirou ás pugnas parlamentares; aburgueizou-se, envelheceu e caducou. Das varias metamorfoses em que se desfaz e em que se renova, a Democracia confia á guarda das suas avançadas o fermento do seu internacionalismo.

Camaradas na propaganda e na desordem, (não nos esqueçamos de que foi nas salas do proletariado, organizado sob a tutela socialista, que os democratas fizeram a sua mais proveitosa propaganda) os republicanos e socialistas degladiaram-se até que um outro aliado de hontem lhes aparece pela frente a cubiçar-lhes a fartura e o poder.

Inutil e secante seria a tarefa de ir excavar nas lutas politico-sociais dos ultimos cem anos para a documentação do nosso arrazoado. Concordemos, porem, em que o Socialismo foi atrocemente perseguido pelo azar.

Nem a erudição pedante das conferencias do Casino, nem os filosóficos manifestos de Antero de Quental, nem a enciclopedica sabedoria de Oliveira Martins conseguiram arrancar o Socialismo á mediocridade partidaria. E por fim, a instabilidade politica da nossa Republica não permitiu que os socialistas arrebanhassem forças nas classes burguezas e transformassem o Socialismo num grande partido constitucional.

O idealismo internacionalista transitou assim, por um natural deslize, para a facção decidida e revolueionaria do agonisante Socialismo, cujo radicalismo politico foi absorvido pelos partidos do regime.

Transformado em uma das mais obscuras e inuteis patrulhas

democraticas, com um velho programma ôco de banalidades e com uma insufficiente noção das realidades sociaes, deixou que outros mais audazes por sua vez se apossassem e se servissem do movimento associativo.

Toleradas por lei do Constitucionalismo monarchico as associações profissionaes, ao Socialismo coube, quasi exclusivamente, a tarefa da sua organização e foi ele quem lhes insuflou todo o animo aguerrido e o espirito combativo.

Sabendo que não professavam ideias socialistas uma grande parte, senão a maioria, dos proletariados associados por um legitimo sentido de defeza ou de previdencia, o Socialismo usou e abusou dessa temivel força porque a Democracia, em todos os paizes democratizados da Europa e especialmente em Portugal, teve sempre o proposito declarado de attribuir aos socialistas uma preponderancia capital sobre as populações operarias dos grandes centros industriaes.

Desta inversão do espirito democratico, que em pleno regime liberalista vinha desencadear a guerra de classes como correctivo aos desmandos da livre-concorrencia, nasceu um equivoco, tremendo equivoco subsistente ainda hoje e apesar de tudo, embora sejam outros que o explorem: E' que, sendo o Corporativismo uma lei sociologica á qual não escapam ideias, nem interesses, nem profissões, o Socialismo apresentava como forças proprias o que não significava mais do que uma fatal reacção gremialista contra o exacerbado individualismo democratico e centra a escravidão liberalista da oferta e da procura.

A mentira historica, a burla doutrinaria, o charlatanismo descarado — eis o fundo a forma e o fim da Democracia e das suas refinadas derivações. Tão de acôrdo elas foram e se conduziram na bestialização de certas camadas proletarias (lembramos-nos que a iniciação dos fanaticos revolucionarios da Democracia, do Socialismo e da Anarquia se fez e ainda faz no alcouce, na tavolagem e na taverna!) que em vez de uma legião de apóstolos, de iluminados e de martires, surgiu uma horda de embusteiros, de carrascos e de facinoras.

Foram estes factores, tão diferentes e tão gemeos, de corrupção moral e de dissolução social, que acabaram por transformar

os organismos sindicais, essas admiráveis células de resistência e de embrionismo corporativo, em perigosos focos de internacionalismo anarquista, em alfômbres de bombistas, em antros tenebrosos de apachismo intelectual. Esta é, afinal, a fatalidade criminosa da Democracia. Não faz sentido, pois, que os democratas, alcandorados no poder, tratem como inimigos aqueles seus aliados que lhes copiaram as doutrinas e seguiram os processos da propaganda.

Os sociólogos fingiram ignorar durante muito tempo o verdadeiro sentido da reacção corporativa: a teoria da «Revolução em marcha» fantasiava uma nova «étape» revolucionária ou uma doida cavalgada de legiões de oprimidos para a emancipação final; para a derradeira escalada de uma barreira de monstruosos privilégios, para a conquista definitiva da Justiça, da Liberdade e do Pão.

Mais tarde, porém, uma noção mais desempoeirada da História e um mais apurado espírito de comparação e de crítica, encaminharam outros homens para conclusões muito diferentes: o Corporativismo era uma lei, uma fatalidade social.

Ignorantes das suas causas e tradições, mal conhecendo os efeitos que só reconhecem nos factos consumados, os nossos democratas aperceberam-se finalmente de que o futuro pertence ao Sindicalismo porque as fórmulas barbaras da oferta e da procura não podem manter-se por muito tempo, sob pena de uma geral derrocada ou da entronização de um Cesar ou de um Trotzky.

Em face disto, que faz a Democracia? Procura ela manter as suas posições, ela que nem ao menos sabe por onde pára a segura, a velha rigidez dos seus princípios?

Nada disso. A Democracia — e falar do regime que vigora em Portugal o mesmo é que dizer de todas as democracias europeias, asiáticas e americanas — renega-se, confunde tudo, tudo baralha e nada remedeia.

E' um regime de expedientes; não é sequer um período de transição.

Falida e sem prestígio, não sabe já para que lado ha-de investir: para a frente vê tudo vermelho, para traz tudo lhe parece negro. Tendo convencionado denominar «avançados» e «reacionarios» os elementos internacionalistas e nacionalistas que lhe disputam a

herança, é entre eles que procura um equilíbrio tão artificioso como a sua própria existencia.

Porque — e não nos cansemos de o repetir — se a existencia da verdadeira Democracia é um absurdo social, não deixaremos de confessar que nenhum regime existe hoje de facto que, firme nos seus dogmas, marque um lugar bem diferenciado e bem nítido.

Na França ou na Russia, na Inglaterra ou em Espanha, na Italia ou na Alemanha — a mesma apavorante confusão de sistemas, o mesmo círculo vicioso de expedientes.

Nenhum paiz do mundo se rege hoje por formulas caracteristicamente democraticas, nenhum é francamente cesarista, em parte alguma se observa a pura pratica do comunismo ou de um extremo gremialismo.

Do alto, estendendo a vista sobre esta gigantesca Cosmopolis de muitas e desvairadas gentes, nada mais se enxerga que uma babilonica mistura de ídolos e de dogmas, de expedientes e de remendos que tudo anarquisam e que abrem falencia a todos os sistemas e que amarfanham todas as boas-vontades.

Parece ser esse, de resto, o desejo da Democracia : Como um velho Sansão despeitado e decrepito, finca os hombros e os pés nas colunas da Civilisação no barbaro proposito de uma universal derrocada, para que debaixo desse monstro em ruinas tudo fique esmagado e subvertido e aniquilado...

O sentido revolucionario da nossa propaganda fica, assim, bem justificado e defendido : não podemos esperar que a Democracia se humanise e nacionalise lentamente.

Não queremos nem podemos consentir que a Democracia desvirtue a doutrina corporativa inutilizando-a em experiencias parciais, pondo em pratica meias-medidas reformativas que só no conjunto de uma completa e simultanea renovação social, politica, economica e administrativa terão exito seguro e produzirão os seus naturais resultados.

E' que a transformação do regime liberalista em regime corporativo importa uma integral modificação da propria estrutura social, e essa modificação creiam-no todos, só pode ser atingida por meios rapidos e violentos, que o mesmo é dizer : revolucionarios.

Sem a Revolução jamais passará de uma quimera a fórmula justiceira, equitativa e estimuladora: «Dae a cada um segundo a sua necessidade e merito; exigi de todos consoante as forças e as aptidões de cada qual.»

De facto, de que serve um arremedo de gremialismo em uma sociedade onde toda a administração e toda a economia são liberais? De que vale, afinal, o reconhecimento juridico das associações profissionaes, se o parlamento politico e a desorganização do trabalho subsistem em directa correspondencia com a burla democratica da soberania do povo e com o banditismo desenfreado da guerra de classes?

Não será pois sem o nosso protesto que a Democracia lançará mão dêsse novo expediente, dêsse novo artificio que é ainda menos cínico do que miseravel.

O equívoco tremendo que atravez de tudo se mantem, e que faz com que o grande rebanho do proletariado seja docilmente conduzido pelos nossos adversarios internacionalistas, precisa de ser esclarecido, tem que ser urgentemente desfeito.

Torna se necessario, para isso, que de trez atitudes tomemos uma, energica e conscientemente: ou neutralizamos a Confederação Geral do Trabalho, ou conquistamos dentro dela o logar que nos pertence, ou temos que formar á parte, numa nova Confederação, uma nova rêde associativa sempre inconsistente e—ninguem o duvide — sempre suspeita de conservadora e de burguezia.

Duma ou doutra forma, porém, o dilema tem de ser proposto nestas condições: pela Nação e, portanto, com o Nacionalismo em regime corporativo, ou contra a Nação com o Internacionalismo em uma Republica comunista ou de «soviets».

Não ha outro caminho a seguir, visto que de todo vão desaparecendo as duvidas sobre o advento mais ou menos proximo do Sindicalismo.

Pela estrada larga e cheia de claridades que o futuro nos abre e ao futuro nos conduz, enfileiremos então, exercito de iluminados e de guerreiros que nós somos, armados de Ideal e couraçados de esperança!

Não nos detenhamos, não!, a olhar para traz, para as ruinas que abandonamos, para os cadaveres que pisamos, para os mil in-

teresses que ferimos, para o sangue dos martyres e para a vida que nos fica agarrada aos cardos do caminho.

Ai dos que se ficam, nostalgicos e irresolutos, contemplando com saudade a perfumada podridão de um mundo morto...; ai dos que procuram tardiamente, num desinteresse comodista com que mascaram o seu egoísmo, a criminosa neutralidade entre o Bem e o Mal, entre a Verdade e a Mentira...; ai dos que perderam a fé em si proprios e caminham de olhos no chão sem a confiada certeza dos iluminados e dos heroes, derreados com o peso do proprio scepticismo... — a sêca amargura da sua descrença lhes mirará as almas, a contemplação da Morte os reduzirá a mortos, a esterilidade em que vivem os transformará em estátuas de sal, como a ira do Senhor fulminou outróra a biblica matrona. A caminho, pois!

E que as nossas primeiras palavras sejam de reconhecimento e de ternura para com a Grei que não desfalece nem se extingue, e que todos os dias rejuvenesce numa afirmação mais alta de heroismo e de beleza; que elas fiquem como uma invocação, um cantico, uma oração de quem, sabendo esperar e sofrer, precisa de aquecer a alma no carinho de outras almas e com elas cantar o Ideal que nunca morre e a Esperança que não esmorece nunca:

«Quem quer que tu sejas, homem que lavras a terra, e espalhas a semente, e colhes o fructo com resignação e com amôr; homem que moirejas á caricia do sol, na fornalha ardente de uma fabrica, ou no alto mar sob o látigo dos temporaes e o bramir dos vagalhões — bendito sejas tu! Benditos sejam os que te geraram, e que a alegria dos ceus e da terra cante no teu coração e na tua descendencia! Tu és o eleito de Deus, porque na tua humildade e na paz do teu espirito está a melhor retribuição do teu trabalho fecudo... Chama tua á terra que produza com o teu trabalho, chama tua á casa que cresça com o teu esforço, chama tua à nau que o teu braço e o teu saber levem a pôrto de salvamento. Só assim lhe crearás amor. O apêgo á terra aproxima-te de Deus, e só o amôr de Deus recalca o egoismo e a bestialidade original do homem, oh homem do mar, do campo, ou da officina, que me escutas, meu semelhante, meu camarada e meu irmão!»

Dr. António Sardinha

MORREU Antonio Sardinha! Esta noticia que nos chega, transmitida pelos jornais de Lisboa, enche-nos de estufação pelo seu imprevisto. Morreu um grande português, um grande lutador do Integralismo Lusitano, um dos grandes vultos da nossa literatura, um grande e querido amigo.

Ainda a 15 de Dezembro do ano pretérito, dia de luto nacional consagrado ao heroico aviador Sacadura Cabral e ao seu dedicado e infeliz companheiro mecanico Correia, escrevia Antonio Sardinha, no diario de Lisboa *A Epoca*, n.º 1944, um belo artigo — crêmos que o seu ultimo artigo — que vamos aqui arquivar na integra, tanto mais que, se Sacadura Cabral e mecanico Correia caíram no seu posto para maior honra e glória da Patria, Antonio Sardinha, morreu, tambem, no seu posto de combate em prol de Portugal e numa ocasião em que do seu belo espirito tanto havia a esperar para que a revisão da Historia fôsse feita e para que mais luz e brilho ressaltassem dos feitos gloriosos dos nossos antepassados.

O que esqueceu a Adamastor

«Entre o mar e o ceu... Desaparece o herói na sua forma humana imediata para resuscitar, ampliado e universal, nas linhas transfiguradoras do mito. Se na palavra inspirada de Afonso Lopes Vieira, a travessia aerea do Atlantico é o Canto-Undecimo dos *Lusiadas*, a morte de Sacadura

Cabral é um capítulo inesperado e inédito da *historia tragico-maritima*.

Não teria ele escolhido outro fim, se nas suas mãos tivesse a roda magica do seu destino.

Entre o mar e o ceu! E Sacadura Cabral, sem nos deixar rastros do seu corpo mortalissimo, some-se, engolfa-se no misterio, como os varões dos velhos periplos da Antiguidade, arrebatados, ou por monstros marinhos, ou por sereias sensuais. Mas o heroi agora é um heroi christão, com a Cruz das descobertas ensanguentando as suas azas de Icaro redimido. E quando as aguas o receberam, que funerais imensos os seus, que imensas as suas exequias, com a nevoa embrulhando a luz, — a nevoa, essa perfida amiga do Encoberto, testemunha eterna dos grandes passos da nossa epopeia naval! Regougando nas estrofes bronzeadas de Camões a sua raivosa ameaça, o seu presagio insatisfeito, a Adamastor escapou-lhe esta desgraça ultima, — este ultimo naufragio!

E como ele o profetizaria, de animo pronto e contente, se adivinhasse abatido, no intrepido cavaleiro do Ar, o epigona admiravel dos navegadores de Quinhentos!

Entre o mar e o ceu... E do fundo das aguas acudiriam as errantes «Almas de Mestre» da nossa odissêa e as carcassas limosas das naves do Descobrimento, — a *Frol de la mar*, a *Patifa*, a propria *Nau Catrineta*. E novos espectros surgiriam, — os Cortes-Reais, saídos da sua prisão polar, os mareantes do Senhor-Infante que os deuses do Atlantico desgarraram para sempre das areias de Portugal, os habitantes incertos da incerta Antifia da lenda e até os luzitanos anônimos que a tempestade derrotou em plena Mancha com o destroço homérico da *Invencivel Armada*.

Entre o ceu e o mar... E o heroi a todos resumiria, dando um alto espectáculo de beleza e honra a um seculo sem gloria nem infamia — a um seculo mordido do pior

pecado: o pecado dantesco da «vilta». O vento reboaria então o seu responso interminável, crescendo dominador, crescendo cada vez mais forte. E dominador e cada vez mais forte, o vulto do herói, despojado do seu revestimento transitório, conheceria a lei libertadora da imortalidade dentro da comunhão imortal dos da sua raça.

Inclinemo-nos, — nós, os de hoje, vítimas da idolatria ignobil do Ouro e da Maquina, — inclinemo-nos deante de quem nobremente confessou, entre o ceu e o mar, a perenidade do nosso genio que, entregando outrora ao senhorio da acastelada Madre Europa a chave dos caminhos do Oceano, renovava em nossos dias a tortura alucinante de Icaro, mas de Icaro baptisado e amparado pela Cruz sangrenta de Christo.

Inclinemo-nos! O herói sumiu-se. Voltará, porem, transfigurado pela força comunicativa do mito. Se com ele se escreveu o Canto-Undecimo dos *Lusiadas*, com ele a *Historia tragico-maritima* ganhou o seu epilogo inesperado e incomparavel,

Inclinemo-nos! E seja para chamar a nós a herança do cavaleiro do Ar, ensinando o regresso ao Espirito a esta pequena casa lusitana, olvidada, ao que parece, dos seus «christãos atrevimentos».

* * *

Entre o ceu e o mar . . .

E com as vagas ululando e a nevoa tecendo a sua eterna perfidia doce, foi este naufragio ultimo que esqueceu a Adamastor, regougando, agora e sempre, a sua ameaça insatisfeita nas estrofes bronzeas de Camões.,,

ANTONIO SARDINHA.



DR. ANTONIO SARDINHA

Antonio Sardinha

A' medida que os dias vão passando mais se vai engrandecendo perante o meu espirito a extraordinaria figura do grande morto. Na ambiencia de miseria moral em que vivemos, são as anomalias mais extranhas que regulam as relações sociais entre os homens deste desgraçado paiz, desavindos por intrigas originadas na mentira, na ambição e no latrocínio, creados pela ideologia da Revolução Francesa interpretada ao paladar de cada um nas lojas maçonicas e nas sociedades secretas. E' preciso ter um caracter formado pela observação fria e serena dos factos e uma preparação intelectual definida para evitar o contacto nefasto das condições do meio.

Tudo falsificaram os revolucionarios idealistas, num exagero doentio, para que hoje, praticamente, a politica portuguesa seja a maior escola de preversão do caracter humano e o mais insistente revulsivo da vaidade, da ambição e da mania das grandezas dos homens ignorantes e maus que as contingencias do acaso atiraram para as altas hierarquias da governação.

Antonio Sardinha foi o iniciador da renovação num sentido nacionalista verdadeiramente portuguez cheio da grande fé religiosa que nos fez grandes atravez da historia do mundo; a sua personalidade moral foi notabilissima na nova literatura, na nova sciencia politica e na nova historia.

Foi ele que, valendo-se dos extraordinarios recursos

NA PEDRA DA CAMPA

POR ANTONIO SARDINHA

*Monforte de Alentejo, nobre vila,
com grandes torres no brasão cimeiro,
à tua sombra rustica e tranquila
eu dormirei o sono derradeiro!*

*Darei à tua argila a minha argila,
meu barro quer o teu por companheiro.
A paz final eu lá irei dormi-la,
Já que foi lá que vi a luz primeiro!*

*Lá onde dorme toda a minha gente,
mesmo na morte, sendo seu parente,
eu não serei um nome sem sentido!*

*Ali, naquela solidão imensa,
ha-de passar alguém que me pertença
— sempre serei lembrado e conhecido!*

de senso critico do seu espirito, começou a desfazer as mentiras e as calunias dos historiadores apaixonados, dos sociologos inconscientemente influenciados por falsas ideologias revolucionarias e dos literatos prevertidos e desorientados.

Para terminar, direi que é crudelissima a dôr que fere todos aqueles que pensam e sentem como ele pensou e sentiu e se veem agora desajudados do seu incomparavel e clarissimo espirito, cheio de beleza e de fervor cristão.

J: F.

O pensamento catolico na obra poetica do Dr. Antonio Sardinha

Pelo P.^o Alirio de Melo

A Musa do Doutor Antonio Sardinha, tão equilibrada e salutar, de tão vigorosa alegria e de tão serena espiritualidade, (não obstante certas nebulosidades, cinzentas e decadentes, da sua primeira hora, de que nunca mais se libertou de todo, e são bem patentes nessa admiravel *Lirica de Outubro*, coroada nos jogos Florais de Salamanca de 1909, por um juri a que presidia o delicado lapidário do *Anel de Polícrates*), — a sua musa, que animou um tão ardente sôpro de esperança, descende originariamente das faculdades que maior sôma de energias ofereceram para a constituição da sua idiosincracia literária, — a sensibilidade e a razão.

Na Igreja Catolica, todavia, onde ele penetrara de vez (depois de a abandonar um momento) com a sua curiosidade e com o seu desalento, com a sua intelligencia e com o seu coração, a solicitar uma palavra de conforto e a certeza duma verdade, — na Igreja, que o prendeu com a sua disciplina e com o seu recheio doutrinal, com a sua regra e com a sua filosofia do ser (não ha negá-lo: o Doutor Angélico foi um dos mais respeitados mentores do seu Pensamento e da sua Consciência), — na Igreja, que desdobrou aos seus olhos maravilhados o verdadeiro sentido das proporções com uma legitima perspectiva das coisas, — nela, mais do que em ninguém, deve procurar-se o concurso de forças, que mais contribuíram posteriormente para a eclosão da sua obra poética, em que se rasgam grandes portadas para a grande luz, e se estabelecem grandes avenidas para a grande vida, mercê do paralelismo quasi

inalterável da sensibilidade e da razão, que através dela se manter, como fio condutor e seiva tonificante.

O espirito do Doutor Antonio Sardinha era positivo e era místico, — analítico e sintético: ele recebera com o sangue o enorme bon senso rural dos seus Maiores; e, desde menino e moço, convivera espiritualmente com a linha embaladora dos largos horizontes contemplativos da sua Província. As margens românticas do Oronte evangelico, onde morreram Junqueiro e Tolstoï, não o embriagaram portanto com o absinto capitoso das suas ideologias: nem o convenceram mais com a geometria rigida das suas conclusões as margens clássicas do Tibre eclesiástico, onde se confinaram Soury e Maurras. A concepção positivista e a concepção misticista do Cristianismo, uma filha do Comte, outra neta de Rousseau, aquela pragmatista, esta idealista, a primeira, que defende a Igreja só como panacea social, a segunda, que adora o Evangelho só como ópio individual, — porque exclusivas, não respondiam ás emoções da sua sensibilidade, nem aos apetites da sua razão: nenhuma o subjugou: e assim, em obediencia á sua maravilhosa visão nítida das ideias e das realidades, a qual lhe mostrou a essencia divina e a origem transcendente do Cristianismo Integral Católico, no seu dogma e na sua moral, na sua hierarquia e na sua teologia, — o Doutor Antonio Sardinha, na péugada de Claudel, e repelindo mansamente o braço de Barrés, correu a habitar Roma para sempre.

Em Roma, onde aquelas duas correntes, opostas e incompletas, se conciliam na sintese mais assombrosa e mais harmónica, — em Roma, onde o Evangelho forma com a *Suma* e com o *Silabus* um só corpo de doutrina, imenso e uno, em que são atendidos, nas suas justas medidas, os direitos da intelligencia e os direitos do coração, assegurados os interesses do individuo e os interesses da sociedade, e, superiormente, os interesses sacrossantos de Deus, — em Roma é que ele reconheceu o ponto de convergencia, onde haviam de conjugar-se irmãmente a sua affectividade e o seu intellectualismo, pois só em Roma o Doutor Antonio Sardinha via magnificamente realizadas, no seu Credo e na sua Sociologia, as palavras eternas do Divino Mestre: — *Eu sou o caminho, porque sou a VERDADE, e porque sou a VIDA.*

No seu espirito, desde então, se desenvolveram simétricamente, numa harmonia perfeita, a sensibilidade e a razão, sem jamais

se guerrearem em doloroso conflito, como no drama tragico de Auctero, — e assim, com a saude e normalidade do seu genio, se salvou a sua arte; plena e sã, luminosa e fecunda; de que a razão é o corpo, de que a sensibilidade é a alma: êle não será Mallarmé, nem será Delille: a sua poesia não é apenas sugestão, é tambem reflexão: nela ha côr, e ha lógica: nela ha musica, e ha sabedoria...

*

*

+

Os poemas do Doutor Antonio Sardinha não são aglomerados de simbolos de mera intenção racionalista: os seus versos não revestem um aspecto severamente intelectualista: o Cristianismo Catolico, depois de lhe dar a significação autentica da vida, forneceu-lhe ainda a fórmula de reconciliação dos seus sentimentos e aspirações pessoais com as finalidades objectivas da pura arte. O Doutor Antonio Sardinha, assim, não policia em excesso o seu metro: não construi frouxos sistemas de principios abstratos: não encadeia monótonas séries de teoremas exactos: os seus sonetos não são silogismos: não são condensações de filosofias abstrusas e raras, como os de Sully Prudhomme: nem são mármores correctos e frios, como os de Hérédia e Gautier: ás vezes mesmo o elemento estático do seu estro é de difficil apreensão: é que ele apaixonase pelos seus temas, empresta-lhes sentimento, imprime-lhes movimento, vibra com eles, insufla-lhes um pouco da sua vida e todo o seu amor. No Doutor Antonio Sardinha não ha um raciocinador, ha um criador: êle não é um descritivo, um lógico, é um emotivo, um sensível: a sua Musa encontra-se a igual distancia do romântico e do diletante: aquele canta para se cantar, agocentrico, individualista: êste, indiferente, amorfo, canta por cantar: o Doutor Antonio Sardinha, êsse confere à poesia uma bela e nobre função, — não a quere musica sem letra, mas não a quere secamente moralista: seja cristã, não seja pedantesca: fale *ex-corde*, não professe *ex-catedra*.

O Doutor Antonio Sardinha evitou ainda o perigo de outro escolho mais iminente, e mais grave para os destinos da sua arte. A terra, que ele amou tão profundamente, — a terra dos tronços e das raizes, das flores e dos ninhos, das searas e dos vinhedos, das pedras e das fontes, a terra, que ele cantou com a unção de Virgi-

lio e celebrou com o acento de Hesíodo, — a terra foi a maior tentação e o maior risco contra a moderação peculiar do seu engenho. A sua retina tudo visiona num ponto dinâmico de observação: para êle tudo tem voz, para êle tudo tem alma: — a lareira e o púcaro, o vento e o sino, os caminhos e os lilazes, a água nos cantaros e o trigo nas eiras: ninguém possui mais afinado o sentido da solidariedade cósmica. O Doutor Antonio Sardinha, no entanto, não sucumbirá à doce sugestão: êle verá sempre tudo com os olhos cristãos de S. Francisco de Assis: a comunhão íntima com a planície alentejana, calma e austera, não diluirá a sua individualidade pujante: a sua psicologia bem vincada não cairá na dissolução orgiaca do panteísmo — *Deus super omnia!* — onde sossobrou o lirico dos *Simplex*, o blasfemo do *Anti-Cristo*, e em cujas margens inebriantes vagueou, um tanto alucinadamente, o poeta da *Raiz*, salvo pôr um milagre idêntico ao que salvou o Doutor Antonio Sardinha, como de resto se salvaram também os dois primeiros, mas aí! quási só... póstumamente...

Um camponês é sempre um valôr que se impõe: o seu caracter é estruturalmente refractário á endosmose da vida universal: o combate sem tréguas contra a natureza hostil endurece-o para as sugestões da evanescencia naturalista. O Doutor Antonio Sardinha, contudo, (e é êste o melhor beneficio que êle deve ao Catholicismo nos dominios do sentimento e da arte), cederia, embora herdeiro de poderosas ancestralidades rústicas, ás miragens falazes do monismo, se o não couraçasse de bronze o realismo tomista, cujas vantagens intellectuais e morais êle tão eloquentemente advogou: é que essa filosofia — *philosophia perennis*, na expressão de Leibnitz, — representa o funcionamento cooperativo de todas as potencias do corpo e da alma sob o dominio supremo da intelligencia, não escurece a percepção intuitiva das verdades evidentes e dos primeiros principios: e, baseando-se na mais constante fidelidade á experiencia sensual e á anotação dos fenómenos, tem como ponto de partida a ideia do *ser*, da qual dimana espontâneamente o principio de que o *eu* é uma unidade bem distinta do *não-eu*. O Doutor Antonio Sardinha, porisso, ouvirá sempre a *Voz da Terra*, não escutará nunca a *Boca da Sombra*: a sua Musa não cantará jámais, como o Sátiro da *Légende des Siècles*: — *Je suis Pan! Jupiter, á genoux!* Ele poderia, como Francis Jammes, escrever as *Geórgicas Cristãs*: e não subscreveria nunca a *Religio*, do Vitor Hugo das *Contemplations*.

A Liturgia Catolica, porem, se o não enamorasse tão depressa a liturgia da morte, de ritos dolorosos e consoladores, — compensa-lo-hia abundantemente deste sacrificio da sensibilidade á razão: opulenta de simbolismo, polícroma, variegada de atitudes, ela dignifica além disso as coisas mais humildes, — *benedicite omnia opera Domini Domino!* — associando-as ás pompas do culto, reconhecendo uma espécie de vocação sobrenatural a esses seres modestos, que são a água e o sal, o azeite e o fogo, o pão e o bronze, o balsamo e a pedra. A Liturgia, assim, não devia ser uma desconhecida nem uma estranha para quem compôs com tanta devoção o *Louvor da cal*, o *Salmo da Luz acesa*, as *Redondilhas da roupa lavada*, a *Canção do ferro na forja*, os *Versos do trinco da porta*: — da obra poetica do Doutor Antonio Sardinha podia mesmo extrair se uma antologia, singela e tocante, com o titulo do livro de Perez Ossa: *Cancionero de las cosas humildes...* O século XIX, com o seu lirismo pessoal e com a sua inquietação metafísica, condenára a liturgia ao ostracismo do Parnaso: reabilitou-a Verlaine: e a moderna poesia religiosa não é o deísmo vago de Lamartine: não é só aspiração espiritualista, como em Musset: entra no templo, abeira-se do tabernáculo, e afirma-se nitidamente catolica. O Doutor Antonio Sardinha, com a sua razão e sensibilidade características, havia de sentir se bem dentro da Liturgia, país da ordem e da beleza, que com seus encantamentos deslumbrou a intuição artistica de Manuel Ribeiro, e contentou a sêde angustiosa de Huysmans: ele não descerá ainda, porem á descrição pormenorizada de Luiz Mercier: não se preocupará muito com a precisão minudente de Luiz Lefebvre: a sua notação é discreta, fugidiva, mas não é menos suggestiva.

No *Tronco reverdecido*, por exemplo, posto que anterior á conversão do Doutor Antonio Sardinha para a religião dos seus mortos, a Liturgia ou lhe sugere motivos cristãos de poemas meio pagãos (*Missa de alva*, *Domingo de Ramos*, *Natal*), ou então inspira-lhe já a *Sagrada Paixão* das oliveiras: o carinho da chave desse soneto é mavioso, e é cristão: por motivo do longo martirio das oliveiras, é que o *fruto do seu ventre alumia — Jesus Sacramentado nos altares...* O *Lume novo*, da *Epopéia da Planície*, duma instrumentação inconfundivel, é, no genero, a melhor peça do Doutor Antonio Sardinha: contem reminiscencias estilizadas do Ritual e do Catecismo: e, sendo um elogio do fogo, encerra alusões concretas ao fogo do Pentecostes, ao fogo do Juizo-Final, e á

Santa expiação do Purgatorio... A' Senhora dos Prazeres é uma salvé-rainha, cheia de vida e doçura, e essa Madrinha dadivosa, Reliquia do Perdão na Outra-Vida, Nossa Senhora, que livra das secas e devastações e preside benfazeja ás sementeiras, e a quem o Poeta reza comovidamente:

*Tem-me conTigo, alonga a Tua benção,
Sôbre este Lar que Te é fiel, Senhora!
Nunca os trabalhos de viver me venção,
Sê sempre a minha amiga e protectora!*

Nos *Sonetos de Toledo*, ha um — *Vexilla Regis*, — que dá de maneira subtil a dolorida impressão da tristeza roxa dos dias viuvos da Semana Santa... Na *Chuva da Tarde*, erra do primeiro ao ultimo verso, o perfume bíblico e sádio do Cantico dos Canticos, e das orações e benções da Missa Matrimonial... As *Palavras ao Senhor*, do volume *Quando as nascentes despertam*... — poderiam ser assinadas por Santa Teresa de Jesus, por São João da Cruz: lembram um capitulo da Imitação de Cristo posto em verso... A *Porta do Ceu* celebra a Anunciação da Virgem, que já cantaram Eugénio de Castro e Gomes Lial, e a ode do Doutor Antonio Sardinha não é menos espiritual e recolhida... A *Memória*, a que serve de pretexto um extrato do Canon da Missa (o memento dos mortos), é um hino de reconhecimento àquele dos seus Avós, que primeiro se deixou baptizar, e *trouxo ao meu sangue a redenção de Deus*... A Morte, filha do Ceu, mensageira de Deus, chamou o grande Poeta para o Alto, senão quanto não haveria ainda a esperar da sua Musa, tão portugueza e tão cristã?!

*

*

*

A obra poetica do Doutor Antonio Sardinha, nestas condições, constitui, no seu sensato equilibrio, na sua sábia medida, o exemplo tipico do influxo benfazejo do pensamento católico integral na mentalidade dum escritor. Alem disso, representa para a Raça, que ele tanto amou e tam bem soube defender, uma esplendida lição de vida: ensina-nos a corrigir a sensibilidade excessiva de meridionais,

e o exagerado intellectualismo de latinos, com o correctivo unico que é o Catholicismo com a sua Filosofia. Seja essa a melhor lição de quem, como o Doutor Antonio Sardinha, resumiu com tamanha verdade; no seu *ex-libris*, a historia da sua existencia: um facho, que se consome, ardendo, iluminando, e a que serve de cercadura a legenda bendita: -- *Dum luceam peream!* DESEJO MORRER, DERRAMANDO LUZ!

Coimbra, 5 de Fevereiro de 1925.

«Nação Portuguesa»

Revista de Cultura Nacionalista

Propagar a «Nação Portuguesa» é contribuir para o renascimento e restauração da Patria. Nenhum bom português deve deixar de assiná-la e divulgá-la.

Redacção e Administração:

Rua da Horta Seca, 7-1.º — LISBOA

Casa NUN'ALVARES

— DE —

L. GONZAGA PEREIRA

Antiga Rua da Rainha, 53, 55

GUIMARÃES

Livraria literária, escolar e religiosa. Sempre novidades. Papelaria: Papéis de carta, almassos, etc. Completo sortido neste ramo. Grande sortido em artigos religiosos como estampas, livros de missa, terços, medallhas, imagens, etc. Modicidade de preços.

UM MESTRE DA HISTÓRIA

Por Alberto Monsaraz

Na amargura da hora presente a saudade que nos deixou Antonio Sardinha é ainda tão grande e tão profunda que mal podemos apreciar toda a sua falta como literato, crítico e, sobretudo, historiador.

Tem se, entretanto, de notar, desde já, que, neste ultimo campo, essa falta é das maiores e das mais difficilmente remediaveis. A Historia de Portugal, passada a época das Cronicas, que narravam factos cuevos, em torno dalguina figura heroica do tempo, e liberta, mais tarde, da credulidade ou demasiada fantasia de Fr. Bernardo de Brito, foi quasi exclusivamente cultivada pelos escritores liberais do Seculo XIX. Herculano escavou e poz ao sol os fundamentos do Estado Portuguez, mas a sua obra só é consideravel como trabalho de investigação e de analyse. Faltou-lhe, por completo a visão de conjunto, e a perspectiva da nossa individualidade étnica, desde o horizonte das avenidas do tempo, escapou ao seu olhar. Oliveira Martins que pretendia possuir essa visão, trouxe-nos a teoria do acaso na formação da Nacionalidade, hipotese pessimista e suicida, cuja acção maléfica o seu « PORTUGAL CONTEMPORANEO » mal consegue fazer esquecer.

Teofilo Braga, esse, entreviu, talvez por intuição, a nossa verdadeira filiação, o fundo original da nossa Raça; porem, desnorreado pelo ambiente liberalista, pelas influen-

cias da epoca, não chegou a concluir, ou antes concluir mal, embrulhando a verdade e a mentira numa fraseologia espessa, quasi incompreensivel. Dos restantes — Rebelo da Silva, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, foram romancistas e poetas da Historia, cuja leitura, a quem não for nociva, só logra fazer sorrir. Quando vinda a Republica, como consequência do Regimen Constitucional, surgiu o Integralismo Lusitano, com observação realista procurando na vida do Passado a justificação dos seus principios, bem pode afirmar-se que não havia Historia de Portugal. Antonio Sardinha poz mãos á obra e durante os curtos anos do seu apostolado quantas falsidades não destruiu, quantas lendas não desfez, revelando verdades ignoradas e iluminando factos obscuros, num trabalho consideravel de ilucidação e de critica! Preparava-se agora para traçar, em trez volumes, toda a Historia Portugueza, em face das nossas doutrinas, mostrando a genuina fisionomia da Nacionalidade atravez das sucessivas epocas da sua vida illustre. Como Jacques Baimville em França, iria procurar as remotas origens da Raça antes da invasão romana; iria demonstrar a função creadora e mantenedora do poder regio, a guarda vigilante da Grei pelo paternal egoismo do chefe hereditario; iria exaltar a acção das ordens religiosas, tão incompreendidas e caluniadas, que salvaram na Patria, de destruição completa, a lingua e a literatura e foram pregar em portuguez a fé de Cristo ás mais longinquas regiões da terra; iria defender a Santa Inquisição, salvando o Reino, atravez dos seus exageros disciplinares, daquele perigo judaico que subverteu a Russia e ameaça todos os paizes da Europa oriental; iria...

Não quiz o Destino que essa obra de restauração da verdade historica, esse acto de arrendimento colectivo fosse Antonio Sardinha que o realizasse. Possa o espirito integralista, no seu crescente poder de vitalização intelectual, suscitar, entre os seus discipulos, o aparecimento do historiador que lhe suceda.

A Santa Intransigencia

Por Nuno de Montemor

Por uma tarde de Abril de 1916, com o sol já a sumir-se entre as neves da Estrela, appareceu-me, de surpresa, em casa, o Dr. Hipolito Raposo, e como o meu jantar de familia já se comera ha muito, resolvemos dar um passeio, enquanto se preparava a refeição da visita.

Não nos tendo visto ha muito tempo, notei logo que o Hipolito ria menos e que as minhas alegrias, pela sua chegada, não conseguiam apagar-lhe, na frente, o sinal fundo de um pensamento alto e constante, em que toda a sua cabeça se absorvia.

Sentados num bloco de granito, acabavamos uma ligeira conversa sobre livros e coisas de arte, quando eu num sorriso ligeiro de absoluta descrença politica, me atrevi a perguntar :

—E a respeito de politica, que me diz?... .

Quasi num grito, de repelão, a voz aspera de Hipolito sacudiu-me :

—Não me fale desse modo, que me irrita! . .

Fiquei tão surpreendido e esmagado, como se um pedregulho rolasse do mais alto da Serra e viesse bater-me, em pleno peito.

Ora eu tive sempre o defeito de pagar, com juro judaicos, a aspreza de quem se me dirige asperamente, mas ali, naquela hora, com um amigo velho e, para mais de visita... .

A resposta rolou-me, na bôca, dura como um seixo do Côa!

Porem, cá no fundo, eu não pude afogar este *verdictum* : «não ha duvida que o Integralismo faz os homens malcriados»... .

Durante o jantar, pelo serão fora, até que o Hipolito se deitou, eu fui roendo no seixo, febrilmente.

Mas, á beira da sua cama, no momento das «boas noites», o Hipolito disse-me, já deitado :

—Olhe, Você não repare, nós somos assim...

E numa voz triste :

...—Nós admitimos, de bom coração, que nos ataquem e discutam, mas Você compreende que doi muito que, sobretudo os amigos, se riam do nosso sacrificio...

A estas palavras logo aquele duro seixo do Côa se fez, na minha bôca, floco de neve; e pudemos, então, falar, ou antes, combater, toda a santa noite

Nunca tendo pertencido a qualquer agremiação politica, eu conservava o ardor idílico e verboso de um bom democrata.

O Hipolito, mais reflectido e profundo, ia accumulando argumentos e demonstrações, mas entre o que ele dizia e o que eu lhe opunha, havia a diferença que existe entre a palavra seca de um sabio e o ruflar de duas azas, em pleno azul...

Já a aurora tingia as serras de Espanha e ainda o cavalheiro democrata galopava sem se render.—porque me não rendi.

—Você, meu amigo—disse, então, o Hipolito—não é daqueles que se deixam convencer, ha-de convencer-se por si, pelo estudo.

Protesteí de todo o coração :

—Nunca poderei entender-me com intolerantes ! Imagine Você que o Sardinha, só porque não penso como ele, como Você, até as relações literarias cortou comigo ! E Você, pelo que vejo, vai na mesma... Pois detesto os !

—Engana-se, nunca deixarei de ser seu amigo.

Sómente quando os espiritos pensam e sentem com mais harmonia, não é de estranhar que a amisade ganhe um novo sentido...

—Mas o Sardinha...— ia eu objectar.

—O Sardinha, meu amigo, estima-o sempre, mas se ele fosse mais intransigente, isso só provaria que ele era mais perfeito...

E despedimo-nos, desejando-nos, a sorrir, «boas madrugadas», já que não dormiramos as «boas noites».

Deitei-me *victorioso*, mas, na luta, o Hipolito a tal ponto me ampliara as orelhas que, ao deitar-me, senti que elas cobriam o travesseiro...

E' o que de resto sempre acontece a um bom democrata quando discute com um bom integralista.

Três anos depois, com o Sardinha no exilio, eu lia o original do «FLAVIO», á sombra de um velho castanheiro, na terra natal de Hipolito Raposo, não tardando que, de Espanha, Antonio Sardinha me enviasse uma carta enternecidissima que aqui não posso publi-

car, pois todos os grandes amigos do Mestre sabem como ele exagerava valores, quando nos apertava ao coração.

Transcrevo, porem, esta passagem para continuo ensinamento de todos :

«Que alegria, meu querido Amigo! Reencontramo-nos! Deus fez o milagre! Ainda que, pelo meu silencio, não fosse merecedor da sua estima, a verdade é que eu não me calei porque o tivesse esquecido.

«Mesmo durante a pequena pausa das nossas relações eu deixei de o lembrar, como era meu dever, informando-me sempre de como correra a sua doença.

«Mas eu andava zangado consigo, acredite que andava deveras zangado. Porquê?! — perguntará, surpreendido. Ora porquê? Por causa daquele seu penultimo trabalho literario em que Você, fazendo arte pela arte, *desperdiçou tempo...*»

Fico por aqui, na transcrição.

Antonio Sardinha castigara-me porque eu *desperdiçara tempo...*

Uns minutos que a nossa inteligencia desperdiçasse, fosse no que fosse, era para o Mestre um crime (a mim não me chegam 24 horas por dia, dizia ele) mas, na sua alma, havia sempre, para o criminoso, a bondade divina do Evangelho.

«Nunca me esqueci de si e, apesar do meu silencio, informei-me sempre de como correra a sua doença...»

E' a *santa intransigencia*.

É se no campo literario êle assim era, recordemo-nos das suas palavras no ultimo banquete que homens de varias *nuances* politicas lhe ofereceram em Lisboa :

«Como eu lamento que não estejam aqui tambem os nossos irmãos comunistas. . .»

A este tempo mal imaginavamos nós que nos seus labios andavam já as doçuras evangelicas da Extrema-Unção...

Hoje que o temos no Ceu, bem perto de Deus, façamos dele o Padroeiro da nossa Intransigencia.

Eulalia Couto

PARTEIRA MUNICIPAL
Rua 31 de Janeiro, 111

Antonio Sardinha e a doutrina do absoluto

Por Domingos de Gusmão Araujo

Tão estranho o enredo do destino de certos homens! Por condição do meu temperamento e por inclinação do meu espirito sempre me impressionou a queda dos homens, no instante em que mais as suas figuras se destacam para definir as grandes directrizes do espirito e da acção. A morte de Antonio Sardinha não foi para mim, apenas, comoção triste rasgando como lamina inexoravel o meu coração; foi, tambem, a percepção agudamente dramatica da hora em que o notavel poeta e inconfundivel revitalizador do *humano* e do *português* subia até Deus, prêso a Ele, na *ultima palpitação do seu coração*.

Suspendiam-se os grandes rumos do espirito! Asas da noite descendo sobre nós, fazendo novêlos escuros vinham amarfanhar-nos o alto vôo da Esperança, quebrando-nos nas mãos aflitas o sônho erguido atravez do espirito e do coração de Antonio Sardinha que morria.

E' que nascido para construir, Antonio Sardinha era, incontestavelmente, o homem destinado a abastecer de entusiasmo e de certezas de espirito, a geração que subia interrogando o horizonte e atraída para as soluções culturais de

que êle era o apóstolo de lúcido espirito e de poeta pelo coração.

O vento de Deus passando pela floresta escura do pecado contemporaneo faz nascer os homens e as ideias, gera marés de sônho, acende lampadas para que as sombras nocturnas ao envolver-nos, nos não roubem o sentido do absoluto.

A hora delirantemente musical e espessamente utilitaria, direi relativista, que nós não vivemos porque o absoluto nos prende, achara em Antonio Sardinha a opposição mais interessante dos ultimos decenios da vida mental e afectiva portugêsa.

Doutrinario do absoluto, nacionalista por excellencia, afincado no esforço de reelaborar os mais altos conceitos vitais, sentiu que a vida lusitana para se manter e ascender á mais alta posição do humano havia de inserir-se na disciplina criadora e no sentimento vivo do sobrenatural.

Portugal era para ele mais do que um conceito territorial porque era uma força historica e actual em marcha para a função condutora do mundo pacificado sob a vigilancia de Roma. Essa função, espiritual mais do que outra cousa, peninsular na sua extensão mais definida, afastava se do conceito germanico do nacionalismo absorvente sem sêr integrador e ponderador sem sêr pacificante.

O mundo novo seria um equilibrio cristianissimo tendo no seu brazão as chagas de Jesus e as lágrimas da Virgem.

O pecado é como uma mancha sobre arminho. A penitencia é a grande terapeutica das almas. O espirito condu-las e o amôr suavisa-lhes as arestas.

O pecado tanto pode minar o coração como o espirito; pode dizer-se mesmo que por detraz dele está, sempre, mais ou menos conscientemente, uma attitude do espirito.

São as ideias que guiam os homens, embora os senti

mentos as representem ás vezes, parecendo dar-nos atravez de si mesmas, a unica rialidade

Foi isso o que Antonio Sardinha viu e sentiu. Quiz possuir o *humano* atravez do nacionalismo, interpretar o ritmo historico e prolonga-lo no espaço e no tempo, em clamor de sonho, espirito e acção e desse modo projectar a alma da lusitania em versiculos de renovada fé.

E agora que ele abalou para o seio de Deus e nós, no torpôr do espanto, estendemos para a sua memoria as mãos ansiosas, importa não esquecer que ha uma obra a continuar — a obra que a sua alma comunicante de apostolo deixou em paginas veementes e clarissimas.

O destino do mundo ha-de ser o que a vitoria duma cultura nos trazer. Cultura do *absoluto*? Cultura do *relativo*?

Repartem-se os homens em duas atitudes espirituais. Nós estamos do lado do *absoluto*. Outros estão do lado do *relativo*. O drama do mundo gera-se do conflito dessas duas culturas. Foi sempre assim. A batalha é duradoura! Não tem outro sentido a época messianica.

Nós, humildes cristãos, temos nela por imperativo de-ver o nosso lugar. Antonio Sardinha ensinou-nos a ter uma atitude de espirito e uma atitude do coração.

A percepção tomista do *rial* dominou, sempre, o seu interior. No principio era o Verbo... Estas palavras valem tudo. Devem elas sêr, para nós, a legenda do espirito, na batalha que *nos obriga*.

Batalhar pelo *humano* — por esse humano que estravando dos limites compressôres do nacionalismo estrictamente politico, se expande em universalismo e não em cosmopolitismo — é constituir, em frente de todos os maçonismos, uma rialidade criadora.

Quere um espirito perder-nos! Que outro espirito nos salve! Que o Espirito-Santo nos dê a sugestão salvadora!

Avós sem nome

SONETO DE ANTONIO SARDINHA

*Se ha no meu sangue avós batalhadores,
— se deles trago as veias queimadas,
tambem os ha humildes lavradores,
de quem repito as duras caminhadas!*

*Avós sem nome, doces, scismadores,
velando fundo sobre as madrugadas,
quando a manhã mostrava os seus alvores,
já iam de charruas levantadas.*

*Ganhou-se Portugal por duas vezes!
Se os meus Avós de espada, na primeira
o deixam já nascido e batisado,*

*— os outros, os bisonhos camponezes,
ganharam-no depois p'la sementeira,
tornando-o mais de todos com o arado!*

Antonio Sardinha batalhava sob o imperativo das forças do Espirito! Que o Espirito-Santo nos alumie e proteja contra as tentações corruptoras das ideologias do relativo, agora mais do que nunca e sempre, por todos os seculos dos seculos. Amen.

O exemplo de uma vida

Por Hipolito Raposo

A morte inesperada do Dr. Antonio Sardinha, obriga os nossos olhos, ainda humidos de lagrimas, a alongar-se pela estrada da sua vida de espirito e a admirar nela, acima de tudo, a sua fé e a sua intransigencia de combatente do Integralismo Lusitano.

Como se houvesse tomado por divisa aquella sentença do autor do *Novo Principe* — *Quem soffre em boa paz a opinião alheia, he certo que não tem grande confiança na propria*, a acção politica e intellectual do nosso amigo morto, caracterisou-se sempre por uma audaciosa vivacidade que não sabia dar tréguas á mentira, nem perdoava á meia-verdade que é ainda mais funesta.

Tolerancia com a sinceridade sempre a teve, mas transigencia com o erro nunca soube oferece-la em sacrificio a qualquer interesse politico efémero.

Ele foi, entre nós todos, o apóstolo das gentes de Portugal, o vingador da nossa fé nacionalista e monarchica, o professor sábio e eloquente do lusismo.

Subia até ao ceu a flama da sua alma, nela queria abraçar o mundo, e na vida como na morte, ele foi o facho que arde constantemente na sigla dos seus livros, cercado daquelle mote que era um verdadeiro destino: *Dum luceam pereo*, vou morrendo a alumiar...

E assim foi. Tombou na sepultura da sua vila natal, quando já de perto lhe acenavam as azas da vitória, caiu na batalha por um designio de Deus, contra o qual nada podem a nossa dor e a nossa saudade.

Mas o seu exemplo, cheio de pureza no sacrificio, é o do homem forte que, entre a maré-cheia dos egoismos e da lama materialista, soube ser dignamente uma alma e que do meio dos odios sanguinarios e dos vicios da nossa sociedade, pôde elevar-se, em sonho de melhores dias para Portugal e para o mundo.

Entre os dos primeiros, mais alta que a de ninguem, foi ouvida a voz de Antonio Sardinha, confessando-se orgulhosamente monarchico e reaccionario que se traduzia então por catolico e portuguez.

O que ha dez e doze anos era temeridade, tornou-se para ele o designio constante da sua vida inteira, num momento de gravissima vacillação do pensamento em Portugal.

Hoje, para honrar mais altamente e com maior proveito a sua memoria, nada mais justo e digno do que aceitar e seguir a lição que a todos a sua vida deixou.

Cronica Literaria

A partir do proximo numero o « Gil Vicente » fará a avaliação critica de todos os livros que forem aparecendo e mereçam ser contados para a apreciação do movimento intellectual portuguez e de que nos sejam enviados dois exemplares.

«Ninguem, como nós, no longo crepusculo que envolve os destinos do Mundo e da Civilisação, possui motivos de firme e elevada esperanza.»

ANTONIO SARDINHA.

SANABILES FECIT NATIONES

Por « Mariotte »

Na obra do maior espirito da sua geração, deixou Antonio Sardinha bem vincada a fé viva num ressurgimento nacional de que ele foi o mais admiravel obreiro, porque com indomável audacia comandou a destemida falange que aos portugueses apontou o caminho para de novo serem portugueses, depois dum seculo de abastardamento nas ideias e consequentemente nos actos individuais e colectivos. Na sua obra, bela na forma, mais bela no fundo e mais bela ainda na intenção, está bem marcado o sentido daquela sentença que o autor inspirado nos deixou no Livro da Sabedoria — *Sanabiles fecit nationes* — e que tantas vezes tem sido mal traduzida com o falso sentido de que *Deus fez as nações curaveis*. Não, Deus não fez as nações curaveis, segundo o comentador biblico, o jesuita Baiível, porque o mal não é obra de Deus, mas sim do pecado. Todas as obras de Deus são boas e nações doentes, embora curaveis, são um mal. O homem não existe tal qual Deus o fez. Em cada um de nós, ha a obra de Deus, a obra de Adão e a nossa propria obra. O autor inspirado só quer dizer que o mal não é obra de Deus, mas do pecado. As nações são curaveis, porque é destructivel o efeito do pecado que as arruina. Destructivel por quem? Por nós mesmos, por nosso esforço. Em nenhuma obra dos contemporaneos está afirmada esta crença da curabilidade de Portugal por esforço nosso como na obra de Antonio Sardinha. Mas poderá esse esforço fazer-se ao sabor do individualismo anarquico, do oportunismo politico, do idolátrico respeito das pessoas, sejam elas quais forem? Não. Esse esforço tem de ser norteado de tal maneira que a nossa obra destrua a obra de Adão e se enquadre, tanto quanto possivel, na obra de Deus. Para seguir uma tal rota, uma só bussola existe, a bussola dos principios.

Ninguém pode contestar que não fosse esta a orientação que a si mesmo se impoz Antonio Sardinha. A sua intransigencia, que tanto escandalizou a nossa desbordada sociedade conservadora, é o seu maior titulo de gloria, porque é a afirmação prática do valor dos principios, que tantos alveitares sociais amoldam ás suas conveniências e ás suas paixões. Antonio Sardinha proclamava presentemente entre nós, pela palavra e pelo exemplo, a grande verdade que o grande filosofo social Le Play, ha uns bons sessenta anos, proclamara em Franca: «Numa sociedade que desaba de todos os lados, o que primeiro importa levantar são as ideias. O que é preciso fazer é transformar o moral e a intelligencia das classes ilustradas, é melhorar o fundo das coisas á luz dos principios.»

Foi assim que o grande desaparecido, que todos choramos, compreendeu o seu apostolado intelectual e social. A ultima carta que dele recebi, poucas semanas antes de ser chamado á presença de Deus, é precisamente um acto de aplauso, no terreno sagrado dos principios. Comunicara-lhe que, estando a minha consciencia em conflito com a orientação da «*Epoca*», ia abandonar a colaboração deste jornal. E o grande homem de principios respondia-me, precisamente na vespera da publicação do meu ultimo artigo na «*Epoca*»: «E acho que a sua attitude, em frente dos Bispos, é digna de respeito e de aplauso. Colocado no terreno nacionalista e catolico, a sua acção vai ser mais ampla e fecunda.»

Nem outra coisa era de esperar dum homem que foi grande porque soube manter a intransigencia dos principios na sua maxima pureza. Fôra esta intransigencia que nos aproximou até á «mais firme irmandade espiritual», como ele mesmo se exprime no rosto do *Ao principio era o verbo*, ao oferecer-mo ha poucos meses.

Nunca nos viramos. A distancia que nos separava permitira o adiamento de projectados encontros que nunca se chegaram a realisar. Mas que almas gêmeas no ardor do bom combate intellectual se revelaram as nossas, nas cartas que frequentemente cruzavamos, nos ultimos tempos! E eis que de repente esta amizade de intelligencias se parte sem nunca mais se poder reatar, senão nas mãos de Deus.

Não choremos. Antonio Sardinha cumpriu a sua missão. Aos que ficaram e lhe sentiram bem o pensamento, que o animava, compete levantar bem alto o monumento de que êle lançou os alicerces.

Sôbre um cadáver...

Por Horacio de Castro Guimarães

Com a morte do Dr. Antonio Sardinha, *Portugal ficou mais pobre ainda*, — assim disse Afonso Lopes Vieira, comovidamente.

É assim é; porque um paiz só é rico, quando a riqueza intelectual dos seus grandes homens, impulsiona, num referver de abundancia, o germinal das suas energias vitais. Antonio Sardinha, era a mais pura fonte de esperança e de fertilidade, que sobre a boa terra portugûesa, ia deixando correr, em sulcos bem vincados, o veio doce e profundo, das suas falas de alto ensinamento. Nelas vinha, de longe, do milagre remoto das seivas da Raça, o segredo ancestral de rejuvenescencia nacionalista, que ha-de salvar esta Patria.

E, á imagem simbolica do nosso Pelicano, ele rasgava tambem o seu peito, para que, com o sangue forte e fecundo do seu talento, se creasse e desenvolvesse, sem joio, a seara prometedora da nova geração.

Ele era o cultivador prescutante e atento, vigiando, amparando, os plantios da inteligencia do seu horto, deste pequeno mas absorvente horto luzitano!

Numa ância de "seleção positiva", ele mondava os seus fructos, para que todos fossem sadios e prestaveis na maturação.

A ele devemos, todos nós, os do seu rebanho intele-

ctual, a segurança da nossa Fé, os alicerces firmes da nossa consciencia politica e social.

Antonio Sardinha foi grande, foi extraordinario! A sua morte deixaria pobre qualquer paiz do mundo, quanto mais o nosso já pobre Portugal!...

Sim! E' justo que o clamemos bem alto, chôrando-o e chorando Portugal; mas que os nossos olhos embaciados saibam vêr, na sua figura gigantea de português, o exemplo do seu apostolado incansavel, do seu trabalho de arroteador formidavel da nossa obra nacionalisadora!

O seu gesto hirto, aponta-nos severamente o caminho do nosso destino de continuadores, para a demolição completa deste môrro de desordem cahotica em que vivemos e sobre o qual teremos de construir, á-nanhã, a cidade sagrada da Ordem Nova, que ele nos deixou delineada, dentro das bases eternas da prodigiosa Arquitétura Tradicional!

Porto-1925.

Chuva da tarde...

*Ao longo das varandas
reza misterios lentos a noitinha.
Que bom não é sonhar em coisas brandas,
nas tuas brandas asas de andorinha!*

*Deixa que a sombra te emoldure a face,
— eleva no silencio a tua voz!
O cantico dos Canticos renasce,
— diria até que se escreveu p'ra nós!*

Designios de Deus

Por Simeão Mesquita

O pensamento contra-revolucionario acaba de sofrer em Portugal com a morte de Antonio Sardinha um durissimo golpe.

Esse golpe feriu particularmente aquelles que, sob a sua inspiração, militante em extremo, ao seu lado combatiam; mas não pode deixar indifferentes todos quantos, embora em zonas mais serenas, teimam no amor da lingua portugueza.

E' que — convem não esquece-lo — tendo-se dedicado a um ardente doutrinarismo politico-social, e ser esse a mais notoria face da sua obra, nem por isso o abandonaram as Musas suas primeiras inspiradoras.

Antonio Sardinha introduziu-se como poeta na republica das letras, e que alto poeta se não continuou afirmando nas suas obras ultteriores!

Do que nesse campo havia ainda a esperar de talento tão insigne dá-nos medida a perfeição da forma aliada a uma ductilidade maravilhosa que atingiu nos Sonetos «de Toledo» e da «Chuva da Tarde» e nos quais bem transparecia estar exercitando o seu engenho para cometimentos maiores.

Dos seus outros multiplos e invulgarissimos dotes,

como historiador, ensaísta, crítico literário, conferencista, renovador de ideias não é ainda o tempo nem estas curtas palavras logar para ser lembrado como merece.

Apenas direi que na linha culminante da geração dos *Vencidos* não sei compará-lo—à parte, já se vê, a diversidade de temperamentos e intenções—senão com Oliveira Martins, pela fecundidade febricitante do labor e até pela vibração do estilo permanentemente sugestiva e de um marcado recorte pessoal.

E não se leve á conta de exagero esta minha aproximação. Lembremo-nos que se o Historiador d'Aviz tão cedo foi arrebatado á sua obra, o nosso Sardinha o precede agora na morte nada menos do que oito anos que seriam por certo dos mais fecundos da sua vida. E, de resto aos verdadeiros gigantes o tempo se encarrega sempre de lhes acrescentar o vulto...

Hoje só nos resta aceitar como vontade de Deus a ideia de ver mais uma vez diferida (por quanto tempo ainda?) a esperança da publicação de uma historia de Portugal verdadeiramente reabilitadora, tarefa formidável que ele se tinha talhado para os anos mais proximos.

Que a lição da sua obra, e que o exemplo da sua delicadeza moral e da sua tenacidade no trabalho frutifique ao menos em nós e sobretudo nas gerações novas em que ele depunha tantas esperanças e a cuja cultura dedicava o melhor do seu esforço.

„Valorisar o individuo, não como unidade rebelde, mas como élo da cadeia ininterrupta das gerações, tal a mira em que desde sempre a Igreja se empenha, cheia de amorosa solicitude. Não é outro o lema do tradicionalismo, quando o inspira uma sensata filosofia.”

ANTONIO SARDINHA.

Uma perda irreparavel do nacionalismo português

Por Augusto da Costa

O Padre é como as grandes arvores: só depois de estarem por terra, derrubadas, é que se lhes conhece a verdadeira altura.— Esta imagem de Raul Brandão, num pequeno folheto sobre o Padre, ocorreu-me á memoria quando, morto Antonio Sardinha, de todos os cantos de Portugal, e de todos os sectores em que a sociedade portuguesa se encontra dividida, se começaram a levantar palavras de saudade e protestos de sentimento, traduzindo uma pena enorme pela perda irreparavel que o Nacionalismo português acabava de sofrer. Significa isto que Antonio Sardinha, em vida, não houvesse conhecido dedicações e simpatias intellectuais, e que, em vida, ninguem tivesse feito justiça aos seus meritos de trabalhador da Inteligencia?

Não. Porque a aura de simpatia em que a morte envolveu o seu nome foi creada pela sua vida de apostolo incançavel. Uma vida mesquinha faz mesquinha a morte; uma grande vida de batalhador torna grande a morte, e cria á sua volta a atmosfera de ternura, de saudade, de simpatia que se creou á volta de Antonio Sardinha, á hora em que a sua alma entrava no seio de Deus.

Em duas linhas, que dizer desta morte inesperada, se-

não que ela foi, para todos nós, os que acompanhavamos mais de perto Antonio Sardinha na sua cruzada nacionalista, um golpe profundo e uma perda irreparável? Desapareceu para sempre um trabalhador indomito, pleno de energia, de intelligencia e de fé, um soldado heroico duma nova Cruzada pela reconquista de Portugal aos seus inimigos do interior e do exterior. A essa rude batalha Antonio Sardinha tinha consagrado a vida, e quiz Deus que elle morresse, se já depois de ter colhido as suas primeiras vitórias, muito antes, porem, de colher os louros finais do seu labor incansavel de que as vitórias até então colhidas não foram mais do que simples annunciações. Morreu, pois, demasiado cedo para a obra que tinha diante de si para realizar? Altos designios de Deus. Altos designios que Antonio Sardinha era o primeiro a respeitar, porque era o primeiro a comprehender, a sentir e a proclamar que, quando Deus apaga, é porque quer acender...

... «confessar o Verbo ao principio de todas as coisas é confessar o Espírito dirigindo o Mundo, é confessar a intelligencia encaminhando a acção».

Do livro «Ao principio era o Verbo...»,
de Antonio Sardinha.

Permiti, Senhor, que o ultimo palpitar do meu coração seja para Vós!

(Ultimas palavras de Antonio Sardinha).

«Antonio Sardinha abre um capitulo novo na historia do pensamento português. Como poeta e ensaista — e como ensaista foi simultaneamente historiador, critico e doutrinador — Antonio Sardinha marca a vitoria do Verbo sobre a Carne, e a restauração de Jesus no espirito de Portugal. Nós somos o que somos porque Antonio Sardinha viveu».

MANUEL MURIAS.

Mais fel!...

Por Cesar de Oliveira

MAIS amarguras para quê, Senhor?

Pois assim é preciso lacerar a alma e rasgar o corpo em cada fraga deste doloroso caminho que trilhamos?

Não basta que a nossa sensibilidade e o nosso nacionalismo a todos os momentos sofram o contacto da boçalidade rotineira e da estupidez universal?

Não basta... não, basta!... Porquê?

Então para que os outros gosem o encanto, a doçura, os sorrisos e os canticos da Vida, é força que só aos nossos labios seja servida a taça do fel, e que tambem a Morte nos toque com a sua aza fria?

Cristo! reparae na nossa dôr, e vêde que não é de rebeldia o queixume com que nos arrastamos aos pés da vossa Cruz...:

E' grande ainda o nosso orgulho, o orgulho da nossa mocidade, do nosso sangue, do nosso pensamento, desta ansiedade que não se aniquila, porque é tão grande como a Ideia, porque é mais forte do que nós?

Abri-nos então as veias, Senhor, e deixae correr sobre esta boa Terra Portuguesa o sangue heroico e febril que não sabe reprimir-se, que estua em revolta e não sabe acomodar-se na passividade, que quiere cimentar em gloria a vossa gloria e a da Nação e não pode resignar-se a uma tortura esteril e sem fim.

Tanto havia por onde ceifar, Senhor!; pela minha vida votada ha tanto tempo a um sacrificio inglorio neste circo de adversidades e de repugnantes interesses que é o mundo, pela vida de tantos humildes como eu, de tantos humildes que apenas possuem

um braço armado e um entendimento esclarecido por aquela luz ideal que, uma vez acesa, só com a razão pode esvaír-se...

Ah, nem tão obscuros serão sempre os designios de Deus que alguma vez os não compreendamos quando a desgraça nos toca, que os não advinhemos num ténue fio de luz por entre as lagrimas que nos marejam os olhos.

Era grande o nosso orgulho, justificado é certo, mas sempre orgulho e tão grande que chegamos a esquecer a tragedia dos carceres, o sangue de Monsanto e de 13 de Fevereiro, o drama de todos os dias do nosso destino de sacrificados, do nosso destino de renovadores de uma Patria, e que caminhamos para o triunfo, de pés ensanguentados, por entre lagrimas e destroços.

Tocou-nos a soberba, e a mão de Deus caiu sobre nós como um raio de exterminio, e como um raio destruiu o roble mais frondoso, mais alto e mais forte desta nova floresta de esperanças.

Antonio Sardinha era o nosso orgulho; o nosso orgulho tentou divinisa-lo num momento em que os cesarismos e os messianismos irrompem do sub-consciente ou inconsciente social com a vigorosa teimosia dos tortulhos no inverno.

Cristo! repara e na nossa dôr e vêde que não somos rebeldes nem descrentes da misericordia divina e infinita: seria por orgulho que assim fomos atingidos por aquela mão justiceira que ha vinte seculos deu por finda a missão dos messias sobre a Terra?

Escrevendo estas palavras com o coração ainda sangrando e com os olhos marejados de lagrimas que não são propriamente de uma inteira e evangelica resignação — que Deus mas perdõe... — farrapos de orgulho me assaltam a memoria e pretendem toldar-me a claridade humilde do pensamento. Sacudo-os e eles voltam. Afasto-os, e eles teimam, e envolvem-me, e agarram-se aos bicos da pena, e transformam-na em escopeiro negro pingando breu de tentações.

Não fui eu, Senhor, bem o sabeis, que atraí a vossa ira; mas o vosso castigo a todos atingiu, porque todos ouvimos o sacrilegio e não tivemos uma palavra de condenação:

— «Reparai como os nossos adversarios vão sendo ceifados pela Morte: um a um, eles vão desaparecendo de sobre

estes quatro palmos de terra onde a teimosia da sua velhice nos é obstaculo.

Mais um que cai!... Anda Morte, anda ligeirinha na tua grande tarefa, na tua faina de ajuda!... Mais depressa, Morte! Um a um... é pouco, é tão lento... Leva mais de cada vez; leva-os todos; leva-os todos juntos! A nossa mocidade ri-se de ti, por muito rente que passes, e tu passas mesmo ao pé de nós. Apressa-te. Arranca essas raizes inúteis que nos fazem estorvo, limpa bem a terra onde vamos meter o arado. Oh morte, tu és a nossa amiga e a nossa aliada!

Não fui eu, Senhor, que atraí a vossa ira por palavras. Algum de nós seria, talvez que em pensamentos todos nos identificassem nessa monstruosa invocação á Morte, nesse chamamento que era um ultrage á divina generosidade que nos dotára com braços fortes e ideias claras para este combate tremendo entre o Espirito e a Materia.

Não foi para dizer da Vida e da Obra de Antonio Sardinha que me decidi a escrever algumas linhas de saudade e de homenagem um mez passado sobre a sua morte,

A sua Obra fala por si, faz-lhe justiça o presente, glorifica-la-á o futuro; a sua Vida fica como um altissimo exemplo de nobre e fecundo trabalho e de cristianissimas virtudes.

Os seus intimos e os seus criticos nos dirão um dia de que diamantina pureza era formada a sua bela alma, que extraordinaria potencia intelectual animava aquele cerebro privilegiado de pensador.

A admiração, o respeito, a amizade que ao saudosissimo Amigo e Mestre me atraíam e nele me confundiam a ponto de sentir morrer parte de mim mesmo quando a Morte o arrebatou, não são para dizer-se aqui: recolho, pois, ao coração as lagrimas desta desolada amizade de irmãos, a fogo na garganta os soluços desta minha orfandade intelectual...

Quero apenas partilhar com os bons companheiros de armas e de Ideal, o luto e a dôr desta comemoração, pois para isso vim tambem, disfarçando — Deus sabe com que dificuldade! — a rebeldia do pensamento, de cada vez mais rubro, com a conformação das palavras.

Ao principiar a escreve-las, invocando o espirito gentiliissimo de Antonio Sardinha cuja alma resplandece no seio de Deus para todo o sempre, cravei sobre esta pobre meza onde trabalho a faca simbólica da minha missão na Terra, a faca que eu teria afiado na soleira da porta do cemiterio de Monforte.

Tomei a Deus por testemunha das minhas palavras; que muito é torna-las conhecidas dos homens para que o seu desprezo me esmague se algum dia o perjurio me enegrecer a bôca e a alma.

«Nas vossas mãos, Senhor, se quebrou a espada brilhante e imaculada dum grande lutador, a espada que nunca se embaciou numa deslealdade e sempre fulgiu, cavalheiresca e gloriosa, no belo esplendor do sol leal...

Não são as minhas mãos grosseiras talladas para o geito e para a honra duma espada; permiti então que esta faca seja nestas mãos instrumento da vossa Justiça, erguida sempre nas encruzilhadas da Vida em defeza dos fracos, dos que já não podem tragar mais fêl nem podem chorar mais lagrimas.

Daqui me vou com os olhos enxutos e coração mirrado. Flores de alegria, grinaldas de illusão e de fé, louros virentes de gloria: tudo aí fica desfolhado em saudades. Antonio Sardinha morreu, mas parece que o seu Espirito se repartiu por todos nós numa comunhão de esperanza.

Vós sois, Senhor, testemunha dos meus sentimentos e das minhas intenções; não é de heroísmos nem de gloria, o meu destino: será de expiação e de apagada tragedia, de sacrificio e de humildade.

Vagabundo, emfim, pelos êrmos sombrios desse destino — juro — esta faca brilhará sempre como um gelado reflexo dessa espada brilhante, quebrada para sempre. Lá me encontrareis, lá aguardarei o dia da vossa Justiça...

Mas aí encontrarão tambem as monstruosidades do tempo e das ideias um braço sempre armado e sempre pronto a ferir, a ferir dentre a sombra que é o meu destino e com esta faca que é a minha arma, a rapina, o egoismo, a animalidade, a anarquia deste safado e miseravel mundo que passa.

—Deixai pois que eu affie a minha faca, Deus dos humildes e dos vagabundos, nas pedras sagradas do campo dos vossos mortos!»

Um grande poeta

Por Pinheiro Torres

ANTONIO Sardinha tem de ser considerado, a despeito da quasi completa conspiração de silencio que em volta da sua obra poetica se tem feito, como um dos nossos grandes poetas.

Pela sua elevação lirica, o autôr da «Chuva da tarde» entronca na boa tradição da Raça portugueza, que se é grande pela sua vocação épica, não o é menos pelo seu sentido e feição lirica.

Desde as trovas do rei Sancho 1.º e as *cantigas de amôr* até João de Deus, que prodigiosa sucessão de almas enamoradas, amando, sorrindo, chorando, sofrendo, sangrando, abrindo-se em confidencias e accents de tanta exaltação e beleza, de tão doce e sublime lirismo que viverão enquanto houver na terra um coração portuquez que palpite, um só que seja.

Em que literatura do mundo ha lirico maior do que Camões; o imortal cantor do amôr largo e são do pastor Jacob?

Na propria epoca, de decadencia chamada, encanta-nos Rodrigues Lobo; e, depois, Gonzaga o delizioso cantôr da «Marilia de Doiceu».

Mas n'essa extensa e gloriosa pleiade de espiritos gentilissimos, que constituem um dos melhores titulos de nobreza nacional, o autôr da «Epopéia da Planície» ocupa um especial lugar.

Na grande maioria dos nossos poetas predominam o *coração de carne* e a imaginação. O sentimento impera exclusivamente. Faz-se ouvir o instincto. A razão não faz valer ahí seus direitos imprescriptiveis.

Dons poeticos e incultura extrema associam-se não raro. Nos grandes poetas do nosso tempo, pode dizer-se que ha uma excepção: Antero de Quental, com altissimas preocupações mentais.

Tambem as tem Antonio Sardinha, a mais culta inteligencia da sua geração, com serias qualidades de critico e inegualada vocação para trabalhos historicos, que se Deus lhe prolongasse a vida havia de nos dar uma «Historia de Portugal», que, como a de J. Bainville para a França, seria o termo dessa formidavel *conspiração contra a verdade*, que a historia tem sido até agora, falseando o sentido da vida colectiva.

Em tais condições, sem nada perder da sua emoção e frescura, na poesia do autôr de «A Côrte da Saudade», equilibram-se coração e razão, inteligencia e sentimento, imaginação e reflexão. O *coração* não basta, que não é ele a vida toda. Mas a *razão* só tambem não é a vida. A visão do *racionalista* é, pois, restricta. Desconhece o melhor da existencia. Ignora a ordem nova, a da fé, a da graça, a do amor, que completa o universo espiritual.

Com esse equilibrio não se desvaira o sentimento, não se previerte o coração, a imaginação não sofre intemperanças. Mas tais limitações tolherão a inspiração, toldarão a emoção, apoucarão o lirismo de Antonio Sardinha? Ele mesmo responde:

*Porque os limites doces que me imponho
dão consistencia ás azas do meu sonho
e ajudam-se a subir ainda mais!*

Sim: ajudam-no a subir até Deus, de quem a humana beleza não é senão um palido reflexo, e de que a sua obra está cheia.

É êsse admiravel vôo atravez dos espaços, em ancia do Infinito, é sereno porque submetido ás leis eternas da unidade, da hierarquia, da gradação e da ordem. Paixão que a razão acompanha, razão que a fé ilumina.

Habita assim o sobrenatural na poesia do espirital autor de «Quando as nascentes despertam». Este vivia seus versos, em plena concordancia com a sua visão social e moral, em absoluta conformidade com a sua posição de indiscutivel Mestre da contra-revolução.

Assim Antonio Sardinha tem na sua obra lirica um mundo de ideias. Nela se abraçam, estreitamente, a verdade e a beleza, que é, afinal, o *esplendor da verdade*. Sua vida e obra confundem-se; fundem se numa esplendida unidade intelectual e moral.

O seu lirismo não se reduz, como o de tantos, aos estremeci-

mentos da carne, á excitação sensual, ao desejo. Seu amôr não é pagão. E' pelo contrario, o amôr cristão, o amor conjugal, o amôr são e casto dos sêres a quem Deus uniu naquele tão apertado e indissolúvel amplexo que leva o Poeta a dizer com sublimidade :

*Noivos ainda no tremendo lance,
que Deus nos dê um sitio em que descance
o côrpo que Ele rapartiu p'los dois.*

A's indecisões, tortura dos sentidos, sobressaltos de nervos, incontinencias de imaginação, imprecisão de conceitos que gera o amor no pecado, Antonio Sardinha contrapõe a calma, a segurança, a elevação espiritual, o poder indestructivel do amor no matrimonio, que lhe inspira a bellissima composição *Et nunc et semper*, que sei de cór e da qual, para não tornar extenso este artigo, reproduzo apenas esta quadra lapidár :

*Demos um laço que venceu a morte
— não ha ninguem que nos desligue mais !
Laço, tão simples, como antigo e forte,
tem o poder das coisas imortais.*

O amor conjugal, que o romantismo desconheceu, tem na «Chuva da tarde» o seu poema definitivo, o seu livro d'Horas, que nenhuma impureza perturba, com um certo sabôr biblicó por vezes, em que canta e triunfa

a grande paz do leito conjugal.

Esse amor cristão, fecundo e nobre, abriga-se castamente sob o telhado da *casa portugueza*, que só *de ve-la dá virtude á gente*; casa-se á maravilha com a arte portugueza, que o poeta festeja e louva; com a nossa paisagem que entende e sente como raros; encontra, adivinhador, o sentido das coisas as mais simples e humildes.

Na sua expressão ha, sob a benção de Deus, toda a ternura,

a bondade, a simplicidade, a veemencia do amor portuguez: canta na sua voz a voz da Raça; e se nela se adivinha o canto do futuro, tambem se ouve a saudosa toada dos Mortos, *que mandam*.

Tudo o que é nacional, tudo quanto é bem nosso ilumina-se ao seu comovido apelo; exalta-se, espiritualisa-se; e até a rasteira e humilima erva, o espêto no lume, o trinco da porta, ao toque magico do superior espirito de Antonio Sardinha, são manancial fecundo de pensamentos belos, de claros sentimentos, de encantadoras imagens, de abundantes sugestões de paz, de humildade, de bondade, de confiança em Deus.

Ouve-se a canção da agua, que nos apaga a sêde; da carne, que nos nutre; da luz, que nos alumia; do ferro, da pedra. Tudo poetisa, tudo. Não ha coisa, a mais humilde, que não tenha cantado e espiritualizado. Creandó, dum nada tira um mundo de emoções: tudo é materia para crear beleza, para ensinar, encantando; para escalar o Ceu, a cuja *porta*, o Poeta resa com toda a terra portugueza

Louvado seja Deus (que Deus nos guarde!)

Louvado seja Deus por toda a gente!

Mas se a solução foi encontrada, se o coração intranquilo achou a paz, nem por isso na obra poetica de Antonio Sardinha deixa de se agitar o drama eterno da consciencia e inteligencia humana. Ele aí cabe todo, atingindo por vezes o acume da tragedia. O drama da tentação, os desfalecimentos do homem, as interrogações formidaveis postas á sua alma inquieta, aí se formulam: Que espantosa e eterna tragedia não encerram os trez sonetos perfeitos, que teem por titulo «O filho de Judith»! A essas interrogações encontrou Antonio Sardinha, como os mais altos espiritos literarios contemporaneos, uma resposta. Não aquele vago *deísmo*, impreciso e fraco, que não impediu Antero de Quental, um autentico homem de genio, de se suicidar, mas a afirmação catolica integral, cuja disciplina dá ao artista, como o demonstra Ghécree, maior liberdade e fecundidade.

Essencialmente cristã e nacionalista a poesia de Antonio Sardinha.

Foi-lhe boa escola o exilio. Parte da sua obra foi concebida

entre lagrimas. Sofreu muito; porisso mais e melhor amou, melhor inspirado foi.

Tambem eu sofri o exilio, que mais afervorou a minha devoção pela causa sagrada de Portugal.

Só quando a vida nos atira para o meio de estranhos é que a gente sabe como doe a Saudade,

Tambem me *invadiu e dominou* o misterio de Toledo; largas horas passei com o Greco, Barrés e Tirso de Molina, nessa perturbante cidade, onde no dizer do Poeta

*E' cada pedra uma alma,
E' cada alma um segredo.*

Talvez, por isso, de toda a obra poetica de Antonio Sardinha destaque, com especial predileção, a coleção de sonetos *Na Côrte da Saudade*; como ele chama à feiticeira terra que o Tejo envolve. Sinto-o verso a verso esse poema da Saudade, sentimento tão do povo portuguez que só ele encontrou palavra para definir essa *alma das imensas distancias*, como diz alguém. Se ela tem inspirado tantos poetas, todavia estou certo de que poucos a exprimiram melhor do que Antonio Sardinha, nestes maravi!hosos sonetos, em que é Mestre, e que são irmãos pela subtil cinseladura

dos tauxiados aços toledanos

como reconhece Eugenio de Castro.

Que prodigiosa evocação, nessa paisagem do *Outro Mundo*, a do Rei-saudade, o desgraçado Sancho 2.º, fantasma errante que enche a cidade de agonia, *irmã da Morte, irmã de Portugal*, com o seu infindo penar e a quem o Poeta se dirige num soneto de antologia, cujo terceto final diz assim:

*Rei da Saudade, assim com ar funéreo,
não tem limites esse grande imperio,
— e cabe todo n'um adeus profundo!*

As almas de Greco, o maior pintor cristão, de Egas Monis,

de Martim de Freitas recolhe-as em seus versos o Poeta, como quem toca em coisas sagradas: com respeito e com devoção.

Essas almas limpas, purissimas, espelho e modelo de fé e de lealdade só as podia compreender bem e sinceramente quem se mantem fiel à fé dos seus maiores e quem pode resar com o coração:

*Em todo o mundo ha terra portuguesa,
desde que a alma a tenha na lembrança
e a sirva sempre com fervor igual!*

O nosso claro Tejo espelha-se nesses versos saudoso e ao ve-lo o Poeta diz ao seu coração:

*E o Tejo passa; angustiado e estreito.
Põe-te a correr com ele ao desafio,
O' coração que bates no meu peito!*

E o mais puro sentimento religioso domina este breviario da Saudade, onde a maguada voz do Lusiarla expatriado, é afinal uma prece. Sempre cristã e nacionalista a obra deste grande Poeta, que merece a consagração de todos.

Aqui vamos nós, em piedosa romagem ao seu tumulo de Monforte honrar sua memoria bela e gloriosa.

Louvemos a sua inspiração e seus nobres intuitos; louvemos a sua arte sempre sobria, precisa, quasi sempre musical e deliciosamente plastica, atingindo alguns sonetos a perfeição.

Louvemo-lo na sua missão de rectificador da nossa historia, de conductor de inteligencias transviadas, cantor da doce terra portugueza, evocador da Tradição e do Passado, despertador de energias e o maximo representante do lirismo cristão, em que coração e razão, imaginação e reflexão, sentimento e intelligencia, se unem no mesmo vôo para Deus, séde da infinita paz e da soberana beleza, de que a humana é, apenas, um palido reflexo.

Vexilla Regis

« Alors commence la solennelle procession des siècles chrétiens s'acheminant à la suite de la croix dans la direction de l'avenir. »

GODEFROID KURTH.

O orgão geme. E' Sexta-Feira Santa.
Adoração da Cruz na Cathedral.
E sobe o côro numa voz que espanta,
— voz de tragédia e cerração mortal!

Só um madeiro agreste se levanta,
abrindo os braços negros por igual.
Os padres cantam. E em tristeza tanta
recorta o incenso a mística espiral.

Soluça o orgão...

Com a Cruz erguida,
por todo o templo a fé que nos alenta
entôa um hino à Arvore-da-Vida.

E eu, pobre criatura transitória,
enquanto a procissão perpassa lenta,
julgo assistir ao desfilar da História!

— DE ANTONIO SARDINHA.

Antonio Sardinha

DA MINHA SAUDE

Por Euclides Portugal

COM a morte de Antonio Sardinha, Portugal perdeu muito, e — porque não dizê-lo? — a Europa tambem, porquanto êle era, neste cantinho occidental, um dos mais esforçados senão o mais esforçado paladino da Ordem e da Autoridade, de cuja falta tão fundamente padece a Europa do Ocidente. Antonio Sardinha era, na medida portuguesa da nossa pouquidade, um valor de reacção-salvadora. Assim com a sua morte podem pôr luto Portugal e a Europa, mais, a Inteligencia, a verdadeira razão humana, a bem dizer toda a ordem de coisas, pois que Antonio Sardinha era um temperamento proteico, uma creatura de multiplos talentos e em todos êles sobresaía de maneira notavel. Escreveu Afonso Lopes Vieira que « com a morte de Antonio Sardinha, Portugal ficou mais pobre ». Muito mais pobre, incontestavelmente.

Antonio Sardinha possuia a fé rija e luminosa do apostolo e o entusiasmo do heroe. E porque possuia uma fé e um entusiasmo assim foi que viveu de esperança em esperança ansiando sempre pelo dia do seu Sonho — o dia da redenção da terra pelo Espirito. Mas não se limitava a

esperar. Realisava, creava tambem, e ai está a sua obra magnifica do Integralismo Lusitano a assinalar o seu esforço realizador, creador. Penso que se êle vivesse na Edade Média seria um cavaleiro impreterrito ao modo dos da Tavola Redonda. Impelia-o a ansia permanente do resgate de Portugal pelo Espirito, e sendo nacionalista fervoroso, o seu pensamento resgatador ultrapassava as fronteiras de Portugal, para se tornar um pensamento europeu. Por uma maravilhosa intuição, Antonio Sardinha deu amplitude cosmopolita ao seu nacionalismo, volvendo-o de méro egoismo nacional em solidarismo universal dentro do mutuo respeito da Ordem, da Autoridade, da Tradição peculiar. Dum jardim fechado (permita-se-me a figura) fez, alargando-o, um passeio para todos, uma floresta publica. Cabe aqui lembrar que foi, em Portugal, ele o primeiro (e o unico creio) a impugnar a tese da *Decadencia do Ocidente* de Spengler.

*

Vai por essa Europa além uma cruenta luta sem treguas entre a Ordem e a Liberdade, e porque a Ordem é a razão eterna, ela ha-de triunfar dessa Liberdade que desmente a todo o instante a realidade e a experiencia secular.

Assim ha-de ser, pelo menos esperamos que assim será enquanto a razão fôr lei divina; porque quando essa Liberdade absurda triunfar universalmente da Ordem, ai, de nós!, só nos resta fechar os olhos para não assistirmos á Nova Barbaria, mais terrivel do que todas as barbarias até hoje conhecidas!

Considerai atentamente. Veem do Norte ameaças terríveis. Bailam macabramente ante as imaginações perspectivas, tétricas. Considerando bem, sentem-se calafrios. A certas horas de meditação, é um pesadelo do mais pavoroso

sonho. Não obstante os homens não se mechem. Cada qual delega no visinho, tacitamente, o cuidado da defesa. Por toda a parte (excepção feita da Italia), nas classes chamadas conservadoras, é uma covardia, um egoismo, uma cegueira, um *je m'en fiche* revoltante... de modo que bem pode ser que, mais dia menos dia, a Besta Humana das frias plagas do Norte, rugindo ferozmente, qual manada de lobos esfaimados, venha por ahí abaixo, e não encontre o minimo obstaculo... É será então o fim de uma civilisação. Mas, como pensa Cesar de Oliveira, *nada é perdido no mundo desde que as almas se salvem...*

O futuro é uma inquietante interrogação, um arrepiante inigma, — e tudo por falta de chefes no sentido romano da palavra, porque Mussolini só não basta e Primo de Rivera ainda não deu sentido contra-revolucionario á sua acção, tendo-se limitado até aqui a ser um moralizador da politica, um policia dos maus costumes do constitucionalismo espanhol. E é nesta altura, ante tais perspectivas de futuro, que Antonio Sardinha desaparece! E' nesta altura, quando o mundo é uma ruinação á espera de reconstrução, qua a Fatalidade cega e estúpida nos arrebatava Antonio Sardinha, um guia politico, um mentor espiritual, um construtor, um Chefe! Emfim, os designios de Deus são tão incompreensíveis!...

Antonio Sardinha foi, em Portugal, quem ergueu galhardamente a fortaleza do Espirito de atalaia á barbaria. Ensinou a *servir* a uma geração de rapazes que teem remorsos de contemplar de braços cruzados as ruinas do mundo.

A's ideologias de perdição, opoz uma doutrina de vida. Era uma tuba vibrante assinalando as emboscadas da democracia. A êle devo em grande parte este ensinamento da Ordem, afora outros. Por isso penso que posso dizer de Antonio Sardinha, com grande verdade, o que Rambert da *Maison* de Bordeaux dizia de seu avô: //

m'apprit l'importance, la beauté, oui, la beauté de l'ordre qu'on impose à la nature et à soi-même. E é este um dos maiores beneficios que eu poderia tirar do convívio desse fronteiro-mór da Lusitanidade, tão prematuramente desaparecido, — arvore estiolada quando nos prometia os seus melhores frutos . . .



Mora a Saúde em Toledo,
— onde eu a fui encontrar !
Fez a viagem do Tejo,
Custou-lhe pouco a chegar !

Toledo á boca da noite,
— canção de Sancho II . . .
Possa Toledo ir comigo,
quando eu me fôr deste mundo !

De tanto a ver nos meus olhos,
perdi o tento ao que digo !
Não sei se estou em Toledo,
se está Toledo comigo !

ANTONIO SARDINHA.

A lição íntima

Por Antonio Rodrigues Cavalheiro

EM *Les Amitiés Françaises* fala-nos Maurice Barrès de certas imagens que ficam pertencendo á nossa alma e que, quando evocadas por acontecimentos da vida quotidiana, nos podem murmurar os mais harmoniosos comentarios.

A agonia, a morte e o enterramento de Antonio Sardi-
nha, pela penetração com que afligiram quantos a eles esti-
veram presentes, são factos que cabem sem esforço na qua-
lidade de imagens a que se refere o artista do *Jardim de*
Bérénice.

Os dois dias angustiosos de Elvas e Monforte — meus queridos companheiros de tão lancinante jornada! — ficaram vivendo no mais íntimo, no mais impenetravel recanto do nosso jardim-interior. E sempre que a nossa sensibilidade se agite, por suave que seja o ondular misterioso, quem poderá evitar a melancolica visão? Ela acompanhar-nos-á pela existencia fora, dando finalidade ás nossas mais disper-
sas energias e equilibrando na dôr os mais altos entusiasmos.

E se a alacridade ruidosa, diante da larga tristeza de tal quadro, se arrisca a tombar, esteril, — que sugestivo e plangente devaneio para as nossas grandes solidões! Perfumêmos, então, de requintada amargura os mais tenues dos

nossos desejos e saibamos recolher, agonisantes, os suspiros das ilusões que não são mais.

*

Da morte de Antonio Sardinha é esta, para mim, a lição mais profunda, e que eu faço empalidecer através das minhas palavras, escritas sómente para aqueles que fôram meus irmãos na maior dôr da nossa mocidade.



Rei destronado, no maior segredo
ei-lo reinando sôbre um vago povo,
— ei-lo reinando em ar de moribundo . . .

Na côrte da Saúde, que é Toledo,
João-sem-Terra dum tormento novo,
reina em silêncio, no silêncio fundo!

DE ANTONIO SARDINHA.

Os mortos vivem!...

Por Tavares Ferreira

JA uns dias se passaram sobre a morte do grande *Mestre* ANTONIO SARDINHA!...

É porque ele morreu eis-nos aqui, em romagem de luto, desejosos de pagar um tributo que é devido ao grande morto, á sua memoria, á nossa terra que o perdeu, e para cujo engrandecimento trabalhou e ensinou a trabalhar, no sentido duma restauração pura das letras patrias, duma renovação integral de virtudes e de glorias nacionais.

Dizem que Antonio Sardinha morreu, mas, puro engano!... Ele está conosco, marcando ainda hoje a marcha do nacionalismo, pela força dos seus livros, e ainda pela sua lembrança, tão fortemente vincada na alma da mocidade.

Quem o viu, quem o ouviu e quem o leu, não pode, mesmo que queira, esquecer o imperativo de suas lições em que agasalhava docemente o nome, o amor santo de Portugal!

Nesta nossa terra são os mortos quem mais vive!...

Portugal dos argonautas, mais perto de ti andam hoje os teus mortos — santos e herois — e comandados por eles, isto é, pelo teu Passado, andamos nós unidos pelo pregão do Ideal, acareando e demandando os dias floridos d'outrora.

São os teus mortos que nos dão vida!...

São os mortos que nos comandam!

Sim, são eles, as suas cinzas peneiradas, e perdidas pelo vento, os timoneiros firmes da nossa frota redentora da "piquena casa lusitana,,", frota que andar^á, até que Deus o queira, sofrendo os rudes temporais neste quadro de mizeria — a sociedade portuguesa!

Por teu amor, Portugal, viveu o nosso *Mestre*, foi por ti que ele trabalhou, dando-te o melhor da sua vida, a sua intelligencia e a sua religião, e é ainda para que te redimas, que o mesmo *Mestre* nos assiste e dá alento neste torneio de triunfo em que as almas da tua gente moça — uma confraria intrepida — dão combate decidido ás milicias do mal-fazer, nascidas do desatino de nossos pais e fartamente alimentadas pelo egoismo d'hoje.

Acamaradaram nesta hora de luto os corações portugueses!...

Todos eles andam envoltos nos mesmos crepes de dôr, mas servindo ainda e sempre de guarida amiga, ao proposito sincero duma reacção organica que Antonio Sardinha preparava em vida, e que na morte exige de nós, — porque fomos e somos hoje, como seremos sempre, os seus discipulos de Coimbra.

Que a nossa vontade seja a sua, e que mais perto sempre do *Mesire*, saibamos trilhar o caminho da Fé da Patria, o caminho da Religião, agora e na hora da nossa morte. *Assim seja.*

A esmola da viuva

Como o Evangelho conta . . .

Por Leão Ramos Ascensão

"*Gil Vicente*," abre hoje as suas páginas aos amigos de Antonio Sardinha, para que nelas digam da sua saudade e recordem comovidamente a obra magnífica que êle deixou e o muito que dêle havia a esperar. Pôr-se-há em merecido destaque o poeta, o historiador, o ensaista. . . todas as facetas do talento de António Sardinha, o Mestre insubstituível, o guia das inteligencias da minha geração, que o acompanhavam confiadamente.

Em volta do seu ataude, de Elvas a Monforte, formou a ala da imorredora esperança lusíada, alentada, ainda com o coração amachucado, pelas palavras fortes de Hipólito Raposo. Hoje, passado um mês, o estandarte do Integralismo ergue-se bem alto, coberto de crepes embora, "porque nêle nos deixou Antonio Sardinha, vivo e escondido, o seu próprio coração!," Honrando a sua memória, nós gritamos a nossa fé nacionalista, de que êle foi um apóstolo denodado. Queremos aceitar com energia heroica o sacrificio que nos foi imposto, em expiação dos erros tremendos dos que nos antecederam, conspurcando o património dos nossos maiores, cujas lições renegaram, e legando-nos o triste

espólio que hoje usufruimos. Temos fé! E como a teríamos, se não fôssemos haurir ao Passado o ânimo que nos faltaria nesta derrocada de ignomínia?

Repudiamos o presente e procuramos ligar o futuro ao passado, para que se restabeleça aquela continuidade segura de que os princípios de 89 nos afastaram.

Morreu António Sardinha? Foi uma grande desgraça, foi! Mas êle o disse: "Acima de tudo, a vontade de Deus!, Bendito seja Deus! Os Seus desígnios são impenetráveis, e nós curvamo-nos. Curvamo-nos, e logo, como última e perene homenagem, nos comprometemos a batalhar mais fortemente pelo Portugal que êle tanto amou, pelos princípios eternos que êle advogou e cuja semente hoje vai germinando pelos espiritos alarmados com a onda barbara que avança. A onda galgará. Mas depois da sua passagem os nossos princípios hão-de informar a sociedade que se ha-de reconstruir, porque mais ressaltarão a sua Beleza e a sua Verdade imperecíveis.

Aqui estamos! António Sardinha não pode ser esquecido!

Como o Evangelho conta. . .

Chegado ao gasofilácio, eu não deitei tudo o que me sobrava, porque nada me podia sobrar. Mas da minha mesma indignência deitei tudo o que tinha — o meu coração de português. . .

Coimbra, 10 - 11 - 925.

Egas Moniz

« Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo oferecido... »

CAMÕES.

TAMBEM tu me visitas, cavaleiro,
embora estejas outro, de mudado,
com êsse porte que era sobranceiro,
cinjindo agora uma alva de enforcado!

Egas Moniz... E dentro o nevoeiro
contempla-me o barão assinalado.
A gorja oprime-lh'a um cordel grosseiro
e o corpo vai-lhe em vida amortalhado.

Só p'ra acudir a um reino pequenino,
afronta a ira negra do destino
e torna-a branda com o seu suor.

Errante como êle em terra alheia,
pudesse a dor que o peito me golpeia
abrir caminho ao Portugal-Maior!

DE ANTONIO SARDINHA.

Antonio Sardinha

Do seu espirito cristão e nacionalista

Por R. Galvão de Carvalho

Há espiritos ungidos de uma graça estranha, graça transcendente que invoca a anciedade fervorosa das almas puras que aspiram a Bem-aventurança, — verdadeiros espiritos de eleição, — que, à semelhança de meteoros, deixam sempre na sua maravilhosa passagem pelo mundo ideal do Pensamento, — o fulgor intenso dos seus genios, o rastro luminoso da sua grandeza excelsa!

Irmão gêmeo desses iluminados espiritos que só surgem raras vezes, é o elevado espirito de Antonio Sardinha que ha bem pouco tempo desapareceu do convívio são e amigo de um escol de formação nacionalista, em que Ele era, sem duvida, o seu maior Mestre.

Verdade tinha um jornal espanhol, quando, pela ocasião do seu brusco desaparecimento, afirmava mais ou menos nestas palavras, “que ele era o espirito maximo da intellectualidade portuguesa contemporanea,,,

E’ que o espirito rutilante de Antonio Sardinha — “o maior agitador de ideias que houve em Portugal depois de Antero,,,” como disse o *Correo de la Mañana*, — era para uma sociedade que procurava suicidar-se loucamente no

encheu de coragem para reconstruir o legado imorredouro de que tão indignamente somos herdeiros e mostrar-nos essa beleza imarcessível de antigos portugueses para que o Portugal de Antanho nos encha de fé num Portugal Maior.

Esse alguém foi Antonio Sardinha. A' frente de todos, pujante de talento e de ardor, proclamando a verdade que na verdade se basea, desconcertava os seus mais ferozes antagonistas.

Limpou a terra da caruma, revolveu-a com cuidado e com carinho para juntar torrões dispersos, expulsou a poeira dos alfarrabios e com a sua delicada sensibilidade de cristão e de poeta desvendou um tesouro escondido ou, antes, tirou-o das mãos sacrílegas daqueles que o profanavam, quasi desfeito, despedaçado.

E Antonio Sardinha, esse grande português, devotadamente sacrificado a Deus e á Patria foi sonhar em mais alto "o sonho brando que a Patria está sonhando,,"

Partiu, e nós, geração que com ele aprendemos o melhor que possuímos, maravilhados ante a sua obra, exclamamos resignadamente ao erguer uma prece por sua alma :

*Deixa que a Sombra te emoldure a face
Eleva no silencio a tua voz!*

O teu silencio fala e ainda tem força para calar os malvados de espirito que o espirito queriam mutilar roubando-nos esse legado sagrado dos nossos maiores.

Que Deus te guarde na mansão dos justos como recompensa da justiça que nesta terra quizestes espalhar.

Antonio Sardinha

RECONSTRUTOR DO PASSADO

Por Albano F. Dias de Magalhães

DESDE o alvorecer de Portugal, com o nosso primeiro Rei á frente brandindo uma espada por êste torrão bendito, nós vemos perpassar séculos ora fortalecidos pela valentia de alguns, ora abalados pela cobardia e pelos êrros de outros, até hoje em que toda a maldade se foi avolumando para ultraje de nós todos.

Quanta tristeza sentem aqueles — tão poucos infelizmente — que conseguindo dominar a sua humanidade amam na vida o que ela tem de belo e imortal!

Quanta tristeza e quanta saudade sentimos nós ao ver despedaçada, desfeita e ultrajada, a herança sagrada e espiritual dos nossos Avós!

Mas que tristeza, mas que saudade!

E neste momento tão horrivelmente lúgubre para a nossa história que contou duplamente herois em santidade e em valentia cuja sombra teem procurado desvanecer, viveu alguém envolvido nesse sonho, que fez raiar a verdade quando a mentira a queria encobrir.

Alguem que vencendo o êrro na sua flagrância se

turbilhão ciclópico da Anarquia, como que o vento benfazejo e redentor que vinha arejar as almas enevoadas de Portugal e trazer a elas o divino fogo da fé que criou santos e heróis no Passado.

Por isso, o seu passamento causou profunda e pungente consternação em todos aqueles que viam nele o reconstructor magnifico de uma nova sociedade remida e liberta das utopias barbaras da Revolução Franceza, e firmada sobre as bases multi-seculares da Tradição.

No entanto, já que Deus quiz que o espirito de Antonio Sardinha desaparecesse deste mundo, saibamos, ao menos, comungar no mesmo Ideal que Ele tanto amou para bem de um Portugal Maior, para gloria futura de uma Patria Nova!

Fevereiro de 1925.

== LUSITANIA ==

PAPELARIA

Livros em branco, caixas de papel, postais, tintas e grande variedade em papeis e miudezas relativas a este ramo de negocio -- Objectos de escritorio e ----- escolares -----

Agência da Companhia de Seguros ATLAS ---

TIPOGRAFIA

Officina modelar onde com a máxima brevidade se executam todas as obras concernentes á arte tipográfica ----- e encadernação -----

Imprimem-se jornais, livros, relatórios, cartazes, facturas, memoranduns, ----- cartões, etc. -----

Proprietario: João Pereira da Costa

Rua Gravador Molarinho, 47 — GUIMARÃES

O MESTRE

Por Manuel Alves de Oliveira

ANTONIO Sardinha, que todos choramos, era o nosso Mestre, era o nosso guia atencioso, era o Arauto dos nossos principios que êle soube elevar e engrandecer.

A sua inteligencia posta ao serviço da Patria e das verdades eternas proclamadas por Balzac, era o penhor seguro do nosso triunfo, a certeza absoluta da nossa vitoria.

Com a sua morte perdeu a literatura contemporanea um dos grandes valores, talvez o maior, da nova geração.

Nas paginas dos seus livros vibra sempre a sua dedicação ao Portugal portuguez, o seu amor aos minusculos utensilios caseiros, desde o *trinco da porta* ás velhas sêdas.

Como poeta, Antonio Sardinha soube burilar em sonetos de uma beleza inexcedivel todos os motivos campestres e rusticos, — os arados, as ermidas, os Santos ignorados nas suas distantes capelinhas, festejados em dias de romaria e no cumprimento das promessas dos devotos que recorreram ao Santo Milagroso em dias de aflições e de desanimos.

No exilio, onde Antonio Sardinha esteve depois do fracasso monarchico de 19 de Janeiro, continua a escrever os seus versos e dá-nos a *Côrte da Saudade*, cheia de beleza e de nostalgia pela sua terra distante, livro que o saúdo-

so Mestre me ofereceu e que eu guardo como reliquia sagrada, conjuntamente com algumas cartas suas.

Vem, depois, êsse canto de amôr, *Chuva da Tarde*, em que os seus sonetos teem melodia de encantamento que nos arrebatam e nos enleva. São paginas dôces de poesia bela e de cristianissima ternura. E' o seu ultimo livro de versos.

Em outubro do ano findo, o autor distintissimo de *O Valor da Raça*, — belo estudo em que revela os seus dotes de historiador — reúne nas paginas de *Ao Principio era o Verbo*, trabalhos dispersos em revistas e jornais. São raios fulminadores que derrubam idolos e os reduzem a pó. E' a revisão da Historia, falsificada pelo liberalismo, que se principia fazendo. Reabilitam-se os nossos Reis das campanhas de descredito que o faciosismo dos defensores da Revolução pretendia fazer subsistir.

Com este precioso ensaio, Antonio Sardinha veio reatar o fio da nossa verdade historica, depurando a das ideologias anarquicas do liberalismo; e defendendo a Igreja das arremetidas sectarias, apresenta-a *como representando a mais forte e a mais bela educadora do sub consciente dos individuos e dos povos*.

Tal era a obra tão abruptamente interrompida. Por isso nós choramos, nêste deserto do pensamento e das ideias, o Mestre querido, o nosso guia atencioso, o Arauto-Mór dos nossos principios e dos destinos belos do Portugal de amanhã. Numa Patria derrancada até ao mais fundo do seu sêr pelas ideologias liberalistas, a morte de Antonio Sardinha constituiu uma grande e irreparavel perda nacional.

Quem será o chefe que da confusão sangrenta em que se debate a sociedade portuguesa, levantará nas suas mãos o pendão glorioso da Cruz de Cristo e do Pelicano sangrando, simbolo bendito da Geração do Resgate e nossa esperança maior?

A representação profissional

Por A. de Mello e Niza

DESDE que os dogmas da Revolução Francesa começaram a exercer os seus malefícios entre nós, depressa se fez sentir o principio de anarquia economica que continham.

O liberalismo, de adaptação anglo-saxonica, mantém intimas relações com o democratismo, embora na sua feição economica possa ser considerado independentemente da forma politica. Mas o liberalismo economico conduz ao liberalismo politico, e vice-versa.

Pela essencia da sua doutrinação o liberalismo torna-se democratico. E o uso do *processus* democratico tem como ultimo termo a anarquia.

Destruído o Estado na sua forma tradicional, experimentalmente reconhecida como a correspondente a um temperamento particular da raça, deixou-se a Nação indefeza contra o perigo interno de desagregação dos seus elementos vitais.

As crises que poderiam ser facilmente vencidas sob a autoridade de um Chefe responsavel, actuando eficazmente no desenvolvimento da produção, arrastam-se insolúveis no

decorrer do tempo, sob a férula de um poder anónimo e irresponsavel.

Deixando-se ao povo o cuidado de definir e estabelecer a organização social por meio da lei das maiorias, proclamando *ultima ratio* o sufragio, basta atentar nas ficções absurdas creadas pela sua dinamica para se reconhecer quanto ficam mal parados os interesses nacionais, sujeitos ao inconsistente sistema que faz assentar o principio de autoridade na volubilidade e inconsciencia das multidões.

O objectivo da prosperidade e grandeza nacionais difficilmente pode ser assim alcançado no entrechocar das paixões e dos interesses particulares.

Laissez faire, laissez passer. E os homens espertos lançaram-se ousadamente à conquista do velo de oiro que na sociedade democratica e liberal iria dar o predominio á plutocracia.

A reacção contra as consequencias desta doutrina irracional e deshumana que criava a miseria social e destruia a moral, iam patentear-se no desenvolvimento das doutrinas socialistas, que, filhas do mesmo conceito egoista, da mesma crença na perfeição humana, se opunham ao dogma liberal, pretendendo dar á vida social uma organização ideal, que não se conformava com a realidade, ou caminhando na sua corrente extremista para o despotismo mais feroz que a historia assinala.

Ficou-se debatendo o Estado moderno entre as imposições contradictórias destas duas correntes, uma sustentada pelos burguezes enriquecidos, outra pela classe dos operarios.

Eis a consequencia de um sistema politico, que, ao invéz do conceito biologico em que faz assentar a sua doutrina, dissocia os órgãos da vida nacional, para lhes dar uma liberdade estiolante.

Forçoso é separar dois aspectos da questão, que são,

embora, por natureza interdependentes: o politico e o económico.

Quanto ao primeiro, temos que deferida a soberania ao sufragio (concepção abstracta) foi atribuido a cada cidadão o direito de interferir na resolução de *todos* os negocios publicos, em termos de perfeita *igualdade*, por meio da escolha de representantes enciclopedicos.

Creou-se assim uma casta, os politicos, pessoas que generosamente se prestam ao duro sacrificio de incarnarem periodicamente a figura do Estado.

Essa casta, porem, dividiu-se em varios grupos, os partidos, que se degladiam, não por uma divergencia fundamental de opiniões, mas pela posse do poder e inherentes benesses.

A essas divisões da casta (casta no sentido de grupo fechado com uma morai propria) se acolhe o gregarismo indigena, levado inconscientemente por conveniências particulares ou por crenças mal definidas.

E aí está como partindo a soberania do Povo, o mesmo povo só a pode exercer inspirando-se nos que de facto a exercem.

A ficção constitucional é o apanagio dos partidos e estes são apenas uma adaptação acidental de circunstancias a que, de facto, a Nação é alheia.

Porque não se pode compreender que a vida nacional possa estar dependente dos votos suicidas de uma maioria heterogenea, em que predominam os incapazes.

O Povo exercendo sobre si proprio a soberania exclue o principio fundamentalmente humano da subordinação a uma autoridade.

Isto se deduz da propria existência do sistema eleitoral. O mutuo consenso não se verifica onde existem as minorias, já porque a isso se opõe a razão, já porque não existe o *pacto*.

Pela propria natureza do direito, o desacordo com uma decisão da maioria, pode originar a rebelião, em vista da

irrevocabillidade e da não existencia de um poder superior susceptivel de evitar os desmandos do grupo mais forte.

Sua Magestade o Congresso, como se apelidava a primeira Camara vintista, é um poder despotico, autocratico.

Das suas deliberações tumultuarias, incoerentes, não ha agravo, nem apêlo.

Ora este facto dá-se em virtude de perante o soberano não terem jus os órgãos naturais da *cidade*.

A tradição municipalista da nossa formação romanica, que os liberaes mantiveram nominalmente, num arremedo indecoroso, não tem representação politica perante o Estado, tendo só valor politico para os partidos.

As associações profissionais, os grupos economicos, são vagamente tolerados quando não perseguidos, como contrarios á *liberdade*.

O essencial é o direito do eleitor. O homem que trabalha e produz só é conhecido do Estado para o lançamento das contribuições. Politicamente equivale-se ao vadio.

A representação politica das corporações profissionais foi tentada no governo de Sidonio Pais, mas de uma forma que não pode deixar de ser considerada insufficiente.

O Senado teria representantes eleitos pelas associações entrando na soma aritmetica das deliberações.

A inclusão destes representantes numa assembleia eleitoral deliberativa é precaria por que não pode, nem deve, suprir a violencia do numero.

Justifica-se apenas como elemento tecnico de consulta e pela possibilidade de fazer ouvir mais alto uma reclamação.

Alguns escritores que reconhecem as deficiencias e inconvenientes provados do parlamentarismo tem sugerido a ideia de dois parlamentos, um politico, outro economico; o primeiro eleito por sufragio directo, o segundo composto de representantes.

Anda nesta corrente uma falta de vontade de resolver salutarmente o problema, em holocausto das cansa e veneravel deusa Razão.

E' um erro fundamental atribuir ás actividades economicas uma influencia decisiva na vida do Estado.

A autoridade politica só pode residir em quem seja isento de dependencias de qualquer natureza.

E' por isso que o sistema monarchico oferece vantagens incontestaveis.

Quanto á representação politica dos cidadãos de nenhum outro modo ella se pode exercer mais praticamente do que nas autarquias locais, que conhecendo os interesses peculiares de um agregado de familias poderão representar perante o Estado, com maior eficacia, a legitimidade dos direitos e pretensões do povo.

A representação profissional deverá começar junto dessas autarquias desenvolvendo-se em escalas sucessivas por cada grupo economico (a viticultura, o trigo, as artes e profissões liberais) de que participem todos os seus elementos componentes, patrões, tecnicos, operarios, até á formação de um órgão central coordenador, em contacto directo com o Estado e com representação nas Côrtes Gerais, a par dos representantes dos Municipios, da Igreja, do Exercito, da Magistratura.

Uma assembleia desta natureza exclue forçosamente o verbalismo inutil dos parlamentos, desde que a sua função seja consultiva com relação aos casos emergentes da vida administrativa.

Será só decisiva quanto ás questões que exigem o consentimento expresso da Nação, como o lançamento dos impostos.

Nas resumidas considerações que acabo de fazer sobre a representação perante o Estado não ficam desenvolvidas as consequencias de uma organização profissional perfeita-

mente integrada no Estado, o que será objecto de outro artigo.

Hoje, perante uma questão palpitante de actualidade, quiz apenas salientar as inconsequencias do liberalismo politico dominante, em virtude do qual é possível que uma só classe social, adoptando uma tactica politica habil possa apoderar-se do poder, influindo nos destinos da Nação.

E' tão inadmissivel que a Nação seja governada por um *soviet* de soldados, de operarios ou de comerciantes, como por um grupo de *profiteurs* de uma baixa e mesquinha politica partidaria.

A representação profissional, organica, disciplinada e restricta á politica do trabalho e da produção, condiciona o ressurgimento nacional.

«Nação Portuguesa»

Revista de Cultura Nacionalista

Propagar a «Nação Portuguesa» é contribuir para o renascimento e restauração da Patria. Nenhum bom português deve deixar de assiná-la e divulgá-la.

Redacção e Administração.

Rua da Horta Seca, 7-1.º — LISBOA

Casa NUN'ALVARES

- DE -

L. GONZAGA PEREIRA

Antiga Rua da Rainha, 53, 55

GUIMARÃES

Livraria literária, escolar e religiosa. Sempre novidades. Papelaria: Papéis de carta, almassos, etc. Completo sortido neste ramo. Grande sortido em artigos religiosos como estampas, livros de missa, terços, medalhas, imagens, etc. Modicidade de preços.

“Terra em Brasa”

Por Pires de Lima da Fonseca

Honra-se hoje sinceramente esta revista em publicar um excerto do romance de Pires de Lima da Fonseca, jornalista e escritor distintissimo que nas paginas de *a Monarquia* deixou bem vincado o seu valor.

Com a publicação dêste excerto o “*Gil Vicente*,” deseja exprimir o apreço em que tem o esforçado talento de Pires de Lima da Fonseca, nosso querido companheiro na jornada do Resgate.

• • • • •
♦Essa chamada libertação do povo, não é senão a mais feroz escravatura.

— Mudou para peor, porque a escravidão a que os seus amigos de Peniche o levaram é bem mais sinistra que a antiga. A vida tornou-se-lhe mais pesada porque encareceu e as chamadas reivindicações para que o cinismo dos especuladores da sua credulidade o atiram, cavaram entre ele e as classes que utilizam o seu trabalho, uma atmosfera de desconfiança bem diferente da acolhedora simpatia com que o tratavam.

Tiraram-lhe tudo quanto interessava á sua vida moral e ainda algum bem lhe podia fazer; religião, crença, tradições e deram-lhe em troca clubs, jornais que ele não entende, e, sobre tudo, discursos, muitos discursos, para o excitar, para acabar de o desnortear, no vasio horrivel em que o desgraçado se vê só. Não houve laço moral que não procurassem partir-lhe, substituindo tudo quanto dantes fazia a sua alegria e o seu conforto pela miragem de uns principios que ele aceita de braços abertos, na necessidade instintiva que todo o homem tem de crer em alguma coisa.

A Angelica seguia cheia de atençaõ o raciocinio do Faria. Não tirava os olhos da mãe de D. Maria da Gloria que agora escutava o professor com a cara inundada de um clarão de intelligencia.

Mas em baixo começou o sussurro da multidão que se agitava. Garotos corriam para a rua Ancha e agora, lambendo a Arcaria, manchando as paredes de luz sangrenta, um grande lumaréu abria na guela estreita da rua uma alvorada tragica.

— Meninas! Ahi vem a procissão:— gritou numa das salas D. Luiza e tudo se precipitou em risinhos surdos para as janelas.

Avisinha-se o estalar seco das matracas. Passa o Enterro do Senhor.

Sôa o *Requiem* em onda sonora que ecôa como lamentação funebre. Uma voz cava, funda, imensa, feita da ancia de muitos peitos, enche o ar num coral resado de dôr, de tristeza e de luto que anuncia o Corpo Santo. Os archotes sangram. Passa a Misericordia de negro; com os capuzes dos farricocos tombados sobre a cara.

Os irmãos caminham lentos, envoltos na luz livida das tochas, encarapuçadas de globos de papel, filtrando uma luz de opala. Regressão de milagre á Fé medieval. De novo o *Requiem*, compassado, lento, enorme, a que só faltam as penumbras ogivadas de uma catedral para evocar terrores asceticos, jejuns fanaticos, dores misticas de salvação entre os pavores do inferno, resôa como um brado lugubre pelos ecos graniticos das arcarias.

Alvejam sobrepelizes. Vem aí o esquife. Os padres carregam-no aos hombros com a cabeça coberta do dó branco dos linhos. Maria de Madala chora o Divino Mestre a quem ungiu os pés com o balsamo das lagrimas e lá vem S. João Baptista e José de Ari-

matêa acompanhando o cadaver do dôce Galileu de perfil suave que morreu pelo sacrificio da Verdade.

Cobre-lhe o corpo inérte preciosa lhama de oiro. Vibram cristações de luz, acendem-se faiscas no tecido que bamboleia ao ritmo baloiçado da tumba. Dois mil anos da angustiosa tragedia, vivem na fantasmagoria dilacerante desse quadro, que a retina de Gréco visionaria no delirio magnifico de uma téla mergulhada em sombra em que pairasse o terror gelido da morte.

A Praça é uma cripta silenciosa. Nem o chôro de uma creança rasga o ar espêsso do recolhimento em que a multidão se afunda.

Tremem luzes. Oscilam as lanternas dos turiferarios, e o *Requiem*, a espaços, lembrando á vida a morte que passa, é o soluçar agonico da humanidade chorando o Mestre. Soam passos surdos em cadencia. Pelas janelas a linha negra das mantilhas oscila, flutua, desaparece na curvatura das orações, e, em baixo, o povo, de cabeça descoberta, dobra os joelhos ante a magestade da Morte que passa.

As matracas dão o alarme. Trap-trap-trap. O *Requiem* responde com um soluço fundo de dôr que se não domina.

A linha luminosa das tochas vai-se perdendo como cobra luminosa ao longo das paredes da rua do Paço e a Senhora da Soledade passa, olhos vitreos de lagrimas, mãos goticas abrindo-se a segurar a toalha que enxogou o suor da Agonia. O andor baloiça, oscila, treme, e a imagem caminha, como que flutua de estatico olhar no corpo que lá vai entre incenso e *requiens* caminho do tumulto. Retinem clarins roucos. Os tambores rufam surdamente. Espicaça o ar a floresta scintilante das baionetas e das espingardas. Uma onda faiscante de metal, inquieta, tremeluzente, ondula num fluxo de aço que chispa, faisca a espaços, em scintilas de prata e oiro, sob a luz vaga e tenue das lanternas que cercam as janelas. Povo, povo, mais povo. A cidade acompanha o Morto. Mantilhas e lenços de seda, cabeças descobertas, velhos tropegos, gente dos campos e da cidade, mulheres e crianças, tudo confundido na multidão anonima argamassada no mesmo sentimento.

Aos poucos a praça vai-se esvasiando. Lentamente as lanternas apagam-se, as sacadas despovoam-se e só ao longe, como eco de lamentação que lentamente se perde, se houve ainda o *Requiem* numa queixa funda de dôr que não tem esperanza.»

D. Frei Chyrso de Guimarães

NOVELLA MINHOTA

POR

Fernando da Costa Freitas

II

PERO Thadeu Furtado Pereira de Souza Carvalho e Faria do Cidral ou, tão só, Pero Cidral, nomes pelos quaes era geralmente conhecido, tinha sido convidado por seu tio paterno o Dom Abbade do Real Mosteiro de Santa Marinha da Costa (1) para saborearem juntos um delicioso saguate de trufas e ovos mólles com o seu amigo D. Raymundo Braz, capitão de cavallos e corregedor da comarca d'Aveiro, — por sua Magestade Fidelissima —, lhe enviára, dias antes, como mimo de muita raridade e muita estimação.

Pero Cidral recebeu de sobreceño carregado e má catadura; como era seu costume, o convite que lhe trouxera, de viva-voz,

(1) Extracto da 'Noticia da fundação' publicada a paginas 175 do vol. XXIX da «Revista de Guimarães» correspondente ao mez de outubro de 1922:

«Principiou este Mosteiro a Rainha D. Mafalda, mulher do Snr. D. Affonso Henriques, e o deo aos conegos Regulares de Santo Agostinho em 1139 com o titulo de Santa Marinha V. M. Portugueza, com muitas rendas, os quaes habitarão n'elle até 1528 em que D. Jayme de Bragança, estando o Mosteiro deshabitado pela relaxação dos referidos conegos o pedio ao Snr. D. João 3.º para os monges de S. Jeronymo com o beneplacito do Papa Clemente 7.º».

um dos numerosos creados (1) do Mosteiro, mas lembrando-se, de repente, que nas refeições e merendas da comunidade, por mais modestas e insignificantes que fossem, o vinho corria sempre a jórros, talqualmente como nas vastas dependencias do Real Mosteiro a agua (2) abençoada das suas minas e das suas fontes, bailava, brincava e luzia no brunido dos gomis e das amphoras de prata, no crystal facetado das botelhas esguias e das taças transparentes, no bôjo dos copos e dos éangirões, como as anedoctas e os ditos de espírito nos labios arqueados e levemente irónicos de D. Frei Thyroso de Guimarães (3), ou ainda, como nas suas mãos aristocraticas, a amethysta do anel abbacial, Pero Cidral deixou que a sua physionomia glabra se abrisse n'um sorriso satisfeito, o que nele era raro, agradeceu a amabilidade, acrescentando que não faltaria no dia e hora indicados.

Depois encaminhou-se vagarosamente para a cocheira do palacio dando ordem para que lhe aparelhassem o «zarco» no dia seguinte pela manhã.

De facto, no dia immediato Pero Cidral dirigiu-se para o Real Mosteiro de Santa Marinha da Costa no seu cavallo predilecto fazendo-se acompanhar por um escudeiro que envergava, para o

(1) Dezoito, nada menos, para uma comunidade que em 1787, contava ou se compunha de 28 monges e 2 leigos da sua filiação, conforme reza a informação prestada á *Ordem Régia* em 29 de novembro do mesmo ano e está publicada a paginas 184 do já citado n.º da referida «*Revista*».

(2) «Corre este Dormitorio de Norte a Sul e finalisa em hua fermosa barranda cuberta por sima em geyo da qual está hua fonte de Agoa semelhante á do Claustro, só com differença que o seu Tanque he quadrangular: as primeyras quatro bicas são quatro homens de bronce a cavallo lançando os seus cavallos agoa pellos narizes, boccas e orelhas».

«Tem mais este Mosteiro hu bom e dilatado cerco ahinda que a mayor parte delle muy custoso de andar por ser na Costa da Serra de Santa Catherina. Consta de muitos carvalhos e castanheyros, muitas agoas e boas hortas com alguns pomares».

Paginas 61 e 62 da mesma «*Revista*» vol. XXVII de abril de 1910.

«Tem o cerco uma presa d'agua, que vem de fora do cerco, de 75 passos de circuito e dizem que 15 d'alto. D'esta presa moem 3 moinhos, etc. etc.» Pagina 182 do vol. XXIX — outubro de 1912 da referida «*Revista*».

(3) «Pello santo costume que havia nesta Religião e se conservou muitos annos depoes não uzavão os Religiosos de outros Apelidos mais do que os das Terras donde erão naturaes».

Paginas 55 do citado vol. XXVII.

effeito, a libré azul escura da sua casa, onde os botões doirados e os debruns claros do entrançado punham uma nota alegre e viva de asseio, riqueza e distincção, e imitando assim os ricos e faustos monges de S. Jeronymo quando, durante o dia, desciam á villa em visitas de cumprimentos, ou percorriam, tão só, os arredores do seu convento, em excursões venatorias, ou em passeios recreativos.

Chegados á portaria do Mosteiro, depois de terem ladeado as grandes escadas de pedra e o bonito cruzeiro que lhe ficavam em frente, Pero Cidral passou as redeas ao escudeiro, desmontou-se, verificou nos coldres pendentes do arção da sella, as pistolas damasquinadas, correu a mão pelas crinas do cavallo deu-lhe uma palmada na anca, fitou-o por algum tempo, como a querer certificar-se da sua agilidade e da sua resistencia, e, sacudindo depois, summariamente, o pó que, durante o percurso, havia poisado, ao de leve, sobre o seu corpo herculeo e sobre o seu fato vistoso, como as abelhas e as vespas sobre as amoras e as urzes do caminho, pediu ao frade porteiro a mercê, logo attendida, de o fazer annunciar a Sua Reverencia.

Dentro em pouco encontrava-se Pero Cidral na presença do seu illustre tio e depois dos cumprimentos que entre ambos se trocaram, o D. Abbade convidou o recémchegado a sentar-se n'uma ampla cadeira d'espaldar que lhe indicou e nas costas da qual se via, em alto rubro, o brazão d'armas de D. Thyrso, sob as insignias do seu alto cargo — o báculo e o chapéu episcopaes.

Estamos, portanto, nos aposentos particulares do D. Abbade, os mesmos, talvez, que foram occupados, outr'ora, pelos infantes D. Duarte filho bastardo de D. João III e D. Antonio filho do infante D. Luiz e neto do rei D. Manuel, quando frequentaram, no Real Mosteiro de Santa Marinha da Costa, «*as aulas dos primeiros estudos que teve este Reino antes da Universidade de Coimbra*» (1).

D'ali se descobria a *antiga, insigne e nobre Villa de Guimarães* (2), com a sua casaria branca, como um veu de noiva, e a sua muralha ennegrecida, como um habito d'estamenha; d'ali se viam, desde os alcantis da Penha ás planicies de Creixomil, os carvalhos annosos, e outras arvores vetustas erguendo-se como soberbos ti-

(1) Paginas 181 do vol. XXIX da «*Revista de Guimarães*» outubro de 1912.

(2) Só elevada á cathogoria de cidade por Decreto de 22 de Julho de 1853 sendo rainha de Portugal D. Maria II.

tans por entre os prados verdejantes em que ella assenta, prados que se estendem e alastram como uma enorme e ininterrupta mancha verde negra pelas faldas da serra de Santa Catharina.

Panorama deslumbrante e suggestivo, com effeito!

Casas, hospitaes, asylos, albergarias, egrejas, oratorios, conventos, cruzeiros, hospicios, palacios, capellas, monumentos, officinas, e a destacar sobre tudo isso, que olhava ao ceu e que olhava ao alto, que fallava ao coração e que fallava ao espirito, — o *Castello!* —, como um enorme, collossal marco miliario, tão grande como os altiloquos feitos de que foi auctor e comparsa, juiz e arbitro, parte e testemunha! . . .

Era, enfim, todo um passado de prosperidade e de grandeza épica e muitas vezes secular, que se desenrolava, erguia e revivia perante o olhar embevecido, orgulhoso e entusiasta de D. Frei Thyrso, — como a cada momento, em sua alma, as mais affastadas, as mais queridas e as mais gratas recordações da vida! —, e synthetisava a força e a energia d'uma raça de luctadores e de pioneiros que o tempo não tinha podido alterar, mas que se apresentava pelo contrario, com todas as características d'uma herança abençoada e soberba, — iniciativa, audacia, morigeração, honestidade e trabalho —, que havia de ser eterna porque assentava na honra de todos os vimaranenses, era feita da aspiração de todas as almas e do desigño de todos os corações!

«*Hoje como hontem, amanhã como hoje*», tal devia ser a divisa d'essa terra illustre e circundar o seu brazão glorioso e devotissimo — em campo de prata a imagem de Nossa Senhora da Oliveira vestida de vermelho com manto azul, sustentando nos braços o Redemptor do mundo, e empunhando na dextra um ramo de oliveira, — a arvore do trabalho e da paz! —, timbrado com um coronel de duque ⁽¹⁾ —, se os chronistas vissem aquillo que se passa á volta de si no momento preciso em que os factos succedem e a Historia não fosse feita, geralmente, sobre dados e informações recolhidas por escriptores e historiographos de epochas posteriores e assim, com lacunas, erros e omissões faceis de dar e facilimas de escrever. Este o motivo porque, estando ainda por fazer, com toda a precisão e em toda a sua magnitude, a historia da velha ci-

(1) E' um dos que figura em *quinto lugar* de honra entre os *dezasseis brazões* que circundam a base da estatua de D. Pedro IV em Lisboa. Data de 1342 reinando em Portugal D. Affonso IV. Vide P.^o Ferreira Caldas vol. I paginas 58 e seguintes da obra citada: «*Guimarães*» etc.

dade minhora, se ignoram factos que, quando algum dia forem conhecidos, a hão-de collocar entre as primeiras, — senão a primeira —, de todas as que constituem a nossa nacionalidade pela sua iniciativa, tenacidade, persistencia e esforço, em prol da civilização e do progresso de todos os tempos, desde os mais affastados, esquecidos e remotos, aos actuaes.

Finalizando, n'esta altura, a digressão que a justiça impõe, o amor patrio justifica e a saudade acompanha, — como o alento, o ar e a luz! —, analysemos os caracteres de D. Frei Thyrso e Pero Cidral, — tão differentes e antagonicos, apesar de usarem os mesmos nomes e correr nas suas veias o mesmo sangue illustre.

Não sabemos se, mesmo tratando-se d'um homem cumulado de virtudes, que foi alguém no seu tempo e no seu meio, a justiça e a boa-razão permittem que se lhe descreva a vida de piedade e de sacrificio, embora a traços largos e incertos, como não pode deixar de ser, nas paginas breves, fugidias e imperfeitas, duma novela como esta.

E ainda, se não corresponde a um sacrilegio, perturbar no derradeiro somno, — já ha tanto tempo começado —, aquelle que, desenganado das illusões do mundo, convencido da inanidade dos bens terrenos, subjugado, dominado, vencido, enfim, pela cruel realidade das coisas, vista, comprehendida, palpada, dia a dia, hora a hora, nas successivas e incontroversas manifestações da Verdade, — pura, real, absoluta! —, procurou no socego da vida conventual, — vêr o mar e não ouvir o rugido das suas tormentas; vêr o ceu e não ouvir o ribombar das suas trovoadas; vêr a terra e não ouvir o fragor das suas luctas! —; no recolhimento da clausura; no fervor da oração; no alheamento e no mysticismo duma vida puramente espiritual e contémpativa; no extase e no enlêvo da alma e dos sentidos e no exemplo d'uma existencia modelar, o esquecimento e o perdão de todas as paixões humanas, — todas! —, as boas e as más, as bemfazejas e as ruins, as puras e as impuras, as permittidas e as condemnadas, as que vivificam e as que mattam, fechando o coração ás tentações das primeiras e resgatando as segundas com jejuns, flagellações e penitencias, muito tempo antes que a morte trouxesse ao seu corpo cansado e ao seu espirito abatido, — como o roble que a tempestade derruba, — essa paz feita de sombras e de saudades que é o unico refugio, — e quem sabe até se a unica recompensa! —, d'aquelles que, como D. Thyrso de Guimarães, muito soffreram por que muito amaram!

E' claro que um homem que pensava e procedia desta maneir-

ra havia de possuir, necessariamente, uma alma onde se abrigassem os mais nobres e generosos sentimentos, as mais bellas e preclaras virtudes, os mais altos ideaes, emfim, de Amor, de Bondade e de Justiça, o qual, sendo severo consigo proprio para as culpas e as fraquezas que, em verdade, não tinha, era, no entanto, d'uma indulgencia toda feita de brandura, de suavidade e de carinho, para as culpas e fraquezas alheias, aliás numerosas e graves, como bem se comprehendia pelas muitas confidencias que lhe segredavam e pelas muitas confissões que lhe faziam, — na dôce tranquillidade da sua cella, ou no sagrado e acolhedor retiro da sua igreja!

Isto com tanta maior assiduidade e insistencia, quanto eram muitas e excepçoes as indulgencias, graças e privilegios, concedidos aos frades do Real Mosteiro da Costa, não só pela Bulla do Papa Leão X ⁽¹⁾, mas ainda pelo Alvará do Infante D. Henrique, então arcebispo de Braga, passado em Évora a 27 de setembro de 1535 ⁽²⁾.

Quanto a Pero Cidral, constituia o mais completo e flagrante contraste com o seu illustre e venerando tio.

Tudo quanto n'este era bondade, humildade, doçura, era n'aquelle egoismo, soberba, vaidade, altanaria.

Atribulario e despotico; invejoso e odiento; arrebatado e impulsivo; mau marido, mau pae e mau visinho; pleteador e demandista, nas muitas e differentes questões que em juizo puzera, — e perdêra —, tinha compromettido uma parte importante da sua avultada fortuna — que aliás não ganhára, e que ia perdendo pela forma mais gloria.

⁽¹⁾ Por esta Bulla, promulgada no anno de 1519 concedia Leão X a requerimento d'el-rei D. Manoel «a todos os conventos de Portugal que então havia e de futuro houvesse, todas as graças, privilegios, liberdades e immuniidades, favores, prerogativas e indulgencias e indultos espirituaes e temporaes que se tivessem concedido e houvessem de conceder a nossa Senhora de Guadalupe e a Sam Bertholameo de Lupiana e a todos os mais Mosteiros da Ordem de S. Hyeronymo em Castella e Aragom e que attendendo a petição do dito Rey queria que des que havia e se ouvessem de conceder gozassem para sempre os Mosteiros, os Piores, os Religiosos, os Novissos, os familiares e todas as pessoas presentes e futuras dos ditos Mosteiros de Portugal que existião e podião existir».

Vol. XXVII da «*Revista de Guimarães*» paginas 71 e 72—abril 1910.

⁽²⁾ Por este Alvará D. Henrique «cometia as suas vezes por tempo de cinco annos somente para absolver no fóro da penitencia dos casos a elle, (infante e arcebispo), reservados, aos confessores, postos pello Prior d'este Mosteiro ou pelo vigario em sua ausencia».

Mesmo vol. e mesmas paginas da referida «*Revista de Guimarães*».

Ainda assim não desanimára, — nem se arrependêra —, visto que no momento em que o collocamos frente a frente dos nossos contemporaneos, com todos os seus defeitos e as suas más qualidades, trazia elle em litigio, uma importante questão d'aguas, — que lhe teria dado agua pela barba se Pero Cidral usáse este attributo masculino.

D'estatura regular, compleição forte e sádia, fallas incisivas e cortantes como o gume d'uma espada, olhar duro e incerto, Pero Cidral tornava-se sobretudo antipathico pela sua desmedida vaidade e pelo seu extraordinario orgulho.

N'estas condições é facil de calcular que Pero Cidral não tinha amigos, antes pelo contrario, e que por esta mesma razão, quer nas suas digressões extra-muros da terra em que nascêra, quer até nos seus mais curtos e menos demorados passeios, se fazia acompanhar sempre por um creado de confiança devidamente armado e municiado, — para o que desse e viesse —, talqualmente como, muitos annos antes, o celebre heroe Manchego, — «cavalleiro audaz, fidalgo engenhoso», — ou como o proprio Tartarin de Tarascon, muitos annos depois.

Foi por isso tambem que o sobrinho de D. Frei Thyurso de Guimarães, apenas chegou em frente da portaria do Mosteiro, se deu pressa em verificar as pistolas que levava e em examinar, attentamente, a sua montada — visto o regresso a casa fazer-se a horas tardas, o caminho ser mau, e a noite... má conselheira!

Ora Pero Cidral acostumara-se, depois de certa epoca, a ser prudente e cauteloso, — ou elle não soubesse as contas que devia fazer á sua vida em vista d'aquellas que os seus inimigos, — e as suas victimas —, tinham promettido ajustar um dia, mais cedo, ou mais tarde, com a sua pessoa.

«Quem não deve não teme», diz o ditado, e Pero Cidral temia — porque devia!

Eulalia Couto

PARTEIRA MUNICIPAL
Rua 31 de Janeiro, 111

A 2.^a Divisão Portuguesa na Batalha do Lys

Sendo este numero o correspondente ao mês em que se desenrolou o tragico combate do *9 de Abril*, não queremos nem devemos deixar de comemorar essa data tão cheia de heroismo e de tragedia.

Torna-se, assim, oportuna a transcrição de um capitulo do admiravel livro do nosso prezado amigo senhor major Vasco de Carvalho «*A 2.^a divisão portuguesa na Batalha do Lys*», livro em que se revela a heroica acção dos nossos soldados na Flandres.

ESTAVAM nesta povoação alem do Quartel General da Brigada e do Comando do 6.^o G. B. A. o Batalhão de Inf. 3 — reserva do sector — e ainda duas companhias de sapadores (a 3.^a e a 2.^a).

Vimos já que, devendo a reserva ser normalmente constituída por um batalhão e uma companhia, na noite de 8/9 não contava senão duas companhias a 1.^o, do alferes Ribeiro da Lage, e a 2.^a, do tenente Gouveia Durão. Não indo muito alem de 550 espingardas o efectivo util do batalhão, pode, pois, calcular-se em metade, o efectivo total da reserva do sector em 9 de Abril.

As companhias de sapadores não tomaram, como já atrás ficou dito, parte efectiva na batalha, não tendo chegado a ser utilizadas.

Servia de posto de comando da 4.ª Brigada um pequeno abrigo ainda em construção entre a casaria semi-arruinada da Rue de la Gare.

Tendo sido destruído pela artilharia inimiga o abrigo, que dias antes havia sido construído no campo á retaguarda do antigo Quartel General, a construção deste, cuja ossatura de chapa de ferro estava sendo então coberta de béton, era agora feita com todas as precauções.

Ali estavam na noite de 8/9 o Comandante interino da Brigada, tenente-coronel Mardel Ferreira, o ajudante capitão Narchial Franco, o oficial granadeiro, tenente Agnelo Moreira, e o oficial da secção de telegrafistas, tenente Branco. Não os sobressaltou o bombardeamento, habituados a vêr a artilharia alemã assanhada contra Lavantie. No entanto, dispuzeram-se a tomar as necessarias precauções. Os restantes oficiais do Comando acorreram logo a apresentar-se, como de costume.

Os batalhões em 1.ª linha e apoio, 8, 20 e 29, puderam ainda responder ao chamamento telefonico e fazer o pedido de S. O. S. que logo foi transmitido ao Comando do 6.º G. B. A. e a seguir renovado porque da frente a Infantaria se queixava da pouca intensidade do fogo da nossa artilharia.

Pouco depois, e quasi simultaneamente, as ligações telefonicas com os batalhões, brigadas dos flancos, Comando da divisão e Comando da artilharia foram interrompidas⁽¹⁾, tendo de se lançar mão subsidiariamente de estafetas para assegurar estas ligações.

Foi logo despachado um para Lestrem, que devia passar pelo Comando do 6.º G. B. A., onde renovaria o pedido de fogo mais intenso de S. O. S. e solicitaria as informações, que tivessem sido obtidas das baterias. Veremos como neste Comando tambem as ligações telefonicas estavam desde o começo interrompidas, não tendo podido fornecer por isso informação alguma.

⁽¹⁾ Nunca tinha succedido isto em bombardeamentos anteriores. Os cabos telefonicos deste sector estavam enterrados em quasi toda a sua extensão, custando pois a crer que o fogo inimigo os cortasse com esta simultaneidade. Os combatentes de Lavantie por largo tempo atribuíram este facto a um acto de espionagem.

A pedido do Comando do Apoio, que dizia ter distribuído já de reforços aos sub-sectores as suas últimas tropas, determinouse que as restantes companhias da reserva seguissem para as linhas, uma para cada S. S.

Esta ordem, que cerca das 5 h. foi expedida do Q. G. da Brigada pelo próprio oficial de ligação de Inf. 3 e que aproximadamente às 5 h. e 15 m. foi pelo Comando deste batalhão transmitida às companhias, tardou cerca de duas horas a ser executada pela 1.ª companhia e não pôde já ser cumprida pela 2.ª.

Pelas 2 h. da madrugada havia o Comando de Inf. 3 recebido ordem para mandar apresentar na estação de La Gorgue na manhã de 9 uma força de 150 praças para descarga de vagon.

Coube á 2.ª companhia fornecer este contingente. Mas como, logo pelas 4 h. e 30 m., o alojamento das praças desta companhia na Rue de l'Enfer, na saída leste de Lavantie, fosse batido violentamente e incendiado, as praças dispersaram-se, tendo saído bastantes para La Gorgue no rezeio do bombardeamento, por um lado, e na previsão do serviço para que tinham sido nomeadas, por outro. Assim, a ordem para seguir para RED HOUSE já não pôde ser cumprida.

O bombardeamento sôbre Lavantie adquirira desde os primeiros momentos intensidade nunca vista até então. A artilharia germanica encarniçava-se sôbre a amargurada povoação, já tão mutilada, lançando sôbre ela projecteis de todos os calibres e especies, incendiarios explosivos e de gazes. Umás após outras, as últimas casas caíam com ruido, escancarando os seus interiores ao compasso das explosões. Devia ser em verdade difficil no meio da escuridão da noite e na desordem que o bombardeamento provocou nas ruas da povoação, conseguir reunir os soldados dispersos.

O alferes Lage foi mais feliz, tendo conseguido, ainda que com algum trabalho, congregar na medida do possível a sua companhia, com a qual partiu de Lavantie cerca das 7 h. para RED HOUSE, onde já vimos como operou.

Em Lavantie o bombardeamento não afrouxou nunca, antes se intensificou cada vez mais até final.

A Rue de la Gare, onde estava o Quartel General, quasi sempre poupada nos bombardeamentos anteriores, era agora objecto de uma insistencia estranha por parte da artilharia inimiga.

As precauções com que se procedera á construção do abrigo do posto de comando da brigada, não impediram que o inimigo o referenciasse com notavel precisão, para o bater neste dia com

artilharia de grande calibre, cujos projecteis choviam em volta, derruindo os ultimos edificios, até que uma granada mais certa, caindo sobre a casa contigua, a fez desabar sobre o abrigo, que foi abalado e deslocado pela violencia da explosão. Todos os que nele se encontravam foram lançados ao chão, tendo ficado ferido o tenente Rebelo Branco da secção de telegrafistas, que pelo proprio Comandante da brigada e pelo tenente Alpedrinha foi conduzido logo ao posto de socorros. Depois de pensado, foi evacuado no automovel do Comando. Os carros e auto-ambulancias que tinham levado os primeiros feridos não voltaram mais.

Junto ao posto de socorros era a casa da Missão Britanica, onde existia uma cave que oferecia uma segurança relativa, em comparação com o fraco abrigo que a artilharia inimiga acabava de desmantelar.

A convite do capitão Dartford, official inglês de ligação no Comando da 4.^a B. I., para lá mudou o tenente-coronel Mardel o seu posto de comando, com a vantagem de se concentrar num só local o Comando português daquele sector e a missão de ligação com as forças inglesas do flanco esquerdo.

Entretanto iam chegando mais informações das linhas, trazidas por estafetas. Mais feliz que os Comandantes de NEUVE CHAPELLE ou de FERME DU BOIS, o tenente-coronel Mardel conseguiu ir sendo informado sobre o que no seu sector ia ocorrendo.

Primeiro viera uma comunicação de TEMPLE BAR, dizendo que as companhias da primeira linha se mantinham com excepção da direita, de que ainda não se haviam recebido noticias.

Seguidamente RED HOUSE informava do apoio prestado aos sub-sectores e pedia reforços. Já se havia dado ordem para as restantes companhias de reserva seguirem e não havia mais tropas a fornecer.

Depois de instalado no edificio da Missão Britanica recebeu nova comunicação do 20 que o informava da violencia do combate e do estado de ruina a que o bombardeamento reduzira as trincheiras. O inimigo, no entanto, ainda não tinha atacado. Estas informações foram mandadas para o Q. G. da 2.^a Divisão e tambem para a brigada de reserva da 40.^a Div. inglesa, em Le N.^{au} Monde, por intermedio de um capitão inglês que fazia a ligação entre as duas brigadas.

Depois começaram a chegar os ecos do inicio e progressos do ataque: — do Batalhão de Infantaria 29 (RED HOUSE), infor-

mando que os alemães, tendo penetrado também no sector inglês contíguo (119.ª Brigada inglesa); haviam atacado o 8 (S. S. II) pela frente e flanco esquerdo, tendo-o aniquilado, do Batalhão de Infantaria 20 (TEMPLE BAR), comunicando que as suas tropas lutavam com os alemães já na Linha «B», que o fogo era violentissimo e que as metralhadoras inimigas batiam já as proximidades do Comando.

Pelas 9 horas um soldado do 29, roto e ferido, chegava a Lavantie e informava o Comando da brigada que o inimigo estava já em RED HOUSE e que muitos soldados vinham retirando aos grupos, sem oficiais, porque estes estavam «todos mortos, feridos ou prisioneiros».

O exagêro da informação, devido á excitação e nervosismo natural do momento, refletia no entanto a rudeza do combate e a gravidade da situação.

O ataque sentia-se aproximar a pouco e pouco, mas de um modo continuo e fatal.

Pelas 10 horas os fugitivos das linhas começaram a aumentar; para os deter, determinou-se que a guarda de policia do Comando se postasse no cruzamento de ruas junto ao antigo edificio do Quartel General.

No posto de socorros os feridos amontoavam-se, aumentando a cada momento pela falta de viaturas para os evacuar. O bombardeamento de Lavantie causara só por si muitas vitimas.

Nas linhas o drama continuava. Pelas 9 h. 30 m. recebeu-se do Comando de Infantaria 20 a seguinte comunicação, redigida á pressa :

«Batalhão de Infantaria 20

•Chegou capitão Queiroz que diz inimigo deve ter ocupado 1.ª e 2.ª Linhas nossas; praças que ali resistiram devem estar prisioneiras; o 8 retirou; todas as trincheiras desmornadas e ha muitos mortos; não tenho mais informações. Espero ordens.»

O Comandante,

Montenegro Carneiro, capitão.

Inf. 8 não retirava, mas as suas companhias estavam sendo, como as do 20, dizimadas, dispersas ou aprisionadas. E o mesmo estava sucedendo ás tropas de reforços, Inf. 29 e 3. Já não havia mais tropas.

Assim o deixava entrever a seguinte comunicação que o Comando do Apoio enviava ás 9 horas e 15 minutos, redigida num pequeno pedaço de papel :

«Já fiz todo o meu papel de major. Agora é o de homem e simples oficial que procura reunir fugitivos.»

A seguir, uma outra comunicação do major Xavier da Costa (a ultima que o Comando da Brigada recebeu das linhas) informava, ás 10 horas e 15 m., que o inimigo havia já ultrapassado a Rue do Bacquerot, atacando RED HOUSE pela retaguarda, e que ia resistir.

Assim o disse e melhor o cumpriu (1).

Vimos como das 10 h. ás 10 e 30 pouco mais ou menos, o inimigo esteve detido deante de Lavantie por aquele punhado de soldados, mistura de diferentes companhias, que a energia do major Xavier da Costa soube deter em torno de RED HOUSE numa resistencia curta, mas heroica.

A onda avançava. A's 10 horas e 30 m. o inimigo atingia no nosso flanco esquerdo a Rue Verte, onde tomava a 2.^a Bateria do 6.^o G. B. A.

Agora era a vez de Lavantie. As metralhadoras e peças ligeiras do inimigo varriam já os terrenos em volta.

Tomadas as linhas de defesa, aniquilados ou aprisionados os seus batalhões, a 4.^a Brigada via assim terminada a sua missão de defender um sector, áquella hora já irremediavelmente perdido.

Ao Comando restavam apenas poucos instantes para escolher uma das duas unicas decisões a tomar: — ou retirar para poder ser util ainda, ou ficar para morrer com as suas tropas.

Sem pretender de forma alguma criticar o que em egualdade de circunstancias outros Comandos fizeram, julgamos que o Comando desta brigada, depois de ter cumprido a sua missão, lutando e dirigindo até final a defesa do sector, tanto quanto lho facultavam as circunstâncias dificeis dêste dia, as regras fixas do plano de defesa e a ordem terminante do Comandante do XI Corpo, procedeu sensatamente, tentando retirar de Lavantie na intenção de fugir ao cativoiro e poupar energias para combates futuros.

Pouco passava das 10 h. quando o alferes Peixoto de Infantaria 29 se apresentou no Comando da Brigada, horrivelmente gâzeado, falando com dificuldade, informando que os alemães

(1) O Comando da Brigada ordenou aos Batalhões do 20 e 29 que resistissem, reunindo todos os homens que pudessem e ligando os seus esforços. Mas e duvidoso que os estafetas encarregados de transmitir esta ordem, tivessem chegado ao seu destino.

avançavam rapidamente sôbre Lavantie e que tinha conseguido ainda escapar quando já não tinha soldado nenhum com sigo.

Perante esta noticia resolveu o tenente Coronel Mardel sair de Lavantie e transferir o Comando da brigada para Le N.^{ou} Monde, onde por intermedio da brigada de reserva da 40.^a Divisão poderia comunicar com o Comando da divisão e pedir ordens.

A todos os officiaes do Comando foi ordenado que se encaminhassem para ali por grupos de dois ou três, acompanhados das ordenanças e pessoal do estado menor. Inutilizados os documentos que não podiam ser transportados, a retirada iuciou-se logo.

Distava Le Nouveau Monde apenas um quilometro, mas era bem batidissima esta pequena zona de terreno e tornava-se difficil atravessa-la sob a chuva de ferro e fogo que sôbre ela caía. O infeliz capitão Gonzaga Ribeiro, 1.^o adjunto da brigada, ali foi gravemente ferido, indo morrer depois a Le Nouveau Monde-Espirito de eleição, cheio de bondade e dedicação, trabalhador infatigavel, a sua morte comoveu todos os que o conheciam e estimavam, que para tal bastava conhece-lo.

O Comandante da Brigada tinha-se reservado para o fim com o ajudante e o official inglês de ligação.

Mas, quando os tenentes Alpedrinha e Moreira iam a sair da casa, uma fortissima barragem começou a incidir justamente na rua em frente. O tenente Moreira corajosa e dedicadamente voltou atrás a avisar o seu Comandante de que não saisse por ali, mas aproveitasse a outra saída da casa. . . Já não pôde acabar de falar.

Uma granada de grande calibre, batendo em cheio no edificio, derruiu-o completamente até á propria cave.

O capitão Narchial Franco foi gravemente ferido. Valeu-lhe a sua ordenança que, carregando com elle, o arrastou heroicamente através das ruas batidas até fóra da povoação, sendo depois recolhido por uma ambulancia inglesa.

O capitão Dartford, da missão britanica, conseguiu escapar incólume. Encontramo-lo horas depois, pelas 3 h. da tarde, na estrada de Calonne-sur la Lys, já na retirada, onde nos relatou, ainda emocionadô, os detalhes daquele terrivel momento.

O Comandante tenente-coronel Mardel, mais gravemente atingido, assim como o tenente Agnelo Moreira, caíram com os sentidos perdidos.

Quando voltaram a si, os alemães estavam em Lavantie.

A nova Reconquista!

Aplicações nacionalistas de um inquerito intelectual

A excelente revista *Les lettres*, porventura aquela que em França reúne o mais brilhante escol do pensamento catolico na nova geração, iniciou ha 2 anos, no seu tomo do mez de janeiro, um largo e interessantissimo inquerito sobre o *Nacionalismo*, de cuja direcção foi encarregado Mauricio Vaussard.

Não teem as paginas desta revista ensanchas para que eu possa expender, sequer em sintese, o teor das quatro primeiras e admiraveis respostas de eminentes teologos como Mgr. Julien, o prestigioso Bispo de Arras, cuja pastoral sobre a direcção politica da acção catolica produziu extraordinaria impressão, e como os dois illustres Jesuitas Ives de la Brière e Martindale e de um filosofo da estatura de Jacques Chevalier, professor na Universidade de Grenoble.

Na sua monumental Enciclica—o documento mais notavel que appareceu no mundo apoz a guerra, como confessou a imprensa franceza insuspeita—Sua Santidade Pio XI assinalára á atencção universal os estragos de um *nacionalismo desregrado* no dominio da politica interna e externa dos Estados; o P.^o du Passage criticára com justeza a parte exageradamente violenta do fascismo italiano, e na *Les Lettres* outro clérigo proficiente, o P.^o Valeusin expozera com um irrefutavel rigor de análise todo o conteúdo moral, filosofico e social das *doutrinas da força*, isto ao tempo em que na *Revista catolica das ideias e das letras*, belga, Van den

Hout lançava avisadoramente a frase do mais vasto e repercutido alarme: «O nacionalismo será a proxima heresia condenada».

Estes factos, embora operados na esfera intellectual, reportavam-se a todos os acontecimentos surgidos na Europa e na America. O inquerito de Vaussard é, pois, alem de oportuno, precioso, visto ser necessario fixar principios e sobretudo descodear a ideia nacionalista, generosa e grandemente renovadora (o nacionalismo, importa frisa-lo, não é *conservador* mas sim *renovador*), de todas as desfigurações e malsinações produzidas pelo exagero pratico ou teorico das consequencias tiradas das suas premissas essenciais.

E a verdade é que logo ao primeiro sacudir da joeira da lógica, sobretudo pela mão expertissima e habilmente destrinchadora do Bispo d'Arras, saiu separada e purgada ante nossos olhos, a verdadeira doutrinação nacionalista, livre daquelas incrustações que, adulterando-a, lhe quebravam o integral equilibrio, e lhe enfermavam o incontestavel prestigio: o imperialismo chauvinista e o internacionalismo revolucionario e humanitarista, dois perdidos sonhos ambiciosos contra os quais, interna e externamente considerados na vida das nações, só ha um remedio contido naqueles dois aforismos celebres de Pascal: — «a multidão que não se reduz á unidade é confusão; a unidade que não depende da multidão é tirania».

E' precisamente dentro destes limites que o problema lateja pedindo a solução equitativa e racional. Ora, Mgr. Julien dá-nos o sentido verdadeiro desta solução quando escreve: — «o nacionalismo interior da nação pode defenir-se a consciencia mais viva e mais inquieta que uma nação toma perante certos perigos, da sua personalidade moral». Esta personalidade moral é formada por elementos diversos que são legado da natureza e da historia: *a raça*, num tipo distincto, embora creado em sobreposições de camadas etnicas confundidas; *a lingua*, conservadora dos sentimentos e das ideias que são a alma da nação; *as condições geograficas*; e sobretudo *as condições historicas*, queridas e preparadas por uma *politica secular*, numa unidade de plano creador. Todos estes elementos, que são os mais caracteristicos, são coroados pela *Religião* que é o cimento do edificio nacional *enquanto não é dividida pelo scisma*, pois é preciso fixar bem que ao pensamento nacionalista preside sempre a ideia suprema da *Unidade*, do Todo, e que a verdadeira unidade deve ser a harmonia duma diversidade e não a redução da diversidade á unidade pela supressão de certos elementos em proveito de um só, que impõe a unidade pelo facto de reinar ou mandar sosinho.

*

*

*

Com estes principios fundamentais é facil de perceber a razão de sêr do Integralismo como escola de doutrina politica. Ele pensa que um paiz que fia a sua salvação de actos de força em luta constante entre a dictadura e a revolução, e constatando os maleficios da centralisação do Estado liberal desde o advento do Constitucionalismo outorgado em 34 até nossos dias, e a falta de educação intellectual e civica das classes, procura realisar obra duradoira de *Renovação* e de *Reconstrução*, começando por fazer a educação do sentimento reacional.

O liberalismo da *Carta adorada* e do *5 de outubro* abafaram, despresaram as unidades organicas da Patria, esqueceram aquela realidade historica que Barrés modelarmente expoz á comprehensão dos mais bôtos raciocinios a saber que, «tomada a familia como unidade social (e ninguem o pode negar), as familias das familias dão o municipio, as familias de municipios dão a provincia, as familias de provincias fazem a nação». Portanto é preciso reconstruir a nação nestes seus elementos fundamentais, destruindo a obra nefasta do liberalismo constitucionalista e parlamentar, monarchico e republicano que feriu a Familia com o sistema dispersador da sucessão estatuida no Codigo Civil, e com o divorcio; que feriu o municipio porque apagou as tradições enraizadas dos seus limites e fez em seu logar a criação de pequenas sucursais da politiquice do Terreiro do Paço; que matou a provincia, recortando o territorio administrativo em um certo numero de zonas artificialmente creadas para fins eleitorais: *os districtos*, que não teem mais que um seculo (e nem todos) ao passo que a Provincia nasceu com a patria; que, finalmente reduziu politicamente a nação a um feudo das ribaldarias e das malversões das clientelas partidarias para as quais somente governa o Estado, fazendo tabua rasa dos interesses das classes que desconhece.

Eu creio em que só um espirito ignorante ou prevertido pode combater estas ideias e continuar atido á anarquia do Parlamentarismo importado, que nem portuguez é sequer.

A agricultura, o commercio, a industria, o operariado, o patronato, as profissões livres, e outras *categorias sociais* que *pagam*, não são porventura as forças do país que devem gerir técnica e sindicalmente os negocios da nação?

Concluimos pela monarquia? Sem duvida. O Rei para nós é o Federador e Provedor dos Municípios e das Províncias da Nação, o pastor dos povos, na aproveitança do reino. Nós não somos monarquicos por uma questão lamechas de suspiro pelo que caiu. Tanto que, embora sem transigencias, remetemos a segundo plano a solução dinástica porque a Nação, pelos representantes das Classes, dos Municípios e das províncias escolherá o Rei que *souber compreender* resgatada do liberalismo. O Rei é livre e responsavel; nós somos livres tambem. A monarquia não é para nós *uma formula*, como para os constitucionais: é a resultante necessaria e oportunamente imposta por uma série de reformas organicas que a tem de anteceder. E não a queremos de outra maneira, ao contrario dos *conselheiros* porque não a queremos para nosso uso pessoal exclusivo mas para a Nação.

Esse hibridismo do constitucionalismo coroado e do parlamentarismo republicano são o escalracho minando a ceara da Grei. É forcoso cortar-lhe as braçadas e elevar ao mais alto grau a personalidade viva da Nação. Busquemos em primeiro logar, intensificar poderosamente a *sindicalisação das classes*. A par disto, organisemos a *Ação nacional* combativa e de propaganda. Enquadremos simultaneamente os fortes elementos de conquista. Façamos, da familia para o municipio, do municipio para a província o amplo movimento de mobilisação que numa hora dada fará o *Grande Cêrco* e depois o vitorioso assalto á Lisboa macrobia e absorvedoramente centralista. *Fascismo!* bradarão os parvos estrangeiros que temem que se lhes esvaziem de repente as fundalhas da mangedoira. Não, parvos! *Fascismo*, para quê? Fartos de figurinos estamos nós todos. *Portuguesismo!* Eis a palavra nacionalista por excellencia defenindo a ideia geral do movimento libertador contra os beócios de uma monarquia escorraçada ha quinze anos e contra os jacobinos duma republica em convulsões, consequencia logica daquela. Lopes Vieira disse tudo o que ha para fazer, quando bradou: *Rea-portugalisemos Portugal!*

F. V.



Momento nacionalista

No fasciculo correspondente aos numeros 1 e 2 da Revista do Porto «*Labareda*» foi iniciada um inquerito intelectual sobre os sintomas de reacção nacionalista e espiritualista no nosso país.

Inseres este fasciculo a resposta do illustre escritor nacionalista Carlos Malheiro Dias, o admiravel organisador da grande obra que é a *Historia da Colonisação Portuguesa no Brazil*. Não podemos transcrever na integra a sua resposta, mas vamos arquivar nesta secção algumas palavras do illustre auctor da *Exortação á Mocidade*:

«Esse movimento intelectual, de reacção espiritualista, teve um principio de coordenação com o advento do Integralismo. Não me proponho a analisar o programa integralista no seu aspecto politico. Mas o Integralismo foi — e esse é o seu merito irre-

cusavel, — a unica manifestação intelectual reagente, com principios, com doutrina e com programas definidos.»

«... O talento de Antonio Sardinha, definidor por excelencia, dotando o Integralismo de uma filosofia politica, imprimiu-lhe força atractiva e aliciadora. As manifestações que a sua morte precoce e imprevista originou, demonstraram impressionantemente quanto na esfera intelectual se intensificara a reacção espiritualista.»

«... Outra manifestação reagente operara-se na esfera da consciencia. O sentimento religioso é maré viva, depois da vasante de fé que caracterizou o ultimo periodo do Liberalismo e com que tanto aproveitou o novo regimen. Creio que, se em 1908-1910, circulassem nas consciencias e nas inteligencias os sentimentos e as ideias de agora, não teriam sido possiveis os

acontecimentos de aquele periodo.»

Tambem a «*Voz de Coimbra*» iniciou um inquerito ás tendencias intellectuais da Geração Nova, que tem resultado brillantissimo.

E' a reacção nacionalista e espiritalista em marcha, para o Ressurgimento da Patria e da Grei.

Conselheiro João Franco

Passou a 14 de Fevereiro preterito o aniversario natalicio do grande Amigo de Guimarães e prestigioso Estadista Senhor Conselheiro João Franco.

Como de costume, os seus admiradores enviaram-lhe nesse dia um telegrama de saudação subscripto por centenas de assinaturas.

Ao telegrama enviado pela nossa revista, dignou-se S. Ex.^a responder nos seguintes termos:

«Muito penhorado agradeço affectuosamente gentil lembrança. — *Franco*».

«*Gil Vicente*» aproveita este ensejo para testemunhar mais uma vez a S. Ex.^a a sua admiração completa.

Quadro de honra

Pelos serviços que nos tem

prestado, é nosso dever arquivar no *Quadro de honra* os nomes dos nossos queridos Amigos senhores Dr. Rui Galvão de Carvalho o Horacio de Castro Guimarães. Alem da colaboração com que nos tem honrado enviaram-nos noínes de novos assinantes. Tambem é nosso dever inscrever o nome do nosso prestado camarada senhor José Fernandes Junior que tão gentilmente se prontificou a ser o Agente da nossa revista em Lisboa. Que o exemplo destes nossos queridos Amigos frutifique e possamos inscrever no nosso *Quadro* novos nomes.

Novos colaboradores

«*Gil Vicente*» que já tem sido honrado com a colaboração de distintos escritores tem o prazer de saldar, no presente numero, mais alguns illustres colaboradores que veem trazer ás suas paginas o brilho e o poder fecundante do seu talento. Em proximos numeros inseriremos colaboração de *Garcia Moreno*, Alberto V. Braga, Alfredo Guimarães, Dr. Luiz de Almeida Braga, Vasco Rodrigues e Jeronimo de Almeida, pondo assim os nossos leitores em convivio salutar com alguns dos maiores valores das Letras Portuguesas.

Dos Livros :: ::

Lourdes — perante a historia, a sciencia e a fé, por A. Vieira Novo. Edição da Livraria Cruz — Braga.

E' a obra de um novo e de um crente êste livro a que nos vamos referir. São impressões de um peregrino á cidade da Imaculada Conceição, descritas com uma linguagem sobria e simples.

O seu autor, como no-lo revela no seu prefacio, ao escreve-lo fê-lo «apenas com um só proposito de dar expansão aos arrebatamentos da sua alma de português e de crente, que em Lourdes se embriagou das mais gratas emoções.»

Divide-se este belo livro — prefaciado pelo Senhor Conselheiro Fernando de Souza — em 3 partes — *Lourdes perante a historia; Lourdes perante a sciencia e Lourdes perante a fé.* Na primeira faz a descrição e historia da cidade de Lourdes, de Bernardette Soubirous, das primeiras aparições etc. Na segunda, a descrição das curas e a acção do *Bureau des Constata-tions Médicales de Lourdes*, os milagres, etc. Na terceira, a descrição da peregrinação, precisão das velas e a imponencia

das cerimoniaes religiosas. E' esta sem duvida como o autor o reconhece, a parte *mais deli-dada e certamente a mais difficil* de todo o trabalho. Mas Vieira Novo vence todas as difficulda-des e apresenta-nos uma obra sã, uma obra que se impõe pela qual muito e muito o felicitamos.

Oxalá possamos, dentro em breve, fazer referencia a mais alguma obra sua. E' sinal de que a sua intelligencia nos proporcionará novo gôso espirital como o que acabamos de sentir com a leitura do seu excelente livro.

Terra em Brasa, (romance), por Pires de Lima da Fonseca, edição da «Portugalia», — Lisboa.

Terra em Brasa é uma tela do Alentejo, cheia de beleza e de côr.

Romance regionalista, de que hoje damos um excerpto, nele sobressai toda a vida e costumes do Alentejo, numa sucessão de quadros em que se sente a mão de um apaixonado artista que canta a sua provincia com devotado amor e carinho.

Carlos Pires de Lima da Fon-

seca, manifesta-se nas figuras do José Matias, da Angelica e do Morgado um bom psicologo. O Faria é uma figura contra-revolucionaria, um portuguez devotadissimo ás tradições e costumes da sua terra e a Inacia uma aventureira que as influencias do meio desonesto em que foi creada por D. Luiza tornaram desgraçada.

Terra em Braza é um romance moderno, de entreccho suggestivo e escrito em linguagem corrente. As personagens estão bem focadas e todas as scenas admiravelmente descritas com um grande colorido e realidade.

Por tudo isto o livro do sr. Pires de Lima da Fonseca, nos interessou, constituindo, sem duvida, um grande acontecimento literario.

Marcha do Odio, por Cesar d'Oliveira; Depositaria Livraria Moreira — Porto.

A obra impressiva dos cronicistas que traduziram em palavras de emoção e eloquencia os acontecimentos desenrolados após o 13 de Fevereiro, tem incontestavelmente a maior importancia para os historiadores e assume um relevo moral extraordinario pelos elementos que fornece para a reconstituição desses convulsionados periodos.

Cesar de Oliveira, temperamento invulgar de escritor e nosso illustre colaborador, alcança justamente neste seu livro a reputação de um prosador moderno, traduzindo, numa linguagem de invulgar beleza toda a tragedia sofrida no captiveiro em seguida ao fracasso do movimento realista de 1919.

Na *Marcha do Odio*, Cesar de Oliveira manifesta-se um observador da vida politica e social contemporanea, não se limitando a escrever o que sob a vista de todos perpassa. Vai mais longe. Vai buscar as causas e deduz delas os efeitos. Por isso as paginas do seu livro não são apenas um brado de revolta e de angustia. São mais alguma coisa. São um libelo contra doutrinas falsas; são a esperança de um crente em dias melhores. E' uma obra de sã propaganda.

O seu estilo é forte e suggestivo. Ha traços vincados e a sua mão de artista revela-se nos seus capitulos magnificos.

E' um livro para ser lido e meditado por todos os novos, por todos aqueles que andam empenhados numa luta sem treguas e sem transigencias contra êrros que nos transviaram do caminho da verdade.

No proximo numero publicaremos um excerpto deste excelente livro.

Rosas Bravas (versos), por Henrique de Souza, Edição de A. Figueirinhas — Porto.

Rosas Bravas é um pequeno e elegante livro de versos, em que o seu autor nos revela os seus excelentes dotes. *As rosas*, o *Linho e a agua*, *A saúde* e no *Outono*, são versos simples, cheios de ritmo e harmonia; são lamentos sentidos de uma alma de artista que se revela e cuja simpática intenção devemos louvar.

M. ALVES DE OLIVEIRA.

*

Registo de entradas:

O Manual da Felicidade (*Serões de Londres*), por Daniel Burst Ross—Edição de A. Figueirinhas—Porto.

Só se fazem referencias aos livros de que nos sejam enviados 2 exemplares.

Revistas & Jornais

Nação Portuguesa

Recebemos o numero 2—3.^a série—desta excelente Revista de cultura Nacionalista, de que foi Director illustre o nosso saudoso e chorado Mestre Dr. Antonio Sardinha. Insere valiosa colaboração dos mais distintos escritores nacionalistas, tornan-

do-se, por isso, a mais fecunda propulsora das verdades nacionalistas que hão-de resgatar Portugal. Os numeros 3, 4 5 e 6 da *Nação Portuguesa* serão consagrados á memoria do Dr. Antonio Sardinha.

Labareda

Muito melhorada no seu aspecto material e inserindo escolhida colaboração dos mais distintos escritores da Geração Nova, recebemos o fascículo correspondente aos numeros 1 e 2 —2.^a série—(Janeiro-Fevereiro), desta bela revista nacionalista dirigida pelos nossos presados amigos Dr. Artur Marques de Carvalho, Vasco Rodrigues e Horacio de Castro Guimarães, nosso distinto colaborador.

Redacção e administração: Rua de S. Miguel, 27-2.^o—Porto.

A Tradição

Temos em nosso poder os numeros 1 e 2 deste nosso presado colega de Lisboa, órgão do Gremio Português Tradicionalista, a quem saudamos muito sinceramente. Inserem distinta colaboração e apresentam um excelente aspecto grafico. São ilustrados com gravuras do nosso chorado Mestre Dr. Antonio Sardinha e Senhor D. Miguel II.

A redacção e administração é na Rua do Sol—a Santa Catarina—10 A-1.^o—Lisboa.

D. Frei Chyrso de Guimarães

NOVELLA MINHOTA

FOR

Fernando da Costa Freitas

III

As luctas politicas em que o nosso paiz se debateu por causa de D. Pedro e D. Miguel, determinaram uma interrupção no caminho largo e fecundo do seu desenvolvimento e do seu progresso, dando origem a constantes discordias e dissensões, creando separações inultrapassaveis, inimizades inextinguiveis e odios profundos, que só diminuiram, sem no entanto se extinguirem por completo, quando o regimen liberal ficou implantado em Portugal.

Até então as luctas intestinas succediam-se a cada passo, surgiam a cada momento ente «*legitimistas*» e «*cartistas*», entre «*caçateiros*» e «*malhados*» ou «*chamôrros*» a proposito de tudo, — e até a proposito de nada —, com um espirito de seita, uma irreductibilidade de crenças, um antagonismo de opiniões e uma tão completa e tão formal opposição de desejos, de aspiraços e de ideais, que nem a razão, nem o bom-senso puderam jamais vencer, nem o proprio interesse particular conseguiu nunca attenuar, e manifestavam-se não só nas ruas e praças publicas, mas tambem no seio das familias, no conchego dos lares, no affastamento e no socego da provincia, na indifferença e na mansuetude da vida da aldeia, lançando a desharmonia entre as familias e os individuos, entre os amigos e os conhecidos, entre os visinhos e os conterraneos, entre os proprios irmãos e até entre os pais e os filhos, o que constituia o cúmulo da obsessão partidaria e da paixão politica, sobrepondo-se com todas as suas violencias, com todos os seus exageros, com

todos os seus excessos e com todas as suas vinganças, rancôres e vexames, ao amor da familia e ao proprio amor da patria!

Isto com tanta maior impetuosidade, obstinação e intransigencia, quanto o homem que se deixou dominar por essa terrivel paixão era, como Pero Cidral, de intelligencia debil e coração duro. . .

Voltando porem ao assumpto principal d'esta novela, escutêmos o dialogo trocado entre D. Frei Thyrso de Guimarães e Pero Cidral, quando este se encontrou nos aposentos particulares do D. Abbade do Real Mosteiro de Santa Marinha da Costa:

— Agradeço-te haveres accedido ao meu convite, disse D. Frei Thyrso tanto mais quanto, por teu intermedio, acabo de receber noticias da minha afilhada e já que a minha idade avançada e os meus constantes achaques não me permitem ir vel-a e abraçal-a. O motivo porem, porque desejei trazer-te junto de mim, não foi só essa lembrança recebida d'um velho amigo distante, — pois melhores e mais saborosas iguarias tens tu em tua casa —, mas tratar d'um assumpto que resume a paz de dois lares e a felicidade de duas creaturas!

Ao ouvir estas palavras o sobreceinho de Pero Cidral carregou-se, fitou o interlocutor com olhar duro, e fazendo um esforço sobre si respondeu, arrastando a voz:

— Trata-se então?! . . .

— Da tua filha, ou antes, da minha querida afilhada, disse serena e pausadamente o D. Abbade.

— Sei que se interessa por ella e isso, junto á veneração que lhe consagramos, faz-me escutal-o attentamente, respondeu Pero Cidral, com segura.

— Obrigado! No entanto, não é só isso o que desejo de ti, — e isso já é muito! . . .

— Que mais então?! perguntou Pero sobresaltado.

— Que consintas no casamento de Mécia com Jorge de Mesquita, rematou o D. Abbade olhando fixamente para o sobrinho.

Este, como se fosse impellido por uma mola oculta, ergueu-se de subito, passou a mão pela testa, e com as faces congestionadas e o olhar incendido respondeu desabridamente emquanto D. Frei Thyrso continuava a fital-o sereno e impassivel:

— Oh! Não! Não! Isso nunca! e deixou se cahir na mesma cadeira d'onde ha pouco, rapido, se erguera.

— Ha duas coisas, disse D. Thyrso com lentidão e espaçando as palavras, que nunca devemos discutir: a resolução d'um pai e o capricho d'um velho, todavia, continuou, no mesmo tom, ha ainda



duas outras coisas a que devemos maior respeito e maior attenção : o futuro d'uma creança e as lagrimas d'uma mulher !

— Quere o tio dizer... atalhou Pero Cidral suspendendo-se em seguida.

— Quero dizer... quero dizer... tornou-lhe D. Thyrso no mesmo tom de voz sereno e firme, que não se é nobre apenas por que se herdou um nome illustre, mas pelos bons sentimentos que possuímos e pelas boas acções que praticamos! E' assim que eu entendo a Nobreza, eu que a esta tenho dado tudo o que d'ella recebi,—Deus me leve esta vaidade á conta dos meus muitos peccados !

— O tio porem desvia-se do assumpto, disse Pero Cidral, comprehendendo a insinuação.

— Nesta idade, meu caro, volveu-lhe tristemente D. Thyrso, já não ha desvios possiveis. Segue-se apenas um unico caminho e esse bem curto, por signal!... E' por elle que vou caminhando, não já de espada desembainhada e cabeça ao vento n'um arranco de audacia e de sonhada gloria, como nos meus tempos de rapaz e de soldado, mas de cruz alçada e de olhos postos no ceu como quem só d'elle espera o que o mundo lhe não deu! E como pretendo substituir no meu espirito as recordações horróscas da guerra pelos fructos benéficos da paz e na minha obra de peccador as horas de odio por horas d'amor, ahí tens tu a explicação do que te disse e do motivo porque t'o disse!

— Mas, como posso eu consentir n'esse casamento, se Jorge de Mesquita é filho d'um dos meus maiores e mais encarniçados inimigos pessoais e politicos?!

— Como podes consentir, perguntas tu? E' facil a resposta — esquecendo e perdoando!

— Para isso seria preciso que eu me chamasse D. Thyrso de Guimarães.

— Enganas-te! Para isso basta, tão só, que ames a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a ti mesmo. E' isto o que Elle ensina e o que Elle manda, resumindo n'estas palavras a sua sublime doutrina, disse D. Thyrso apontando-lhe para a imagem do Crucificado pendente da parede fronteira.

— Isso seria a renuncia ao meu ideal e o reconhecimento, se não a acceitação, do ideal contrario.

— Superior a esses ideaes de que fallas, está o ideal da *Familia*, com que é en tretecido o da Patria, — como um grande ramo feito de muitas flores!

— Todavia ha paixões que não podem esquecer-se, arriscou Pero Cidral.

— E heranças que não podem, nem devem alienar-se, retorquiu-lhe D. Thyrso.

— Se meu pae vivêsse . . .

— Dir-te-hia isto que eu te estou dizendo, — ou a irmandade que em vida nos ligou, não fosse feita do mesmo incomparavel affecto e da mesma abençoada comunhão de ideais! Alem d'isso dizeme: Sabes tu, porventura, quem ensina a avesinha a construir seu ninho?

— O instincto, evidentemente, respondeu Pero Cidral.

— E já viste coisa mais bella e mais perfeita?! E' que o ninho, meu caro, é o amor e é a arte; é o presente e é o futuro; é a Familia e é a Patria! A Patria! Sentes-te tu com forças, coragem e perspicacia para substituir-te a isso tudo?

Pero Cidral teve um movimento de contrariedade, engoliu em sêco, passou o olhar enviesado pelas paredes nuas do aposento e depois d'uma pausa que seria talvez um duvida, que seria talvez uma reconsideração, que seria talvez um remorso, — mas que ainda não era a expiação! —, respondeu de sobrececho carregado e fitando o pavimento:

— Meu tio, desejava muito ser-lhe agradavel mas vejo que não posso e que não devo! Acima de tudo os principios!

— Os principios! dizes tu. Os principios, repetiu, sorrindo, D. Frei Thyrso e acrescentou: pergunta á memoria de teu pae quaes elles são e como elles se cumprem! . . . O D. Abbade fazia allusão sem duvida ao facto de Pero Cidral ser filho bastardo de seu irmão mais velho, e por este perfilhado a conselho e instancias de D. Thyrso.

Ao ouvir estas palavras Pero Cidral levantou-se de novo, agora, com a physionomia transtornada, avançou alguns passos e cedendo aos condenaveis designios da sua alma depravada quando ia a erguer o braço para o venerando ancião, que se conservava erecto e firme na sua frente, com os braços crusados sobre o peito e as mãos metidas nas largas e compridas mangas do seu habito monachal, sentiu uma mão herculea apertar-lhe o gasseto e força-lo a ajoelhar.

Era Jorge de Mesquita que tendo acorrido ancioso ao Mosteiro para saber o resultado da entrevista entre D. Frei Thyrso e Pero Cidral, chegou junto dos aposentos do D. Abbade precisamente no momento em que este ia ser agredido pela mão sacrilega d'um homem em cujas veias corria o seu proprio sangue — degenerado!

Temporal-Desfeito

Transportando para a nossa revista um excerto do livro *Marcha do Odio*, do nosso distinto colaborador sr. Cesar de Oliveira, escolhemos aquele em que passa e se agita uma das ultimas fases do constitucionalismo monarchico e das lutas politicas que conduziram ao Regicidio, aproveitando este ensejo para saudar Cesar de Oliveira pelo sucesso que alcançou o seu admiravel trabalho.

E' Inverno.

Inverno frio e receioso esse de 1908, em que ha fantasmas em todas as sombras, punhais em todos os seios, veneno em todos os labios, pistolas em todos os bolsos, bombas em todas as mãos, carabinas em todas as esquinas, covardias em todas as almas e traições em todos os peitos.

Estranha tirania a dêste singular ditador, em que a violencia partia dos seus advesarios e o governo se limitava a não dormir, a manter uma aturada vigilancia sobre os elementos de desordem que contra ele se conluiavam na mais hibrida e mais vergonhosa de todas as coligações!

Essa vigilancia fez abortar a tentativa revolucionaria de 28 de Janeiro. Os «bufos» celebres de João Franco acompanhavam o desenvolvimento da hidra e estrangularam-na quando ela se preparava para esganar de salto o governo, e

o regimen, e o Rei. . . Falhara a revolução! Restava agora apenas o recurso da matança, a montaria bem organizada, uma batida memoravel que ferisse de morte o javardo. . .

E os politicos miseraveis, e os conselheiros que atraíçavam o Rei e o regimen que os tolerava, perderam completamente a cabeça.

Enquanto alguns batiam com elas contra as paredes dos carceres, receiosos dum passeio obrigatorio a Timor, os que andavam á solta envenenavam a atmosfera politica com uma sistemática propaganda terrorista.

Abafava-se dum ar soturno e pesado que costuma preceder as grandes catastrofes.

Os boateiros inventavam as famigeradas listas negras que nunca existiram, onde os governadores civis fariam inscrever todos os republicanos e adversarios de João Franco.

Era uma razia, uma vassourada geral, na livre expressão da opinião publica, a ultima machadada na arvore raquitica, estiolada, das liberdades e garantias individuais. . .

Todos os politicos anti-governamentais seriam deportados, e para prova aí estava o decreto de excepção com que o tirano gordo de dez arrobas de cebo regressava de Vila-Viçosa!

Perdiam a cabeça os quadrilheiros dementados, os envenenadores do Povo, os coveiros cinicos da nacionalidade.

O terrorismo surtiu o efeito desejado.

Falava-se em voz baixa, abafadamente, sem gestos que traíssem as conversas, e os sicarios da Republica andavam transidos de medo.

Tudo estava preparado para o grande golpe.

Falhara o atentado contra o ministro que já agora não arredava pé no caminho que finalmente encetara de fazer administração, apesar dos politicos e contra eles.

Falhara a revolução, a mais bem organizada de quantas revoluções se tem tramado em Portugal, e falhara misera-

velmente só com o sôpro de alguns «bufos» ao rastilho revolucionario, entre uma apreensão de armas e a prisão de dois ou três cabecilhas que já fugiam sem pêra e sem vergonha.

Concertava-se agora, um plano mais alto — o plano dos covardes quando querem aniquilar o adversario invencivel.

O cheque-ao-Rei ia ser o cheque-mate do turbulento xadrez nacional...

la fructificar a sementeira de odios; um fruto chôcho ia sair daquela primeira flôr de sangue que desabrochava. Os lobos iam vingar-se, friamente, implacavelmente.

Naquela tarde cinzenta de 1 de fevereiro, uma duzia de arcabuzeiros executava a caçada real, realizando a tragica profecia do caçador Simão...

Foram assassinados, a tiro, dois Reis.

Um, que remia com o seu proprio sangue as suas quasi apagadas responsabilidades nos erros que de longe vinham, precisamente quando principiava a reparar esses erros com uma politica nacional e depuradora, tanto quanto lho permitiam os acanhados limites dum irrisorio poder que a Carta Constitucional e os seus pingentes adicionais lhe conferiam.

Outro, que lhe sobrevivia alguns minutos, e que era uma esperança radiosa de melhor futuro naquela decadencia de caracteres e de doutrinas.

A catastrophe atingia mais que uma familia, colocada e mantida na mais elevada categoria social pelo privilegio consagrado da hereditariedade. Atingia tambem a Nação.

O descalabro tremendo tinha a sua primeira consequencia tragica.

Outras se seguiram no incessante resvalar para o abismo de sangue e lama em que o paiz se afunda.

Fez o tempo justiça ao grande monarca. Tardia justiça essa que já não pode remediar o irremediavel!... Sirva ao

menos o sangue esperançoso e estuante de mocidade do inditoso Rei D. Luiz Filipe para manter e afervorar nos peitos moços dos novos lutadores a certeza inabalavel na redempção da Patria!

.

Dobra a finados na Terra Portugueza.

Casacos de negrura hipocrita e fardas tezas de generais e embaixadores, rodeiam os ataúdes onde repousam para sempre os corpos crivados dos dois Braganças.

Ha lagrimas, orações, exequias, conselhos de ministros.

Acalma-se. Rei morto, Rei posto.

Choradas as derradeiras homenagens, ha um alivio, ensaiam-se as atitudes compungidas de dedicação, os ais desolados espaçam-se mais — o luto nacional é uma impositura que todos querem sacudir depressa para não represarem e esmagarem a alegria selvagem que castanhola nos peitos.

Mais francos — dessa franqueza barbara que gera os carrascos e as feras — os republicanos homenageiam os regicidas em apoteoses revoltantes, e, pelas tardes, nos arrabaldes, cantam se fadinhos imundos, em que se envolvem altas personagens em torpezas de alcouce, e ha promessas tigrinas de novas caçadas regias...

Dobrava ainda a finados na Terra Portugueza, e nunca mais os sinos deixaram de tocar, a anunciar mais sangue, a semear mais luto...

.....

A teoria do humanismo..

Por Domingos de Gusmão Araujo

I

SEMPRE uma filosofia do *humano* — uma concepção humanista — deve presidir à elaboração criadora e critica da Historia não venha ela a sêr romance de efabulação frágil, de exumação de fosséis, notas eruditas apenas, mas sim restituição real, concreta e dramatica do que o tempo trouxe e levou. A vida é como um marulho lento de vagas, ascensôras e vastas, partindo da eternidade subjacente do *humano*. A Historia, na sua projecção dramática, estende na larga planura dos tempos o seu perfil ardente, modelado como uma escultura e animado como um deus da Helada. A vida é um campeonato. A Historia é a sua crónica. E' na sua espoênciação maxima, flôr de poesia brava ou macia, atistera e dura ou fina e ondulosa mas sempre poesia. O resto constroi-o o espirito humano. E' o esforço salutar do filosofo que debruçado sobre a vida e sobre a Historia as ordena, clarifica e interpreta.

As almas povoam o mundo. Fazem o seu ninho d'aguias. Depois, voam. Que a vida é um vôo. Não ha um pedaço de Historia em que se não encontre, presente e comungada, a ânsia e com a ânsia a posse dum horisonte e duma altura. E, no entanto, quanta loucura, sônho ainda?, veste como um nevoeiro de sombras a vasta scêna do mundo! Quanta asa de inferno risca no espaço a proposição endemoinhada e trágica dos que vão cair! Chegam os homens da critica psicologica e dizem-nos, em teorêmas pobres de

humanidade, espessos, coagulantes e entorpecedores, que o problema cabe dentro da psicogica médica e só dentro dela! A nós, destinam-nos o triste papel de metafisicos, velhos precoces refugiados na penumbra dos transeptos. E lá se vai toda a nossa gloria de pensadores e de poetas que, para além dos fenomenos directos, traçamos o motivo humanista! E' triste! Psicologia experimental e psicologia médica, sonhos ainda duma geração modernista incapaz de sonhar, por paradoxal que seja, tentam ocupar o dominio, o velho dominio dentro de que se abriram os grandes jardins da vida interior: o dominio do espirito (1).

Na mesma corrente e transportando as mesmas quimeras decedentes pelos declives duma sensibilidade incapaz de resistir ao seu deslumbramento, caminham os deuses da utilidade e da musica erguidos á categoria de motivos superiores. E para além, ficamos, nós ainda, nos eirados batidos de sol eternamente matinal e cobertos de simbólicas flôres ingenuas e doces como andorinhas. Ai, o velho mundo! E como este novo mundo, envelhecendo a alma nos vinga da injuria arranhante e sangrenta! Nada há para envelhecer como o novo mundo! Nada ha para remoçar como o velho mundo! Como as coisas são! Não é o velho mundo, na verdade, que procura destruir a conquista do novo, mas sim o novo que procura destruir as riquêsas do velho. E' singularmente triste!

II

Este fenomeno de regressão, decompuz-lo já, noutro lugar, nos seus elementos que fundi debaixo da expressão «pecados mortais da cultura» (2). Educado na reflexão filosofica, procuro criar dentro de mim um instrumento de reconhecimento que, aplicado à vida, a intêgre no seu verdadeiro sentido. Para eliminar os seus elementos, pondo o homem a pão e laranja, num jejum de emoções? Não! Sei bem o que o homem representa como sujeito de direitos e não posso, inteligentemente, recusar-lhe o gôso daquêles privilegios que,

(1) Haveria vantagem em distinguir a miragem do sonho. Aquela seria o sonho-mentira; êste seria o sonho-verdade.

(2) Vide «Labarêda», revista portuense.

integrados num ritmo aristocratico de vida, se justifiquem na e por essa integração. Não esqueço a velha e já cançada frase de Terêncio, mas de espirito tão novo porque eterno: «*Homo sum, humani nihil a me alieno puto.*»

Mas essa integração deve sêr feita dentro de certas normas superiores. E' então, que se pode enunciar uma teoria de que decorra em definições salutaes todo o segrêdo da Historia. Vou enuncia-la e demonstra-la nas paginas desta Revista tão nobre no espirito que a guia. Maior honra para mim do que para ela publicando-a, por certo. Para mim ficará a grata alegria de têr dado á minha geração algumas idêas que a afirmem nobremente, no seu orgulho de *velha* em face das mentalidades coaguladas que, sob a côr de novas, *andam* envelhecendo as almas.

No primeiro instante da vida humana, alinham-se os perfis sexuais, perfis de estructura psicologica, num estado de diferenciação absoluta, em estado puro. Não quere isto dizer que a dualidade sexual represente, então, uma dualidade de espécies. Sob essa diferenciação e unindo os dois perfis sexuais, sente-se a presença dum fundo comum : a humanidade. Os sexos são psicologicamente unilaterais — é o ponto de vista psicologico e não o fisiologico ou o anatómico que me interessam — e sendo assim, poderêmos considerar em segundo aspecto um segundo momento da vida dos sexos. Saímos da época da criação para entrarmos na época da geração. Os sexos vão surgir na sua figuração complexa, integrando numa nova unidade as duas rialidades, vindo assim dar nova fisionomia á vida psicologica.

Vai emergir um novo mundo d'almas. Fixemos bem o caso. As densidades interiores até então estrêmenente unilaterais e incomunicadas vão tornar-se comunicadas. Sobre os desposórios constitui-se uma nova unidade humana em que a dualidade psicologica perde a sua estreme característica.

Em cada um de nós passa a haver porções psicologicas de masculino e de feminino.

O que passa a distinguir psicologicamente os sexos não é o unilateralismo originario e sim o acento tónico ou linha predominante masculina no homem e feminina na mulher. Dentro de cada homem e de cada mulher se combinam em variaveis proporções elementos psicologicos dos dois sexos. Desapareceu o unilateralismo psicologico e com ele a dualidade absoluta do periodo origina-

rio. Agora, a dualização é relativa: um e outro sexo transportam dentro de si, em doses diferentes e variáveis um complexo de elementos que, por geração, lhe vieram. O que os distingue, afinal, é a predominância natural e não exclusiva duns ou doutros elementos. Acontece mesmo encontrarem-se homens de linha predominante feminina e mulheres de linha predominante masculina. Esta inversão já de si grave do ponto de vista imediatamente individual é-o mais ainda, do ponto de vista social e histórico, como veremos.

Por ora, basta considerar esse fenómeno de interpenetração dos sexos, através da geração, e o seu novo e agora relativo desdobramento em seres complexos, mais ricos portanto. Ele ofereceu-nos um interessante encontro de elementos que importa discernir e descrever.

Os elementos positivos masculinos podem, exemplificativamente, designar-se ordenadamente: inteligência, espírito d'autoridade e de regra, energia, sobriedade, lialdade e bravura.

Os elementos masculinos negativos podem ser exemplificados: autoritarismo, crueldade, orgulho, segura, racionalismo, ética judaica e americana.

Os elementos femininos positivos: o amor, a ternura, a piedade, o bom-senso conservador retificado e corrigido pelo espírito renovador do homem, a intuição no duplo sentido de percepção imediata do concreto e de percepção adivinhante.

Os elementos femininos negativos: a astúcia, o espírito de intriga, a gula de emoção, a vaidade, o *pátos* romântico, o delírio musical, o gosto da exploração do oculto, a atração teosófica, o bruxedo, emfim tudo o que se traduza em inutilização da energia e do espírito.

Reparando bem, notamos que os elementos positivos dum e doutro sexo representam a ordem vivida, toda a resistência interna do homem e que os elementos negativos constituem a substância do naturalismo, liberalismo ou do que eu chamo «*pecados mortais da cultura*».

A teoria que venho formulando dá-nos a alta explicação da História. Posto o fenómeno histórico e prendendo-o na lei que da minha teoria decorre teremos feito uma obra de clarificação tão requerida na hora decorrente. Obra necessária e sagrada, nela ponho todo o meu empenho inteligente e enamorado de horisontes fazendo sentir que toda a vida, afinal, é um modo de distribuição e porcionamento dos elementos referidos.

Não é preciso sair dêles, do seu simbolismo realista para in-

terpretar a vida e propôr a terapeutica eficaz. Aplicando á época actual os principios enunciados lograremos fixar a soluçãõ do inquietador problema da vida contemporanea. Vida sem substância de eternidade, frágil e doente, avessa ás doutrinas do absoluto, enredada na miragem do relativo encontra a sua perigosa rasãõ do sêr na conjunçãõ dos elementos negativos do masculino e do feminino.

Nãõ no-lo demonstra a invasãõ desfibradõra de todos os elementos de corrupçãõ cuja travessia pelo mundo é um vôo atilêscõ de barbaria sem belesa, sem sonho, sem a frescura bravia das idades ingenuamente criadõras? Nas minhas palavras nãõ sei pôr o impeto hostile de quem nãõ sente, derramando-se por sobre a cabeça, uma voz dôce e abençoadora e pacificãnte. Luto pelo velho mundo das idêas eternas e absolutas, fluídas e grandes e ao mesmo tempo definidas e limitadas. Delas escorre uma força iluminante de singular verdade! Sentindo passos no escuro ao longo das avenidas subterraneas do infra-humano, teimo em abrir clareiras na floresta louca do novo romanescõ *humano* (?) reabilitando as eternas legendas inscritas na frontaria do homem!

Sinto que é preciso fixar o novo contorno do mundo, desse mundo emudecido e árido que busca, impaciente, apagar a sua sêde nas águas contaminadas do romanêscõ infra-humano. Sêde velha como êle, voz encantada e ascencional que se demora cantando nas margens dum rio que supõe sêr o da verdade e afinal, transporta todos os fermentos negativos. E'poca bem fragil a nossa para vence-los! Só as epocas fortes logram incorporar e ordenar, comprimir ou destruir os elementos perturbadores da harmonia vital. Os olhos param na linha tonta dum horisonte de vencidos que se ignoram. E' um drama! Calam-se as vozes antigas da belêsa nas fontes d'eternidade e nas arcarias do novo templo ressoam os prelúdios duma religiãõ que nos desata das alturas e nos submerge nas zonas inferiores do mundo.

E' uma religiãõ que *desliga*; uma religiãõ que a si mesma se desmente.



Um poeta portuguez autentico

Por Jaime de Magalhães Lima

No periodo de desvairamento espiritual que a sociedade portugueza atravessa em virtude de causas de varia especie o Livro de versos do nosso amigo Sr. Dr. Eugenio Sanches da Gama professor do Liceu de Coimbra e tam conhecido em Guimarães pelo seu espirito claramente superior, marca pela grandeza da sua sensibilidade genuinamente portugueza em que o incomparavel coração portuguez fez, atravez de todas as épocas, o assombro de estrangeiros acerca da nossa Raça. Publicamos a seguir o estudo do illustre publicista Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima que decerto interessará a todos os leitores do «*Gil Vicente*».

EM 1892, logo após a publicação do *Só*, de Antonio Nobre, veio-nos de Coimbra e correu impressa entre os moços devotos da literatura pátria uma pequena colecção de poesias intitulada *Nós Todos*, da autoria de Estephânio Rimbó — pseudonimo jocoso e finamente apropriado á circumstância. Ali brincava a pena de

Eugenio Sanches da Gama, ao tempo um rapaz a caminho do bacharelato que, sem embargo, instigado e esclarecido por uma sensibilidade tão sagaz como pronta em traduzir-se elegantemente, acudia a mostrar em desenfadada ironia o que de fragil se envolvia nas canções do novo poeta, cujo estro de simplicidade nos surpreendia e encantava naquele instante.

Antonio Nobre marca um momento de crise no movimento da literatura portuguesa. Foi êle que pelo arremesso do seu bem inspirado genio de precursor empreendeu uma das primeiras tentativas felizes de restauração do valor poético supremo da ingenuidade e da candura que andavam exiladas por decreto e anátema de clamorosos *realismos* de vária espécie. A *Morte de D. João*, de Junqueiro, é da década imediatamente anterior á da publicação do *Só* e a edição definitiva do *Crime do Padre Anjaro* tem a data de 1876. De forma que em semelhante atmosfera os sacerdotes da simplicidade careciam de não pequena audácia e energia intima de inspiração para afrontar a corrente adversa; e essa é a glória do iniciador. Mas também as iniciativas audazes, por virtude da propria audacia, raro se conteem nos limites rigosos da sua alçada; habitualmente os excedem por amor da própria causa e lesando-a.

Tinha seu avesso a linda flâmula do *Só*, e Sanches da Gama, descobrindo-o, benignamente o ostentou e o chamou a corrigir-se para não deslustrar o brilho suavissimo da sua face.

E nós rimos do affectuoso desafio. Rimos despreocupadamente com a paródia, no riso lhe tributamos franco e descuidado aplauso, sem todavia considerarmos, como sempre acontece em horas de exaltação, que real talento e intuição vivaz das simplicidades da vida em toda a sua latitude se haviam tornado necessarias para que instantaneamente se reflectisse e repetisse, assim tão coincidentemente, o ritmo moral e vocal de uma obra de alta significação nas letras nacionais, célebre desde que veio á luz, e depois consagrado pelo tempo. Porque *Nós Todos* não era uma imitação grosseira ou uma deturpação habil ou malevola; era verdadeiramente uma transposição da sublimidade para a confrontar e moderar com as vulgaridades da existencia, das quais não podendo isentar-se devia acautelarse; e uma operação desta natureza, levada a cabo com pleno êxito tal qual ali estava, não se faz sem afinidades ocultas de faculdades e destreza nos quais se emparceiram e confundem o original e a sua imagem. Enlevados nas scintilações superficiais que nos sorriam, não prescrutando as forças intimas que as inflamavam, não atingiamos a presença activa de um principio de identidade de

vocação e tendencias, fora do qual não se concebe sudário que estampe capazmente o rosto a que se applicou e lhe acentue os traços, tornando evidentes alguns que de outro modo se encontravam apagados.

Foi isto que naquele momento de hilaridade moça provocada por *Nós Todos* nos escapou inteiramente. E era de escapar: além de que a leveza do riso é inimiga de reflexões que demandam certo esforço de atenção o qual logo transmudaria o riso em gravidade e o sufocaria com grande pena do paciente, além de que a condição natural de semelhantes incidentes não dava ensejo a meditações, a maré alta dos *realismos* convidava a tomar obras de arte do aspecto de *Nós Todos* sómente como instrumento de demolição e vassoura das «pieguices» e «sentimentalismos» que estes eram os nomes pejorativos com que de ordinário o materialismo reinante e despótico pretendia então humilhar e afugentar toda a especie de comoção e ternura, ainda a mais humana e a mais nobre. E nesse pendor resvalamos descuidados, em plena ignorância dos talentos poéticos que em *Nós Todos* eram já manifestos, sinal do tempo, iniciando uma reacção feiiz do sentimento da ponderação e divina harmonia da alma e da forma, a seu modo alegre e subtilmente reclamando a restauração de uma arte classica pela entranhada e lúcida intuição da gradação e limites dos elementos estéticos que se aliam na poesia. *Nós Todos*, se bem o examinarmos, significa a revelação de um poeta que por efeito de uma precocidade de bom agouro acode em defesa da conjunção ática da sensibilidade, da ternura e do bom senso que via comprometida nos excessos de uma desregrada candura. Foi isto o que na primeira hora nos passou despercebido.

Eis porem que trinta anos bem contados são passados e o Poeta do riso juvenil volta, encanecido pelos rigores da vida, não já a interpretar em indulgente ironia paternal as demasias do fervor da candura alheia onde ela decaisse em infantilidade, mas a confessar os arrebatamentos liricos do seu proprio peito, desta vez obrigando-nos a reconhecer claramente que simpatias de comoção e arte o agitaram já, quando aos incautos que nós fomos parecia ter em pouco a comoção alheia. Outra coisa, não significa a meu vêr, o *Relicario de Simão Gouveia* do sr. E. Sanches da Gama e o muito amor com que o guarda — em uma edição primorosa, só por si uma joia, na qual a graça do adôrno depuradamente sóbrio e a beleza das iluminuras e sua colorida luz suavissima entreteem condignamente os véus do sacrário das graças do coração e da arte.

Lírico, honestamente lírico, sem dissimulações que o mascarem do tesouro de um *homem forte*, só por essa qualidade o *Relicário* trazia seus pergaminhos de genuidade nacional. Português de nascença, verdadeiramente e em tudo, senão clássico ao menos romântico classicamente disciplinado, nos ímpetos criadores como em os modos de lhes dar forma, sente o mundo no coração e só pelo coração o estremece ou o aborrece, conforme o mundo lhe afaga ou fere o coração. Entretanto, da beleza do mundo desprende para a erguer ao resplendor dos ceus a imagem de uma mulher, e nesse culto, sobrelevando a quantos mais a formosura de terra lhe suscita, respira alentos camoneanos e embebe-se na devoção a que o genio nacional por excelencia se rendeu.

Acrescentemos-lhe a unção da limpidez, todo o poder da linguagem singela, translúcida, que por igual honra as academias ávidas de pureza ática e encanta as multidões enamoradas das formas imediatamente inteligíveis e por isso as mais eloquentes. Consideremos por fim que esta forma é o espelho obrigado de uma psicologia sã, robusta, sem reservas, nem duvidas, nem refulhos, sem análises mórbidas a esgravatar torturas e contradições espinhosas, psicologia que onde ama, ama francamente na plenitude dos enlêvos mortais desafogados, e onde se mortifica chora copiosamente as suas lágrimas, isentas do sal amargo das maldições, revoltas, contracções e exames de consciencia arrevezados que orçam por demências venenosas, exaurindo toda a alegria de viver á luz de Deus. Façamos conta exacta destes valôres que entre outros de igual quilate se contem no *Relicário*, e mais não será necessario dizer para avaliar da fortuna de que êle é fiel depositário e o venerar. Nem mais será necessario aduzir para vestir a túnica de poeta a quem no-lo trouxe, e, porque o trouxe, em direito e justiça tomou lugar entre os apóstolos contemporaneos mais ilustres da divina religião da Beleza e da Pátria.

Eixo, Fevereiro de 1925.



Notas desenfadadas sobre coisas mais ou menos conhecidas

Por Pedro Theotonio Pereira

E' para mim fonte de inexgotavel claridade intelectual, se bem que o peso dos anos me leve muito ainda no animador ramo ascendente que as estatisticas mais severas reservam á curva da vida humana, deter-me a considerar atentamente e comparando-os com os de hoje, factos e impressões que estão já lacrados e esquecidos nas prateleiras do Passado.

O livro de Daudet "Le Stupide XIX Siecle,, causou larga sensação. O titulo sobretudo calou fundo e muito leitor ha-de ter pousado a obra nos joelhos maravilhado com tão luminosa ainda que evidente conclusão.

E' que a geração que nasceu com o novo século, ao atingir a idade da razão, sofreu um abalo profundo no constata: do meio e dos antecedentes proximos do mesmo, em que lhe era dado gozar ou sofrer a vida. Nunca poderei esquecer as concordancias profundas que nos bancos do liceu juntaram os rapazes da minha idade, quando, na primavera desta dispeptica republica, os professores eram na sua maioria jacobinos e os livros escorriam veneno desde as carteiras baixinhas das escolas primarias, onde os pequeni-

tos com os dentes de leite a rebentar ouviam chamar herois a todos os malandrins, mesmo os mais sinistros, que a historia deixava convenientemente classificados.

Sem querer cobrir-me de louros perante a posteridade, desconfio no entanto que é facto insofismavel o da minha geração ter vindo cheia de bom-senso. De autentico bom-senso, aquele solido bom-senso que cheira a saude e deixa atravez dos tempos uma estrada clara como via romana por onde passem aqueles que queiram fazer da vida uma coisa decente.

Ora justamente nesses primeiros e floridos anos do actual "*regime*„, a Europa inteira, pelo menos numa vista de conjunto, apresentava um *facies* muito igual, fresco ainda das tintas fortes que o outro seculo lhe deixava, materialão ou baixamente supersticioso no campo espirital, e no campo politico convencidissimo do "*le monde marche*„, e marchando portanto pela mão dos democratas primários a caminho de qualquer coisa mais avançada, socialismo, anarquismo, nihilismo... Oh a fascinação irresistivel do ir... Progresso!!

Aqui se rende como se está vendo, uma leal e discreta homenagem aos pobres diabos, traduzidos em calão do francês — genial observação sempre moça — que tomaram á sua conta o "*liberalamento*„, do paiz, desde o Sr. D. Pedro IV até aos da Propaganda, que a pena se me dispensa de referir, por uma questão de respeito á memoria desse mal-fadado Rei.

A minha geração trazendo no sangue vozes antigas que lhe dava aos olhos una experiencia que os anos não podiam justificar, começou logo por sentir uma incompatibilidade estranha com o que veio encontrar. O século anterior a que toda a imprensa, — inextimavel alavanca do Progresso! — os sabios das academias, os escritores consagrados, chamavam das luzes, pareceu-nos qualquer coisa de

espantoso, no sentido de contraditório como se durante ele o mundo começasse a andar de pernas para o ar.

E onde justamente as lunetas dos panegiristas viam atrazo e sombra, nós encontramos as unicas luzes desse século. A voz de Pio IX erguida dentre o classico silvar das locomotivas, os tiros das barricadas e os caudais da verborreia parlamentar, trouxe-nos a grande nota de absoluto e de imortal nesses cem anos de caminho perdido.

O alvoroço que o livro de Daudet veio provocar, a rapida acquiescencia a taxar de estúpido um século que apesar de todos os pesados defeitos, trouxe reais valôres ao capital do espirito humano, traduz perfeitamente a impaciencia da gente nova por este conjunto de coisas absurdas, ridiculas, indolentes e por vezes monstruosas que constitue o nosso "stato-quo,,.

Deus louvado, no mundo corre agora um vento novo de bom-senso. Os homens parecem ter finalmente percebido a necessidade vital de enquadrar a Civilização nos moldes seguros onde se gera o verdadeiro progresso.

A' beira da encosta escura, o juizo chegou afinal neste ano da graça de 1925. Será tempo? E' sempre tempo para as nações até ao Vale de Josaphat. . .

E Portugal? . . .

Todo o bom-humor se quebra. Só na desgraçada França votada porventura a uma paixão cruel que Deus apenas conhece e numa ou noutra republiqueta suspeita daquem e dalem mar, poderão ser possiveis os homens e os successos, este viver de apagada tristesa que parece abafar todos os esforços, mesmo os mais desesperados para o salvar.

Quando se acabará este arraial de ciganos?

Sejam firmes os corações novos.

Procure-se por entre o desmanchar de feira a que chegou um paiz cristão por falta de confiança em si mesmo e no seu genio, manter uma esperanza forte na nossa mocidade.

Amor Imortal

Por Jeronimo d'Almeida

*A tua imagem trago-a no meu peito
Guardada, como dentro dum sacrário,
Sombra imortal dum sonho já desfeito,
Que foi minha alegria e meu fadário.*

*A todo o instante, ao coração a estreito,
Desfiando nas mãos o meu rosário
De saudades que fazem contrafeito
O meu viver sombrio e solitário.*

*Nunca mais, nunca mais ela se apaga
De meus olhos que a viram tanta vez,
Em meus sonhos de amor e de ventura!*

*E nem o tempo a tornará mais vaga,
Pois parece que estou ainda a teus pés,
A dizer que te adoro com loucura!*

(Inedito)

Defenda-se com firmeza o bloco de bronze das nossas verdades, cidadela em que se refugiou a Patria espiritual. Que ele seja como o coração profundo e secular da Arvore que estes ventos maus não conseguirão abater, e a que arrancam apenas farrapos de casca velha e as folhas mortas.



Das Ideias & dos Factos

Integralismo Lusitano

A Junta Central do Integralismo Lusitano, na sua ultima reunião, resolveu:

1.º Encarregar da direcção litterária da revista de cultura nacionalista «Nação Portuguesa» o doutor Manuel Múrias, passando a exercer as funções de secretario o sr. Antonio Rodrigues Cavalheiro;

2.º Incitar todos os integralistas e, em geral, os bons portugueses a proteger e divulgar a «Nação Portuguesa» concorrendo por todos os meios ao seu alcance para a defesa e propaganda dos principios de reconstrução nacional;

3.º Promover a fundação de um centro de cultura, denominado «Instituto Antonio Sardinha», que será oportunamente inaugurado, em homenagem de louvor e reconhecimento á memoria de quem foi o mais illustre dos doutrinadores e o mais glo-

rioso dos combatentes do Integralismo Lusitano.

Lisboa, 15 de Março de 1925.

A JUNTA CENTRAL.

E' com o maior prazer que vemos assumir a direcção da «Nação Portuguesa» o nosso presado Amigo e distinto colaborador Sr. Dr. Manuel Múrias. Escritor nacionalista, o autor distinctissimo de *O Seiscentismo em Portugal*, ocupa já hoje entre os escritores novos, um lugar de inconfundivel destaque, tornando-se por isso o digno successor do nosso querido Mestre Dr. Antonio Sardinha, na obra da Ressurreição Nacional a que devotadamente se tem lançado a «Nação Portuguesa».

Lo Dr. Manuel Múrias e ao seu illustre camarada e tambem nosso colaborador Sr. Antonio Rodrigues Cavalheiro, a certeza da nossa camaradagem e os aplausos da nossa admiração.

Elisio de Carvalho

Elisio de Carvalho, nesso querido amigo e director da esplendida Revista do Rio, «*America Brasileira*» quiz trazer-nos, em palavras que muito nos desvaneceram e penhoraram, o seu aplauso á obra que encetamos.

Vamos aqui arquivar as palavras com que gentilmente nos acolhe o admirável autor do *Laureis insignes, Bastiões da Nacionalidade*, e da *Brava Gente*, livros em que a sua pena brilhante se cobre de gloria, impondo-se ao reconhecimento sincero de todos os portuguezes, pela justiça que neles se presta ao nosso passado glorioso, agradecendo sinceramente a Elisio de Carvalho a gentileza penhorante da sua carta.

«*Presado e illustre confrade D. José Ferrão.*

Não leve á conta de impertinencia estas linhas. Escrevo-as para exprimir-lhe minha simpatia pela interessante publicação que, sob o titulo de «Gil Vicente», acaba de iniciar com brilho e proveito. Na solidão e na neve deste desterro, interessam-me sobremaneira as iniciativas e as emprêsas que tem objectivo nobre e patriótico. Talvez meu obscuro nome não lhe seja completamente desconhecido:—sou um velho amigo da sua glo-

riosa terra, solar da minha raça, e um defensor denodado das tradições de heroísmo, de cultura e de patriotismo daqueles que crearam o meu Brazil. Assim, pois, queira ter a bondade de incluir meu nome entre os assinantes do «Gil Vicente», cujos primeiros numeros desejo receber. E aceite o illustre confrade, com a expressão da minha perfeita solidariedade intellectual, minhas cordeais saudações.

Sanatorium Schatralp, 5 de maio XXV.

(a) *Elisio de Carvalho.*»

Dr. Pequito Rebelo

Este nosso distinto colaborador e presado amigo, illustre vogal da J. C. do Integralismo Lusitano, que tinha ido á Argélia estudar, a convite de Mr. Bourdiol, as culturas das regiões áridas visinhas do Deserto do Sahará, bem como os trabalhos do Instituto Agronomico de Argel, seguirá em breve para Varsovia onde vai representar a Associação Central da Agricultura Portuguesa no 12.º Congresso Internacional de Agricultura.

Nêsse Congresso, o distinto agronomo relatará uma tese sobre *Novos problemas e novos metodos de luta contra a secura excessiva do clima* da qual se encarregou a pedido da Comissão organisadora. Aproveitar-se-

ha desta ocasião para ali estudar também a questão agraria nos diversos países do Oriente da Europa.

Na Argelia foi este nosso amigo hospede de Mr. Bourdiol, inventor do celebre metodo de cultura que tem o seu nome.

Salcio Bairrada

Em Sangalhos da Anadia, falleceu o nosso querido amigo e assinante sr. P.º Acurcio Correia da Silva, que foi illustre ornamento da Pleiade Bairradina, poeta e prosador distintissimo, que, sob o pseudonimo de *Salcio Bairrada*, escreveu as *Seroudas Fulvas*, *Dor e luz* e mais composições dispersas por revistas e jornais, alem das que não chegaram a vêr a luz da publicidade.

Orador distinto, as suas palavras eram sempre repassadas duma cristianissima intuição que deslumbrava. Tradicionalista de alma e coração era um dedicado combatente na trincheira do Resgate.

Nobre character, a sua morte causou a mais funda impressão em todos os que lutam nesta trincheira, e que ficam orando a Deus pelo eterno descanso da sua alma.

Assinaturas pagas :

Enviaram-nos a importancia

da sua assinatura relativa ao 1.º ano os seguintes Srs.

Visconde de Britiande, Afonso Henrique da Cruz, J. Queiroz de Azevedo, P.º Antonio Mendes Araujo e João Feliciano de Almeida Toscano.

Agradecemos.

Numeros atrazados :

Estando quasi esgotadas as respectivas edições, rogamos a todos os Srs. assinantes a quem faltem alguns dos referidos numeros o favor de o participarem com a possivel brevidade, para lhe serem enviados.

Restauração

Iniciou a sua publicação em Coimbra este semanario de que é redactor-principal o nosso prezado conterraneo e amigo sr. Dr. Bento Caldas. Propõe-se defender os principios da Monarquia Organica e Anti-Parlamentar e é o orgão da Acção Realista na linda cidade do Mondego. Apresenta-se belamente colaborado e com excelente aspecto grafico. Enviamos-lhe as nossas saudações desejando-lhe as maiores felicidades.

A Bibliografica

Recebemos o n.º 12 desta interessante publicação da Povoada de Varzim, arquivo e divulgação de toda a publicidade em lingua portuguesa.

Alerta!

Reflexões sobre o «Scoutismo»

Por Eugenio de Belouor

BISONHO e inexperiente, por isso mesmo é que devo entrar em acção. Um bravo veterano que conta as condecorações que lhe constelam o peito pelo numero de cicatrizes que lhe enrugam a pele, não se fez alapardado no catre ao canto da caserna, senão pelejando corajosamente, fâce ao inimigo.

Quando a Pátria chama, não se medem forças; acorre-se prontamente na resolução serena de vencer ou de morrer. Bem sei que já passa a banal lugar comum o costume de entoar nébias sobre os males sociais que nos afligem. Mas o certo é que esses males são duma evidencia aterradora e por isso carecem de remedio. Esse remedio está nas nossas mãos. Se nós quizermos, Portugal voltará a ser bem português. Mas para isso é preciso dispender-se muita energia, muita dedicação, muito esforço, e é necessario que uma grande Fé nos alente, ilumine e aqueça as nossas almas de sacrificados. Olhando para o descalabro do presente, para a corrupção originada num seculo de materialismo e negação, de egoismos desenfreados e prepotencias, obser-

vando a apatia desvirilisante de que está possuído o nosso povo, sente-se bem a magnitude e dificuldade da empresa a que temos estrita obrigação de nos abalançar.

Com a graça de Deus, reacção já existe; reacção forte, energica e consciente; mas está por enquanto englobada num núcleo de intellectuais. E' muito, porque o problema das «élites» é dos mais graves. Mas não basta, porque as «élites» não são tudo; é necessario que o esforço de ressurgimento se faça sentir em todas as camadas sociais. A anarquia penetrou em toda a parte? Dominou grandes e pequenos, ricos e pobres, patrões e operarios? A desmoralisação corrompeu todos os espiritos?...

E' uma triste verdade!

Pois bem: "deixemos os pais e cuidemos dos filhos,". Para os velhos, em regra, não ha emenda possivel; não ha forças humanas que os afastem do caminho errado em que se internaram. Não deixemos que a mocidade os siga inconsciente e automaticamente á maneira dos carneiros de Panurgio.

E' da mocidade de hoje que sairão os homens de amanhã. Ora, visto que a familia é a célula primaria da sociedade, é dela que a sociedade receberá a sua força e saúde. Poderá um organismo ser são, se estão doentes ou atrofiados os elementos que o compõem?.. Já se entremostra aqui o valor do Scoutismo Católico, — assunto que estudaremos detidamente em futuros artigos.

O Scoutismo tem por fim educar: fazer homens em toda a extensão da palavra; homens que saibam ser homens e não seres amorais, eunucos de dignidade, arlequins de baraca de feira; homens de character, integrados naquelle tipo ideal que nos descreve Sá de Miranda:

"... d'u'n só parecer,
D'um só rosto e dua fé,
D'antes quebrar que torcer...,"

Atente-se bem na reflexão justa de Elwes, aqui resumida: o homem é um ser composto de alma e corpo; de sorte que a educação não será perfeita, se não atender a essas duas partes bem distintas. Educais só o corpo? Não fazeis mais do que criar um belo animal, um animal de 'luxo, de que é preciso ter a maxima cautela, porque a sua vida não terá outra orientação que não seja a ditada pelos baixos instintos, pelas solicitações da animalidade sórdida e egotista. Voltais-vos só para a alma? Far-se-ha o vácuo á roda de vós; ninguém vos escutará. E, se pretenderdes que basta a educação intelectual, caís no risco de formar individuos perigosos, dum espirito falso e venal, sobretudo se essa educação não assenta sobre uma sólida base religiosa.

Por qualquer destes lados se nos mostra completa a educação Scoutista; é uma educação integral. Tende a formar "almas sãs em corpos sãos," — ideal este que já a antiga Esparta se esforçava por realizar. . .

Dando á familia um esteio forte em que se firme, na educação perfeita dos seus elementos, o Scoutismo é inegavelmente um dos melhores obreiros daquele futuro de Glória que, — estou certo, — Deus ainda reserva a Portugal.

*

*

*

Alerta! é o lema que o Scoutismo Católico inscreveu na sua bandeira.

Grito de acção, ouçamo-lo todos os que sentimos a necessidade imperiosa de reaportuguezar Portugal. Chegou a hora em que ficar de braços cruzados significa ou covardia ou traição negra.

Alerta! O novo movimento, que felizmente vai alastrando pelo paiz, é mais um sinal de que havemos de vencer.

Um ascendente miguelista

(A' memoria do meu trisavô Francisco Pimentel,
fidel e martir soldado d'El-Rey D. Miguel I).

*Tenho na minha arvore ancestral
Um meu antepassado mui famoso,
D'El-Rey Senhor um servidor leal
E da Patria um guerreiro valoroso.*

*Quando me lembro d'ele, em ar real,
Logo me surge — e eu sinto-me orgulhoso!—
Esse Vulto: — um heroi de Portugal!
Descendente dos bravos de Trancoso!...*

*Escuto a voz do sangue, — a Voz da Raça!
O' meu antepassado dá-me a Graça
Que tiveste entre louros coroadá;*

*E serve-me de Sombra mensageira
Para que eu possa ser, em vida inteira,
Digno da tua Gloria assinalada!*

(Do livro inédito «Paiz da Lenda e do Misterio»).

RUY GALVÃO DE CARVALHO.

Dos Livros :: ::

Cronicas de qualquer dia, por Maia Alcoforado.

Livro escrito com o coração, *Cronicas de qualquer dia*, veem confirmar os meritos de artista que o seu autor alcançou por ocasião da publicação do seu primeiro livro *Cartas que vo-gam*, cuja segunda edição vai sêr lançada em breve.

Estas cronicas agora reunidas em volume, constituem recordações de tempos passados, escritas quasi todas a bordo de um navio.

Um pedaço de Historia tragico Maritimo é um soberbo capitulo em que se descreve um combate travado entre o *Porto-Alexandre* e um submarino alemão. Tem passagens arrebatadoras, splendidamente descritas. O mesmo se pode dizer *Dos bancos da Terra Nova* e *Comemorando uma data*, êste ultimo consagrado aos combatentes da Flandres.

O *Pierrot* é um belo capitulo de amôr-louco. *Odette*, como as simbolicas rosas, é o amor-ocasião, o amôr que apenas dura um momento e se transforma, depois, em saudade.

Cronicas de qualquer dia, é um livro bem escrito e, assim, nada é de recear o *augurar-lhe*

o apreço de todos aquêles e sobretudo daquelas que o houverem ás mãos, como o profectiou Mercedes Blasco no prefacio que escreveu.

O **Rei**, comentario sobre as *«Cartas d'El-Rei D. Carlos a João Franco»*, por Luiz Costa—Edição da *«Acção Realista Portuguesa»*.

O brilhante autor de *A cidade vermelha*, reuniu num volume de 32 paginas, os comentarios que fez ás *«Cartas d'El-Rei D. Carlos a João Franco»*, e que já foram publicados na revista de Lisboa *Acção Realista*.

Luiz Costa, aproveitando-se de algumas passagens das cartas de El-Rei D. Carlos I, publicadas pelo Sr. Conselheiro João Franco, faz resaltar a figura grandiosa do Rei-Martir, e formula as suas considerações acerca do constitucionalismo e do Parlamento. São paginas belas em que se faz doutrinarismo contra-revolucionario e se põe em foco o patriotismo e a acção do Rei assassinado e do seu illustre Presidente do Conselho. E' um livro cheio de oportunidade e escrito numa linguagem sobria.

O Judeu Errante, por José Agostinho, Edição de A. Figueirinhas — Porto.

José Agostinho é já um nome consagrado nas letras.

Os seus livros são sempre lidos com o maior agrado. *O Judeu Errante*, faz parte dessa soberba e grandiosa obra que é o poema «Cristo», já esgotado, cuja reimpressão se impõe. Nesta separata ao seu poema, José Agostinho faz sobresair toda a sua delicada emoção de artista e de crente. Poêma bíblico, descreve, com emoção, o encontro de Cristo com Samuel Beli-Beth, o judeu errante, no caminho do Calvario.

E' um brado revelador do grande talento de José Agostinho e uma prova do seu inegável merecimento poético.

A edição é excelente.

M. ALVES d'OLIVEIRA.



Só se fazem referencias aos livros de que nos sejam enviados 2 exemplares - -



REVISTAS & JORNAIS

A Tradição

Jornal de cultura nacional, fundado em memoria do Dr.

Antonio Sardinha, que se publica em New-Bedford, Mass., sob a direcção do sr. Antonio Augusto Lopes. Belamente colaborado e com excelente aspecto grafico «A Tradição» será, entre os nossos camaradas da America do Norte, o baluarte dos principios nacionalistas que hão-de resgatar Portugal. As nossas saudações com os desejos de longa vida.

Labareda

Recebemos os n.ºs 3 e 4 desta excelente Revista nacionalista, que, com tão brilhante exito, se publica no Porto.

Salus ;

Depois de algum tempo de interrupção saíram os n.ºs 5 e 6 desta interessante revista da Alma Cristã e do Espirito Portuguez, dirigida pelo nosso prezado camarada e amigo sr. José Bernardino Duarte. Redacção e Administração: Rua Eça de Queiroz, 12—Aveiro.

Acção Realista

Temos recebido com toda a regularidade esta excelente revista anti-liberal que se publica em Lisboa. Agradecemos muito sinceramente as boas palavras com que nos distinguui.

«LABAREDA»

. . . Revista Mensal de Critica e Letras . . .

DIRECTORES — Artur Marques de Carvalho, Vasco
- - - Rodrigues e Horacio de Castro Guimarães - - -

REDACÇÃO — Rua de S. Miguel, 27-2.º — PORTO

COLABORAÇÃO LITERARIA E ARTISTICA DOS MELHORES
ESCRITORES E ARTISTAS PORTUGUEZES. ORIENTAÇÃO
NACIONALISTA E ESPIRITUALISTA.

SEGUNDO ANO DE PUBLICAÇÃO

Recomenda-se a leitura util e agradável desta Revista, uma das me-
- - - - - lhores, no genero, em Portugal - - - - -

«Nação Portuguesa»

Revista de Cultura Nacionalista

Director — Dr. Manuel Murias

Propagar a «Nação Portuguesa» é contribuir para o renascimento e restauração da Patria. Nenhum bom português deve deixar de assiná-la e divulgá-la.

Redacção e Administração:

Redacção e Administração — Largo do Directorio, 8-3.º — LISBOA

Agencia nesta cidade:

«Gil Vicente» — L. Prior do Crato, 59-A.

Eulalia Couto PARTEIRA MUNICIPAL
— Rua 31 de Janeiro, 111 —

Gil Vicente

Por Afonso Lopes Vieira

IMAGINEMOS quimèricamente que Portugal se achava reaportuguesado, portanto europeu. Eis que Gil Vicente logo tomaria em o nosso Teatro aquele lugar que um illustre castelhano — Menéndez y Pelayo — lhe assinalou, quando disse que «a alma do Povo português só em Gil Vicente plenamente respira.» Mas Portugal encontra-se sob o poder anti-cristão, por consequência anti-nacional, daqueles que denominei *os moiros*, achando em verdade uma expressão histórica.

Justo é então que a voz do irmão de Camões não seja ouvidá neste nosso cativo de Argel.

Porem, a nós-outros, cristãos e portugueses, respeita manter o culto dos Heróis, a-fim-de o transmitirmos aos verdadeiros portugueses de algum dia.

Gil Vicente o disse :

Terra que foi de cristãos,
mouros vo-la tem roubado !

Pelejemos sem fim para a reavermos, e um dos que comande a hoste seja sempre o mestre dos Autos.

Exortação da Guerra

Por Cesar de Oliveira

I

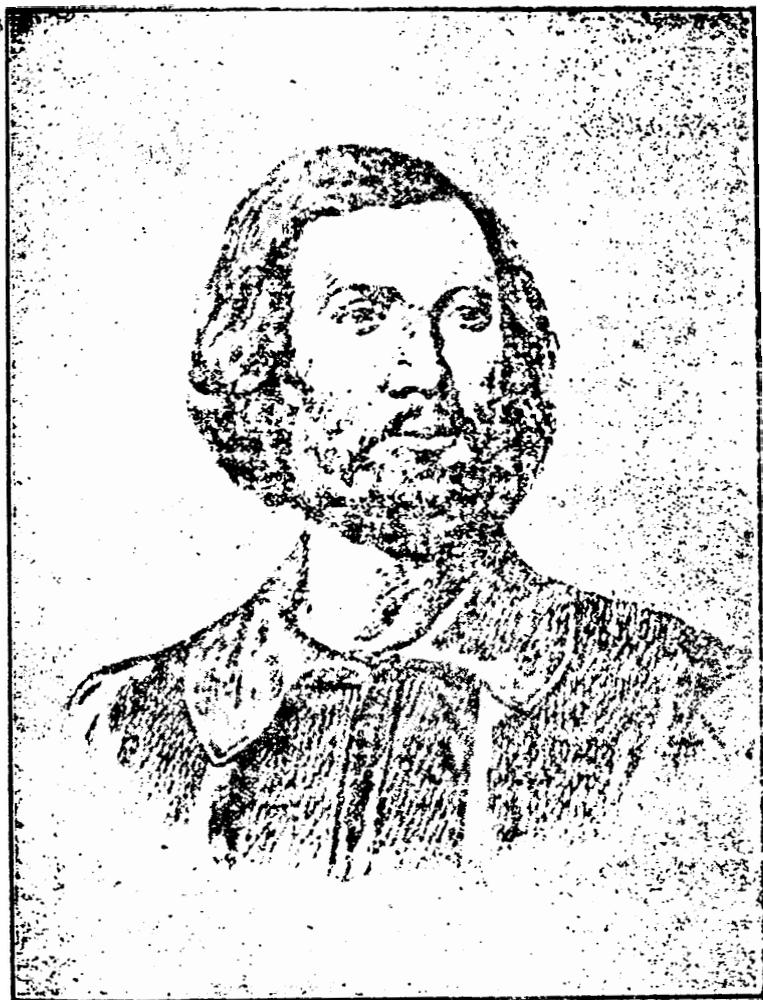
« Tende fé. Não uma fé ascética e contemplativa, mas militante ».

(C. Mulheiro Dias — «EX. A MOCIDADE»).

MUNDO rumoroso e gritante de tipos, de costumes, de sentimentos e de ideias, a galeria vicentina agita-se e vive eternamente da vida e da verdade com que o seu auctor a trabalhou.

Gil Vicente não é para nós, nacionalistas — que o mesmo é dizer: catolicos, monarchicos e sindicalistas — apenas o comediografo galhofeiro e pícaro que abre um céu estrelado de risos joviais e francos no firmamento lantejoulado a grotesco da sua obra formidavel.

Quasi todos os seus autos, farças, comedias — arranjos dramaticos ou intermedios comicos, dispostos dum geito muito especial e muito seu que ainda se perfuma do místico incenso das magicas medievaes e já vem adornado dos classicos festões da tragedia grega renascida — quasi todos os seus autos, dizia, representados na côrte venturosa ou nos pateos de marulhante populacho, têm um bem claro relevo apologetico e um agudissimo e luminoso sentido nacionalista. Em todos eles uma conclusão se colhe; de todos



se tira e se aproveita uma lição de moral, de Fé ou de patriotismo que edifica.

A Arte de Gil Vicente comediografo é o complemento logico da Arte de Gil Vicente ourives.

Um e outro — possivelmente, senão de certeza, o mesmo — têm da sua profissão e da sua Arte o conceito medieval e cristão, mal contaminado ainda do individualismo estetico da Renascença: o Trabalho é a Beleza em bruto porque todo o trabalho tem Beleza; a Arte é a flor da Beleza como os Santos são a flor da Humanidade; o trabalhador é artista; o artista é *oficial* ou *mestre* conforme a perfeição das suas obras; e toda a obra é considerada uma oração porque o artista se cria sempre assistido do divino Espirito durante a idealisação, factura e conclusão da sua obra.

Gil Vicente fazedor de autos e Gil Vicente cinzelador de alfaias religiosas, completam-se assim no mesmo final proposito cristão e nacionalista. E se na Custodia de Belém o ourives consagra a Deus o ouro primeiro que o Oriente pagava em tributo á expansão maritima, comercial e conquistadora do pequeno e florescente povo do extremo Occidente, nas bellissimas farças de Mestre Gil — que foi tão fino ourives nos seus versos como o outro, senão ele mesmo, fôra delicado poeta no buril — sempre o louvor de Deus e o consciente e já épico amôr da Patria afirmam o luzitannissimo sentimento da Grei e a saudavel, moralisadora e cristã intenção do artista.

Artista foi-o, e como poucos, Gil Vicente.

«*Nenhum poeta como ele* — afirma o Prof. Mendes dos Remedios (1) — *no periodo antigo da nossa historia literaria, encerra uma lição mais perfeita e mais viva da nossa estrutura mental e moral*».

E embora não concordemos inteiramente com o singradouro de conclusões a que pode arrastar o reboque suspeito do douto catedratico, não me furto a completar-lhe o pensamento com as suas proprias palavras:

«*Ora serio, ora zombeteiro, umas vezes sceptico e indifferente, outras profundo filosofo crente e moralista, ele retrata admiravelmente a incerteza e o desequilibrio da época, na fase de transfor-*

(1) Mendes dos Remedios — «Subsidios para a Historia da Literatura Portuguesa», Pag. XXXVIII, Tómo XI.

ção que lenta e surdamente se começava de operar. Lendo-se e meditando-se, comparando-se através da sua própria obra é que se vê de que poderosa maleabilidade era dotado o seu genio.

O poderoso e maleavel genio de Gil Vicente, simples e arguto, ingenuo e profundo, chocarreiro e lirico, tão depressa se embrenhava na floresta densa dos mitos como se transfigurava nos celestes e iluminados arroubos duma Fé intensa e ardente; agora debatia assuntos teologicos numa assembleia de culto zelo canonico, logo fazia um molho de vicios ou uma gavella de palhas-althas de ridiculos que amarrava ao pelourinho do seu teatro num fio poetico truanesco ou tragico,—esse teatro onde ele zurzia costumes, plasmava almas, impugnava erros e heresias, vergastava soberbas e egoismos, arrepelava a rotina e cantava o amor da Patria e as virtudes da Raça na relembração oportuna, feliz e digna das suas façanhas, das suas glorias, do seu passado de sobriedade e do seu presente de heroismos.

Todos os defeitos e todas as grandes qualidades do nosso povo ficaram gravadas para sempre nesses inesqueciveis fantoches que Gil Vicente creou e a que deu vida, uma vida tão real e tão humana que eles nos aparecem a todos os momentos, refractarios á cárie dos tempos, com as mesmas expressões grotescas ou amorosas, liricas ou tragicas, lôrpas ou velhacas.

Titeres engonçados e funambulos, que passeiam ainda hoje as intimas desavenças, os belos sentimentos e as gibas morais de ha quatro séculos, nos seus autos esculpiu o Mestre com o mesmo carinho e devoção com que teria cinzelado o maravilhoso oiro das pareas de Quiloa. . .

Da sua arte inexcedivel de barrista de almas e de tipos, recorde esse admiravel friso, picaresco e simbolico, da «*Romagem dos Agravados*», a que não falta sequer o remoque legitimo e são do pensador que sabe rir-se com vontade dessa balôfa ignorancia petulante dos aventureiros do negocio, da côrte e da politica.

Ele analisou conscienciosamente os aspectos sociais do seu tempo, e soube lega-los á posteridade com o comentario irónico, mordaz, indignado ou complacente que a sua equilibrada intelligencia e o seu desanuveado senso critico agudamente sugeriam.

Mas, acima de tudo, Gil Vicente foi um alto, um culto espirito nacionalista,

A qualidade dos homens com quem tratava e lidava, a sua permanencia na côrte, o seu contacto plebeu e a sua mesma origem, proporcionavam-lhe um extraordinario e talvez unico conhecimento das coisas, dos acontecimentos e das pessoas, um conhecimento muito vivo e muito fresco das realidades sociais e do mais nobre e justo sentido do interesse nacional.

Assombram, neste ultimo ponto, a sua sabedoria e clarividencia, a sua visão nitida e actualissima do problema marroquino — sempre em aberto e, triste é confessa-lo, jamais resolvido — do dilema fatal do Norte da Africa: ser senhor ou ser escravo do Algarve de Além-Mar.

Esse auto admiravel que o poeta aplidou de *«Exortação da Guerra»*, com ser um veemente e cáldido apelo ás energias nacionais, ainda escassamente narcotizadas com os primeiros fumos da India, e talvez sacudidas no momento por algum recente feito ou desastre nas praças africanas, é tambem uma tagantada sangrenta mas necessariamente cruel, vibrada pela mão de Mestre Gil ás encortçadas faces do egoismo inconsciente e comodista:

*«Oh! deixae de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e douradas,
Que he gastar sem prestar».*

Assim aconselhava o poeta dos autos, e o seu conselho repete-se como um anátema contra o luxo amolecedor da Renascença invasora.

O seu bem alicerçado espirito nacionalista incita á guerra e ao sacrificio, á abstinencia e á sobriedade, a grandes e a humildes, os nobres e os vilões, cortezãos e bispos; exorta á guerra todos os habitantes ainda solidarios da Nação quinhentista, ainda saudavel e forte e já enlourada de glorias e de renome:

*«Oh famoso Portugal,
Conhece teu bem profundo,
Pois até ó pólo segundo
Chega o teu poder real»;*

não á aventura lönquina da India perturbante e doirada, mas ao combate sem treguas contra o inimigo secular: o moiro escorçado da Peninsula, e que do outro lado do mar chora o forçado abandono do abençoado torrão hispânico e sonha a reconquista do paraizo perdido.

No Norte da Africa, na luta sem descanso contra o mouro — aliado do Grão Turco que avassalava o Mediterrâneo e já roía no coração da Europa — queria Gil Vicente que se consolidasse e defendesse a Nacionalidade florescente e a Cristandade ameaçada.

Aí, para acometer os inimigos da Fé e da Patria, e pois que

*«Africa foi de Cristãos,
Mouros vo-la tem roubado»*,

se oferecia a rainha Pantasilea; de tal maneira a chorosa, penada, triste e feia guerreira se gaba e apresta, mais as suas quarenta mil amazonas, para o serviço do Rei de Portugal:

*«Empregára bem meus dias
Em vossas capitaniãs,
E minha frecha dourada
Fôra bem aventurada,
E não nas guerras vazias»*.

Ah! Não era nessas «guerras vazias», sabia-se lá contra que danadas gentes em remotos paizes de estranhas e alíciantes molezas do corpo e da alma, que Gil Vicente desejaria fossem empregadas as ainda fortes e sãs energias da Raça, o sangue viçoso e rico duma Nação que não era composta propriamente e apenas de «bufarinheiros, de sobre-cargas, de judeus agiotas, de cortezãos e de tartufos», essas nobres reservas de idealismo e de força transfiguradas no seu auto em bravuras indomaveis de amazonas, em evocações épicas dos heroes classicos: Anibal, Aquiles, Scipião...; era contra a moirama indebelada, erguendo a todos os momentos

o pesadelo dos seus albornozes brancos e dos seus cavalos pretos na ameaça da Mauritania infiel.

Terra de cristãos fôra ela antes da traição nefanda do infame Conde Julião...

Pois para que a Península lograsse socego e fosse bem cristã e bem europeia, era preciso submeter e recristianisar esse rincão adusto onde a terra e os homens foram adquirindo, fora da Graça de Deus, a côr ferrugenta e o tôrvo aspecto das brenhas e cavernas onde se planeiam assaltos.

Esse era o pensamento altissimo e bem declarado de Gil Vicente, quando clamava no côro final do seu patriotico auto:

*«Guerra, guerra, todo o estado!
Guerra, guerra mui cruel!
Que o gran Rei Dom Manuel
Contra Mouros está irado.»*

Essa era a voz imperativa e previdente do verdadeiro interesse nacional, de menos imediato proveito do que a miragem grata, dourada e cheirosa do Oriente, mas muito mais honesta, segura e acertada.

Esse sentido dominante e instintivo da conservação nacional, não faleceria com Gil Vicente. Vivo, e para sempre, nos seus autos, dos autos o recolheriam Camões e a pleiade brilhante e ousada que com El-Rei D. Sebastião quizeram dar realidade ao sonho nacionalista e irredentista do poeta que encheu de galas e de ensinamentos a côrte mundana de D. Manuel e de um grande fulgor literario o primeiro quartel do 15.º século.

Sonho de cavaliariã, generoso e galante, desfeito em pó e sangue na planicie escaldante de Alcacer-Kibir, ainda no tempo de Gil Vicente parecia de simples e facil realisação.

E é assim que, enquanto Camões conclama o Povo e o Rei á jornada de Africa como para uma empresa homerica que o mundo faria estarrecer de espanto e exultar de admiração, a Mestre Gil tal empreendimento lhe parece facil e oportuno, demais numa occasião em que

*«El-Rei de Fez esmorece,
E Marrocos dá clamores».*

O maior obstaculo, e afinal o mais insuperavel de todos, residia, então e sempre, no comodismo atroz e no feroz egoismo que em determinadas e infaustas épocas tem feito naufragar todas as grandes aspirações nacionais.

Sentiu-as bem o poeta da «*Exortação da Guerra*».

Possivelmente e intimamente desiludido da efficacia dos seus apelos inflamados e dos seus atilados conselhos:

«—*Espingardas, espingardas!*
Não queiraes ser Genoezes,
Senão muito Portuguezes,
E morar em casas pardas,»

ele insistia sempre na sua ideia de reconquista e recristianisação do Algarve de Alem-Mar.

E porque talvez assim conviesse e fosse grato á mordacidade congenita do seu temperamento impulsivo e franco, ele lamentava antecipadamente a inutilidade do seu esforço, da sua pregação, e antevia o desvirtuamento da nova cruzada no «não-te-rais» dos grandes e na malevolencia dos pequenos:

«*O' prelados, não dormais,*
Clerigos, não murmureis...»

Naquele renascimento alvoroçado, pedante, impetuoso e caotico do helenismo e do romanismo paganisantes, Gil Vicente sabia excitar o zelo e a emulação das mulheres do seu tempo, grifando o exemplo das classicas matronas:

«*Quando Roma a todas velas*
Conquistava toda a terra,
Todas donas e donzelas
Davam suas joias belas
Pera manter os da guerra»,

e não deixava de lhes lembrar.

*«E vós Senhoras guerreiras,
Bandeiras e não gorgueiras-
Lavrae pera os cavaleiros».*

Mas era principalmente contra aqueles a quem os deveres do sacerdocio impunham um mais decidido sacrificio e um mais ardente zelo pela defeza e propagação da Fé ameaçada pelo moiro em Africa e pelo turco no Oriente, que a voz de Gil Vicente se erguia, forte e mordente, pela boca de Aquiles, seu heroi predilecto:

*«O' pastores da Igreja,
Moura a seita de Mafoma,
Ajudae a tal peleja,
Que açoutados vos veja
Sem apelar para Roma.
Deveis de vender as taças,
Empenhar os breviairos,
Fazer vasos das cabeças,
E comer pão e rabaças,
Por vencer vossos contrairos».*

Apostolos duma causa ingrata — a causa do sacrificio resgata-dor — esfria-nos o sangue esta repugnancia atavica e insensata pelo abandono de estereis e inveterados costumes de dissipação e de luxo inutil.

Não é assim, não deve ser assim — sem sacrificio e sem abdi-cação de regalos — que poderemos «vencer nossos contrairos»: os moiros de Aquem e de Alem-Mar!

.....

Auto da Barca do Inferno

De Gil Vicente

«Ouvem-se, ao longe, trombetas de guerra.
Vêm quatro fidalgos, CAVALLEIROS
da Ordem de Christo, que morreram
nas partes d'Africa.

1.º CAVALEIRO

*A' barca, á barca segura,
guardar da barca perdida :
á barca, á barca da vida.*

*Senhores, que trabalhais
pola vida transitoria,
memoria, por Deos, memoria
dêste temeroso cais.*

*A' barca, á barca, mortaes ;
porém na vida perdida
se perde a barca da vida.*

DIABO

*Cavaleiros, vós passais,
e não me dizeis p'ra ond'is?*

1.º CAVALEIRO

*E vós, Satan, presumis? . . .
Atentae com quem falais.*

2.º CAVALEIRO

*E vós que nos demandais?
Sequer conhei-nos bem:
morremos nas partes d'alem,
e não queirais saber mais.*

ANJO

Ouve-se musica de organ.

*O' cavaleiros de Deos,
a vós estou esperando;
que morrestes pelejando
por Christo, Senhor dos ceos.
Sois livres de todo o mal,
santos por certo sem falha;
que quem morre em tal batalha,
merece paz eternal.»*

.....

A' margem da obra de Gil Vicente

Por Antonio R. Cavalheiro

Este trabalho do nosso prezado colaborador António Rodrigues Cavalheiro foi, como era de justiça, premiado na secção de Jogos-Floraes de Badajoz a que concorreu. Publicando-o, nesta consagração ao fundador do Teatro Nacional, Gil Vicente deseja exprimir o aprêço em que tem o belo e esforçado talento de António Rodrigues Cavalheiro e a alegria com que viu distinguido no notabilíssimo certame literário de Badajoz o seu curioso estudo.

Estudar a personalidade do autor da "Mofina Mendes," é não só encarar uma das mais complexas figuras da História Literária Portuguesa, mas também, — pela influência que exerceu e pelo ambiente estético e social que criou —, defrontar com um dos mais altos representantes do Génio Peninsular.

Gil Vicente pode bem considerar-se um esplendoroso exemplo daquele admirável paralelismo literário que irmanou Portugal e Castela na alta aspiração de novos e mais amplos

horizontes de Vida. Se o não podemos considerar — como a Camões —, um inspirado teórico do Hispanismo, Gil Vicente, todavia, depara-se-nos, na verdade, como uma singular demonstração do que valia, no campo iluminado das Belas-Letras, o fraternal abraço dos dois grandes Reinos da Península.

Escrevendo grande número das suas obras em castelhano, trabalhando outras nas duas línguas irmãs, o fundador do Teatro Nacional projecta o seu perfil de genial criador nas páginas augustíssimas das Histórias Literárias de Portugal e Espanha.

Como D. Francisco Manuel de Melo no XVII século, Gil Vicente realiza no século XVI a demonstração dumá fraternidade de Ideais e de Civilização que resiste a todos os embates e a todas as contrariedades do Destino, — Ideais e Civilização fortemente cimentados através dos séculos e impregnados dumá elevada concepção de Cristandade.

Pretendemos apenas esboçar algumas notas à margem da obra de Gil Vicente. Infelizmente, não possuímos ainda uma edição crítica dos Autos do Poeta. Se nos últimos anos, o culto pela memória de Gil Vicente se tem ampliado e enriquecido de belas manifestações de Inteligência e de Eru-dição, — a verdade é que, também, o labor literário daquele que fazia os «aitos a El-Rei» não foi ainda avaliado em conjunto para dêle se poderem tirar, prôveitosamente, algumas curiosas conclusões de ordem estética, social ou religiosa.

Não se deve esquecer, ao falar de Gil Vicente, a tenaz e valorosa «Campanha» empreendida por Afonso Lopes Vieira, em prol dum melhor conhecimento do admirável património de Lusitanidade que o poeta nos legou. Tampouco se podem olvidar as contribuições estudiosas e críticas de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Brito Rebelo, Teófilo Braga, Conde de Sabugosa, Braancamp Freire, Mendes dos Remédios, Fidelino de Figueiredo, Júlio de Castilho, Queiroz Veloso e tantos outros. Igualmente imper-

doável, se torna deslembrar a homenagem que a cultura espanhola tem prestado a Gil Vicente e as achegas que ao problema vicentino se têm produzido além fronteiras,—desde a crítica do grande Menéndez y Pelayo às traduções do infatigável Aubrey Bell.

Foi ou não Gil Vicente um *inventor*,—isto é, um criador dum novo género literário, ou simplesmente um continuador ou imitador? E' êste o primeiro problema que surge a quem se dedicar a estudar a obra do Poeta.

As conclusões a que chegaram os estudos vicentinos dizem-nos que se Gil Vicente não foi propriamente o pai do Teatro Hispano-Português, a êle se deve, contudo, a larga transformação operada nos domínios da Arte Dramática Peninsular, e que vai do embrionário teatro litúrgico às concepções sublimes dum Lope de Vega e dum Calderon de la Barca.

Evidentemente que Gil Vicente teve antecessores na feição literária que imortalizou o seu nome. Juan del Enzina, Torres Naharro e Lucas Fernandes, por exemplo, exerceram influência nas suas primeiras composições. Mas não se pode negar que existe na obra de Gil Vicente muito maior pujança de vida e um cunho português absolutamente característico. Menéndez y Pelayo no seu admirável ensaio crítico confessa que Gil Vicente "vale más, mucho más que Juan del Enzina,,.

Com efeito o problema da originalidade ou não originalidade da obra de Gil Vicente, se o pretendessemos profundar, levar-nos-ia muito longe. Seríamos obrigados a fazer um minucioso estudo das fontes literárias, históricas, teológicas ou etnográficas de que o Poeta se serviu para o arranjo das suas composições. Realizado êste trabalho verificar-se-ia que, se, por um lado, se esbatia um pouco a espontaneidade criadora do dramaturgo, por outro lado, a envergadura intelectual de Gil Vicente assumia, pela verificação duma fortíssima dose cultural, um relêvo inesperado. Além

do que em nada ficariam atingidos a frescura e o brilho da inspiração poética.

Enquadrado Gil Vicente na época em que viveu e no meio social em que criou os seus personagens, é tempo já de acabar definitivamente, com a lenda de protestantismo e de reformismo que o envolve. Gil Vicente, condenando os abusos do mau clero e anseando por uma transformação da estrutura da Igreja, surge-nos antes, ao lado de Camões, como um propugnador da Contra-Reforma,— admirável movimento de radicado Catolicismo que teve o seu mais insigne representante em Santo Inácio de Loiola. Não se trata, pois, dum precursor de Erasmo nem tampouco de um discípulo de João Huss; o caso religioso de Gil Vicente é tipicamente contra-reformista, e bem merecia um amplo estudo que o restituísse à pureza das suas verdadeiras intenções.

De resto, ao longo de toda a obra de Gil Vicente se pode notar um fervoroso sentimento de pura religiosidade. Bastará citar a "Mofina Mendes," (onde nos surge essa admirável figura da Virgem Vicentina), a trilogia das "Barcas," o "Brevê Sumário da História de Deus," (cheio de amplos conhecimentos dos Livros Sagrados), o «Auto de Cananea» e, finalmente, êsse prodigioso "Auto da Alma," que, com certeza, influenciou grandemente a obra-prima de Goethe.

Outro aspecto altamente curioso do labor literário do Poeta é a feição do arreigado nacionalismo com que nos surge. Tendo atravessado três ofuscantes reinados, Gil Vicente, pôde, assim, assistir a todo o esplendor a que se alteou a grandeza de Portugal. Do mesmo modo, vislumbrou, com infinita máguá, os primeiros sintomas da decadência inexorável:

*«...E agora Jeremias
é o nosso tamborileiro...»*

No «Auto da Barca do Inferno» há um passo impres-

sionante. Após ter conduzido para as trevas eternas os representantes de todos os vícios e de todas as corrupções que minavam a sociedade em declínio, o Diabo da admirável criação vicentina vê chegar, finalmente, quatro cavaleiros de Cristo que haviam pelejado contra os infieis nos areais africanos :

—*«Cavaleiros, vós passais
E não dizeis para onde ís?»*

Resposta de tranqüila e grandiosa altivez dos que se tinham batido pela Pátria :

—*«Morremos nas partes d'alem
E não queirais saber mais!»*

Possuidor do sentido da verdadeira política nacional, Gil Vicente, como todas as altas figuras do seu tempo, verifica com pesar a nefasta consequência do lusitano sonho imperialista. Aponta, pois, a Africa como o natural campo de batalha dos portuguezes,—os infieis como os naturais inimigos que, através de tudo, se devem dominar :

—*«Ó cavaleiros de Deus,
A vós estou esperando,
Que morrestes pelejando
Por Christo, Senhor dos ceos!»*

— exclama o Anjo, arrais da "Barca da Gloria,,. E acrescenta :

—*«Sois livres de todo o mal,
Santos, por certo, sem falha,
Que quem morre em tal batalha,
Merece paz eternal!»*

Esses, sim, eram os continuadores gloriosos da epopeia antiga, os descendentes heróicos dos que haviam gisado,

*«As portuguezas façanhas
Que só Deus sabe entender»*

E na "Exortação da Guerra," num apelo estridente aos que iam batalhar em Azamor, o Poeta não se cansa de repetir:

*—«Africa foi de chistãos
Mouros vo-la tem roubado»*

A embriaguês asiática caminhava para o seu desfecho natural, por entre loucuras de luxo e requintes de morbidez, —enquanto a voz de "Mofina," lembrava :

*—«Que todo o humano deleite
Como o meu pote de azeite
Ha de dar consigo em terra!»*

E contra a desnacionalização crescente, filha do cosmopolitismo avassalador dos que haviam deixado a alma em pedaços pelo mundo todo, Gil Vicente clama :

*«Não queirais ser Genoeses,
Senão muito Portuguezes,
E morar em casas pardas...»*

Mais tarde, Camões personificaria no "Velho do Restelo," esta mesma tendência que ia dominar trágicamente o reinado de D. Sebastião...

se concretizou e immortalizou resulta dos dois elementos: — do elemento lirico, apaixonado, saudoso, para sempre individualizado nos *Cancioneiros* galaico-lusitanos e do elemento pertinaz, combativo, de agarrada resistencia local, mas dotado de conjunta capacidade expansiva, — ou imperialista —, que nos ensina como Portugal é, contraditoriamente, a terra da poesia do amor e um ninho inesgotavel de «he-rois», — no sentido carlyliano da palavra. Do consorcio do velho fundo galaico com o velho fundo vetónico nascemos nós, como «povo», nascemos nós, como «alma». A “lusitanidade,,” como tipo psiquico personalizado no decurso duma existencia secular por uma literatura bem marcada e autonoma e por uma acção universal, que ninguem ousará contestar, não traduziu, não traduz, senão a justa fusão dessas duas modalidades que, ao penetrarem-se, se ampliaram e remodelaram, incessantemente, até provocarem o aparecimento, em meio fisico adequado, daquilo que constituiu a essencia generatriz de Portugal como nação.

Não nos diminua em nada, por isso mesmo, Menéndez y Pelayo ao surpreender em Gil Vicente, — nos dos “Aitos a El-Rey,,”, a afloração dos dois elementos, — o “galaico,,” e o “vetónico,,” com a supremacia do segundo determinando a feição cortante, a irreverencia implacavel do patriarca do teatro peninsular. Irrefutavelmente, aí reside a dinamica do nacionalismo portuguez que, se na vertente ocidental da Peninsula, achou moldura que o ageitou e desenvolveu, na indole sensível e branda do galego, seu irmão, e na rizeza biblica — digamos assim —, do estremeño, seu parente carnal, contempla ainda agora as partes desgarradas dum todo, de que a Lusitania de Viriato, prolongada aos portugueses da Reconquista e aos mareantes de Nuno Gonçalves, representa o nucleo colectivo elevado ao grau consciente de nacionalidade,,”

Os autos de Mestre Gil

Por Mannel Alves d'Oliveira

NÃO pertencem a uma época os Autos admiráveis de Mestre Gil. Não são apenas privilegio de *Quinhentos*, nem fogos fatuos que deslumbraram e de pronto se eclipsaram. Não. Os Autos tem atravessado, com mais ou menos oportunidade, todas as épocas e todas as fases da nossa vida. E porque assim é, Menéndez y Playo, encontrou em Gil Vicente «*todas las cuerdas del alma portuguesa, pero sobre los rasgos del gallego melancolico y soledoso predominan en su acentuada fisionomia los del duro lusitano, del extremeño seco y cetrino, raza de los Albuquerque y Pizarros, que tan fieramente estampó su huella em las pagodas indostánicas y en los templos de los hijos del Sol.*»

Portanto a obra de Gil Vicente não deve sêr encarada apenas com a de um comediografo que teve unicamente a preocupação de distrír e tornar alegre a côrte esplendorosa do *Venturoso*. Devemos vêr nela alguma coisa da alma portuguesa, alguma coisa muito do nosso íntimo.

E que contraste flagrante, tão cheio de oportunidade, se encontra na sua obra maravilhosa!

E que grande previsão das necessidades nacionais não encerra a *Exortação da Guerra!*

Afirma-se, e é de crer que assim tivesse acontecido, que êste Auto influiu de uma forma extraordinaria no espirito ousado e cavalleiresco de D. Sebastião, contribuindo poderosamente para a efectivação da jornada tão cheia de sacrificio e de heroísmo que foi a de Marrocos. E se o desastre de Alcacer-Kibir fez derruir tantas esperanças, se o desaparecimento do Rei-Môço e da maioria dos seus gentis e destemidos cavaleiros, a fina-flôr da fidalguia, nos lançou sem recursos de defeza para a dínastia dos Filipes, devemos concordar, hoje que de novo a Berberia faz derramar sangue de cristãos, quão grande e acertada era a visão do autor dos Autos e a missão do Desejado.

Os *Cavaleiros de Cristo*, que em terras de mouros sustentavam a mais santa das crusadas, tiveram em Mestre Gil o melhor dos seus cantores. Ele exortava-os; e quando as gentes do duque de Bragança partiam para a defeza de Azamor, no reinado do Venturoso, Gil Vicente bradava:

*Oh famoso Portugal,
Conhece teu bem profundo,
Pois até o polo segundo
Chega o teu poder real!
Avante, avante, senhores!
Pois que com grandes favores
Todo o céu vos favorece:
El-rei de Fez esmorece
E Marrocos dá clamores!*

Na *Barca do Inferno* ha lugar para fidalgos, onzeneiros, frades e corregedôres. Mas para os Cavaleiros de Cristo lá está a *Barca da Gloria* para os transportar a bom lugar. Aos que morreram nas «*partes de alem*» o Anjo os proteje e os louva:

*O' cavaleiros de Deos,
a vós estou esperando;
que morrestes pelejando
por Christo, Senhor dos ceos.
Sois livres de todo o mal,
santos por certo sem falha;
que quem morre em tal batalha,
merece paz eternal.*

Toda a obra de Gil Vicente está entretecida de louvores e incitamentos ás campanhas de Marrocos :

*Deveis, senhores, esperar
Em Deus que vos ha de dar
Tôda a Africa na vossa mão.
Africa foi dos cristãos
Mouros vo-la tem roubado.*

Gil Vicente foi um filosofo profundo. Fazendo representar os seus Autos êle azorragava os desmandos da época, que o ouro e as especiarias da India iam fazendo avultar. Era a voz do bom-senso que se fazia escutar ridicularisando todos os desmandos. Ela deve ser ainda hoje ouvida e com sobrada razão.

Os Autos, como em Quinhentos, estão de pé. Gil Vicente deve ser o nosso orientador na cruzada do nosso reoportuguesamento. E quantos desmandos por azorragar, quanta artimanha dos alcovetas da politica por castigar?

Resuscitemos os Autos. Reoportuguesemos o nosso Teatro

*Que as coisas de Portugal
tôdas têm grande valôr.*

Auto da Mofina Mendes

De Gil Vicente

«MOFINA — Vou-me à feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que êste azeite render
Comprarei ovos de pata
Que é a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E êstes ovos chocarão;
Cada ôvo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará dum milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por êstes ovos de pata,
E o dia que fôr casada
Sairei ataviada
Com um brial d'escarlata.
E deante o desposado,
Que me estará namorando,
Virei de dentro bailando

Gil Vicente

*Assi des'arte bailado,
Esta cantiga cantando.*

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite
á cabeça, e andando enlevada no baile cai-lhe.

PAIO—*Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'és Mofina Mendes toda.*

PESS.—*E s'ela baila na bôda,
Qu'está por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?*

Vai-se Mofina Mendes cantando.

«*Por mais que a dita m'engeite,
«Pastores, não me deis guerra;
«Que todo o humano deleite,
«Como o meu pote d'azeite
«Ha de dar consigo em terra.»*

.....

«LABAREDA»

. . . Revista Mensal de Critica e Letras . . .

DIRECTORES — Artur Marques de Carvalho, Vasco
- - - Rodrigues e Horacio de Castro Guimarães - - -

REDACÇÃO — Rua de S. Miguel, 27-2.º — PORTO

COLABORAÇÃO LITERARIA E ARTISTICA DOS MELHORES
ESCRITORES E ARTISTAS PORTUGUEZES. ORIENTAÇÃO
NACIONALISTA E ESPIRITUALISTA.

SEGUNDO ANO DE PUBLICAÇÃO

Recomenda-se a leitura util e agradável desta Revista, uma das me-
- - - - - lhores, no genero, em Portugal - - - - -

«Nação Portuguesa»

Revista de Cultura Nacionalista

Director — Dr. Manuel Murias

Propagar a «Nação Portuguesa» é contribuir para o renascimento e restauração da Patria. Nenhum bom português deve deixar de assiná-la e divulgá-la.

Redacção e Administração — Largo do Directorio, 8-3.º — LISBOA

Agencia nesta cidade :

«Gil Vicente» — L. Prior do Crato, 59-A.

Eulalia Couto PARTEIRA MUNICIPAL
— Rua 31 de Janeiro, 111 —

Gasa NUN'ALVARES

= DE =

L. GONZAGA PEREIRA

Antiga Rua da Rainha, 53, 55

GUIMARÃES

Livraria literária, escolar e religiosa. Sempre novidades. Papelaria: Papeis de carta, almassos, etc. Completo sortido neste ramo. Grande sortido em artigos religiosos como estampas, livros de missa, terços, medallas, imagens, etc. Modicidade de preços.

Memorias e alguns documentos

PARA A

Historia e Teoria

DAS

Côrtes Gerais

Que em Portugal se celebraram pelos trez Estados do Reino, ordenadas e compostas em 1824 pelo 2.º Visconde de Santarem.

Nova edição publicada pelo 3.º Visconde de Santarem em 1924 precedida dum estudo de ANTONIO SARDINHA

Antonio Sardinha escreveu para este notabilissimo trabalho do 2.º Visconde de Santarem um longo prefacio de 272 paginas que ha de ficar na historia do pensamento portuguez contemporaneo como um dos seus marcos de maior brilho e mais transcendentens consequencias.

PREÇO 30\$00 ESCUDOS

Deposito geral: «Nação Portuguesa», L. do Directorio, 8-3.º-LISBOA

Vende-se nesta cidade na Casa Nun'Alvares

Para a reconstrução de Portugal

Por Hipólito Raposo

DEPOIS que António Sardinha foi a enterrar, muitas vezes se tem dito e escrito que êle não está morto, que êle continua de além-mundo o seu preceptorado nacionalista.

Tanta foi e é a fé no seu destino quási profético, tam vivos e sentidos, tam reais se mostram os seus ensinamentos na perpétuidade afirmativa que os distingue, que todos nós, companheiros e discípulos, amigos e adversários, nos deixamos viver na certeza moral de que a sua existência terrena a nosso lado se agita e continua.

Já depois da sua morte, dois trabalhos vieram fortalecer as nossas posições e levantar mais alto o nosso protesto. O primeiro, *Ao ritmo da ampulhêta*, volume de crónicas, artigos, comentários criticos, com o fundo didático que sempre caracteriza a prosa do insigne doutrinário; o segundo, há poucas semanas aparecido, é o prefácio, de CCLXXII páginas, que precede as *Memórias e alguns documentos para a história e teoria das côrtes gerais*, &, pelo 2.º Visconde de Santarem, edição monumental publicada por seu neto, o 3.º Visconde do mesmo título.

Prefácio chamou a êste estudo o nosso querido irmão de armas; *tratado* temos nós de lhe chamar e como o primeiro tratado histórico do nosso direito público tem de o abrir, de o considerar e aproveitar, todos os estudiosos de Portugal.

Se o trabalho do grande e benemérito Visconde de Santarem, ministro de El-Rei D. Miguel I, era um monumento de erudição e uma das fontes mais límpidas e reconfortantes para o estudo da nossa tradição representativa, as páginas iluminadas e eruditas de António Sardinha, reabilitam uma obra quási esquecida e actualizam-

-na pela interpretação filosófica, pela síntese em que é revelada a natureza pactual da nossa velha Monarquia, até ao dia em que o cesarismo pombalino perverteu o conceito da magistratura real e viciou o seu exercício.

Neste grande livro, grande pelo t^omo e imenso pela amplitude do seu significado, reúnem-se, desde agora, por iniciativa do 3.^o e actual Visconde de Santarem, a cem anos de distância, os nomes de dois portugueses ilustres e beneméritos: o defensor da Nação invadida pelo liberalismo maçónico de 1820 e o reconstrutor do Portugal de hoje, dilacerado, cuspid e saqueado pela politicagem faminta, desnacionalizada e anti-cristã de 1910.

Não podia ambicionar mais digna celebração centenária a obra do grande português que, com os seus bens confiscados, perseguido e exilado, no estrangeiro continuou os seus estudos históricos, defendendo como ainda ninguém o fizera nem até hoje o fez, a glória dos nossos descobrimentos e a justiça dos nossos direitos ao velho império ultramarino.

Desde que em Évora-Monte triunfou da aspiração e da dignidade nacional, o internacionalismo maçónico e a canalha de mercenários, recrutados pelo Imperador do Brasil nos mais equívocos lugares de Londres e desembarcados no Mindelo, os escritores e tratadistas contra-revolucionários ficaram esquecidos nas bibliotecas e votados ao desprezo pela sciência oficial do Estado. Cabe ao Integralismo Lusitano, e mormente a António Sardinha, o mérito inapreciável de os revelar, restituindo-lhes a autoridade histórica e científica que já hoje ninguém pensa negar-lhes.

Quando a nossa propaganda começou, vai para treze anos, um dos mais inveterados e pertinazes preconceitos em pleno vigôr nos meios monárquicos, era a confusão do poder absoluto do rei (no sentido de independente, supremo) com o poder despótico do tirano. E era para notar que os mais ínclitos defensores da Liberdade nesses anos já remôtos de 1914, ao mesmo tempo que enrubeciam de furôr contra os nossos artigos e conferências, glorificavam a época e os feitos do Marquês de Pombal que foi o teórico e o prático do absolutismo por excelência. Os rapazes de hoje não podem compreender como era espessa e difícil de entrar a floresta de grosseiras ideologias em que tivemos de abrir caminho.

A distinção entre poder pessoal e poder despótico, não existia nos espíritos e o trabalho de a estabelecer foi dos mais árduos a que tivemos de nos votar, vencendo a calúnia com que se pretendia inutilizar os nossos primeiros passos.

Uma vez, diante de um distinto advogado, felizmente ainda vivo, que fôra deputado constitucional do partido progressista, de-

fendia eu a Monarquia representativa, no espírito em que tradicionalmente viveu e na aspiração actualizada com que a vimos preconizando, numa palavra, a Monarquia limitada pelas ordens medievais ou seja, modernamente, pelos interêsses especializados das profissões e regiões. Posta a conveniência (que parecia evidente) da representação corporativa e territorial verdadeira, em substituição das vozes dos partidos que andam sempre à bulha pela conquista do poder, o meu interlocutor calou-se, meditou, mas não se convenceu.

Uma assembleia assim, onde se trabalhasse por comissões, sem a discursata diária, em que cada qual fala de tudo e sobretudo do que não entende, não agradava àquele antigo parlamentar. Falta-vale alguma coisa de necessário: *roubavam-lhe a êle o direito de ralhar!*

Tudo estaria em ordem, cada qual ocuparia, por delegação dos seus pares, o lugar que lhe pertencesse na escala dos valores de trabalho nacional, mas, (a sua sinceridade não se conteve), apesar de tudo, a verrina, o discurso, a arenga vazia, afiguravam-se-lhe elementos eficazes de bôa ordem e administração pública.

Ralhar ao Govêrno, ralhar ao Rei, ralhar à opposição, ao clero, ao comércio, à lavoura, à tropa, era para êsse deputado a mais sagrada das garantias, e a essência, a alma do próprio sistema parlamentar.

Nêsse *direito de ralhar*, exprimia o antigo deputado a mais lamentável das superstições, a da chamada opinião pública que já alguém muito bem definiu a *opinião que se publica*, e rematava a explosão do seu sentimentalismo ignáro com estas exclamações: *Poder absoluto, não! Poder absoluto, nunca!*

Aprendi ali a conhecer a inutilidade de toda a discussão destinada a persuadir alguém, e convenci-me de que perdera uma hora da minha vida, pela ilusão de ganhar um adepto aos princípios que professava.

Hoje que o exercício do chamado poder legislativo se converteu num centro de bôa propaganda anti-parlamentar, já é desnecessário e até superfluo acumular provas contra o sistema constitucional de Govêrno, entre nós. Essa campanha está feita pelos próprios políticos que ainda se propõem ao sufrágio dos eleitores, mas já se riem da soberania do povo. . .

O que falta é regressar dos perdidos caminhos, substituir as quiméras mentirosas pelas realidades verdadeiras, afirmar e construir, depois de ter negado e destruído.

Para a architectura do novo Portugal, aqui está o melhor e o mais seguro elemento de organização representativa, não tanto pelo que êle contenha de praticavel ainda agora, mas pela lição eterna

de obediência às realidades sociais do povo português. Os dois colaboradores desta obra que passará a ser clássica nos domínios da ciência política em Portugal, o autôr e o prefaciador, completam-se na consciência, na ciência e nos propósitos de bem servir.

Rodrigues Cavalheiro, actual secretário da «Nação Portuguesa» e um dos mais queridos discípulos de António Sardinha, inclina-se a que seja o prefácio à *Teoria das Côrtes Gerais, a mais importante obra que saiu da pena do Mestre querido e inolvidável*. Se quis referir-se ao alcance futuro dos ensinamentos e dos dados de interpretação da nossa vida histórica e administrativa, deve ter enunciado uma verdade o moço escritor e nenhuma dúvida posso ter em louvar-me no seu juízo.

E' que ao fim da leitura dêste admirável trabalho que define uma face nova do espirito de António Sardinha, um impulso de justiça nos leva a pensar no tratado da *Justa aclamação do Serenissimo Rey D. João IV*, do Doutor Francisco Velasco de Govêa que com o célebre *Assento das Cortes de 1641*, à frente, é o nosso mais perfeito manifesto jurídico de autonomia; e recorda-nos — *O Novo Príncipe ou o Espírito dos Governos Monárquicos*, do Dr. Gama e Castro, ligando assim o nosso querido companheiro à alta linhagem e à estatura dos mais graduados mestres da verdade política portuguesa.

Com a comoção do meu affecto fraterno e da minha saúde inconsolável, aqui revelo aos leitores do «Gil Vicente» o novo título de glória de António Sardinha e em nome do Integralismo Lusitano não posso deixar de testemunhar ao senhor Visconde de Santarem que à sua custa promoveu a edição e dela fez oferta ao fundo da nossa propaganda, o reconhecimento que nós e todos os estudantes lhe ficamos devendo.

Com tal procedimento, o senhor Visconde de Santarem mostra compreender as responsabilidades que pesam sobre o seu título, espiritualizando em bom emprêgo o seu dinheiro que é a única forma de ainda se poder ser rico com o respeito alheio e nobreza própria.



Exortação da Guerra

Por Cesar de Oliveira

II

« E' guerra de devoção,
Por honra de vossa terra,
Cometida com razão,
Formada com discrição
Contra aquela gente perra. »

Gil Vicente — «Ex. da Guerra».

Crente, religiosamente crente e patriótico, brutal por vezes, por vezes terno ou encantadoramente rústico, Gil Vicente jámais perdeu ensêjo de assoalhar os seus propósitos moralistas e educadores.

Todas as classes — e ainda havia *classes* nesse tempo, no verdadeiro sentido profissional e social — todos os abusos, vícios orgânicos da Grei e costumeiras ridículas que o tempo não deliu, prejuízos de educação e a licenciosidade sacrilega do clero, o eterno fundo labrêgo da Raça e manhas rapinantes da judenga sôfrega e onzeneira — tudo o poeta arrancou ao seu meio social e modelou na argila maravilhosa da sua língua com a espátula brilhante dos seus versos, tam ricos de rimas como de lúcida e fácil compreensão, deixando-nos um museu completo de figuras e de tipos que os séculos não destróem e a que só falta imprimir movimento na imaginação ou farandolar sôbre as tábuas dum palco para que as vejamos rir, gritar, ralhar, discutir, viver enfim como há quatrocentos anos, como hoje, como sempre, porque são eternos e universais os sentimentos, as almas, os fantoches desse glorioso lavrante da linguagem

e do ouro, fazedor de autos e, provávelmente, cinzelador precioso e delicado da monumental Custódia manuelina.

Eis porque são sempre actuais os motivos, os tipos, as atitudes, os conflitos das suas farças, sempre viçosos de oportunidade os seus conselhos e toda a finalidade moralizadora, social e nacional da sua obra.

Já no seu tempo, e em todos os tempos!, se degladiava o sagrado interêsse da Nação unida e forte, com o desregramento ruinoso da aventura materializante e utilitária do mercantilismo nascente.

Já então o Conservantismo se confinava e fossilizava no ripanço farto da navegação e do comércio, e a ideologia revolucionária não ia além, como nunca irá, das portas do Mar Vermelho, pirateando por conta própria no assalto às naus de Meca.

O Oriente atraía, subornava pelo mistério, aliciava pela perversa influência que sempre exerceu e com que sempre fascinou os homens ou os povos plétóricos de sangue escaldadiço e coceguentos de mórbidos exotismos, e que nele vão encontrar a decadência ou a morte.

Mas, entre a audácia dos piratas, que eu não pretendo confundir com os gloriosos capitães da epopeia asiática, e o comodismo regalado de clérigos e de burgueses — desvios que certificam a regra num país de heróis, de santos e de honestos mesteirais — entre o sonho oriental que se desfez em fumo e em trágicas ruínas e o scépticismo estéril e bônzico dos que só viam o interêsse e o desenvolvimento nacional nas cargas de pimenta e nos pardaus luzentes, a parte mais sã e mais nobre da Nacionalidade reagia e clamava a sua ânsia de viver eternamente e de eternamente se garantir um próximo campo de expansão e de segurança nas partes visinhas e ameaçadoras da África portentosa.

Desses sentimentos, dessas vozes augustas que a Raça, ainda na plenitude da força e do génio, tão bem sabia e podia dizer na fala dos seus legítimos procuradores e nos versos dos seus poetas, desse claro e imperativo sentido nacionalista se faz éco Gil Vicente.

A «*Exortação da Guerra*» é talvez o grito mais consciente da Nacionalidade cujos filhos e da Aventura trocaram a boa capa do magro mas seguro torrão pelo mau capêlo da Índia gorda e do mar incerto e coalhado de mêdos e de traições; o clamor da gleba e da grei, já no gostoso declive para a sangria e o exgotamento fatais, que pela bôca sábia e inspirada do poeta nos recorda o dilêma alarmante, o dilêma irresoluto, o duelo da Cruz e do Crescente, a milenária luta entre o Oriente e o Ocidente, e nos revela a nossa missão

predestinada de propagadores e defensores da Fé e baluartes da Civilização europeia e do espiritualismo ocidental e cristão.

Relembrar o sentido africanista de defesa nacional da *Exortação da Guerra*, é abordar um assunto actualíssimo e oportuno, um assunto que a nossa preguiça mental tem deixado cair num ignóbil desmazêlo. Antes de Gil Vicente, mesmo, já a questão appareceria natural e claramente posta: ela havia sido maduramente estudada e em parte resolvida.

Outra não foi a ideia que presidiu e levou os homens de Quatrocentos à presa de Cêuta, às campanhas nem sempre felizes dos Infantes de Aviz, e ao titânico e glorioso esforço que nimbou de heróico prestígio o ciclo africanista do Quinto Afonso.

Minguado e pobre rincão do ocidente hispânico, de tacarhas gentes e magros recursos, arriscada demais seria para nós a simultânea emprêsa da descoberta e conquista dum novo mundo — um novo mundo de infinitas terras e dilatados mares — e a fundação e consolidação dum vasto império oriental, para que ainda forças nos sobrassem com que arpoar nas unhas o solo ingrato, feroz e hostil do Norte de África.

O abandôno sucessivo e triste das praças e fortalezas de Além-Mar, com que julgávamos economisar a carne precisa para sustentar o cancro da Índia, é bem a tragédia da nossa decadência.

O génio peninsular, que salvára a Europa em Lepanto e no Mar Vermelho, dava-se em holocausto à Civilização e à Cristandade, cizaniadas já pela Reforma, na planície calcinada, estéril e dolorosa de Alcácer-Quibir. Crucificava-se depois de haver revelado ao mundo um outro mundo e de abrir o Oriente encantado à penetração ocidental; o sangue hispânico, rolando em largas, alterosas vagas por todos os mares, impedia a expansão do turco no Mediterrâneo, no Atlântico e no Índico.

Com o rodar dos séculos, com a derrocada do Islamismo e o aniquilamento da Turquia na Europa, com a transformação e decomposição da solidariedade — raras vezes, muito raras mesmo, verificável e integral — dos povos cristãos, as circunstâncias variaram, os costumes internacionais e o próprio interêsse das nacionalidades modificaram-se, certos atritos de raça, de religião, de emulação expansiva, suavisaram-se, humanisaram-se ou desapareceram.

Mas o perigo, real e não suposto, da ameaça marroquina, subsiste; o dilema: ser senhor do Norte da África ou ser dominado pelos norte-africanos, atinge em nossos dias a mais alta acuidade,

um interesse fundamental para a Europa em geral, e para as nações hispânicas em particular.

Pois é precisamente quando mais esquecido parecia este problema, que as coisas de África se complicam tomando as proporções angustiosas dum apavorante desastre, e contra a Península se volta o traiçoeiro golpe dum nova ameaça do Oriente agressivo e vivaz.

Encarada de frente esta receosa questão de Marrocos, bem pesada e bem vista à luz do mais comensinho critério nacional, temos de concordar em que a politica europeia, tão fértil em ciladas e em infames trapaças como em charlatanismos tenebrosos, a politica ruïnosa, vêsga e anarquizante das democracias, está desafiando com as suas intrigas e os seus disparatados expedientes de boçal radicalismo, uma calamidade tremenda que muito bem poderá subverter toda a estagnada civilização do velho mundo.

E' que nunca como hoje se viu a alta politica internacional e a governança dos povos entregues a tam inconscientes, exclusivistas e tórpes facciosismos, dêsse facciosismo que escorre vermelhismos de toda a gâma dos coloridos revolucionários, e que, desde a Democracia avariada ao Comunismo petroleiro e bombista, se encarnaça em prevalecer sôbre tudo e tudo asfixiar, embora à custa da própria tranquillidade universal e da segurança das nacionalidades.

Como nos tempos de Gil Vicente, eis que a moirama se rebela contra o predomínio cristão em África. Então, como hoje, a França se aliava ao turco infiel, numa politica tortuosa e catastréfica.

Mas hoje, já não é apenas a França que auxilia os moiros contra os espanhois: a Inglaterra e a Alemanha, opressoras no seu judaico imperialismo comercial e politico da independência e unidade das nações hispânicas, armam e acirram a rebeldia marroquina; incitam-na, encorajam-na, subsidiam-na.

Os reveses espanhois no Riff foram celebrados jubilosamente por todos os sacripantas democráticos, e alegremente comentados como um dos grandes triunfos da Democracia.

A França, a França republicana e burgueza, que não esita em dar a mão a todos os criminosos desvarios doutrinários para se manter e abafar as antigas e renascidas energias gaulezas, exultou. Exultou porque supôs que em Marrocos não agia nem se lhe contrapunha outra influência mais poderosa e simpática do que a sua. Porque a França, como certos animais de luxo e certas pessoas frívolas, vive da doce ilusão de que o seu desprezo e ignorância do resto do mundo lhe concita e afervora a admiração de todos os po-

vos, deslumbra-se ainda do prestígio fictício do seu desacreditado evangelho revolucionário...

É só quando, na ofensiva recente das avalanches berberes, se descobriu e aclarou o tenebroso enrêdo do imperialismo moscovita, é que a França deu conta de que é sempre perigoso atear incêndios na casa vizinha: ao cabo, a influência francesa recuou, impelida por uma outra ideologia mais distante e mais «avançada» do que a sua.

A eterna luta entre a Ásia e a Europa, assim ressurgue em nossos dias com toda a brutal ferocidade dos remotos períodos históricos.

Uma ideologia gafa e safada, urdida no cérebro paranoico do mundo e fermentada nos desfiladeiros pôdres por onde penetraram as invasões de outróra, preside a esta tentativa subvertedora, a êste avanço hediondo e pestífero das podridões orientais sôbre o Ocidente anarquisado.

Derruído pelas democracias e pelo seu inveterado, espírito cosmopolita e mercantilista, o conceito equilibrado e justo da Raça, da Religião e da Nacionalidade, mal pode a Europa defender-se e expurgar-se da judiaria bolchevista que lhe atormenta os flancos exaustos.

Já não rondam na costa galés mouriscas, pirateando de súcia e cumplicidade com a treda judenga usurária: os moiros encontram-se organizados à margem das leis e dos Estados, contra as Nações e os seus legítimos interesses, e defraudam com o semitismo democrático a riqueza pública e, em piratarias próprias, os haveres particulares.

O Oriente, nesta sua nova arremetida sôbre a Europa, adotou o disfarce revolucionário do Comunismo, disfarce que ainda se mascára de Nacionalismo na xenofobia mongelica e na tumultuária excitação mussulmana.

Em toda a sua repelente nudez, êste é o facto, êste é o crime que, se não morde as consciências responsáveis é porque já não existem consciências nem responsabilidades, damnada como foi toda a moral individual e colectiva pelo corrosivo perverso do ateísmo revolucionário.

Todos os indivíduos, colectividades ou Estados que servem os interesses da Rússia, propagam a ideologia soviética ou pactuam com os repugnantes processos de expansão dos hunos vermelhos, servem, propagam e pactuam com a ameaça alucinante do Oriente, dêsse Oriente que tem já as suas guardas avançadas em Marrocos, prontas a caírem sôbre a Península Hispânica, «como cabeça que é da Europa toda».

Roída a França, mais do que qualquer outro país e do que se julga, pelo Comunismo aliado e protector dos riffenhos rebelados,

tão mazelada já de pústulas sociais que os seus militantes comunistas fazem ostensivamente dentro e fora dos quartéis a propaganda contra a guerra e lançam proclamações aos soldados nos portos de embarque, incitando-os à deserção e a fazerem causa comum com os inimigos da sua pátria; quebrada a unidade interna das nacionalidades; cariada a organização partidarista das democracias; perdido o pudôr e a dignidade nos indivíduos, nas classes e nos Estados; falidos todos os princípios que ainda nimbavam a ideia democrática duma auréola suspeita de virgem da Liberdade — que resta á Europa, afinal, como garantia da sua civilização e da sua futura tranquilidade e ordem?

Em França a infiltração da infamia orientalista espanta pela sua audácia e pela cobardia dos que deviam esmagá-la; aí as aclamações e as apoteóses ao sovietismo revestem um carácter tão alarmante de derrancado antipatriotismo que não se sabe o que mais admirar: se a criminosa e bem consciente atitude dos comunistas facinoras e traidores, se a traição inconsciente ou preconcebida dos governantes radicais e socialistas que afundam a patria de Joana d'Arc na vasa de infamia, de rapina e de ignomínia que alastra do Oriente.

E por toda a Europa, excepção feita a um ou outro país onde o calmante ditatorial, talvez inútil sem o tónico de uma renovação integral, sucedeu aos conflituosos revulsivos da licença explosiva e do crime livre, os dirigentes e militantes do Comunismo revolucionário e internacionalista não são apenas espiões e agentes melhor ou peor remunerados das hordas orientais: êles encarnam hoje, a dôze séculos de distância, a alma infamíssima e a proesa repugnante do famigerado Juliano, abrindo a passagem do Estreito às kabilas furiosas e insubmissas do Riff, no rasto das quais viria — não o esqueçamos — a tropeada apocaliptica de Gog e de Magog: os bandos relinchantes da febre amarela da humanidade, o turbilhão invasor, nauseante e catastrófico do Oriente perfumado e pôdre.

O significado degradante do Comunismo revolucionário e dos seus declarados propositos subvertedores do europeismo cristão, aí ficam, embora frouxamente delineados, para que justificada seja a acção violenta, expurgadora e renovadora do Nacionalismo neste momento oportuníssimo de agitação, de sobresalto e de combate, nesta hora admiravel e grande em que as nacionalidades parecem

aprestar-se para a morte ou para a depuração e salvação heroica de si próprias.

Eis porque, ligando os clamôres de Gil Vicente e os incitamentos épicos de Camões com o pensamento luzitanissimo de João de Almeida e de Antonio Sardinha, a lição do passado e os alarmes do presente,—mais de recear nos parece o vespeiro marroquino, e mais claro e definido se nos afigura o criterio hispanista da dominação do Norte da Africa.

Latinizada desde os alvôres imperialistas da expansão romana, a Mauritania foi durante sete seculos barreira e visinha das florescentes provincias ibericas. Seguindo as indicações da Historia e a latejante vontade nacional, Gil Vicente não caminhava desamparado quando reivindicava para o dominio cristão a antiga provincia do mestiço visigodo Juliano. E porque esse teria sido o sentido amplo, sádio e integral da Reconquista, o poeta afirma-o em dois versos, em dois versos que dizem tudo quanto os historiadores e classicos e contemporâneos deixaram escrito em muitas centenas de estopantissimas paginas :

*«Africa foi de Cristãos,
Mouros vo-la tem roubada».*

Reconhecido o roubo, logica e humana seria a ideia da sua restituição ao legitimo possuidor; não seria outro mesmo o final objectivo da epopeia reconquistadora que os cavaleiros asturianos com tanto successo iniciaram.

Pois para que assim fosse, D. João I e seus filhos, contra o parecer rotineiro dos conservadores do seu tempo, se embarcaram para Ceuta; esse mesmo comodismo egoista e vêsgo—pois só vê as grandes empresas pelo lado materialista e interesseiro—cantou victoria dois seculos depois sobre a desastrosa jornada de Alcacer, e forçou-nos mais tarde ao abandono definitivo das defensivas praças norte-africanas.

O racionalismo encartado e frio, agreste e arrancadiço dos nossos dias, pode chamar degenerado ou doído a D. Sebastião e aventura estúpida á sua falhada empresa, que nem por isso a sua audacia chilra lhe acrescenta os creditos duvidosos, nem consegue minuar o prestígio, definitivamente esculpado em bronze eterno, desse bravo e infeliz Rei cavaleiro que foi como que o raio-verde do Medievalismo cristão, sobrio, poetico e heroico, em pleno crepusculo rubro da Renascença utilitaria e pagã.

Ah! Eu não pretendo apenas—que o Senhor Carlos Malheiro Dias me perdõe a unica discordancia que anotei á margem do seu bellissimo sermão—eu não pretendo apenas exortar a minha geração a uma combatividade, idealista sim, mas inutil se não tiver a animá-la o sôpio ardente duma finalidade mais alta e concreta do que o balôfo amor da Patria!, qualquer coisa que exija esforço fisico, que agite e ponha em movimento os corpos e as almas e as inteligencias nuni mesmo sincronismo avassalador e admiravel: as nupcias heroicas do Verbo e da Acção!

Combates de ideias; torneios gloriosos de principios; a expansão irreprimivel do renascimento nacionalista; a verdade catolica, monarchica e corporativa erguendo-se, rediviva e triunfante, sobre os detrictos e calhaus deste chamuscado mundo democratico, sêco de egoismo e ardido de mercantilismos damnados, que se desfaz em confusão e gritos, e infamias, e lama... ah! tudo isso, que é tão belo e tão abstracto, é alguma coisa, é muito já; mas não é, não pode ser essa a unica maneira de impôrmos um credo novo a uma Nação esmarrida e encangada á centenaria costumeira do voto, do parlamento, do comunismo orçamental ou da indiferença criminosa.

Grande rio que a Nação é, correndo sem descanso para o grande mar da vida universal, açoreado pelos detrictos e lôdos compactos de um largo periodo de aluviões desnacionalisadoras, ás gerações nacionalistas de hoje pertence aprofundá-lo, dragá-lo das areias e ideias parasitarias até lhe encontrar o verdadeiro leito, para que seja mais sereno e mais seguro seu manso derivar.

Inutil, insisto, será todo o nosso esforço intellectual, se lhe não soubermos ou quizermos dar um pratico, um forte sentido de realisação.

Para deter por agora à avalanche invasora do orientalismo que já está batendo ás portas de Tanger e de Ceuta, não é força que todos nos façamos de vela em defesa do Occidente ameaçado... A tinha do Oriente, a sarna fanatisante e malignada do Communismo revolucionário—moiro por atavismo, pirata por índole, facinora por inducção ideologica—lavram no corpo social e assanham na carcassa mazelada da nacionalidade hediondas erupções de impudôr e de crime: o crime que não mais se pune, a desvergonha que se ostenta sem rebuço e até com louvor.

Curvemo-nos primeiro! Readquiramos a saúde antiga e a antiga unidade de pensamento nacional no gesto violento de quem sacode um pesadêlo! no esforço supremo e armado que nos leve a matar a própria morte!...

Deixemos os preconceitos que nos tolfhem, as mesquinharías

ridículas ou intempestivas que nos dividem, os maus humores pessoais que nos impedem uma reacção ofensiva e avassaladora num grande abraço de um com todos e de todos com a Nação. Abandonemos os que se atrazam e os que se transviam nos atalhos sombrios do interêsse; os que se ficam a meio caminho, esitantes e saudosos, e a senilidade inválida dos novos que já nasceram com rugas e cabelos brancos nas almas: farelório inútil que só faz monte e não acóde ao peso. Ripostemos aos que nos apedrejam. Lastimemos os que não nos compreendem.

Apliquemos à sarna e à tinha das ideologias assassinas, o enxofre e o breu dos grandes remédios caseiros, tradicionais e heróicos. . .

Só assim, violentos mas justos, agressivos mas generosos, a renovação que a nossa propaganda tem conseguido fazer no moderno pensamento e nas almas, terá o seu corolário magnífico e urgente na revolução, na radical reforma dos costumes e das instituições.

Gerados, e creados, e predestinados por Deus para o sacrificio — geração expiadora e resgatadora que nós somos! —, seja por nós o claro e gentilíssimo espirito de Gil Vicente, e que as suas exortações de sacrificio nos aproveitem e sirvam de roteiro e exemplo, já que o conservantismo do seu tempo lhes fez ouvidos de mercador.

Seja por nós o seu transparente e arejado sentido da boa política nacional; seja por nós a sua luzitaníssima ira contra o moiro e o judeu.

Contra o moiro, pois, que nos anarquiza e assalta o magro ceileiro do pão de cada dia e de cada um; contra o judeu que nos oprime a todos e a todos defrauda no orgiaco desbarato da riqueza pública, — que os nossos corpos, mais do que as nossas inteligências, se rebellem e recalctrem, bem armados e bem dispostos ao derradeiro, ao verdadeiro sacrificio: o da vida.

Este é, tal como vo-lo deixo dito, — gentes que comnosco comungais no mesmo devoto amor a Jesus e à Pátria e na mesma sagrada repulsa pela Democracia larvada e anti-nacional e pelo Comunismo facinoroso e desvirtuador do renascimento corporativo!, este é o ensinamento e o sentido actual da «Exortação da Guerra» de Mestre Gil, «tragicomedia representada ao mui alto e nobre Rei D. Manuel, o primeiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Lisboa, na partida para Azamor do illustre e mui magnifico Se-

nhor D. Jaime, Duque de Bragança e de Guimarães na era de 1513».

Sentido maravilhoso e salvador de que todos nos devemos possuir, que êle nos seja estafado no bicho do ouvido para que não sejamos arrastados àquele torpôr ignóbil e amolentado de que já se queixava Gil Vicente.

Para os egoistas e avarentos, para os comodistas e charlatães, foi o grande comediógrafo quinhentista duma crueldade eloquente e mordaz ; foi severo mas justo.

Para nós, decerto, que não para o egoismo barrigudo dos moiros e judeus que tudo aviltam e vampirisam, ele escreveu aqueles dois famosos versos que tambem se casam com o apelo estridente dos clarins e com o ronco bravo e tôrvo do vagalhão quebrando:

*«Cobrae fama de ferozes,
Não de ricos, qu'he p'rigosa» . . .*

Pode escandalisar esta ferocidade de ânimo, aconselhada por Gil Vicente, aos que a não subentenderam por bravura rude, tenaz e indomavel.

Mas é mais escandalosa ainda a mansidão que se curva a todos os arbitrios e suporta estanhadamente todos os insultos, essa mansidão que leva os individuos á degradação de si proprios e as Nações á abjecção e ao suicidio!



Medicina Popular e Cautelas Supersticiosas

Por Alberto V. Braga

AO LUÍS DE PINA

(Introdução ao capítulo IX do livro «GUIMARÃES» — «Tradições e Usanças Populares», a sair brevemente, em edição da Livraria Esposendense, de José da Silva Vieira).

O vinagre e o limão, são meio cirurgião. (Pop.)
De médico e louco, todos temos um pouco. (Pop.)

NÃO vou recomendar a prática da medicina do povo, nem estender-me tampouco quanto à sua influência e à sua história, influência doutrinária de medicações apropriadas que formou uma legião de adeptos e história de longas eras que vulgarizou um saber caseiro muito vasto de drogas simples e de cautelas supersticiosas, porque para isso me seria necessário recorrer a investigações aturadas e eu quero, independentemente de tudo, dar apenas umas notas ligeiras e umas informações pouco dilatadas e correntias. Vai sem fio de estudo, pois, êste caminhar de conversa.

Embora para o povo, e para aquele que segue em penitência a ladainha rezada da sua crença, subindo em mortalha de esperança o calvário dos sofrimentos, resignadamente, indo para além das caminhadas às ermidas dos santos da sua devoção, onde em sacrificio as dádivas da sua esmola são depostas como sangue que se desse em desamor da vida pela vida de ser querido, embora para êsse povo, — tenro de sensibilidade, amorável e esperançado no que toca à confiança de ser eternamente consolado no viver futuro, para além da morte, — a ideia da recompensa divina seja convictamente

afirmada no descanso e no repouso de misérias e sofrimentos que Deus promete, assim acreditando pura e santamente, sem irrequeitadas conversas e discussões do mistério docemente envenenado que atira o véu sôbre os nossos olhos em negridão de sonho e morte, assim acreditando, a vida corre confiada, mas independente da garantia solene e divina; o povo abre a sua alma à esperança de mais e melhor viver, indo nas graves doenças, em palmilhar de dores, ao bafejo protector dos santos de nomeada. É tudo nos santos é sagrado: O valimento do seu rôgo; o nicho do seu trôno; o enfeite do seu corpo e as vestes do seu adôrno.

Quando a medicina não valha, pelo menos a confiança suggestiva cure. E vem de longe, tam de longe e já perdida, uma enfia-da modesta de cura em processos de operação simples, rudimentos de necessidade que a caridade forma, a lenda desperta e a crença radica, inofensiva prática de luzes divinas com que o povo se alumia muito mais em freqüência do que com as luzes morticças da sciência médica, falivel, falheira e constantemente em evolução de apuro e de progresso.

Os mantos da Senhora da Oliveira fizeram milagres de cura.

A caixa das santas reliquias que um anjo deu ao Santo Frei Lourenço do Convento de S. Domingos de Guimarães, foi panacea muito procurada.

«A terra da cova de S. Gualter, onde primeiro jazeu, sarava e o licor estilado era suave medicina.

Depois, já os ossos postos em sepultura de granito, com ponteira de ferro, tocava-se-lhes, chegava-se aos dentes e não havia dor que teimasse em resistir.

A Ordem Terceira mostrava-se incansável. Já os cônegos apeciam o S. Gualter e os franciscanos mostravam uma santa — e fidalga — *D. Constança de Noronha*.

Buscavam-na pobres e enfermos e eia consolava a pobreza, dava alívio à enfermidade.

Ía ao terreiro colher-se uma erva de virtude — a *erva da Duquesa Santa*.

Está no mosteiro de S. Francisco.

Com a terra do sepulcro estancou um fluxo de sangue Constança Coelho. Traziam-na em paninhos, atados ao pescoço, livramento de febres, maleitas e fastio. Havia no convento um globo de cristal, chamado a *pedra do fastio*, que ela deixara, e se levava aos doentes.» (*S. Torcato, por Eduardo d'Almeida, na «Revista de Guimarães», vol. 33.*)

A imagem da Senhora da Oliveira cresceu em fama de milagres quando a velha oliveira secular, que deu à Senhora o título e

a Guimarães o motivo para o seu brasão de armas, reverdeceu, ao passar por ela, diz a lenda, uma cruz trazida da Normandia para a Senhora, em 1380, (1) e desde então um raminho de oliveira foi o condão maravilhoso para todas as enfermidades dos seus crentes. (Do «Minho Pitoresco»).

E a enfiada aumenta, cresce e avoluma-se, indo o povo até à prática das cautelas supersticiosas em derivantes várias de processos e exercícios, sempre na mesma ideia fixa de mais e sempre se agarrar à vida mitigando os males.

Será o que Deus quiser, é frase corrente do povo, quando a desgraça e a moléstia o definham, frase que anda ligada ao seu saber feito de crença, que explica por Deus todos os sofrimentos do mundo.

Nosso Senhor também sofreu, e até o diabo quando lhe furaram o retro.

A medicina popular, em parte, e aquela que se relaciona a certos e conhecidos casos, é feita de uma experiência aturada. Tem por vezes a medicina popular, fechada num curioso recato de fórmulas não conhecidas, segrêdos que fazem parte dum património e que passam de família a família, sempre dentro da mesma geração, segrêdos de medicina caridosa e não de benzillice especulativa, que a ninguém se desvendam, mas a todos os precisados, já compostos e prontos nas receitas de mêzinha, se dão ou se aplicam.

Para a icterícia, para o cancro, há duas fontes de receita popular fechadas no segrêdo de duas famílias de Guimarães.

Existem também as Senhoras Abreus, que fornecem gratuitamente uma água miraculosa para os olhos e as Senhoras do Cabido aviam uma espécie de pomada, feita com certas ervas e uns pós, para a cura das escrúfulas, introduzindo-se essa massa nos ouvidos dos doentes na volta das luas.

(1) A data que o «Minho Pitoresco» nos indica, 1380, é a data da inscrição que está gravada na cruz, portanto a data da era.

Para devida justificação transcrevo do «Guimarães», por P.^o Caldas, vol. 2.^o, pág. 16, o que sôbre o assunto êle nos diz:

«Nos principios do século XIV, existia junto ao antigo mosteiro de S. Torcato uma frondosa oliveira, que produzia azeite para a lampada do Santo Martir.

Arrancada mais tarde veio a oliveira para Guimarães, e plantada defronte da porta principal da colegiada, aqui secára, e assim a deixaram ficar no mesmo lugar, em que permaneceu até 1342, quando Pero Esteves colocou perto dela a cruz, que ainda se levanta debaixo do padrão de Nossa Senhora da Victória.

Foi colocada aqui a cruz a 8 de Setembro do ano referido, e três dias depois reverdeceu a oliveira, deitando novos rebentos e enfeitando-se de viçosa folhagem.

A espôsa dum major de infantaria 20, avia um remédio para a coqueluche, com mel e não sei que mais.

A mulher dum caldeireiro arranja, com fama já assegurada, um remédio para a bicha solitária. Parece ser preparado com cochilos ou chapeletes (planta em forma de umbela que nasce pelas paredes.)

Na Cruz-de Pedra, há uma mulher que prepara um remédio para a icterícia, fazendo primeiro urinar o padecente num tijolo levado ao rubro, receitando depois uns chãs para serem tomados de manhã, em jejum. Quem for a casa desta mulher tomar os chãs, não pode regressar a casa pelo mesmo caminho.

Em S. Martinho de Cadoso, (Guimarães), o falecido Josêzinho de Passinhos curava os ruins, ficando na posse do segrêdo a viúva. A base do remédio é: papel mastigado em jejum até o reduzir a massa, juntando-lhe depois certas mêzinhas.

Em Pencilo, (Guimarães), há uma D. Luzia, proprietária, muito entendida na cura de várias doenças, receitando só remédios caseiros, que por mãos dela prepara.

Em Donim, há uma mulher muitissimo afreguesada, que cura as escrófulas, queimando com um ferro em brasa, por dentro, o lóbullo inferior.

Nas proximidades das Taipas há também quem tenha a reconhecida fama de curar o reumatismo (e parece que as dores xiáticas), aplicando para êsse fim, um ferro em brasa num lóbullo da orelha do padecente.

Em Trás-Gaia, há uma mulher que talha as névoas, rezando baixinho a sua oração, e que não a diz a ninguém, porque constitue segrêdo de família.

Esta mulher, segundo me informam, tem muita freguesia, e faz o seu preparo de benzillice com sopas de trigo molhadas em água e não sei que mais.

No hospital de S. Francisco há uma caridosa irmã que trata tôdas as doenças dos olhos, tendo em média 20 a 25 pessoas em tratamento.

Em Fermentões, (Guimarães), existe ainda a conhecidissima e popular Maçacuca, mulher muito procurada para endireitar os ossos. O célebre «Olho de vidro», morador na rua de Gatos, já falecido, também era um endireita de nomeada.

Dantes, era de muito aprêço o unguento santo do Figueiras, bom para feridas, e não havia boticário nenhum que não tivesse a sua reputação firmada numa especialidade definida para certas moléstias.

¿ E quantos mais segrêdos, caridosa farmacopeia de gente de

benfazer, abafados e esquecidos, sem um estudo proficiente de laboratório, que lhes desse, a alguns, a fama da vantagem e da utilidade, desprezando os funestos em proibição de continuado aviamento?

¿ É quanto curandeiro pernicioso, abusando da ingenuidade e por vezes da estupidez do nosso povo?

E' variada e múltipla de processos a medicina popular, tendo em cada cabeça uma sentença e em muitos e diferentes remédios o mesmo efeito para determinado sofrimento.

Convém talvez dizer, que não é de todo funesta a aplicação dum ou outro remédio caseiro, conhecido e experimentado pelo andar dos tempos, e naqueles casos em que uma pronta atenção requiere um doente e num momento por vezes atrapalhado de família, em lugarejos distantes, sem recursos e vantagens de melhores cuidados.

O padre entra, muitas vezes, na função humanitária de prestar os seus serviços, dando conselhos e receitando em muitos casos certas drogas conhecidas de botica. ⁽¹⁾

Êstes serviços do padre, que não passam quási nunca dum prudente receitar de coisas sabidas, é menos funesto do que o resolver curandeiro, quando entra de aplicar mèzinhas numa inconsciência perigosa.

Os serviços dos padres poderiam ser de mais rasgada utilidade, se ao curso dos seus estudos fôsse posta a obrigação duns conhecimentos rudimentares de medicina e receituário e isto mesmo para a função dos seus auxílios ser reduzida e em casos vulgares e de somenos gravidade.

Oliveira Guimarães, (Abade de Tagilde) indica-nos um abade da freguesia de Tagilde, que a pastoreou em 1454, *Mestre Buberte*, e que a designação de *mestre* indicava que o abade era perito em medicina.

No livro de visitas (1556) da freguesia de Fermentões, lê-se : *Também recomendamos ao pároco a obrigação que tem de não de-*

(1) Os párocos das nossas aldeias tiveram, noutros tempos, grande preponderancia entre os seus fregueses. Se ainda gosam duma certa influencia, e são respeitados, dantes eram quási que adorados como deuses.

Veja-se êste ponto do livro manuscrito, *Memória da Ribeira da Vizela* (1827) por António José L. S. Sampaio : «Se há alguma rixa ou disputa entre dois lavradores, o pároco, sentado numa pedra já para isso destinada, ouve as duas partes, e qual juiz, de quem não há apelação nem agravo, sentença, decide, concilia-os e abranda ainda o mais arrebatado e indomito. Depois vão os queixosos direitos a casa de qualquer dêles, a que mais perto seja, e amigavelmente bebem. A decisão de um padre, e mui positivamente a do pároco é, entre esta gente rustica, um oráculo.»

samparar nas doenças os seus fregueses, a quem deve assistir com paternal affecto, consolando-os e instruindo-os para sofrerem com paciência os trabalhos, e engravecendo a doença, não se satisficam sómente em administrar-lhes os sacramentos, mas façam da sua parte por ajudá-los a vencer, etc, etc.

Vê-se pois que os párocos, com alguns conhecimentos de medicina, poderiam prestar relevantísimos serviços aos seus fregueses.

Quando as doenças são de gravidade, o povo, é preciso fazer-lhe justiça, já hoje recorre muito esperançadamente a um médico, ou recorre à casa dos pobres, à Santa casa.

A mór parte das receitas, como se verá adiante, são absurdas, outras têm a fama dos bons serviços prestados, outras são autênticas artimanhas de benzilhice e ainda algumas são inofensivas, porque são de simples cautela supersticiosa, crendices arraigadas de talhamentos e de práticas essencialmente pueris.

Só a título de curiosidade ôste capitulo enfaixo nêste trabalho, (e que seria vasto e complexo se o desenvolvesse tanto quanto era meu desejo), demais porque, tendo compulsado estudos similares, verifico que a medicina caseira varia muito de drogas e de processos numa boa parte de receitas, de região para região.

Para que se avalie o povo, em tôdas as manifestações psicológicas, quer no seu viver, quer tirando da conservação dos seus hábitos e costumes todos os ensinamentos, convém nêste caso recolher, para estudo e observação, a mais larga receita de mêzinhas caseiras, podendo depois separar as perniciosas, pelos menos das inofensivas, e talvez com lucro, quem sabe, de um ou outro receituário de utilidade vantajosa.

O bruxedo, maus olhados e ares ruins, são males que entram com facilidade no espírito do nosso povo, e uma vez feito qualquer destes diagnósticos, se entram relíquias e bentinhos, roupas e mixórdias, o doente entisica necessariamente, mirrando dia-a-dia à perseverança de bodegas de tôda a casta.

Se o mal é de espinheia caída, queixa de peito, bem vai, pão de ló e vinho fino em cataplasmas, que depois entram no fole-das-migas dos doentes, mas se o diabo exerce a sua acção e ruma no bandulho do padecente, então vão rezas e defumadoiros, ladainhas e taponas.

Chovendo no mês de Agosto, (nas canículas), não haverá doenças, é dizer velho, havendo até quem afirme que não se devem tomar remédios durante as caniculares, porque faz muito mal.

As bichas são uma terapêutica vulgar, de que os mestres barbeiros usam e da qual correntemente abusam.

Os conselhos e os ditados veem sempre em refôrço, embora as

cautelas não sejam atendidas pelo rezar da lei: *Bexigas e seram-pelo, três vezes ao pêlo; coma bem e beba que eu pagarei ao médico; a laranja, de manhã é ouro, ao meio-dia prata, e à noite mata; pés quentes, cabeça fresca e ventre desempedido, c. . . para a medicina; com peras, vinho bebas, com melão, vinho de tostão, com melancia, água fria.*

*

* *

Uma das funções interesssantes é a das parteiras, tendo aqui especial cabimento alguma coisa que sôbre elas se diga. As parteiras são mulheres de habilidade, fecundas parteiras que são mães de muitos filhos, aprendendo no laboratório do seu próprio partejar, essa arte de toques, de puxos e de sondagens, velhotas por vezes já no descanso da postura, que aliam ao seu saber obstetrício um calendário corrido de superstições inerentes ao acto e seqüentes funções das puérperas.

Já Camilo, no romance *A Engeitada*, dava a entender que a obstetrícia estava adiantada nas paragens sossegadas dêste Minho de encantos, onde os partos se sucedem sem grandes estôrvos, mesmo naquelas que se adiantam, como o grande romancista dizia, ao sétimo mandamento.

As mulheres do povo são tementes e fecundas, e *adei* nada admira que a arte de partejar esteja largamente desenvolvida por tôdas as freguesias, sendo pelo melhor que os filhos vêm ao regaço das mulheres casadas e do campo, para a ajuda do trabalho, embora por artes do mafarrico êles venham por vezes envergonhar as moças solteiras.

Mas, sendo tementes, não há executores do crime nas aldeias, como os há nas grandes cidades, de taboleta à porta e sciência abortiva experimentada. Todos os filhos se criam aos peitos de suas mães.

Mesmo os que são filhos do pecado, da miséria, do abuso, da fome, da inocência e da má sina, filhos que não veem de França em condecinhas de luxo ao seio de amor e carinho de seus pais, até êsses são criados com affecto e por vezes com canseiras e necessidades.

O mais curioso e interessante de observar é que as parteiras habilidosas, possuindo um cabedal razoável de prática e de abundante experiência, mostram-se de airoσία sabedora, lê-se-lhes no tôdo um certo ar de desembaraço sacudido, de passo que, (são boas criaturas de Deus), nas horas de mais apêrto da padecente, approxi-

madras ao verdadeiro *chorar dos gostos do ano passado*, elas mesmo fazem por conta da cliente, do mótu-próprio, várias promessas aos santos da sua cartilha, insinuando também que a padecente as faça, com devoção, e para que tenha uma horinha feliz.

A fé, (são mulheres de crença) opéra conjuntamente com a sua experiência. Uma véla benta acende-se logo no santuário, e duma parteira sei eu que, quando o parto se torna demorado, tira duma caixa uma pedra sagrada da Senhora de Lourdes, deita-a num copo de água, a pedra fermenta um cibo e essa água é bebida pela cliente, sendo eficaz, quási logo, nos resultados operatórios. A sugestão vence.

Ainda mais, a superstição, é uma parte da base do seu modo de vida, do seu operar, do seu saber de experiência feito; é por assim dizer a preventiva desinfecção dos males, dos ares, dos maus olhados, dos demónios, do corpo e do espírito, eufim.

As mulheres, durante o mês do parto, dizem elas sentenciosamente, querem-se podres e porcas.

E' prevenção que ensina: Nada de lavagens, de penteados, nem de sair nesses dias de veias abertas, para nenhum serviço. Mesmo o ditado confirma: *Mulher parida, nem farta nem limpa.*

E dão logo ao recém-nascido água do c. lavado para o menino ser engraçado.

Olhando para as clientes, gostam de lhes ver os dedos dos pés. Se são largos, espaçados, o parto corre bem.

Caíndo tarde a invide (aos seis ou mais dias, porque o vulgar é logo ao terceiro ou quarto), as crianças serão fortes. Esta sciência supersticiosa de diagnosticar é abundantíssima.

¡ Até onde iria eu neste contar encarreirado de observação!

A sciência das parteiras é complicada, desde a sua experiência fortemente ligada à sua fé, até ao seu discernir supersticioso e praticamente cauteloso. No primeiro capítulo dêste livro podem tirar-se mais alguns esclarecimentos sôbre o assunto exposto.

Camilo, referindo-se ao povo destas bandas, diz, na *Brasileira de Prazins*: . . . «raparigas muito musculosas, com pés grandes e os tecidos repuxados e cheios pelo exercicio dos carretos nas sáfaras da lavoira.»

O que o nosso povo é, e faz parte integrante dos seus hábitos de viver, é pouco cuidadoso, nada previdente, muito menos recatado, supersticioso por temperamento e fatalista nato, abusando de tudo, e sem limpeza nem recato vive doente como se vivesse são, achegado a uns paporicos, poisque o corpo não tem raízes, notando-se mesmo que por certos excessos de alimentação o seu abdómen é

cresto e dilatado, verificando-se nas crianças desconformidades de barriga, algumas inchadas e tesas como peles de zabumba.

A porcaria anda sempre na bôca das crianças, chapinando nos monturos, e as codeas no arcaboço tostado dos labrostes.

• *Seja pelas almas*, diz o povo quando dá uma topada ;

Seja em desconto dos nossos pecados, quando anda de queixos à terra, ralado de dores, mesmo em vésperas, de *ir guardar os pitos ao abade*.

(Seguem o receituário e as cautelas supersticiosas, que não publicamos por serem muito extensos.)



Mens sana . . .

Por Eugénio de Belonor

UMA brilhante escritora, cujo nome não posso citar, dizia-me ha alguns mezes, não sem grande espanto da minha parte, que a hereditariedade pesa tão esmagadoramente sobre o homem que o automatiza por completo. O que esta illustre escritora sustentava é afinal o mesmo que implicita ou explicitamente afirma não só o povo, como também grande parte daqueles que são chamados *intellectuais*.

O povo perante o mais estupendo crime, em presença do mais infame dos escandalos, se sente um assômo de revolta e de indignação, se sente uma ancia muitas vezes feroz de vingança a esaldar-lhe o sangue, logo se deixa cair num não-me-importismo apático, num não-te-rales irracional, removendo á guisa de consolação esta idiotice que tresanda a fatalismo árabe: — «*tinha que ser*».

O intellectual não procede de maneira muito diversa: explica os delitos, assim como toda a vida do homem, pela comoda teoria de Ribot, segundo a qual os actos humanos quer fisiologicos quer psiquicos são actos reflexos, — actos comandados por determinações orgánicas devidas a infiltrações ancestrais.

Esta atmosfera de fatalismo anti-racional conserva-nos indolentes perante a avalanche de males que sobre nós se vem despendando de contínuo e que nos esmaga debaixo dum peso brutal.

Como levantar os animos das gerações novas, varrendo-lhes do espirito todos os detritos dum determinismo assassino a rajadas fortes dum optimismo salutar e vivificador? . . .

Os da geração que lentamente se vai extinguindo já se não curam. Sirva-me de exemplo ainda a illustre escritora aludida, que,

depois de lhe ter feito ver as perniciosissimas consequencias que se deduzem de tal principio, depois de lhe demonstrar que nem a religião, — e dum modo muito especial o Cristianismo, — teria razão de ser, nem sequer a sociedade teria razão de existir, depois de lhe demonstrar por $a + b$ que a mesma moral era reduzida a cacos, se a hereditariedade governasse mecanicamente os homens, após tudo isto concluiu por dizer que «em tal assunto seria melhor calar-se, porque muito grandes inteligencias tinham dado o problema como insolúvel».

Se portanto os que passam para o religioso silencio do tumulo são insusceptíveis de cura, voltemo-nos para aqueles que se erguem dos berços cheios de vida e de promessas risonhas e, já que se proclama a necessidade de reconstruir Portugal para o salvar duma ruina de morte, comecemos por formar os obreiros da grande empresa, sem os quais nada se conseguirá. E' necessario que a mocidade não seja penetrada do mesmo veneno fatalista que intoxicou as gerações de ontem; urge que ela cresça, se eduque e avigore plenamente conscia da sua liberdade psicológica, da responsabilidade total dos seus actos.

Não quero negar de modo algum que o homem seja um largo arraial, onde acampe um exercito mais ou menos poderoso de forças hereditarias que o poderão dominar, se ele não exerce sobre si uma aturada vigilancia; nego, porem, a fatalidade do dominio, a irresponsabilidade do individuo agente.

Não me repugna aceitar a tese de Léon Daudet — *L'Hérédo*, tão brilhante e magistralmente explanada. O homem não é um manequim automatico, porque as forças anarquicas que nele se debatem não conseguem nunca obscurecer totalmente a luz da sua razão; fica sempre uma nesga que observa todo o drama interno e que é sufficiente para excitar uma reacção forte contra o temivel conglomerado de impressões e inclinações que, desordenadas mas potentes, ameaçam narcotizar-lhe a consciencia. Uma coisa é certa: a nesga de razão que fica sempre expectadora do desenrolar do combate interno é sufficiente para indicar à vontade o caminho a seguir e esta pode num repelão brusco, ou ainda e melhor, gradativa e mansamente dominar o seu adversário. O acto da vontade, o seu «quero» é omnipotente e invencível.

Segundo a lição de Léon Daudet, não é o fisico que domina o espirital mas é este que rege o primeiro.

Ora, para fazer conhecer *praticamente* ao jôvem êste poder indomável da vontade, para lhe ensinar a vencer em si todas as tendências e impressões más que o habitam, para lhe ensinar a libertar-se de todos os *hérédismos*, de todas as *hérédo-presenças*, —

para me servir da terminologia de Léon Daudet, — que podem causar dano à sua vida moral, para ensinar o seu *soi* a vencer o seu *moi*, é que o Escotismo existe.

O *processus* para atingir êste fim é seguríssimo. Põe-se diante dos olhos do neo-Scout o Ideal que para o futuro há-de orientar a sua vida e faz-se-lhe ver que o Scout é aquilo e só aquilo que êsse Ideal determina. E êsse Ideal corresponde bem a todas as necessidades morais ou físicas, tem em si remédio para sanar qualquer chaga que desfeie o indivíduo. Há no jôvem tendências pronunciadas para a calúnia, para a mentira, para o eurêdo, para a trapacidade? Há no jôvem tendências para a traição, para a covardia, para a falsidade? E' egoista, turbulento, invejoso, malcreado e insolente? E' cruel, desobediente, caprichoso, esbanjador e rapace? E' vicioso, sensual e efeminado?...

Ao entrar na fraternidade-scout, êle, à face de Deus e dos homens, promete «*pela sua honra e com a Graça de Deus... obedecer à Lei do Scout*». Ora a Lei do Scout diz-lhe: — «1.º — a honra do Scout é sagrada; 2.º — o Scout é leal; 3.º — o Scout é útil e pratica diáriamente uma boa acção; 4.º — o Scout é amigo de todos e irmão de todos os Scouts; 5.º — o Scout é delicado e respeitador das convicções de outrem; 6.º — o Scout protege as plantas e os animais; 7.º — o Scout é obediente; 8.º — o Scout tem boa disposição de espirito; 9.º — o Scout é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio; 10.º — o Scout é puro no pensamento, nas palavras e acções».

Porém, para que esta Lei produza os seus efcitos, é necessário cumpri-la. O Scout prometeu cumpri-la? Deve dar-se-lhe todo o crédito. A palavra de Scout é como a palavra de Rei: não volta atrás. Que importa que o jôvem se faça Scout só porque se interessou vivamente pelos jogos das Patrulhas, ou porque julgou a farda elegante e vistosa?

Em pouco tempo o meio terá operado eficazmente e o jôvem compreenderá que ser Scout é mais, incomparavelmente mais, do que ser amador do desporto ou boneco fardado; saberá que é Scout para se fazer um crente e um português, um homem honrado e prestimoso. E será cumprindo a Lei que o Scout chega a êste fim.

A Lei diz-lhe: — «o Scout é obediente»; e por isso êle nunca discute as ordens dos superiores. O Chefe trata de lhe incutir primeiro que tudo o sentimento da sua responsabilidade.

Uma vez feito êste trabalho preliminar, trata de tirar daí todo o resultado possível. Encarrega o seu subordinado de qualquer empreza, não lhe indica meio algum para a realizar e êle procura executá-la dentro do praso marcado. Pode fazer *gaffes*, mas não im-

porta. Talvez convenha mesmo que as faça; aprenderá assim a ser reflectido e ponderado. Ademais educa a vontade e fortalece-a. Aprende a obedecer, vinca-se-lhe o espírito de iniciativa, um seguro domínio de si mesmo, adquire um estoicismo sem orgulhos diante das dificuldades e perigos, penetra-se daquele bom-senso que é o grande segrêdo da vida. E' precisamente isto que constitue o robustecimento do *soi*.

Depois, como se pode ver, o Escotismo com a sua Lei oferece ao Scout occasião de dominar completamente essa carga de tendências que já trazia consigo ao nascer e que são o principal constitutivo do *moi*.

Tomemos para exemplo o 3.º preceito que diz: — «o Scout é útil e pratica diáriamente uma boa acção». Nem qualquer boa acção serve, como já expliquei em artigo n'«As Novidades», onde tratei êste assunto. E' necessário um acto que implique um certo esforço externo e sobretudo um comando directo da vontade para fazer bem ao próximo. O Scout, que traz a Lei profundamente gravada no seu espírito, esforça-se por praticar a sua boa acção. A princípio satisfaz-se com qualquer acto pouco dificultoso, com ninharias sem valor aparente. Mas pouco e pouco a vontade vai-se-lhe educando e com a robustês adquirida começa a dedicar-se a empresas mais árduas. A sua generosidade e abnegação chega a esquecer-se por completo dos limites que o egoismo lhes tenta impôr. E' um verdadeiro herói que «passa fazendo o bem», pondo a mesma vida em risco por amor do seu próximo.

Ainda não vai há muito que, na Póvoa de Varzim, um *lobito*, (uma criança com menos de dôze anos), à vista espantada e assustada de um magote de mulheres, arroja-se ao mar a fim de arrancar à morte uma pobre louca arrebatada pelas vagas. E êsse lobito praticou tal acto de heroicidade, porque no dia em que ingressou na *Alcateia* tinha prometido «praticar uma boa acção diária».

Será possível exigir duma criança de dôze anos, quando muito, mais completa vitória do seu *soi* sôbre o seu *moi*, daquela parte da sua personalidade que é a fonte perene do heroísmo, da bravura, do desprendimento e da abnegação sôbre aqueloutra que, se não fôr superiormente governada pela intelligência, só gera a covardia, o medo, o desregramento, o vício e o egoísmo mais repelente e comodista?...

Gil Vicente

*
* * *

E' certo, portanto, que o Escotismo é um remédio eficaz contra o pessimismo fatalista que nos corroe as energias e nos torna incapazes de enfrentar a vida como convem.

O necessitarismo, quer seja a teoria pseudo-científica das infiltrações ancestrais comandando os actos do homem agente, quer a voz do povo confessando-se vencido pela tirania do «fado», encontra um valente e sólido demolidor no Escotismo que, além de gravar no espírito da juventude que ela é livre e responsável em todos os seus actos morais, a prepara e educa de maneira a que toda a sua vida seja applicada constantemente na prática das virtudes religiosas e sociais.

Nacionalistas portugueses: — auxiliai os vossos irmãos Scouts. São vossos irmãos, porque também pertencem ao número daqueles «auxiliaires des forces divines qui préparent l'ordre futur» de que nos fala a voz inspirada de Tiago Maritain!

Nacionalistas portugueses, propagai e defendei no Escotismo o vosso mais forte colaborador!

P. S. Notaram-me que seria conveniente empregar o vocábulo português Escotismo em vez da inglezice Scoutismo. E, porque achei razoável, assim o farei...

E. B.

.....

D. Frei Chyrso de Guimarães

NOVELLA MINHOTA

POR

Fernando da Costa Freitas

IV

No dia seguinte aos acontecimentos que ficaram narrados no capítulo anterior recebia Mécia Cidral no palácio da Rua de Valle de Donas, trazida por um proprio, a carta que abaixo segue, éscripta e datada do «Real Mosteiro de Santa Marinha da Costa no Dia da Visitação de N.^a S.^a, 2 do mez de julho de 18. . . .».

Essa carta, na qual foi apenas modernizada a orthographia, dizia assim :

«Minha Afilhada

«Certamente, á hora tarda em que te escrevo, já estarás informada do que se passou hontem entre mim e teu pae, do qual não consegui obter o tão anciado consentimento para o teu enlãce com Jorge de Mesquita.

«Bem procurei eu convencil-o da sem razão do seu procedimento e da crueldade da sua opposição, mas foi tempo e trabalho perdido!»

«As minhas palavras, embora dictadas pela mais sã justiça e pela mais larga experiencia, pois debes notar que já completei 80 annos—80 annos, vê lá, quasi quatro vezes a tua idade d'agora!—, não conseguiram demovel-o do seu intento, nem affastal-o do seu proposito.»

«Um pedido venho, portanto, fazer-te, em vista do insuccesso da minha *diplomacia* e é que continues a ser, como até aqui, a filha.

modelar, respeitosa, obediente e humilde, esperando pacientemente que o tempo amacie essas asperezas do character de teu pae, asperezas que os estranhos censuram, é certo, mas que tu tens obrigação de respeitar, como sua filha, que és.»

«Julgo, no entanto, que elle tem sobre o assumpto, qualquer idéia preconcebida, qualquer pensamento reservado, qualquer projecto em mente que me não disse, nem eu lhe perguntei, visto o rumo que a nossa entrevista tomou. Será assim, ou estarei enganado?»

«Seja, porem, como fôr, fica certa de que não abandono a tua causa, tanto mais por te teres soccorrido da minha amizade, e de que apezar de velho, cansado e doente, estarei sempre a teu lado, — sempre! —, esquecido da affronta recebida, e disposto, como Christo, a offerecer a outra face, para que o insulto seja completo e assim, maior e mais fundo o arrependimento!»

«Por que este ha-de vir a seu tempo, tem a certeza d'isso, e então tu podés calcular qual será a condição que eu hei-de impôr a teu pae para que elle consiga alcançar o meu perdão: a tua felicidade, e assim, a tua união com Jorge!»

«Crê e confia em Deus!»

«Que Elle te proteja e abençõe, como de todo o seu coração te abençõe e protege o teu tio e padrinho que muito te quer,

Thyrso de Guimarães.

Ao concluir a leitura d'esta carta, que aliás já esperava, Mécia teve de amparar-se, para não cahir, a um movel do seu quarto; as lagrimas, porem, é que irromperam de subito como as aguas, ha muito contidas, d'uma reprêza que se rompêsse! Foi n'esse estado d'alma que ella a levou aos labios e a beijou enternecida, — não pela noticia que lhe dava, mas pela amizade que lhe affirmava e pela protecção que lhe garantia.

Entretanto, dois periodos lhe feriram a attenção, deixando-a n'uma tensão nervosa difficil de explicar.

E' que, contra um d'elles, protestava a admiração que, desde creança, tivera sempre pelo character e pelas virtudes de D. Frei Thyrso e de que aquella carta era mais uma prova bem concludente, e contra o outro revoltava-se, naturalmente, a sua alma de mulher — livre e honesta. Sendo aquelle o que se referia á affronta recebida por seu tio, e este o que dizia respeito ao pensamento reservado de seu pae, ainda para o primeiro, o seu desespero encontrou explica-

ção no character intratavel d'aquelle que lhe dera o ser ; mas para o segundo, é que a pouca experiencia da vida e a educação apertada que recebera, não lhe deixavam encontrar explicação possível.

E como, de facto, ignorava o que a seu respeito se tinha passado no Mosteiro da Costa, visto que, até á hora em que recebeu aquella carta, ainda não conseguira fallar com Jorge, maior o seu desassossêgo, a sua anciedade e a sua angustia !

¿ Que devia fazer ?! pensou . . . ¿ Fugir de casa para ir ter com Jorge ?! ¿ Procurar o pae para lhe exprobar o procedimento ?! Mas a isso, que era mais do que uma indocilidade, porque era uma indisciplina e uma rebellião contra o poder paterno, oppunham-se, formalmente, os proprios conselhos de seu padrinho, claramente expressos n'aquella carta que acabára de lêr !

¿ Que fazer então ?! pensou de novo. ¿ Como acabar aquella tortura da sua alma e fazer cessar aquella preocupação do seu espirito ?!

Foi n'esta altura das suas cogitações e dos seus pensares que o olhar de Mécia defrontou com a imagem da Virgem, suspensa sobre um daguerreótypo que fielmente reproduzia o retrato de sua mãe, e então associou, enlaçou, confundiu, prendeu, as duas imagens nas mesmas lembranças do seu espirito abatido, nas mesmas ancias do seu coração amargurado, nas mesmas orações da sua alma afflicta !

E deixando-se cahir sobre um genuflexorio, com a cabeça entre as mãos e os cabellos dispersos, pronunciou baixinho, animada por essa Fé que é, nos paroxysmos da Dôr, o supremo recurso dos naufragos da vida :

— Avé-Maria ! . . .



Afonso Lopes Vieira

Por Elisio de Carvalho

Ha já algum tempo que temos em nosso poder o livro SUAVE AUSTERO, do distinto escritor brasileiro sr. Elisio de Carvalho, a quem Portugal deve já altíssimos serviços que não poderão ser esquecidos.

Transcrevendo um excerto do capítulo que se refere ao Poeta Lusitana e nosso distinto colaborador snr. dr. Afonso Lopes Vieira, deixamos aqui expressa a nossa muita gratidão ao escritor ilustre e à sua bela obra de erudita análise, com a certeza da nossa simpatia e da solidariedade mental que ao seu esforço nos prende.

“**A**FONSO Lopes Vieira, é expressão fulgurante do actual movimento português. A sua figura original e aristocrática adquire, portanto, grandeza messianica, quando surge paladino do renascimento do espírito lusitano, que deixou de si o vasto clarão do século XVI. Tradicionalista incendiado de fé, quer que Portugal reviva e se integre no seu passado magnífico, com a prática amorosa das virtudes primaciais e o culto dos antepassados sublimes. Assim é que, poeta, canta com as mais lidimas vozes do idealismo luso, renovando o lirismo clássico, e, estheta e pensador, em livros e conferências, procura despertar no povo aquelas qualidades que hão-de edificá-lo. O Rei-Santo, «marravilha fatal da nossa idade», anda-lhe no peito como uma grande lenda a que deseja ardentemente dar a realidade da história. Èle o vê na fascinação do próprio destino. Diz Teixeira de Pascoais que o poeta veio ao mundo envolto na sombra do rei camoniano e que a lembrança do Desejado madrugou florescida nos seus versos.

Cavaleiro do Sonho e do Desejo
guarda no santo graal,
com a nossa saudade e o nosso beijo,
— o sangue de Portugal.

exclama Afonso Lopes Vieira. O Graal, a taça mística da nova fé, da coragem e da vitória que busca com ignea exaltação, é o ressurgimento da grandeza nacional. Anunciador do *Encoberto*, que é a religião purificadora da raça, momentaneamente abatida, pôde toda a sua filosofia e todo o seu entusiasmo generoso no encanto e múltiplo milagre do *sebastianismo*, como se vê nesta página de sentida piedade e penetrante emoção: «A grande legenda de D. Sebastião ficou prolongando-se no túmulo dos Jerónimos e exalta-se na própria inscrição que o envolve na música dos disticos latinos. As imaginações do povo, na criação do seu mito redentor, insuflaram vida imortal no Cavaleiro de Alcácer, e éste, transfigurado pela scisma de uma Nação, veio a ficar-nos como um dos mais *vivos* Portuguezes da grei: — vivo para o mesquinho povo de 1580, que ao ver entrar no Tejo a armada lutuosa, vinda de Tânger e trazendo em todos os mastros as sombras desfaldadas dos corvos da derrota, logo acreditou que *êle* não desembarcava porque se guardava «oculto»; vivo para o espírito tão luminosamente crítico de Antonio Vieira, como para as mentes brumosas dos velhos nacionalistas de 1808, visionarios de Santa Catarina, ao depois já ridicularizados pelo génio mau da nação dissolvida, mas que á soldadesca invasora dos Franceses opunham a certeza da libertação que *êle* trazia pela barra, capitão de naus invenciveis ou visão de Cavalaria arcangelica, vinda de atravessar o oceano num galope esplendente. . . E mais vivo que nunca para nós, os *Sebastianistas conscientes*, que intepretam com decisivo amor o sentimento do povo abandonado em 1580, a maravilhosa visão intelectual do Padre Antonio Vieira, como as teimosias, cheias do mais historico bom-senso, dos velhos de Santa Catarina; e criamos uma nova religião do *Encoberto*, de que eu, na parte da minha crença, esbocei noutra página dêste livro a última encarnação.» Só agora, são explicados com intelligência a psicologia e o transcendente simbolismo que encerra o mito do *Encoberto*. «O mito do Encoberto não é a loucura apatica de um povo que se queda a esperar durante séculos a vinda do rei morto ou desaparecido em Alcácer-Kibir: é o simbolismo de uma Esperança jamais extinta no coração de um povo que se sente exilado da sua alma, e ansiosamente apela para as brumas do místico Além, para as promessas vagas do horizonte, a fim de ver

voitar a sua própria alma, que ou se perdeu pelo mundo em pedaços repartida, ou adormeceu dolentemente cansada sob o azul plácido do céu, dormente sob a ironia esplendente dêste sol.» Sobre o mito agora modernizado do sebastianismo, crença abraçadora e candida, assenta, pois, o movimento espiritual que visa salvar a nacionalidade da confusão sangrenta do nosso tempo. Nascida das profundezas metafísicas do inconsciente etnico, se não da inteligência histórica da raça, dispõe de invencível força creadora, a que se procura definir e dar consciência. Seja como fôr, é manancial de orgulho, de inspiração e de esperança infatigável para os descendentes dos lusíadas e seus cantores.

*

Afonso Lopes Vieira fez-se o poeta do *Encoberto*. Quando exalta em ritmos de festiva alélua a beleza moral do Rei-Desejado e concita com juvenil denodo a nacionalidade a retomar o seu próprio lugar no mundo, revela-se precursor de actuação fecundante e nobre. O renascimento do lusitanismo, pelo reflorir da tradição etnica, histórica e literária, pôde ser então considerado como o *leit-motiv* da sua obra, aliás de uma unidade acabada e de um encanto raro. Todavia, não é este o traço profundo, e, se assim fôsse, a sua originalidade estaria diminuída. Na verdade, o seu fundamento melodico consiste numa admirável fusão da nostalgia lusa e da volupia latina, aliadas intimamente a um sentimento vago e religioso da natureza. Nessa dualidade, que se torna harmonia perfeita pelo sortilégio de um talento muito poderoso, que se alimenta de uma sensibilidade scismadora, inquietada, requintada, cabe aquela intensa paixão espiritual — um estado d'alma, mas que, por si só, não a caracteriza nem a explica. Também tradição quer dizer, não rotina, mas evolução creadora: é como uma ordem architectonica que se aperfeiçoa, mas cuja estrutura é sempre a mesma. Filosofia dinâmica (por mais paradoxal que isso pareça), o integralismo propõe-se exprimir a vida portuguesa em função da actividade cosmica. Não engendra a resignação, a passividade. Inspira-se do passado, sem renegar as formas superiores e as manifestações novas de energia, de beleza e de verdade capazes de preparar ou engrandecer o futuro. A êle pertence conservar a euritmia do génio português e auxiliá-lo nas suas transformações, consoante seu próprio ritmo. E' este,

pensamos, o sentido da renascença lusitana. Dest'arte, Portugal reencontra no artista o belo entusiasmo lírico dos seus grandes poetas precisamente porque êle se orientou pela estrela que, secularmente, guia e ilumina o destino do seu povo. Através dos seus pensamentos e das suas imagens freme a alma ingénua da raça e através da raça palpita o coração do universo. Afonso Lopes Vieira possui todos os dons reaes do verdadeiro poeta, conhece o segrêdo das renovações e sabe porque os deuses o fizeram nascer em

... Portugal, florida alpendurada
sôbre o mar...

E', em suma, o Shelley lusitano — pela qualidade de sua inteligência, pela luminosidade de sua obra e pelo acento misterioso de sua arte.

.....

A Arte de Narciso de Azevedo

Por Horácio de Castro Guimarães

O requintado Esteta dos "*Rythmos da Hellada*," e "*Paços do Encantamento*," é dessa linhagem superior de Artistas — tam raros hoje —, que vivem exilados na sua Arte, cuidando apenas o que é verdadeiro e eterno, alheios ao gôsto voluvel do *profanum vulgo*.



E' que, na verdade, de tal modo o *plebeísmo* domina o presente, nesta sociedade transitória, abafando todos os gestos de elevação e grandeza, que, ao Artista, é necessária a heroicidade desse esforço interior, para regular a receptibilidade das sensações anárquicas externas e tornar-se impermiável à perigosa corrente de desânimo, que lhe vem da característica indiferença colectiva, sintétisada admiravelmente nesta frase desoladora de Bourget: *les ouvriers de luxe sont inutiles dans une société où la plèbe domine...*

«Os artistas possuem apenas duas maneiras eficazes de reagir, libertando-se da influência nefasta do romantismo e das doutrinas conseqüentes: — ou enfileiram na corrente neo-espiritualista e nacionalista integral ou acolhem se à disciplina severa do classicismo» ⁽¹⁾ — como escreve o meu querido camarada Vasco Rodrigues, na sua crítica ao “Auto da Perfeita Menagem,, de Narciso de Azevedo e a propósito do qual veem agora estas linhas tardias.

De facto, só uma forte e disciplinadora formação clássica preservará o artista, sentimentalmente e intelectualmente, do contágio maléfico desta ameaça de asfixia e de morte, que passa sobre a nossa época, como um signo de *subversão irremediável*.

Escolheu Narciso de Azevedo, para abrigo da sua inteligência, o ambiente purificante dos velhos clássicos e o convívio sábio das humanidades, a cuja sombra basilar, seu culto espírito se fortaleceu e formou. Daí, a sua natural segurança de técnica, a sua riqueza de propriedade e de expressão verbal, a síntese eloqüente dos seus versos, — tudo isso que o afirma, entre os escritores da nossa geração, como um valôr a permanecer, na indecisão do futuro!

A-pesar, porém, destas raras qualidades de talento, Narciso de Azevedo não é ainda, infelizmente, um artista conhecido e apreciado por todos. E' que as suas exigências de perfeição e de Beleza, a sua forma cuidada e pura e, sobretudo, a sua intransigente e honesta independência artística, tem-lhe creado comentadores ignorantes e insidiosos, entre a mediocridade contemporânea. Mas se um dia o público chegar a interessar-se pelas verdadeiras obras de Arte e possuir uma clara consciência crítica, verá então o quanto é admirável o esforço do Artista que, como êle, consegue definir e marcar, na balbúrdia das ideias e paixões destes tempos, o mais profundo contraste de equilíbrio e serenidade.

(1) «Labareda» — Revista literária do Porto — Núms. 2—3 (2.ª série).

*

* *

Creadas e desenvolvidas, pois, as raízes da sua inteligência e da sua cultura, em tam propício solo, não é para extranhar que Narciso de Azevedo, — sendo, além disso, um impulsivo por temperamento e possuindo um quási que instintivo gôsto aristocrático da Beleza —, se deixasse influenciar, apaixonadamente, pelos modêlos de Arte greco-latinos. E, assim, assistimos à sua invulgar estreia literária com o livro de sonetos — “*Rythmos da Hellada*,” —, em cujo esculpido pórtico fulge, numa bela síntese horaciana, sua áurea legenda de Esteta:

Ad cāntum persequor laudes corporis et gratiæ.

Na perfeita composição destes versos, — scintilantes de imagens, trabalhados como gemas preciosas —, surge-nos a revelação dum grande Poeta e, principalmente, dum requintado Artista, — escultor devoto do talhe hierático da Forma. Há neles a quieta emoção das estátuas pagãs, em cuja Beleza plástica se esconde — aos olhos profanos dos que não sabem entendê-la —, o segrêdo maravilhoso duma grande Civilização morta.

Em cada um dos seus versos, Narciso de Azevedo evoca, escrupulosamente, as mais belas atitudes do passado, transportando-nos, da banalidade descolorida do presente, ao esplendor deslumbrante de Roma e Atenas.

É aos *vulgares*, — os bárbaros que jámais poderão sentir a essência subtil dos seus Poemas — arremessa Narciso de Azevedo, do alto da sua superioridade de Artista, um dardo certo de desdêm, no soneto horaciano de abertura:

.....
 Só aos raros é dado vêr encantos
 Nos versos trabalhados de áureos cantos
 Que nunca antes de mim foram ouvidos!

Há nestes versos um grito de altivez e de orgulho, que lhes dá um curioso sabor pagão. Marcam uma atitude superior de *egolatria*, — sentimento tam natural e vulgar, na maior parte dos grandes Poetas dessa época remota, como a cada passo transparece nos versos imortais de Horácio, numa visão profética de immortalidade:

«*Exegi monumentum aere perennius,
Regalique situ pyramidum altius;
Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit diruere, aut innumerabilis
Annorum series, et fuga temporum.*»

Ode xxiv.

Conscientes do seu próprio valor, da mesma forma se louvaram Plauto, Juvenal, Lucano, Nevio e Ovídio:

«..... *perque omnia saecula, fama,
Si quid habent veri vatum proesagia, vivam.*»

«Metamorphoses».

E' assim que Narciso de Azevedo se nos revela um excelente discípulo e um bom intérprete do espírito inegualável dos Mestres greco-latinos. Sóbrio e equilibrado nas exteriorizações emotivas, êle sabe bem que nada há de menos helénico, do que as excessivas exaltações sentimentais, — característica dominante e ridícula, do ultra-romantismo.

Veja-se, por exemplo, o que há de encanto e de Beleza serena, neste soneto de Amor:

BUCOLICA

Junto aos loureiros Crysaor de Ægina
Diz á noiva: «O teu corpo tem a graça
Das triremes triumphais de Salamina!»
Versos lavra na faia duma taça:

«Acudo à sede e louvo as claras fontes
Beijando a bôca em flôr de Philomela;

Pastor que sou, adoro os sacros montes
Nos alteados seios da donzela.»

Ao sol, num gesto hieratico e votivo,
Ergue e offerenda a taça; com fervor
Afaga á pastorinha o corpo ativo.

Oculta Philomela os seus encantos;
Prende as robustas mãos de Crysaor
Com festões onde sangram amaranthos.

Não há, nestes amorosos versos, o apaixonado temperamento hispânico, é certo; mas é que, para o Artista, o *Amor*—como no dístico da ânfora de Narkissos—, é o *Pensamento e a Forma em hierática harmonia*. . . E por todo o livro, o Poeta, à boa maneira pagã, espalha, como punhadinhos de rosas, as mais perfumadas atitudes.

No soneto —“Symphonia Heroica,”— o spartano Leonidas fala aos soldados, que o escutam com enlévo, aconselhando-os a *perfumar a morte*, florindo de rosas seus cabelos, antes que o Bárbaro entre na Hellada sagrada!

Depois, é *Kallirhoë*, a cujo corpo de *estátua adolescente*, só os perfumes e as jóias dão afagos, que recusa o amor do herói *Clytio*, com esta desculpa:

« *Dei todo o amor às jóias raras.* »

Na “*Hellada e os Barbaros*,”—outro soneto do livro—, dá-nos a concepção platoniana de Beleza da Arte grêga:

Em poema de aureos versos vou lembrar
Um athleta: Dioxiippo o Atheniense.
Orgulho de alta raça, o Helleno vence
Um Macedonio em luta singular.

Envolto na armadura, com disvelo
Traz o Barbaro o escudo, a lança e a setta.
Brandindo a rude maça, o loiro athleta
Combate nu com rosas no cabelo.

Vendo o Heroi pelejar sem armadura,
Clamam velhos guerreiros: “Que loucura
Se apoderou de vós, filho da Attica?!”

«Prefiro a Morte» grita o moço ardido
«A ocultar minha graça magestática!»
—Luta em belleza e o Barbaro é vencido.

A Beleza da Forma vence a fôrça bárbara do Tempo . . .
—eis o símbolo!

E ainda dominado pelo culto da forma, — “só a Forma dá vida ao Pensamento,,,” bela frase que êle põe na bôca de Platão—compôs para o seu livro a saír breve do prélo—“A Cigarra de Theócrito,,,” —, um magnífico soneto, em que nos descreve a revolta dum moço grêgo, acusando Zeus da imperfeição mortal e despedindo, irreverente, para o alto, sua seta vingativa . . .

Dêste mesmo livro, onde o esplêndido talento de Narciso de Azevedo, melhor e mais seguro se afirma, transcrevo o soneto — “Em louvor de Agathão de Milo,,,” —, que é um quadro cheio de côr e de vida, relembrando um festim pagão, em Atenas:

Um banquete em Athenas. Noite calma.
Moços cantam as Cycladas gloriosas.
Emquanto nos seus labios caem rosas,
Platão discorre sobre Deus e a alma.

Louvando a bella e airosa mocidade,
Diz ao loiro Agathão: «Um esculptor
Talhe em marmore o vosso vulto em flôr! . . .
Em Arte o corpo alcança a eternidade!

Sorrindo á vida ephemera, bebamos!
Vive nuna ode o corpo de Bathylo,
O ephebo que Anacreonte amou em Samos!»

Compondo um gesto esculptural, Platão
Ergue a taça ao androgyno de Milo
E a sorrir beija a boca de Agathão.

Parece-me bem, que difficilmente se poderá condensar, em síntese mais perfeita, a ideia do espírito epicurista da velha Grécia.

No mesmo género, promete-nos ainda o autor mais um belo livro de versos, com o título sugestivo de "Jogos Olympicos,, e que ao lado da "Cigarra de Theócrito,, e "Rythmos da Hellada,, formarão a admirável trilogia da sua fase pagã.

*

* *

Convém notar, porém, que Narciso de Azevedo não é simplesmente um Artista de motivos pagãos, enquadrado dentro dessa vaga concepção literária da *Arte pela Arte!* Não. Não há na sua obra o desvaio requintado dos sentidos, nem o venenoso diletantismo de tantos cultores modernos do estilo. Na sua obra há um visível fio condutor e uma clara finalidade, tanto mais apreciável, quanto é certo que ela é, afinal, uma tendência lógica e inteligente do seu espírito. E esta evolução ressalta, nítida, ao leitor que seguir atento, pela sua ordem de publicação, os livros de Narciso de Azevedo. Assim, por exemplo, na novela dramática, em prosa, os "Paços do Encantamento,, (Pôrto—1921), embora nela haja ainda muito do encanto pagão que tam profundamente influenciou a sensibilidade do autor, já se nota, no desenho e nas falas dos personagens, características marcantes do espírito luminoso da Renascença. E desse curioso mesclado de figuras místicas e pagans, — tam vulgar nas creações literárias do século XVI —, surge-nos o Conde D. Duarte, — protector de Artistas e precioso coleccionador de maravilhas —, que manda sacrificar os cabelos loiros das donzelas mais formosas, para com essas tranças cobrir de labaredas de oiro a sepultura da mulher! A confissão do Cego—Mestre Nuno, artista de *muita fama e boa conta*—, sendo uma das mais belas páginas do livro, revela-nos a requintada imaginação de Poeta e de Artista, que presidiu à sua criação.

— "Sou pintor . . . e cego por milagre de Deus. Um dia

—era na primavera—todo o meu gôsto se tomou duma gran tenção de pintar. Por amor da minha arte saí ao campo e compuz a minha obra de mais rara mestria. Todos os que a viam assim exclamavam: “Tanta unção e maravilha! Emquanto pintáveis, Deus certamente esteve a beijar-vos as mãos!,” Como cuidei ter alcançado nesse trabalho a melhora da minha arte, resolvi abandonar de vez os pinceis. Devemos trabalhar até à realização da nossa obra de maior. Feita a obra prima, o artista cumpriu assim na terra a sua missão — uma divina ascenção em beleza.

.....

Decair é pecar contra a beleza! Realizada a minha obra de mais alta mestria, nas minhas orações rogava a Deus que me livrasse da tentação de pintar. . . . Uma tarde saí de casa, e abençoei os campos e as florestas; saúdei as planícies e a montanha. Ouvi o mar e quiz senti-lo. Para o sentir faz-se mister erguer a alma e o corpo. Subi-me então ao cimo da montanha. Aos meus olhos a terra e o mar, toda a natureza, nunca fôra tam bela—estava à maravilha! Magos e feiticeiros, dando largas à sua arte, andavam a compôr assombros! A minha vontade tomou-se dum gran desejo de cuidar em arte o que viam os meus olhos. Então mais uma vez, e como nunca, roguei a Deus que me livrasse da tentação de pintar. A admirar em tanta maneira o mar e a terra cansei os olhos, que cegaram por graça do Senhor.,

.....

Não menos interessante é Mestre Vasco —clérigo e estatuário—, que um dia deixou de trabalhar a pedra para se fazer embalsamador de corpos moços e que grita, no seu orgulho de artista: “Esculpir é menos que embalsamar! O embalsamador excede o maior dos estatuários! Só êle sabe conservar um corpo belo, guardar-lhe toda a sua formosura e salvá-lo da podridão. Vencer a Natureza é atingir Deus.

Há duas maneiras de chegar até Deus: embalsamar ou evangelizar, salvar os corpos ou salvar as almas!,,

E no último gesto do Conde, embora haja muito de desvairo, há também muito de Beleza. D. Duarte, para não dar a filha única ao Rei estrangeiro e receoso que saindo das suas terras, Branca perca em esbelteza, suicida-se com a filha. Ao beberem ambos o veneno do anel, o Conde exclama:

“Que a minha raça desapareça em flôr... deixe a vida em flôr!,,

E assim se cumpre a sina, nomeada na lenda trágica da família: “Os ultimos do Paço ham de morrer ás mãos do seu senhor!...,,

*

* *

O último trabalho publicado, de Narciso de Azevedo, é o “Auto da Perfeita Menagem,, (1925—Ed. da “Labareda,,). Aí, encontramos já uma bem acentuada feição nacionalista, quer na escrupulosa propriedade dos vocábulos, que embelezam e caracterizam a linguagem dos diálogos, marcando rigorosamente o ambiente medieval em que se movem as figuras do Auto, quer pelo valioso poder de assimilação e interpretação das composições poéticas da época, repassadas da graça primitiva dos cantares dos trovadores... .

Logo na Jornada primeira, a canção de Violante:

Num ledo rosal entrára,
 Num ledo rosal entrei!
 Botões de rosa buscára,
 Botões de rosa busquei:
 Muito a modo os encontrára,
 Muito a modo os encontrei!
 Com geito logo os cortára,
 Com geito logo os cortei!
 Num ledo rosal entrára,
 Num ledo rosal entrei!... .

acorda em nós a lembrança da velha canção do *Figueiral figueiredo*... — ingênuos versos, em cuja harmoniosa cadência há como que o ritmo duma bailia de palavras, dançando de roda, sob as *avelaneiras floridas*...

E nessa outra *cantiga de grande saudade*:

Nem flôres nem recado manda o meu amigo
E com tal cuidar não me entendo comigo!
Meu amor anda alongado...

transparece o vago anseio de tristeza e de amor, de D. Diniz, de Torneol e Meendinho — tropeiros da nossa alvorada remota de lirismo.

Narciso de Azevedo é um enamorado das belas atitudes. O seu gôsto, profundamente aristocrático, por todos os formosos gestos de nobreza e heroicidade, diz nos a extraordinária influência que sôbre o seu espírito exerceram os conhecimentos da maravilhosa civilização greco-latina. E' êste o seu admirável segrêdo de segura execução artistica, de equilíbrio e elevação que em todos os assuntos que êle escolhe e trata, largamente se manifesta.

Narciso de Azevedo encontrou a urdidura do Auto presente, folheando as centenárias páginas da "Chronica do Senhor Rey Dom Sancho II," de Ruy de Pina, deparando com um esquecido e formoso feito de Dom Martim de Freitas — *aquêlê alcaide que foi do Senhor D. Sancho*...

Conta o Cronista, que tendo o Conde de Bolonha (D. Afonso III, como adiante veio a ser), pôsto assédio ao Castelo de Coimbra, que a lealdade de Martim de Freitas defendia, por D. Sancho, — um dia, os cavaleiros sitiados, cansados do longo cêrco, propuzeram ao Alcaide a entrega da Praça. Doeu-se D. Martim, em seus brios de Cavaleiro de boa menagem, com *tão feio parecer e má tenção*. Procurou dissuadir sua gente, incitando-a a combater por El-Rey, até final. E num belo gesto de heroicidade e sacrificio, rasga a golpes de punhal a túnica da filha — apresentando-a aos

guerreiros, deslumbrante e nua. Eis a fala do nobre alcaide, aos seus homens de armas, que transcrevo do "Auto da Perfeita Menagem,":

"Se algum de vós, para seu serviço ou outra deleitação, tiver desejos de mulher. . .

Vêde a minha filha! Donzela de boa conta e de mui formosa nomeada, a quem ordenarei que em tudo vos sirva de boa maneira e muito a vosso contento! . . .

(*Um guerreiro toma a túnica e com ela envolve o corpo de Violante, clamando: Sois sagrada pela vossa esbelteza!*),

Não podia, pois, deixar de interessar ao gôsto e à arte de Narciso de Azevedo, o estranho encanto dêste gesto do fiel vassalo dum Rei. É' que tal feito, na verdade, iguala em grandeza os mais famosos da Hellada imortal.

Quási no fecho do livro, dá-nos o Artista o rimance—"Gafos de ruim gafeira,"—, composto ao sabor do poema medieval dos amores de Tristam e Iseu. E muito lhe ficam devendo as letras portuguesas, pela preciosa reconstituição desse rimance, tam contado e vulgarisado na Idade-Média, em todas as côrtes da Europa. Não existia, infelizmente, em português, a-pesar de ser aqui conhecido, como se vê duma referência que a êle aparece, numa trova do Rei Dom Denis:

*«Tristan sei bem que nom amou Iseu
quant'eu vos amo. . .»*

*

* *

A tendência natural, e cada vez maior, do espírito de Narciso de Azevedo, para a nossa corrente nacionalista-tradicionalista,—restauradora do rico património literário e artistico de Portugal—, nota-se, cláramente, em cada novo trabalho dêste Artista. A sua "Prophecia de Gil Vicente,"⁽¹⁾

(1) Vidé «Labareda» — 2.^a série núms. 7—8 (Pôrto).
Número de homenagem a Gil Vicente.

—é já uma formosa peça literária, acentuadamente nacionalista. As falas de Gil Vicente, nesta tragédia em verso, possuem todo o carácter e todo o delicioso sabor vicentino. As restantes figuras, suas atitudes e ambiente em que vivem, são perfeitamente renascentistas.

E é nesta fase de nacionalismo literário, que eu espero vêr Narciso de Azevedo fixar o seu magnífico talento realizador, alicerçando seus triunfos e servindo a Nação.

Pôrto — 1925.

«O nosso fim é salientar a urgencia de condicionar toda a acção reconstitutiva por um labôr constante de rectificação mental.»

ANTONIO SARDINHA.



Das Ideias & dos Factos

«Instituto António Sardinha»

A Junta Central do Integralismo Lusitano, como já é do conhecimento dos nossos leitores, resolveu, na sua última reunião, promover a fundação de um centro de cultura, denominado *Instituto António Sardinha* «em homenagem de louvor e reconhecimento à memória de quem foi o mais ilustre dos doutrinadores e o mais glorioso dos combatentes do Integralismo Lusitano.»

Chamamos vivamente a atenção de todos os nossos amigos para a alta função a que está destinado o novo instituto. Cobremo com uma auréola de glória e elegância de espírito o nome de António Sardinha; mas o seu desenvolvimento e a sua manutenção deve ficar entregue à honra e ao brio de todos os amigos e seguidores do glorioso e inolvidável escritor nacionalista. Todos nós, companheiros do Mestre e seus discipulos, devemos consa-

grar uma parte da nossa actividade à vida do centro cultural que ao nome de António Sardinha se acolhe. **Se todos os nacionalistas portugueses quizerem** (e já não falamos dos integralistas, cuja dedicação e ternura pela inesquecível memória do Mestre, ninguém tem o direito de pôr em dúvida, — **se todos nós quizermos**, o Instituto António Sardinha será dentro de pouco tempo o grande instituto de altos estudos portugueses em que António Sardinha depositava as maiores esperanças, tornando-se um dos sonhos mais constantes do seu espírito.

Esperamos que o *Instituto António Sardinha* seja inaugurado nos primeiros dias do próximo ano escolar. Logo em seguida serão chamados a leccionar no instituto os nossos mais distintos e consagrados escritores, sendo convidados a inscrever-se como alunos especialmente os estudantes que pelas questões do nesso tempo se interessam.

Se, porém, os nacionalistas portugueses, como é sua obrigação imperiosa, prestarem ao Instituto o auxilio que lhe devem, a sua acção não se limitará aos estudantes de Lisboa. Dentro em pouco começariam a ser publicadas as lições dadas no Instituto, podendo todos os nossos amigos subscrevê-las e collocarem-se, desta forma, a par das questões ventiladas nos cursos do Instituto.

Acentuamos que o *Instituto António Sardinha* é sustentado pela Bolsa de Propaganda do Integralismo Lusitano, convidando nós por isso novamente os nossos amigos a inscreverem-se como sócios, dirigindo-se ao nosso illustre amigo e distinto colaborador sur. Artur de Melo e Niza, tesoureiro da Bolsa, para o Largo do Directorio, 8-3.º—Lisboa.

Gil Vicente oferece ao *Instituto António Sardinha* todo o seu mais constante e devotado apoio e simpatia.

Alfredo Guimarães

Depois de ter passado algum tempo entre nós, retirou para a sua casa na Quinta do Atalho, o nosso presado amigo e conterraneo, senhor Alfredo Guimarães, distinto escritor e nosso apreciado colaborador.

O sr. Alfredo Guimarães veio à sua terra natal colher elementos para a continuação do seu «Album» sobre *Mobiliário*, de que já foi publicado o primeiro

volume que tanto e tão justificadamente successo alcançou, encontrando-se já esgotado.

Por tão feliz exito saúdamos muito sinceramente o nosso querido Amigo, dando a boa noticia aos nossos presados leitores de que S. Ex.^a nos prometeu para breve a sua apreciada colaboração sôbre assuntos de Arte, em geral.

Costa Freitas

A passar as férias, tem estado entre nós, com sua Ex.^{ma} Esposa, na sua casa da Estrada Nova, o nosso presado conterraneo e Amigo sur. Fernando da Costa Freitas, escritor distintissimo e autor da excelente novela *D. Frei Tirso de Guimarães* que a nossa revista tem vindo publicando e que tem causado o mais justificado exito.

A nossa Revista

O bom acolhimento que tem tido a nossa revista, incita-nos a prosseguir os trabalhos que encetamos.

Todos os dias nos chegam novos pedidos de assinatura estando quasi esgotados os exemplares dos n.ºs já publicados. Por esta razão rogamos de novo a todos os nossos presados assinantes a quem faltem alguns números e desejem completar a collecção, o favor de nos avisarem, com a possivel urgência, para lhe serem remetidos êsses números.

Igual pedido fazemos às pes-

soas a quem enviamos o presente número e desejem completar, também, a colecção.

Na 2.^a série, que será iniciada logo após a publicação do 12.^o número da actual, modificaremos o aspecto material da revista, pondo-a assim ao par das outras publicações idênticas.

Para isso pedimos também o auxílio dos nossos presados assinantes e amigos e o envio de listas de novos assinantes, como já alguns teem feito, e de que iremos dando exemplos no QUADRO DE HONRA.

Casa do Outeiro

Deve ser posto à venda em breve êste excelente livro do nosso presado camarada e amigo snr. dr. Carlos Pires de Lima da Fonseca, escritor distintissimo, autor de várias obras literárias, entre as quais avulta *A Terra em Brasa*, que tão aplaudida e apreciada foi pela crítica, conquistando um dos maiores triunfos literários dos últimos tempos.

Ficamos esperando ansiosamente a publicação dêste novo trabalho do nosso eminente colaborador, de que brevemente teremos o prazer de publicar um excerto.

Quadro de Honra

Enviaram-nos notas de novos assinantes os nossos amigos snrs. Cesar de Oliveira, Dr. Pedro de Campos Tavares e António de Almeida Rezende.

Agradecemos.

Assinaturas pagas

Pagaram um ano de assinatura os seguintes senhorês:— António Rodrigues — exilado em Espanha—; Manuel de Oliveira; Tomaz Luiz da Cunha; Cesar de Oliveira; Conego António Hermanc e Alfredo Augusto Simões. Também nos enviou 20\$00 para pagamento da sua assinatura, o snr. José Alberto Leal Pereira de Macedo.

A êstes nossos queridos amigos os nossos agradecimentos.

Exemplo a seguir

O nosso presado assinante snr. Francisco José Souto Barreiros, enviou-nos, em carta, 10\$00 para pagamento do seu recibo, e as seguintes palavras que muito recomendamos a todos os nossos assinantes a quem foram remetidos os recibos à cobrança e nos foram devolvidos com a nota *avisado não pagou*: «Junto 10\$ para pagamento da sua revista. O restante destina-se ao pagamento das despesas que tenham feito com a cobrança».

Todos sabem ou pelo menos todos devem calcular o mal que nos causam em deixarem devolver os seus recibos. Ninguém ignora quão dispendiosa é a cobrança pelo correio e os prejuizos que nos acarreta o termos de enviar várias vezes á cobrança o mesmo recibo. Por isso recomendamos aos nossos presados assinantes, que estejam nes-

tas condições, o exemplo do snr. Souto Barreiros.

Esperamos que todos aqueles que só involuntariamente deixaram devolver os seus recibos nos façam remessa das respectivas importâncias ou nos autorizem, num simples postal, a fazermos nova cobrança.

E' um favor que nada custa e que muito agradecemos.

Aos outros,—àqueles que teem por costume aceitarem as publicações que lhes são enviadas e não as pagarem — não os encomodaremos mais com a cobrança. Vamos reúni-los num feixe para os expormos no nosso Pelourinho.

Novos assinantes

Deram-nos a honra da sua assinatura, depois do 3.º número, os Ex.^{mas} Snrs. :

António Canavarro de Valadares (Ribeira de Pena); Dr. Manuel Mexia; Dr. Sebastião do Rosário Sarafana; Eduardo Tavares Pereira de Gouveia; M. José Sousa da Costa; Manuel Joaquim Rocha; Sebastião Fernandes; José de Mascarenhas Pacheco; Manuel de Oliveira; José Alberto Leal Pereira de Macedo; António Rodrigues—exilado em Espanha—; D. Manuel de Almeida e Vasconcelos; Alberto Ferreira; M. P. Breda de Melo; Condessa de Lumbrales; Luiz Bomfim Barreiros; Celestino Neto; Justino Melo; Dr. J. A. A. Campos; Alfredo Paulo de Carvalho; Padre Manuel Ferreira Santos; Padre

Manuel Francisco dos Santos; Angelo André de Lima; Padre Manuel Joaquim Tavares; Alberto Rodrigues Carvalho; Armando de Oliveira; Leonel de Oliveira; António Moreira de Sá; Mário de Sampaio; Conselheiro António Barbosa de Mendonça; Dr. Fernando de Matos Chaves; Conde de Caria; João Salgado Oliveira; José do Nascimento Cardeira; Domingos Lopes da Silva; Francisco Gomes de Sá; Abílio Areias; Luiz Carneiro; Francisco Matos; Manuel Moreira; Manuel Alvaro Carneiro Bezerra; Dr. A. C. S. e Pinho; Dr. António Fernandes Duarte Silva; Visconde da Granja; Conde das Felgueiras; Dr. Joaquim da Fonseca Monteiro; Augusto Couro Tavares; Francisco Estelita Vieira da Cruz e Oscar Pacheco.

Conselheiro João Franco

Ao grande amigo da nossa terra, foi enviado, pelo snr. dr. Joaquim José de Meira, o seguinte telegrama a que nos associamos inteiramente:

«Para satisfazer justa ansiedade dos seus amigos de Guimarães peço noticias.—*Meira.*»

A resposta do snr. conselheiro João Franco foi a seguinte:

«Afectuosos agradecimentos para todos. Vou melhor. Abraços.—*João Franco.*»

Regosijando-se por tal facto «Gil Vicente» faz votos pelo completo restabelecimento de S. Ex.^a, a quem apresenta os seus cumprimentos muito sinceros.

A. Vieira Novo

A colher elementos para um vasto trabalho sôbre a nossa cidade a publicar em *A Epoca*, esteve entre nós o nosso presado camarada e amigo snr. Armando Vieira Novo, autor distintissimo do livro *Lourdes perante a história, a sciencia e a fé*, já esgotado, e redactor-delegado daquelle importante diário de Lisboa.

O 18 de Abril

Tem decorrido com todo o interesse o julgamento dos implicados no movimento de salvação nacional de 18 de Abril do corrente ano.

A forma como teem decorrido os julgamentos, as afirmações nobres de militares valorosos que tomaram parte nêsse patriótico movimento, já são de todos conhecidas para que necessário se torne reeditá-las.

Aplaudimos o movimento do 18 de Abril, como o fizemos saber em carta que dirigimos ao snr. Tenente Coronel Raul Esteves, para o Forte da Graça, de Elvas, pondo à disposição dos valorosos officiaes presos as páginas da nossa revista, carta a que S. Ex.^a se dignou responder em termos que muito nos penhoraram.

Posto isto queremos apenas arquivar nas nossas páginas o documento honroso que é a carta do nosso presado camarada e distinto colaborador sr. dr. Antó-

nio Rodrigues Cavalheiro, secretario da Revista «Nação Portuguesa», dirigida ao jornal de Lisboa *a Tarde* e que é uma alta afirmação de character do nosso presado amigo. Publicando-a, desejamos exprimir ao nosso querido amigo toda a nossa simpatia e solidariedade.

«Lisboa, 5 de Setembro de 1925.

Ex.^{mo} Sr. Director de *A Tarde*

Antecipando-me, embora, às declarações que tenciono prestar no Tribunal Militar que está julgando os presos do 18 de Abril, venho, desde já, fazer algumas observações á parte que me diz respeito da entrevista ontem publicada, no jornal que V. Ex.^a dirige, com o general sr. Adriano de Sá:

1) Mantenho as seguintes afirmações—a) O general sr. Adriano de Sá concordava com os intuitos do movimento militar do 18 de Abril; b) O general sr. Adriano de Sá *não* me disse que combateria o movimento em preparação. Não heuve, no decorrer da conversação, allusão alguma ao cargo de Comandante da Divisão, que então o general sr. Adriano de Sá occupava.

2) Foi a proposito de me ter dito o general sr. Adriano de Sá que os officiaes costumavam comprometer-se e depois faltar á palavra *como cães*, que se falou no assalto ao Quartel General, — e não o contrario, o que é muito diferente.

3) Declara solenemente o sr. general Adriano de Sá: — «Não era ao fim de 65 anos, já com as estrelas de general, que eu iria faltar pela primeira vez á minha palavra.» Ha uma emenda a fazer: — onde se lê *pela primeira vez*, deve ler-se *pela quarta vez*. O general sr. Adriano de Sá faltou á sua palavra:—1) Em 5 de Outubro de 1910, passando a servir a Republica, depois de haver prestado juramento de fidelidade ás instituições monarchicas; 2) Em 19 de Janeiro de 1919 indo espontaneamente apresentar-se a Paiva Couceiro e passando a exercer um cargo de confiança da Monarquia do Norte; 3) Em 13 de Fevereiro do mesmo ano, voltando a servir a Republica e fazendo parte dum jurí que julgou aqueles que êle havia servido como alto funcionario. Separaram-me do general sr. Adriano de Sá perto de cinquenta anos, -- meio seculo de mentira constante, que criou a situação em que nos encontra-

mos, de que os novos não são responsaveis e contra a qual, com consciencia, procuram reagir. Guiados pelas estrelas do Ceu, os Portugueses de outróra descobriram o mundo; se se fossem a guiar pelas estrelas de alguns generais de hoje, ninguém no mundo os descobriria. O general sr. Adriano de Sá acusa-me de «dar importancia» aos meus 22 anos. Sim, graças a Deus, dou importancia á minha mocidade. Pelo que acabo de expôr, o general sr. Adriano de Sá é que parece não dar muita importancia á sua velhice.

4) Quanto ao *argumento rasgado* do general sr. Adriano de Sá, eu me ocuparei dêle no Tribunal, para então o rasgar de vez.

Agradecendo a publicação desta carta

Sou de V. Ex.^a
com a maior consideração

Antonio Rodrigues Cavalheiro.

: No seu proprio interesse V. Ex.^a deve efectuar :
— já o seu SEGURO DE VIDA em —

A MUNDIAL

que é hoje a mais importante Companhia de Seguros portuguesa e aquela que mais vantagens e garantias oferece.

Pedidos de esclarecimentos á Séde: **Rua Garrett, 95 — LISBOA**
ou a MANUEL ALVES DE OLIVEIRA

— Largo Prior do Crato, 59-A — **GUIMARÃES**

Revistas & Jornais

Recebemos e agradecemos:

NAÇÃO PORTUGUESA — Revista de cultura nacionalista sob a direcção do Dr. Manuel Murias, 3.ª série, n.º 4, com o seguinte Sumario:—*As «Cartas da Freira»* (I), António Sardinha; —*Loanda Mulata* (excerto), Hippólito Raposo; — *Sindicalismo* (os collegios profissionais na época romana), César A. de Oliveira; — *Conversando com um Ministro*, Nuno de Montemor;—*A política de Africa de El-Rei D. Sebastião*, Manuel Murias;—*Das idéas, das almas & dos factos; Através dos jortais e das revistas; Publicações recebidas; Na feira das Letras.* — Redacção e Administração, Largo do Directorio, 8-3.º—Lisboa.

LABARÊDA — Revista de crítica e letras. Directores: Artur Marques de Carvalho, Vasco Rodrigues e Horacio de Castro Guimarães. 2.ª série, n.º 6, Junho. Pôrto—Rua de S. Miguel, 27-2.º

REVISTA DE GUIMARÃES — Publicação da benemerita Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães, 1925. Volume XXXV, fasc. 2.º, Abril—Junho.

SALUS! — Revista da Alma

Cristã e do Espírito Português, Publicação quinzenal. Director: José Bernardino Duarte. Aveiro —1925. 1.ª série, n.º 8—Agosto.

A TRADIÇÃO — Boletim do Grémio Português Tradicionalista. Director: J. Nunes de Freitas. Lisboa, 1925—n.º 4, Agosto.

ACÇÃO REALISTA — Revista quinzenal. Redactor principal: Ernesto Gonçalves, Lisboa, 1925. Ano II, n.º 21, Junho.

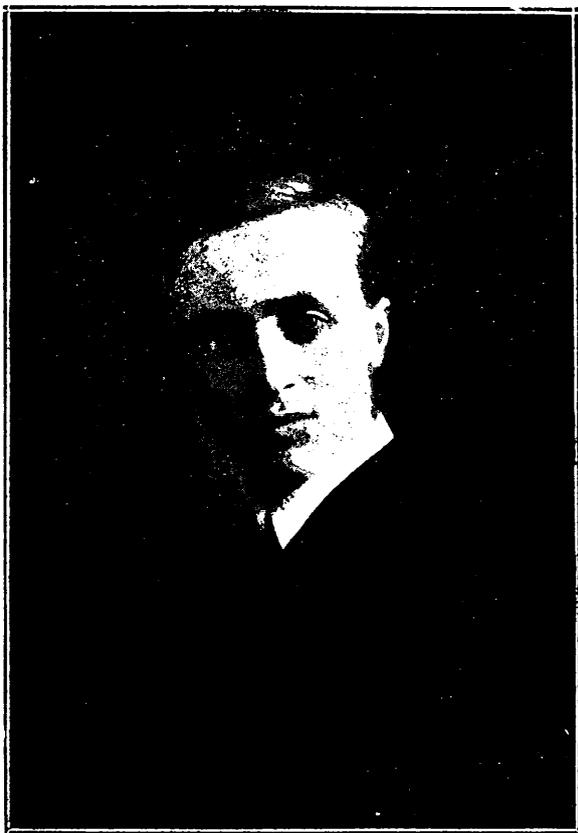
REVISTA NACIONAL—Orgão defensor da Cruzada Nun'Alvares Pereira. Director: João Afonso de Miranda—Lisboa, 1925—n.ºs 1 e 2—Junho e Julho.

ESPERANÇA, Publicação científica, literária e anunciadora, temporariamente mensal. Director: P.º Agostinho Pires. Sobreira, Palhaça 1925. N.º 3 do 1.º Ano, Agosto.

SCIENCIA PARA TODOS, publicação semanal de vulgarização científica dirigida por *Mariotte*. Interessante e muito util a todos. Espinho, 1925.

TRADIÇÃO, jornal integralista, fundado em memória do dr. António Sardinha, e que se publica em New-Belford (Mass.)—America do Norte. E' seu editor o snr. António Augusto Lopes.





S. A. R. O INFANTE D. DUARTE NUNO DE BRAGANÇA

Dom Duarte Nuno

Por J. Nunes de Freitas

DOM Duarte Nuno, o Príncipe cujo aniversário natalício passou recentemente e a Quem, por essa ocasião, a Velha Guarda Legitimista apresentou as suas homenagens por uma forma tão sugestiva e carinhosa, como é próprio de vassallos que ao mesmo tempo respeitam e estimam, muito do fundo da alma, os seus Reis, é o verdadeiro representante da velha Tradição Portuguesa, iniciada em D. Afonso Henriques com as Côrtes de Lamego e interrompida em 1834 após a Convenção de Évora-Monte e a usurpação do trono pelo imperador do Brasil, D. Pedro I.

Quasi um século de regimen parlamentar — monárquico e republicano — azul e branco e verde e vermelho — tem sido suficiente para desanimar o país, desinteressando-o, por completo, de tôdas as combinações dos políticos, que teimam em sustentar, embora com modificações, um estado de coisas que conduziu a Nação à ruína e daí o fracasso de todos os movimentos republicanos conservadores — situação Pimenta de Castro, sidonismo, 18 de Abril e 19 de Julho, e de tôdas as tentativas de restauração monárquica — incursões, monarquia do Pôrto, revolta de Monsanto, etc.

E' que todos êsses movimentos têm sido planeados e dirigidos pelos políticos sem que a grande massa do país os acompanhe.

Apatia ?!

Não é bem assim. O povo português ama profundamente a sua terra para se desinteressar dos seus progressos, mas pensa ao mesmo tempo que os políticos são todos a mesma coisa, tem a intuição de que é inútil mudar os governantes, ficando a forma de governo sendo no fundo a mesma, não descobre vantagens na restauração duma monarquia nem na conservação, com mais ou menos remendos, duma republica, que já deram o que tinham a dar e nada de melhor darão do que aquilo que se tem visto: — a ruína moral e financeira, o desprestígio perante o estrangeiro, a ausência absoluta dum ideal que promova a grandeza da raça e lhe restitua a sua passada glória.

Nestas condições, dado este estado de espírito, quer-me parecer que tudo quanto não seja seguir o caminho direito — de restaurar a monarquia tradicional e de colocar no trono dos seus antepassados o Senhor Dom Duarte Nuno de Bragança — nunca terá a protecção de Deus porque lhe faltará o apoio do povo. Tôdas as combinações políticas, tôdas as espertesas, todos os pactos que não sejam absolutamente claros, tudo quanto represente uma transigência com o que está ou com o que estava antes de 1910, tudo está absolutamente condenado ao mais completo insucesso. Se, porém, por mal do nosso país, algumas dessas combinações viesse a triunfar, então a desordem do presente repetir-se-hia no futuro, desde que ficasse de pé, insatisfeita, latente, o que é já hoje uma aspiração nacional: — o regresso à monarquia tradicionalista.

E' a nós — legitimistas e integralistas — dissidentes do Pacto de Paris, que cumpre realizar essa aspiração, falando claro ao país e indicando-lhe o caminho a seguir, despertando a energia da nossa gente, que está apenas adormecida, e criando com todos os *homens bons* da nossa terra um forte movimento nacional, que salte por cima de todos os partidos políticos e vá direito ao fim que se pretende conseguir.

Para que isto se consiga é necessário, indispensável e

urgente que todos nos unâmos num centro único, donde irradie depois para todo o país uma vasta organização, feita à luz do dia, destinada a abranger as cidades, as vilas e as aldeias e a interessar no nosso movimento todos aqueles que até hoje se teem mantido alheios à política e que por isso mesmo são dos elementos mais limpos, de mãos e consciência, da terra portuguesa.

Esse centro único existe já: — é o Grémio Português Tradicionalista de Lisboa, a cuja Direcção me honro de pertencer e no qual, abusando um pouco da hospitalidade gentilíssima do «Gil Vicente», convido a filiareem-se todos os tradicionalistas de Guimarães.

Presentemente que Sua Alteza Real o Senhor Dom Duarte Nuno atingiu a maioridade, podendo, portanto, agir como Chefe Supremo que é da nossa Causa, necessário é que os nossos actos inspirem as Suas deliberações, indicando-Lhe a melhor forma de servir o Interesse Nacional.

Lisboa — 1925.

.....

D. Duarte Nuno

Por M A G A

ALGUMAS palavras sôbre S. A. R. o Senhor D. Duarte Nuno de Bragança?... — Mas, Deus meu, como é difícil escrever sôbre Uma Pessoa Real que não é real, isto é, que... não existe! Não existe, é claro, tão somente em Portugal, que é o berço dos mais jocosos paradoxos políticos.

Eu explico: — Quando depois de Évora-Monte, os nossos argutos liberais, então como agora, de gorra com o estrangeiro, exilaram êsse Rei que era o representante da tradição nacional, arrancaram-Lhe com a corôa, a Êle e aos Seus até ao último rebento da última geração, as personalidades civis e jurídicas...

E hoje, perante a lei portuguesa, êsses Príncipes não existem.

Em Portugal, os descendentes d'el-Rei o Senhor D. Miguel estão fora de tôdas as modalidades legais. Os Filhos e os Netos do Estoico Exilado de Broonbach e de Seebenstein, responsáveis pelo *crime nefando* do Pai e do Avô que teimou em querer ser português em Portugal, estão agora e ainda, como Êle esteve de 1834 até à morte e além da morte, privados de todos os mais comesinhos direitos e das mais insignificantes garantias, que, nunca por cá, se negaram aos mesmos estrangeiros.

Se encontrados no país, poderão ser justificados sumariamente sem culpa formada e sem processo, ficando os Seus *liquidadores* fora da alçada dos tribunais... «E' que êsses Príncipes nascem já criminosos...» Explica-se facciosamente: — «Que se Lhes atire como a lobos!»

Se quiserem comprar bens, vender, trocar moveis ou imoveis, a lei não Lhes reconhecerá as assinaturas... E' que são ainda menos do que estranhos... Coisas! Pó! Nada! As Suas personalidades não contam e êsses Príncipes que o "*Gotha*," regista cuidadosamente nas suas páginas protocolares, vincando a linha varonil da Serenissima Casa de Bragança, não existem à face do código português... Liberais conspícuos! Paradoxais talentos!

— Em nome da Liberdade, quiseram chumbar e para sempre, tôda uma linhagem à grillheta do que julgaram ser a ignomínia e que resultou transformar-se em apoteose...

— Em nome da Igualdade, por meio dessa monstruosa lei de excepção, tornaram êsses Príncipes diferentes de todos os mortais, isolando-Os da turba e, assim, fazendo-Os maiores...

— Em nome da Fraternidade, com a última jóia e a derradeira moeda, roubáram-Lhes a nacionalidade e o *jus cívico*... O facto, é que Êles não existem, como aliás, também não existe na História gisada pelos autores liberalengos, o reinado de el-Rei D. Miguel I, (sic) — "*o intruso*," — soberano reconhecido pelas côrtes da estranja, proclamado pelos Três Estados, cunhando dinheiro, assinando alvarás, governando enfim... De 1828 a 1834, o Tempo complacente, deu um saltinho, que, para nós, bem poderia ser mortal, e, amável com a Maçonaria que é senhora... do seu nariz, razou, com o camartelo simbólico, do seu granítico canhenho de lembranças, meia dúzia de anos... Uma bagatela!

E o nevoeiro do esquecimento, o *neant* que, segundo êles, afogou o tronco do roble gigante, subiria até à ramaria

da árvore genealógica realenga, para estiolar as flores de liz e os renovos armoados. . .

Mas a árvore frondosa estava enraizada fundamente nòs corações; o torrão era firme e generoso; o roble refloriu!

No entanto S. A. R. o Senhor D. Duarte Nuno não tem existência cívica entre nós. . . Mas se olharmos para qualquer dos horizontes políticos, para a direita, para a esquerda, para o norte, para o sul, para o poente e sobretudo para o nascente, apenas o nome inexistente, mas histórico, dessa figura, inexistente também, mas gentil, surge da escuridão e resplandece como uma aurora que tira o roseo fulgôr dos rubidos clarões do crepúsculo de há um século.

E' que o sol imorredouro do tradicionalismo, em ocaso desde 1820, alvorece de novo num rosicler de esperança. Voltará a ser dia, finalmente! E' quasi manhã agora. . .

— Ah, como o bom Deus, jovial e folgasão nos ocios do Paraízo, se terá rido dos nossos pequenos grandes homens que, de há cem anos a esta parte, empenharam os seus magníficos talentos em apagar e de uma vez para sempre, o rasto fundo de D. Miguel!

Esta facécia do Eterno, instando em pôr as coisas no seu lugar como quem não quiere, mas sempre irónico com as vaidades do mundo, recorda outra olímpica partida que está pregando aos nossos amigos franceses. . .

Estes nossos amigos e aliados da Grande Guerra, ainda enfermijos depois da victória (?) do seu grave andaço de democracias contagiosas, no pueril receio de glorificarem um ditador possível, um César eventual, um dominador provável e fatal, estilo Napoleão, — (a tal papoula mais alta do adágio,) — não querendo erguer nos escudos um nome vivo que podesse soltar o canto do galo, impersonalizaram a victória numa ossada anónima qualquer e entronizaram em Paris, sob o magestoso Arco do Triunfo, o corpo do "*soldado desconhecido*„. . . que agora se prova ser perfeitamente conhecido, como o do que em vida pertenceu ao recruta do

regimento prussiano de infantaria 23, de nome August Schults... Um *boche*!

Os desconhecidos, ainda que, como entre nós tem sido os políticos, — desconhecidos ilustres, — trazem estas surpresas!...

Aproximem os leitores estes dois esforços, tão titânicos como estéreis, da democracia mundial e reconhecerão, que cá por baixo continua, agora como então, a mesma baixa cegueira, a mesma estulta orientação, o mesmo andrajoso facciosismo, premiados lá das Alturas com a mesma sonora gargalhada de Deus Padre Todo Poderoso...

Falar de S. A. R. o Senhor D. Duarte Nuno? Dizer que os Seus desoito anos são ponderados, engenhosos, reflexivos e profundos no estudo e no conceito?... Para quê? Ainda que Êle não fôsse, como é, o justo espelho das virtudes de Seus Maiores, Deus o queria... e nós outros, também!

Os leitores não O ouvem, ao Omnipotente, na companhia de Todos os Santos, rir, rir, à custa dos rubros bolchevisantes lusitanos de 1820, 1834, 1846, 1910, 1925?...

Esta de pôr o Neto no trono do Avô e um *boche* sob *l'Arc de Triomph de l'Etoile* de Paris... só Deus! E isto nas bochechas do sr. dr. Afonso Costa!

— Tenho medo realmente que seja *trop fort*... No entanto o senhor doutor que tenha paciencia! O que tem de ser, tem muita fôrça... E não é por mal, antes — *por bem*!

.....

A Dom Duarte Nuno

(23-9-1925)

(Pela feliz ocasião do seu régio aniversário: Em nome da Grey cristã e tradicionalista de Portugal).

Príncipe louro: Espera, bem fiel,
P'la tua vinda — Portugal saudoso,
A ocupares o Trono glorioso
Que foi "roubado,"⁽¹⁾ a teu Avô Miguel.

Numa dor negra, numa dor cruel,
Anda o teu povo, Príncipe formoso,
C'os olhos fitos, ora num mar nubloso . . . ,
Ora a ver-te em visões, real Donzel!

Mas ao saber que fazes neste dia
Desoito anos, oh Rey dum novo Imperio!
— Ele sente-se cheio de alegria!

Porque em ti vê, em plena encarnação,
O bendito Encoberto, vindo então
Desse "Paiz da Lenda e do Misterio,"! . . .

RUY GALVÃO DE CARVALHO.

(1) Na falta doutro termo mais preciso, empreguei «roubado» por usurpado.

AO

SENHOR DOM DUARTE II,

UNICA ESPERANÇA E PROMETTEDORA
REALIDADE DA PATRIA LUSITANA

FÁZ o nosso Rei Annos no estio. E' esta a estação mais promettedora do anno. Realça em galas bucolicas, como os devaneios dos 18 annos. A natureza farta, tem os risos dos vindimadores e os alacres canticos das esfolhadas. Casa-se a alegria da maioridade do nosso Rei com a natureza toda em festa.

Hossana ao nosso Rei em Ratibona, tão longe da nossa vista e tão perto do nosso coração.

Hossana á natureza toda em festa dando-nos o pão e o vinho tão preciosos ao corpo.

Viva o nosso Rei, dando-nos a Esperança tão util ao coração e a Fé tão necessaria á alma. Porque o Rei e a Patria andam ligados. E, a Patria, acima da grandeza das cidades, é o torrão productur. D'elle vem a alegria e a saude. Da nossa Fé jurada vem a tranquillidade ao nosso coração.

Deus, Patria e Rei!

Que a alma da Raça acorde; tendo como Guia o seu Rei.

Noventa e dois annos de degenerescencia, englobando o constitucionalismo e a republica, bastam!

Como da Fenix, renasçam das 18 primaveras do Rei, todo o nosso heroismo e todo o nosso vigor. E, no escudo erguido da Raça Portugueza, acclamemos o nosso Rei de direito.

E' tempo de varrer os vendilhões do Templo.

Casa de Barrimao, 23 de Septembro de 1925.

MARIO DE SAMPAYO.

Os que eu amo

Por NUNO DE MONTEMOR

NUNO DE MONTEMOR, *artista admirável e um dos grandes valôres da nova geração, quiz dar-nos a honra da publicação de um fragmento do seu novo livro, a sair em breve, — «Amor de Deus e da Terra» — e para o qual desde já profetizamos um triunfo certo. Agradecendo ao autor distintissimo do «Flávio» — belo padrão dos princípios de Fé e de Resgate — a sua gentileza, expressamos-lhe tôda a nossa simpatia e admiração pelos seus invulgares dotes de escritor das grandes verdades eternas.*

Eu amo os desprezados e os esquecidos, como a abelha prefere a flôr desconhecida da colmeia:

E' mais puro e abundante o mel das flores ignoradas, e mais suave a bondade das pessoas que ninguem lembra...

Eu amo os que tem fome, porque, ao dar-lhes do meu pão,

O gesto com que o recebem abençôa o pão das minhas searas...

Eu amo todos os que sofrem, porque a sua virtude é como a das plantas cheirósas,

Que, quanto mais as torturam e pisam, mais alto elevam o perfume. . .

Eu amo todos os vencidos, se a luz da consciencia os guiava no combate,
E respeito os triunfadores se espalham os loiros no sepulcro dos que venceram.

Eu amo os pobresinhos que sobem, resando, a escada do meu lar,
Porque a sua oração purifica a minha casa, deixando nela a paz dos templos.

Eu amo os que cantam, no seu trabalho, porque a sua alegria é uma força criadôra,
E venero os que trabalham, sofrendo, porque nas suas lágrimas corre heroísmo.

Amo também os que são felizes, se na sua casa, sempre aberta,
Se lembram os desventurados que andam pelo mundo, sem esperança. . .

Eu amo, enfim, a dor e a alegria quando elas se ajudam, nos homens,
Como se casam a sombra e a luz, para fazerem um quadro de maravilha. . .

... in corpore sano

“Scouting e Sporting,,

Por Eugénio de Belonor

I

NO último artigo versou-se acêrca da acção benéfica que o Escotismo exerce sôbre o espírito dos jovens. Muito haveria ainda que dizer. Mas pôe-se de parte tudo o que se não disse, para tratar neste artigo da educação física.

Não constitue novidade alguma o afirmar-se que a raça portuguesa tem decaído. E' um facto que todos observam, ou podem observar sem grande custo.

Entre as muitas causas da nossa decadência física, notamos, como principais, estas três: *a escola, a oficina e a imoralidade.*

Parecerá de grande audácia collocarmos a escola entre as causas da decadência física. Esta afirmação clara e categórica pode mesmo acarretar-nos milhões de maldições ejaculadas por todos os imbecilizados crentes da mirífica proposição:—*abrir uma escola é fechar uma cadeia*, ou por todos os que, numa attitude de adoração mais que passiva, bônzica, ainda julgam irrespondível a banal e fútil argumentação de Victor Hugo:—*a escola produz bons resultados; logo a escola é boa.*

Sem fazermos caso de tôdas essas maldições entremos no assunto sem mais divagar.

A escola

é uma das primeiras causas da decadência física, porque, no desenvolvimento caótico em que tudo neste país corre, se transformou num autêntico cárcere para a infância.

Quem se der ao trabalho interessante de observar os costumes das crianças notará, se tiver olhos de ver, que a primeira das suas necessidades é a diversão. Ar livre, luz, movimento, e jogos, tais são as necessidades que sente um organismo a entrar no seu pleno desenvolvimento. A criança nunca está socegada um momento só que se encontre livre; corre, salta, brinca e canta, grita, sobe às árvores, escala as parêdes, luta, arremessa tudo o que encontra à mão, joga a pedrada, etc.; parece proceder como se sinta dentro de si uma necessidade enorme de expansão, um impulso irresistível que a arremece para a agitação continuada.

E' o seu organismo que precisa de movimento para se robustecer.

E é quando as crianças mais necessitam de agitação, que as encerram numa escola, onde passam um dia inteiro no extenuante serviço de decorar mecanicamente tudo o que os compêndios da aula contêm, pois sabem por demais que a rabujice furiosa do professor pagaria com outras tantas palmatoadas, se não ainda com outro tratamento mais selvagem, a omissão involuntária de todos os pontos ou vírgulas, ou qualquer partícula dispensável ao sentido dum período, que a memória rebelde se recusasse a reter.

E, durante todo êsse dia passado em posição incômoda e contrafeita, com a espinha vergada sôbre o odiado compêndio, difficilmente encontra a criança hora e meia de recreio em que dê expansão a todo o seu imenso desejo de brincar e pular, de se distrair sem peias, porque de um momento para o outro a figura torva e carrancuda do professor pode surgir, trazendo na mão uma alentada e nodosa vara que servirá para castigar os mais irrequietos. Na expectativa contínua de tal espectro, as crianças recalcam dentro de si todos os seus bons desejos de diversão e, acoradas encolhidamente umas sôbre as outras, passam o tempo a trocar entre si meias palavras sôbre todos os disparates e tolices de que se lembrem, ficando mudas, como estátuas de marmore, de olhos baixos e tímidos, se acaso o professor se aproxima.

A única perspectiva desta situação só pode ser o cansaço, quando não fôr mesmo a atrofia dos órgãos que necessitam de desenvolver-se.

E' certo que não se verifica isto em todas as escolas. E' mesmo certo que se não verifica em grande número delas. Mal de nós se assim não fôra. Mas nem por isso a escola deixa de ser uma causa de decadência e ruína física. E' que basta, para classificá-la assim, o facto de ela não possuir um sistema completo de educação física que ponha integral e régradamente em prática, corresponden-

do tanto quanto possível ao irrequietismo, próprio das crianças, tão necessário ao desenvolvimento natural do seu organismo.

A seguir vem

a oficina.

Quando uma criança saiu da escola é em regra internada na oficina a preparar-se para a vida e para auxiliar a situação económica da família. Aí, o mal que na escola começara, agrava-se. Trabalho exagerado, comidas insuficientes, mal preparadas e a más horas; falta absoluta de higiene e asseio, imprudências de toda a casta; cometidas, a maior parte das vezes, inconscientemente, durante o trabalho; ajuntando a isto inúmeras horas que por quaisquer circunstâncias são brutalissimamente arrebatadas ao repouso, facilmente se poderá ver até que ponto a oficina contribue para a miséria física actual.

Com a minha experiência de quatro longos anos o posso atestar:—de 1920 a princípios de 1921, últimos tempos em que fui operário, sem exagerar afirmo que, descontado o tempo que passei doente ou em convalescença, não trabalhei mais do que quatro meses. E' um caso meramente pessoal, dir-se-há.

Por mais pessoal que seja, sempre alguma coisa provará do que vimos afirmando. E' quanto basta.

A imoralidade

que se gerá em grande parte adentro da oficina, é a mais universal das causas de degenerescência.

Escusado será dissertar muito longamente sôbre ela. Assente-se, porém, em que, sôbre ser a mais universal, é a pior por causa dos males ocasionados presentemente aos culpados, assim como por aqueles que acarreta no futuro sôbre os desgraçados que outra culpa não teem que a de não morrerem imediatamente após a sua chegada a êste mundo.

«Sim, que *os filhos pagam pelos pecados dos pais!*»

Este brado soltou-o o P.^o António de Oliveira ao examinar com todo o cuidado e perícia, que lhe dava a sua longa experiência, o mesmo assunto que aqui tratamos. Eis como êle nos apresenta num *cortejo sinistro de espectros* as consequências terríveis da imoralidade debaixo de todos os seus aspectos:—«São «espectros» dos bêbados de vinho e de licores! São «espectros» dos desequilibrados de nervos e de cérebro! São «espectros» dos ébrios de luxuria e de sodomia! São «espectros» dos doentes dos pulmões e do

coração! São todos os fantasmas da hereditariedade alcoólica, da hereditariedade nervosa, da hereditariedade sifilítica, da hereditariedade tuberculosa!

«...Formam uma turba de loucos, em cuja frente não se descobre o sinal dum único pensamento! Constituem um formigueiro de nervosos, em cujos olhos se retrata o nevoeiro de ideias! São o cortejo fúnebre de tuberculosos, com o rosto engelhado pela angústia do cemitério, buscando em passo de procissão as gélidas carícias da morte!»

E este cortejo lento de espectros que já hoje enche completamente as cidades e delas trasborda dum modo apavorante, indo atingir os mais remotos e afastados recantos das províncias, origina-se nas escolas, onde o estado faz do professor, não o pai que devia ser, mas o carrasco, e continua-se na miséria triste da oficina para vir ultimar-se fatalmente nos antros estigmatizantes das tabernas, nas orgias aviltantes do lupanar, ou em saturnais horrendas, onde a vida se esvai inconsciente no adormecimento idiota das faculdades do espírito e no apodrecer dum corpo que se esfarrapa e aniquila contorcido em luxúria e gula.

Onde ir buscar **o remédio** contra êste enfraquecimento progressivo do sangue luso, êste abastardamento da nossa raça que não é mais que o seu suicídio?

Os sequazes do Desporto proclamam que só nêle se encontra a poção mágica que restituirá à nossa juventude a energia, a virilidade, a robustêz e a saúde das gerações de outrora.

Será verdade? Constituirá o Desporto a nossa salvaguarda? Fará êle desaparecer o cancro temível da degenerescência, que lentamente vai corroendo o organismo outrora másculo e são da raça portuguesa?...

Ou será ainda noutra parte que terá de se procurar êsse remédio? Ter-se-há, porventura, de abandonar o veneno agradável da comodidade para ir procurar a saúde, a robustêz e a fôrça numa vida agitada em luta contínua com a natureza?

Tal é o problema cuja solução deixamos para outra vez.

P. S. — A primeira parte do «Livro do Scout», em que se desenvolve o mais largamente possível o programa dos exames do Scout de 3.ª classe, está quasi pronta, devendo entrar brevemente no prélo. Lembro aos Scouts a conveniência que há em adquirir êste livro não só porque contém matérias de utilidade eminentemente prática, se não ainda por nêle se tratarem assuntos interessantísimos, tais como: «História da Bandeira Nacional», «Resumo da História de Portugal», etc.

E. DE B.

Casa do Outeiro

(EXCERTO)

Por Pires de Lima da Fonseca

O «Gil Vicente» tem o prazer de publicar um excerto do novo livro do Dr. Carlos Pires de Lima da Fonseca, CASA DO OUTEIRO, a sair em breve.

Aguardamos a publicação do novo livro do eminente romancista da TERRA EM BRASA, denodado combatente do Integralismo, agradecendo-lhe muito sinceramente a transcrição com que nos permitiu adornar êste número da nossa Revista.

NOTÍCIAS de Lisboa davam, como certa, a gréve geral. A atmosfera política era, dia a dia, mais densa e os partidos, degladiando-se, tinham aberto uma larga margem de descontentamentos, que, aqui e ali, explodiam, ou em actos violentos de rebelião, ou em manifestações operárias rapidamente dissolvidas pela fôrça.

Para Dom António, espirito largo, que a alma de Maria da Graça tinha erguido aos cumes varridos de miasmas, era quasi indifferente êsse tumultuar de paixões, que lá longe, nessa Lisboa, que desfraldára ao vento das epopeias os pendões e as flâmulas da geração de Aviz, agora rugia como vulcão, que, no seio da terra, se insurge contra a limpides claríssima dos céus tranquillos.

Sentia, é certo, modificar-se o ambiente do Outeiro. A sua intelligência assimilava pequenas *nuances* na vida até então calma das oficinas e mais do que tudo lho dizia a attitude de Maria da Graça, com largos silêncios inexplicáveis, fundas abstrações de olhos perdidos nos longes.

Quando uma manhã, estando à janela, viu entrar o criado que costumava ir buscar o correio e notou a agitação que se produziu no terreiro, onde os operários almoçavam, percebeu, de relance, que qualquer coisa de extraordinário se passava. Voltou à biblioteca e esperou. As notícias viriam.

Abriu um livro, folheou-o distraído. Era-lhe impossível ler. Dirigiu-se à estante, pegou noutro e noutro, mas todos acabaram por ficar silenciosos e esquecidos, na paz adormecida das prateleiras.

Maria da Graça entrou. Dava-se o que afinal era de esperar. Lisboa estava em estado de sítio. Declarára-se a greve geral. As estações estavam guardadas, porque além de terem deixado de circular os comboios, temiam-se, a toda a hora, atentados que mais viessem complicar uma situação, já de si gravíssima. Os telégrafo-postais tinham aderido e, no receio de violências por parte dos elementos operários, apinhados no Terreiro do Paço, o govêrno fizera já guardar os ministérios e todos os edifícios públicos.

Sabia-se que os partidos, sem distinção de côres ou de correntes políticas, se tinham ido oferecer ao govêrno para, numa conjugação de esforços, mais fácilmente dominarem a revolução, que, a tôda a hora, se esperava que estalasse. O govêrno fizera uma proclamação aos habitantes da cidade para que guardassem a maior calma e o auxiliassem a normalizar os serviços públicos, com a colaboração das suas várias instituições.

Dom António ficou pensativo. Não tinham sido estas notícias o que mais o tinha preocupado; e que nos dava era o contágio moral pela província, que fatalmente acabaria por se estabelecer, desnorteando tôda a Nação. Maria da Graça contava o que se estava a passar já no Outeiro, entre os operários, depois de almoço, não tinham voltado às oficinas e onde certamente se ia secundar a greve.

Dom António sorriu. Levantou-se e ia a encaminhar-se para a porta, quando Maria da Graça se lhe atravessou no caminho:

—É o melhor o pai não sair porque êles vêm aí. Creio que querem estabelecer connosco novas condições de trabalho.

Chegaram à janela que dava para o terreiro. Os operários reunidos em grupo, falavam animadamente, e só na oficina de Manuel Luís, com a porta rasgada de par em par, se trabalhava numa indiferença completa pelos acontecimentos que se desenrolavam. Curvado sôbre o banco, o operário, completamente alheado de tudo, procurava abrir com uma púa um buraco numa tábua. Dois rapazolas, que de grupo em grupo, tinham andado a circular, com os olhos incendiados, o gesto vivo, e, nos movimentos, qualquer

coisa de fébril, tinham chegado à porta da oficina para lhe falar. Manuel Luís, sempre curvado sobre o banco, parecia não os ouvir.

Mas as falas altearam-se, os olhos congestionaram-se e a voz de Manuel Luís, numa violência, soou pelo terreiro fora:

—Já disse... Não quero ser carneiro. Ninguém manda em mim. Heide fazer o que a consciência me mandar. Estamos aqui num caso especial. Cada um que faça o que quiser.

Mãos ameaçadoras desenharam no ar gestos de vingança. Os rapazes deixaram a porta da oficina dirigindo-se para outro grupo, que, aos poucos, se tinha ido formando. Mas quando deram com Maria da Graça e o pai à janela, uma conferência começou baixinho, em surdina, enquanto, no silêncio, o martelo de Manuel Luís batia num ritmo certo, como o único sinal de trabalho.

Súbito, os dois rapazes que, mais agitados tinham andado durante toda esta scena, destacaram-se do grupo e dirigiram-se à escadaria que dava acesso ao andar nobre. Os outros ficaram a verem-nos subir, olhando de lado a oficina de Manuel Luís, onde o martelo batia, batia sempre...

Compreendendo que os operários tinham resolvido avistar-se com êles, Maria da Graça e Dom António dirigiram-se para a biblioteca e deram ordem para os fazerem entrar.

Daí a instantes, num ar contrafeito, com as boinas na mão, os rapazes entravam, comandatários dos que lá em baixo tinham ficado.

Dom António Roiz sentou-se, perguntou o que havia e o que significava aquela atitude, que tinham resolvido tomar. Maria da Graça, fôra encostar-se à janela.

Então o mais velho começou historiando o movimento de Lisboa.

Na capital, os seus irmãos de trabalho, tinham resolvido atacar de frente o problema da sua situação, frente ao capitalismo. Era uma situação intolerável a sua, sem a esperança sequer de uma modificação que viesse a melhorar um estado de coisas verdadeiramente insustentável. A vida encarecia, os materiais não desciam de preço, as ferramentas duplicavam e o operariado via-se vítima de um constante ludíbrio. Cada dia que passava, os governos, desprezando os interesses dos que mourejavam de sol a sol, lançavam-se doidamente nos desperdícios e nos esbanjamentos, criando assim alentos à especulação e, determinando uma flutuação constante de preços que, reflectindo-se nos mercados dos géneros essenciais à vida, a iam aos poucos tornando impossível. Era por isso que os operários, crucificados entre as pontas aguçadas de um dilema, ou a morte da família pela fome ou a sua morte à bala, no meio das

ruas se protestassem, se lançavam na grève, como o último recurso de protesto, contra a tirania dos mais fortes. A situação dos trabalhadores era aflitiva e só pela união completa de todos, poderiam triunfar da prepotência do capital.

Dom António Roiz interrompeu:

— Mas afinal o que me querem os senhores?

— O que nós queremos? Queremos que V. Ex.^a modifique as condições em que nos contratou...

— Vamos a ver. Ficou combinado que teriam todos os géneros necessários à sua alimentação pelo preço que a casa os vende aos negociantes e uma parte do salário em dinheiro. Combinou-se mais que os senhores trabalhassem dez horas por dia, incluindo nesse período de tempo o almoço e o jantar. Não estão satisfeitos? Vamos então a ver se é possível chegarmos a um acôrdo que seja justo. Digam lá...

— O que queremos é o seguinte: — Salário em dinheiro, uma vez que nós compraremos os géneros onde quizermos. Este salário será aumentado à proporção que a vida se dificulte e o horário de trabalho será de seis horas...

— Mas parece-me que dando-lhes eu os géneros pelo preço que os vendo aos negociantes, que os compram para revender, lhes poupo a taxa de lucro que teriam de dar aos logistas, sem contar que, estando nós longe de um centro de mercado, lucram o tempo e o dinheiro que lhes custaria o transporte. Desta maneira os senhores estão muito mais ao abrigo da alta do que eu, sujeito a contingências que os senhores nem sequer conhecem. Os senhores pela fórmula como eu os contratei, teem na sua mão os elementos necessários ao domínio das dificuldades que porventura poderiam surgir para a sua alimentação. Quanto ao horário de trabalho, eu não o modifico. Esquecia-me de lhes dizer que conto desenvolver esta exploração até ao ponto de aproveitar para tecer o linho que o Outeiro produzir, bem como a lã dos rebanhos que aí estão. A partir dêsse dia tenciono, a quem aqui trabalhar, fornecer os tecidos necessários ao seu vestuário pelo preço da matéria prima. Quer dizer: os teares e as máquinas não levarão nada; só pagam o linho ou a lã. Que querem mais?

Houve um silêncio. Os rapazes, colhidos de improviso por aquela generosidade, não sabiam que responder, até que o mais novo, exaltadamente, respondeu que a questão nem por isso deixava de estar colocada no mesmo pé e assim ou o sr. Dom António lhes dava o salário todo em dinheiro, aumentado na proporção que elles entendessem e que ia ser estudada por uma comissão, atenden-

do conjuntamente as suas reclamações quanto ao novo horário de trabalho que reclamavam, ou então abandonariam as obras.

Silenciosa, confrangida pela atitude que aqueles rapazes adotavam, a quem sempre os tratara quasi com carinho, Maria da Graça assistia silenciosa ao debate. Dom António, serenamente, raciocinava.

— Os senhores precisam, primeiro que tudo, de compreender que não é exigindo constantemente que resolverão o seu problema, que é afinal o problema de nós todos. A questão, em Portugal, como em todo o mundo, é, em síntese, uma questão de produção, uma vez que a um excesso de população, corresponde uma eliminação de reservas, que a guerra loucamente esbanjou. Se o trabalho, fonte de toda a riqueza e origem de toda a produção, fôr dificultado nas suas condições, tornando-se, dia a dia, mais difícil e mais custoso, fácil é de ver que, diminuindo a produção, as condições de vida se agravarão até ao frenesim. Os senhores sabem que tal estado de coisas traz sempre consigo a desordem e não há desordem que não seja causa imediata de completa desorganização. Que lucraram os senhores com isso? Nada, não é verdade? O mais que conseguem é uma situação de completa guerra, em que será impossível a adaptação dos elementos produtores, que acabarão por os abandonar, porque a verdade é esta: os que estiverem preparados para a luta da concorrência, procurarão fóra do país condições próprias de vida mais fáceis, mais remuneradoras e mais tranquilas, levando consigo, para o estrangeiro, toda a energia do seu braço, toda a força da sua fortuna e toda a actividade da sua inteligência. Dará isto como necessária consequência, o abandono, por parte dos elementos de vida da Nação, do território, em que os senhores, por falta de preparação que lhes garanta a vida, lá fóra, terão de viver, sabe Deus em que condições. Quer dizer; aqueles dos senhores — e não se ofendam com o que lhes vou dizer — que não tiverem dentro de si aquelas qualidades que são necessárias para triunfar em qualquer parte, estão condenados a ficar aqui, no brazeiro que acenderam, ou para morrer de fome ou para aumentar a perturbação, que por um processo natural de selecção, irá, pouco a pouco, destruindo os mais fracos. Não, meus amigos, o caminho não pode ser peor.

— Pois sim, mas nós somos explorados...

— Porque querem.

— Não é bem isso, é porque somos fracos.

— Enganam-se. Os senhores são fortes, fortísimos até: o que são é ingénuos. Ainda não compreenderam que as suas organizações servem para mais alguma coisa que para fazer grèves e para

fazer revoluções. No dia em que se convencerem que elas são a chave da vida da Nação, no dia em que repararem que a sua fôrça posta ao serviço da Ordem e da Organização do Trabalho, bastaria para erguer o mundo do cáos em que alguns, sem a noção do crime que cometem, o estão lançando, a paz antiga, por que os homens tanto anceiam, seria uma realidade tangível. Os senhores vão atrás de palavras e as palavras não dão pão...

—Mas hão-de o dar...

—Envenenado; e mesmo êsse, será só para alguns, para os mais fortes, que os mais fracos serão fatalmente esmagados...

Ora a verdade é que isso será uma incoerência sem nome! Que doutrina é essa que querendo assegurar a felicidade de todos, apenas prepara afinal a felicidade de alguns e essa mesmo sôbre um montão de ruínas e um rio de lâgrimas? Hão-de de concordar que será uma felicidade amaldiçoada. De resto, os senhores já teem o exemplo na felicidade do povo russo... Por mim não posso fazer mais do que faço, e podem ter a certeza, que, como eu, muita gente. Felizmente, não sou único. Os senhores supõem que o que para aí está se faz com palavras?

.....

.....

Richos de “Alminhas,,

Por Alberto V. Braga

NAS dobras dos caminhos velhos e escadeados da aldeia, nos largos das festas e nos adros das igrejas, no alto dos montes e nos fundos acachapados dos vales, erguem-se as cruces de piedade, atestados de reconhecimento, lembrança e fé, e os casôtos pobres das “alminhas,, penadas, os albergues pequeninos de santa devoção e caritativa prece, que os velhos, noutros tempos, em apagadas eras de unguida crença e temor respeitoso, quizeram que ali ficassem, como padrões de fé e simbolos de respeito, espalhados pelos campos, lá por longe, muito escondidos à sombra das árvores, onde só os rústicos entendessem aquelas relíquias de pedra e não as profanassem, porque só para êles elas se ergueram, porque só êles as poderiam entender, só êles as poderiam resar, só êles as poderiam respeitar, com a humildade de um quebrar de joelho, de um aceno de chapéu, de um murmurar de prece ou de um sacrifício de esmola. São simbolos de temor, de respeito e de bondade.

Pelos caminhos velhos passam caminhantes, veem de longada, de um trabalho consumido, lá de longe, e sosinhos, com respeito, passam saudando os cruzeiros que ainda permanecem naquela postura de sacrifício que martirizou e sublimou Cristo, cruzeiros onde as crianças leveiras, penas eriçadas de farrapos gaiteiros, se encarrapitam nos braços de pedra e saltitam em grita de degrau para degrau.

São o trapézio da canalha miudeira, os cruzeiros toscos,

e ainda o missal das juras solenes dos namorados do campo.

E os caminhantes passam, para o trabalho, um sorriso fresco nos lábios que o pólen dos últimos beijos dados cocega ainda para que o sorriso não esmoreça e se não feche, e o trabalho, pelo dia adiante, não fatigue e aborreça. E eles lá murmuram, com intenção, uma ladaíinha ligeira, às "alminhas,, do cabeça, de onde os passaritos esgrevinhadores saem em pipilada dos ninhos encobertos no emaranhado das silvas para o amanhã da vida, lá p'ra longe, onde as sementeiras se podem esgravatar. . .

As "alminhas,, êsses nichos de rusticidade encantadora, que mostram e revelam uma característica acentuada da arte simples da scenografia popular, e são o pensar devotissimo dos corações compadecidos e verdadeiramente religiosos que os mandaram erigir em épocas distantes, num ardente vigor de fé e comiseração sentida pelos que partiam de abalada para o mistério da morte e para o julgamento final, vão morrendo e desaparecendo, ao abandôno, por êsses caminhos, onde tantos anos foram recordando aos caminheiros a necessidade de uma resa breve para a salvação das almas que nas penas do purgatório esperam o final dos seus trabalhos de fogo.

Resar pelas almas é uma obra de caridade.

Redimidas as almas, pela oração dos que ficam, elas começarão a aparecer, num tremular de chama, brilhantes, já no alto, no seio de Deus, livres de penas e transformadas em estrelas.

Cada alma que se salva é mais uma estrela na côrte do céu. Uma velha m'ô disse e é já hoje a minha crença. Não foi bruxa, foi devota. E até ela notou que as estrelas não aumentam. Sempre as mesmas! Fugiu a devoção talvez, não se salvam as almas porque ninguém por elas resa.

Uma Avé-Maria por entre um ralho e um destempero, à passagem de um defunto, assim por desfastio, e Deus nosso Senhor leve a criaturinha para bom lugar e lá a tenha muito tempo sem nós. Cada vez menos estrelas, é verdade !

As almas penam e as "alminhas,, sofrem o sacrilegio de ofensas sem nome. Escadram-nas, abandonam-nas e roubam-nas.

Algumas chantadas na abertura de muros velhos, tam lindas na expressão do retábulo, tam gravadas tôscamente, em alto relêvo de tremida indecisão de côrtes, são ainda um alívio de alma para quem nelas descansa os olhos com respeito e admiração, e dão vontade até de satisfazer o pedido dos versos, ou a gente não se lembrasse dos nossos que morreram e dos bons que nos fugiram para a eternidade do outro mundo.

Mas triste é ver morrer lentamente essas notas de arte, que vão acabando com o acabar do respeito e da veneração.

Muitas ao abandôno! E quantas dignas de serem recolhidas, pelo seu valor antigo, pelo culto de recordação, e pelo seu interesse etnográfico! Quantas desaparecidas pela comodidade de um alargamento, pela necessidade de uma vedação!

E as que restam, pela inovadora reforma a que as sugeriram, tem pouco interêsse. Roubaram-lhes a nota da simplicidade, o toque airoso da rudeza. Modificadas completamente, são a sombra a lembrar as antigas; estão alinhadas demais, com ária moderna, compostas a capricho.

Tem pinturas refrescadas, lustro de bonecas, e vê-se bem que andou por ali amanhã de borrador da vila, pretencioso e sabichão.

São já outras, as inocentes "alminhas,, do passado.

São ricas; casas branqueadas e juntas tomadas a ciumento, tetos estocados e grades seguras de prisão, a duas fechaduras.

Assim as topamos.

Mas abençoadas as mãos que ainda veneram com caridade e amor êsses casôtos das "alminhas,, êsses ninhos rústicos de nobreza, essas armas sagradas de uma divisa de fé, todo o orgulho da gente passada, de gente bondosa e humilde que morreu.

Ruínas de Amor

Por Horácio de Castro Guimarães

As páginas que se seguem, são de um capítulo da nova Novela do nosso distinto colaborador sr. Horácio de Castro Guimarães, — RUINAS DE AMOR — a publicar brevemente, e de que, por deferência amável do seu autor, «Gil Vicente» tem a primazia de publicidade.

Artista de mérito, cujo futuro se lhe entreabre risonho, Horácio de Castro Guimarães ha de conquistar um inconfundível lugar na literatura contemporânea, lugar a que tem direito a sua bela inteligência e as suas primorosas qualidades de infutigável trabalhador.

POR uma tarde de calma pesada, em meados de Julho, levantou-se a curiosidade indigena dos serranos, nas cercanias sertanejas da Gandarela — em terras de Basto —, à vista de três bojudos carroções, pejados de ricas e vistosas alfaias mobiliárias, malas, baús de sola pregada e outros arranjos domésticos, que os carroceiros fôram desabarrotando, cuidadosamente, à sombra dum carvalhal, fronteiro às portadas da casa de S. Gemil.

Apageando o cortejo, vinham também alguns creados, para desencaixotar a mobília e dispô-la, ao experimentado gôsto dos amos, pelos diversos quartos e salas.

Arregalavam-se, de embelezados, diante daquelas incompreensíveis e vistosas preciosidades do comodismo moderno, os olhos pasmos da população ingénua, que, entre si, comentando disparatadamente a prática elegante dos enigmáticos trastes, futurava, de tais preparos, uma larga estadia dos fidalgos. E

já algumas semanas antes, quando um mestre de obras chegou com seu trôço de operários — trolhas, estucadores, carpinteiros e vidraceiros, — começava a boquejar-se, que aquela barrela, donde a velha casa de S. Gemil parecia renascer, em toda a sua airosa e senhoril simplicidade de nobre solar português, era sinal de próxima visita dos senhores, às suas propriedades.

Rebateu de alegria, com a nova espalhada, o coração e o estomago da pobreza arrabaldina, que bem sabia, de tradição, os hábitos esmoléres daquela casa, — em cujo portão frontal, por debaixo da grande pedra de armas, o tempo não apagará ainda, inteiramente, êste significativo letreiro de caridade cristã medieval :

PVLSATE ET APERIETVR VOBIS.

E, na verdade, nunca um infeliz, acalcanhado pela fome ou pela doença, aldrabou em vão àquela porta...

Em poucas semanas, foi uma renovação completa: — largos remendos de telha nova nos telhados; janelas envidraçadas rebrihando ao sol; limpa das manchas negras dos invernos, a cantaria dos muros; e dentro, desempenadas as madeiras das portas, concertados os sobrados de castanho e os artezões dos tectos, — ganhava outro parecer aquela casa, há largos anos desabitada. Ao lado, a capelinha branca, de paredes alvas de cal, com sua cruz de pedra no tópo, muito lavada, tinha ares de quem espera, regaladamente, uma benção de noivado...

Apenas o feitor, assistia ao acabamento das obras de estomagada catadura, tirando de tal visita, o inquietante pressentimento duma fiscalização dos donos, aos lucros da fazenda!

Depois, ensaibraram-se as ruelas do jardim; podaram-se as murtas dos canteiros e a ramalhoça rebelde dos arbustos; desentupiram-se os repuchos dos chafarizes, que voltaram novamente a tilintar na cascata de mármore das taças; rapou-se o relvedo, que bravejava hirsuto, na vastidão do terreiro fronteiro à casa. E S. Gemil, asseada e pronta, — como uma cachopa com suas vestes de *ver-o-Senhor* —, aguardava os donos, olhando a estrada, às cavaleiras duma pequena encosta, entre olivais...

Os fidalgos chegaram de automóvel, por entre rolos acinzentados de fumo e poeira, numa tarde de calor sufocante, em que a passarada, espantadiça, roçava tonta pelos arvoredos, fugindo aos refustos do sol, que, lá do alto, batia a pino a terra, caldeando os montes bronzeados, desde as cordilheiras dilatadas do Marão, às altanerias da Senhora da Graça.

Juntou-se pôvo, que acorreu de longe, em estrepitosa tamancada sôbre o lagedo rijo das quelhas, para conhecer os fidalgos, que apenas haviam entrevisto, há cêrca de dez anos, quando ambos ali estiveram escondidos, saboreando a inquietta emoção duma aventura de amor, após o escândalo dum rapto, a que os arrastou a oposição acirrada dos pais da fidalga, chocando-se com o orgulho moço e estouvado, do impulsivo Gabriel de S. Gemil.

Nessa noite, todos os olhos se voltaram para o enorme casarão, que no negrume cávado dos vales, com suas vastas janelas iluminadas, abertas sôbre o silêncio magestoso da montanha — fazia lembrar um grande transatlântico, ancorado na solidão do mar...

E sob a abóbada do céu mordido de astros, a terra resfolegava de cansaço, espalhando seus aromas bravios, de hervas e rezinas, em consoladôras lufadas de fartura e de Paz!

.....

1925.

.....



DR. ANTONIO MARIA DE SOUSA SARDINHA

Agradecimento

A Viuva e a Mãe do Dr. António Sardinha e suas Famílias, profundamente gratas a tantas e tão grandes provas de carinhoso conforto recebidas na ocasião do seu falecimento, golpe terrível e inesperado, que a todos feriu tão cruelmente, veem patentear por esta forma, às colectividades, instituições e agremiações católicas e civis, e a todas as pessoas e amigos que o acompanharam, o seu maior agradecimento pela consideração, aprêço e pesar que manifestaram pelo querido e saudosíssimo morto.

Não podem deixar de especializar no seu agradecimento as Câmaras Municipais de Elvas e Monforte, «Junta Central do Integralismo Lusitano», Imprensa do País e da vizinha Espanha, que tão sentida e consternadamente o acompanharam e se referiram aos seus trabalhos literários, que a morte implacável interrompeu e fez parar.

A todos, portanto, fazem os seus agradecimentos e se confessam eternamente reconhecidas, rogando-lhes relevem qualquer lapso que involuntariamente cometam.

Ana Júlia Nunes da Silva Sardinha

Maria do Rosario de Sousa Sardinha.



D. Frei Chyrso de Guimarães

NOVELLA MINHOTA

POR

Fernando da Costa Freitas

V

ENTRE os frades do Real Mosteiro da Costa que, depois d'um largo periodo de exercicios espirituaes, devoção, penitencia e recolhimento, tinham tomado o Habito (1) das proprias mãos de D. Frei Thyrso de Guimarães n'uma cerimonia que, pela sua natureza e pela sua significação, nunca deixava de impressionar e commover, um havia que aos restantes se impunha e entre elles sobressahia, pela sua vida austera, pela sua cõducta irreprehensivel e por ser «exactissimo na observancia das Leys da Religião», merecendo talvez por isso a estima do D. Abbade e sendo tratado por este com uma consideração e um affecto que aos restantes causava reparos, senão uma tal, ou qual, inveja.

Fazia parte, havia já muitos annos, da communidade, para a qual entrára como simples noviço, mas ninguem podia dizer, com verdade, que, em qualquer occasião, tivésse ouvido fazer a menor referencia á sua vida passada, qualquer allusão, por ligeira e

(1) «Dos Privilegios e Graças concedidas pellos Summos Pontifeces a este Mosteiro assim no tempo dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho como no tempo dos Religiosos de S. Jeronimo»:

.....
4.º que possam receber chrisma, santos oleos, consagração de Altares e de Igreja, Ordens de Bispo Diocesano se for catholico e estiver na graça e commuã união da Sacrosanta Sé Apostolica e sem malicia lhas quizér conceder o Sobredito».

.....
Paginas 69 e 70 da «Revista de Guimarães» de abril de 1910—vol. XXVII.

insignificante que fôsse, á sua familia, aos seus parentes, aos seus conhecidos e, quiçá, aos seus amigos—d'outr'ora e do mundo.

Chamava-se Diogo, ou antes tinha adoptado o nome de Frei Diogo de Sobradello, nãc teria ainda quarenta annos, mas se pela sua apresentação insinuante e pelos seus modos distinctos, pela sua constante correccão e pelo seu invariavel aprumo, podia suspeitar-se da sua procedencia, pelas suas exposições, pelas suas conversas, pelos seus raciocinios, pelas suas doutrinas, e a par d'isso «pela sua grande Literatura, lendo e ensinando com grande esplendor», era facil e natural suppôr que se tratava d'um homem, cuja origem, tendo muito de mysterioso e vago, muito tinha tambem de nobre e aristocratico, e ao qual estavam reservados, certamente, os mais altos destinos, mercê d'esse raro e feliz conjuncto de qualidades e predicados.

Um dia, porem, quiz o acaso que fosse admittido como servente do Mosteiro, Estevão de Urgezes, antigo tecelão, que muito bem conhecia Frei Diogo e foi elle quem, estando uma vez a conversar com os outros creados do convento, contou, em poucas palavras, singela e simplesmente, como singela e simples era a sua alma, a vida do mysterioso frade e as causas da sua entrada para o convento.

—Toda a gente as sabia lá na sua terra e por isso, dizia elle como a querer justificar a informação, como não eram mentiras, nem segredos, ali as contava tambem. E accrescentou: Nobre e rico, independente e feliz, Frei Diogo tinha tido uma namorada, linda como os amores e a quem elle queria como aos olhos da cara, mas esta trahiou-o preferindo-lhe um fidalgo de Guimarães que, depois de ter abusado da pobre rapariga enganando-a com promessas de casamento a abandonou, vindo a saber-se, e só então, que era casado e tinha até uma filha. O que é facto, é que a rapariga tendo-se-lhe entregue de corpo e alma, ou talvez mais de corpo do que de alma, morreu, pouco depois, envergonhada e arrependida, e o homem que ella atraçoára recolheu-se a este convento e é esse Frei Diogo de quem vos occupaes, rematou Estevão de Urgezes muito naturalmente.

—E como se chamava o tal fidalgo? perguntaram os creados com curiosidade.

—Se bem me recordo chamava-se, ao que ouvi, Pero... Pero Ci... Pero Cidral, respondeu Estevão forçando a memoria.

—O sobrinho de Sua Reverencia o senhor D. Abbade?! inquiriram, de novo, os creados entre assombrados e incredulos. Pode lá ser! arriscou um d'elles.

—Lá isso não sei eu! disse Estevão arregalando os olhos e recolhendo os hombros.

Tal tinha sido, de facto, o motivo da entrada de Frei Diogo no Real Mosteiro da Costa, mas ao corroborar a informação de Estevão preciso é accrescentar que desde aquelle dia,—mais de vinte annos andados já! , Frei Diogo escondera e recalcara no mais fundo da sua alma amargurada, esse odio que não se apaga, não cança, nem perdôa, e que desde então, aguardava o dia da vingança, como o da mais elementar e natural justiça!

Assim, pois, quando Frei Diogo soube que Pero Cidral se encontrava no Mosteiro, teve um sorriso mau, crispou os punhos, rangeu os dentes, carregou uma clavina que ha muito tinha escondida sob os colchões da cama e ficou-se aguardando encostado á janella, entre meditativo e ancioso, a sahida de Pero no seu regresso a Guimarães.

Esperal-o-hia, frente a frente, n'aquelle caminho, pedregoso e estreito, que os atalhos cortam e as arvores ensombram e ahi facil lhe seria, recordando a traição d'outr'ora e o soffrimento atroz de tantos annos, fazer justiça pelas proprias mãos! Ah! E essa hora vingadora e tremenda avisinhava-se, pensava.

Quando, porem, transpunha cuidadosamente a porta da cella que lhe pertencia, com a arma escondida sob as largas vestes do habito monacal, e a mão direita acariciando já o gatilho levantado, Frei Diogo encontrou-se com o seu querido e venerando prelado, o qual lhe perguntou, solcito, aonde ia e o motivo porque a sua physionomia se apresentava assim, d'aquelle modo alterada, que nem elle o reconhecia!

Diogo de Sobradello estacou de subito, cahiu em si, pensou na acção criminosa que ia praticar,—elle que, até áquelle momento, tinha sido sempre um homem digno!—, recordou as attenções, as deferencias e os favores que devia a D. Frei Thyreso, o carinho com que este o tratava e a consideração com que sempre o distinguira, as lições de piedade e os sabios conselhos que d'elle constantemente recebera, ainda os seus edificantes e repetidos exemplos de philantropia, caridade e altruismo, e então, sem coragem para retroceder, nem para mentir, ajoelhou envergonhado e arrependido aos pés d'aquelle santo e nobilissimo velho que era a personificação da propria Bondade e em cujo olhar, em cuja figura, em cujo aspecto, alguma coisa havia de verdadeiramente sobrehumano e de divino, impossivel de descrever e de explicar, é certo, mas que produzia nos corações e nos espiritos, esse intimo e perturbante sentimento feito ao mesmo tempo d'amor e de respeito, de admiração e de ca-

rinho, e contou-lhe então a chorar, toda a verdade,—toda!—, da sua existencia atribulada, desde os annos,—tão longinquos que mal os vislumbrava já!—, do seu tempo de tamanino, em que mal conhecêra o pae, e mal podêra por isso, apreciar o sabôr dos seus beijos e o calor das suas caricias; á sua mocidade,—perdida!—, e por fim, áquelle alucinante momento da sua vida—despedaçada! E suspendeu-se, a soluçar.

D. Frei Thyrso de Guimarães ouviu de pé, immovel, hirto, gelado, o olhar pousando fixo n'um ponto indeterminado,—mas distante!... muito distante!... para lá da Vida e para lá do Amor!—, sem uma palavra, sem um murmúrio, sem uma contracção, sem um gesto, tudo quanto Frei Diogo lhe disse n'aquelle desabafo, n'aquelle expansão, n'aquelle grito d'alma dilacerada, que era bem o resumo da angustia cruel de muitos e inenarraveis dias; depois como desperto d'um sonho, poisou ao de leve, e quasi inconscientemente a principio, a sua mão diaphana sobre aquella cabeça desvairada, olhou-a, fixou-a bem, e a arfar, e a tremer, aconchegou-a a si, acariciou-a, socegou-a, amparou-a, e soffregamente, enternecidamente, piedosamente, mais como um pae extremoso do que como um superior justicciro; disse-lhe baixo, quasi em segredo, n'uma voz que era uma aragem e era um cício, que era um refrigerio e era uma esperança, que era um balsamo e era uma benção, que era um perfume e era um perdão, e era simultaneamente tambem, uma reivindicação, uma revelação, uma confidencia e uma... verdade:

—Meu filho! E' preciso deixar passar a tempestade para que o mar socegue e o céu rebrilhe! Vamos! Acompanhae-me!

Frei Diogo de Sobradelo ergueu-se então a custo, amparado por D. Frei Thyrso, entregando-lhe a clavina, não sem antes ter beijado, demorada e commovidamente, aquella mão amiga, que tão generosa se lhe estendia ainda, e que tendo salvo casualmente a... *victima*, salvou tambem... o *criminoso*!



VI

Um dia Pero Cidral recebeu, trazida por mão desconhecida, uma carta lacrada em cujo envelope alguém notou um timbre extranho.

Pero quebrou os sellos exteriores, rasgou o sobrescripto, leu o inesperado documento, mas a cada instante que essa leitura avançava, anciosa e rapida, atabalhoada e sôfrega, a physionouria do destinatario ia-se alterando pouco a pouco, tornando-a de encarnada, que era, d'uma pallidez extrema.

Depois passou a mão pela testa onde o suor borbulhava em camarinhas e mais uma vez leu o mysterioso documento.

Em seguida ergueu-se, dirigiu-se cambaleante para a lareira que ao lado crepitava, e lançando na fogueira ha pouco atizada, a carta recebida, junto d'ella se conservou té que o fogo consumisse o ultimo resquicio do impressionante papel. E Pero Cidral respirou emfim!

Nunca ninguem soube d'onde a carta tinha vindo, de quem era, o que dizia; com que fim lhe fôra escripta, quem tinha sido o seu portador; o que se soube e isso anda ainda hoje preso á sua memoria como a luz á marcha d'um astro, ou como o alivio da consciencia á confissão d'um peccado, é que desde então a mudança operada em Pero Cidral foi absoluta e completa, reflectindo-se até na sua propria figura.

Aos seus modos bruscos e desabridos, á sua habitual altanaria, á sua grosseria, especialmente com os pequenos e os humildes, substituiu-se uma delicadeza, uma deferencia, um quasi respeito, por tudo e por todos, que surprehendia as pessoas que com elle tratavam.

Tornou-se conversador e affavel, caritativo e esmoler, prestadio e obsequiador, e quando, por acaso, ouvia fallar em politica mostrava-se alheio, ou indifferente, ao assumpto, elle que ainda ha pouco, era um partidario fanatico do *Senhor Dom Miguel* por quem daria a vida e a fortuna—se lh'as pedissem.

Entretanto alguma coisa o pungia acerbamente pela tristeza que com frequencia o invadia, tristeza que mais se accentuava quando o nome de seu tio e a narraçào das suas virtudes fazia objecto

de qualquer conversa, ou vinha a proposito de qualquer assumpto discutido na sua presença.

Então o olhar de Pero Cidral apresentava aquella côr, aquelle tom, aquelle aspecto, da herva molhada, do musgo humedecido—o brilho pallido e embaciado d'uma lagrima que aflora, que brinca, que se mostra, apparece e desaparece,—n'um jogo de franqueza e de sentimento, de magna e de verdade—mas lagrima que a custo, muito a custo se conteve!...

Poucos mezes depois Pero fez doação á filha de todos os seus haveres dando-lhe por essa occasião licença para casar com Jorge de Mesquita e recolhendo em seguida ao Real Mosteiro da Costa depois de ter obtido o perdão de seu tio e de Frei Diogo de Sobradelo e onde breve acabou seus dias sob o nome de Frei Salvador de Briteiros, que adoptára como homenagem á pequenina freguesia suburbana de Guimarães onde, com effeito, nascera.

O casamento de Mécia realisou-se, com toda a solemnidade, na egreja do mesmo Mosteiro um anno depois e a essa cerimonia, que ficou memoravel nos annaes d'aquella casa religiosa, assistiu tudo quanto, em Guimarães, havia então, de mais illustre e de mais distincto na aristocracia do sangue e do talento.

Presidiu á cerimonia nupcial, com as insignias e distinctivos do seu alto cargo, rodeado por toda a communitade e revestido com «hua vestimenta branca toda aparelhada de melania de seda, com estola, manipulo, alva, amicto e corporais com sua bolça» o proprio D. Abbade, e quando, concluida ella, resoavam ainda pelas naves da egreja, as ultimas, imperceptiveis notas, do *Stabat* de Palestrina, da «musica de canto de órgão e vozes» habilmente executada pelos melhores musicos e cantores da epocha, D. Frei Thirso fez menção de fallar.

Então, quebrando o silencio que logo se fez, declarou, ante a estupefacta admiração de todos, que aquelle monge, e designou Frei Diogo, era o maior orgulho e a mais grata recordação da sua vida, porquanto evocava ao seu espirito o tempo longinquo de rapaz e de soldado—a mocidade embalada—ai!—por todos os sonhos de ambição e de gloria!—quando, nos campos de batalha,—que a metralha varria e o sangue ensopava,—se batia por Sua Dama,—A Patria!—, ao mesmo tempo que em seu coração se abria,—como um castigo que não merecêra—!, essa ferida que nunca mais cicatrizou e que ainda n'aquelle instante doía e sangrava na recordação da esposa idolatrada que tão cedo o Destino lhe roubára!!

.....

Ainda hoje quem visita a Igreja do Mosteiro de Santa Mari-
nha da Costa depara, logo á entrada, com uma sepultura rasa, em
cuja tampa, já meia consumida, se vê ainda o braço d'armas de
D. Frei Thyrso de Guimarães sobre estas palavras:

«PERTRANSIT BENEFACIENDO»,

recordando um grande nome e afirmando uma grande verdade, —
que os homens admiram e o tempo consagrou!...

Lisboa, 27 de Julho de 1918.

Aos nossos leitores

Vamos proceder, após a publicação dêste
número, à cobrança do 2.º semestre (n.ºs 7
a 12). Apelamos para a dedicação dos nos-
sos assinantes, pedindo a todos o favor de
pagarem os seus recibos quando lhe forem
apresentados pelo correio, a fim de nos
evitarem maiores despesas de cobrança.

Versos

POR

Horácio de Castro Guimarães

HA cada vez mais poetas em Portugal! — Uma falange de enamorados lusíadas, que de ano para ano, de mês para mês, mais se cerra e avoluma. . .

E' a eterna onda lírica e frêscã da Raça, — signo de Beleza que nos acompanha, nesta longa caminhada dos séculos, desde o alvorecêr da língua, na ingénua infantilidade da era trovadorêscã de Dom Denis, até ao duro calvário dos nossos dias, — lutando e reagindo, contra a queimada devastadora do materialismo invasôr.

Entramos numa livraria; abrimos as páginas duma Revista; percorremos a página literária dum diário; folheamos, desinteressadamente, um semanário desconhecido de província, — e eis que, a nossos olhos, saltam nomes ignorados, nomes de poetas novos, um verdadeiro microcosmo poético, cuja existência nos espanta.

Os portugueses cantam! Portugal canta, de ponta a ponta! . . .

A espontaneidade lírica, a tendência natural e a inspiração poética dêstes novos menestreis, é, na verdade, um filão rico e abundante. Mas, como todos os filões, que brotam da abundância rica dum solo privilegiado, trazem consigo muita impureza, muitos corpos parasitários, que é neces-

sário escolher e seleccionar. Só depois de depurado e tratado, o ouro fulge!

A' crítica, mas à crítica competente e conscienciosa, — cumpre essa obrigação, êsse trabalho de apartar e pesar os valores novos, guiá-los e aconselhá-los, para que os seus merecimentos brilhem e fulgurem, e a Poesia portuguesa ganhe, em estremada qualidade, o que porventura perca em abundância. . .

Eu sei bem, que é muito ingrato e arriscado, em Portugal, o papel de crítico severo. Demais, a Constituição que nos rege e que, lá do cimo de S. Bento, vela pela *felicidade* nossa, dá a todo o cidadão da República, o direito magnânimo de pensar e escrever, conforme a sua gana. E isto dum sujeito dizer a outro, em letra redonda: *V. Ex.^a não tem habilidade nenhuma, é preferível cavar batatas. . .* — , demanda cruêza de alma e muita confiança, na própria resistência muscular.

A respeito dos poetas do seu tempo e dum concurso literário da Academia Real das Sciencias, já Mariano Pina dizia, em 1888, na *Ilustração*, que no nosso país não se pode ter opinião e dizer a um poeta que surge: «Vossa Senhoria ainda não é Camões, mas talvez lá chegue um dia!» — *sem se correr o risco de se ser assassinado por êsse mesmo jovem poeta, ou pela quadrilha dos seus admiradores. . .*

E é, talvez, pelo receio à irritabilidade jacobina de certos poetas e literatos que por aí florescem, e por uma questão de comodismo, — cobardia sintomática do gôsto estragado dos nossos tempos —, que os críticos profissionais deitam foguêtes de *pataco* diante dos arrôjos acrobáticos de qualquer nulidade, e acolhem, paternalmente, tôda a asneirola rimada, que a erupção inconsciente da poesia moderna lhes vomita sôbre o pinho das bancas.

A erupção do inconsciente — que o grande crítico René *Johannet*, observa na moderna poesia francesa, — atinge

também as nossas letras, com todas as características epidémicas, de mais um terrível mal contemporâneo. A inconsciência profissional e artística, mina-nos e enfraquece-nos. Uma reacção violenta, formal, cruel — impõe-se, urgente, como único remédio! E' preciso salvarmo-nos e salvar os outros...

Eis por que, dentro do limite écoante da fôrça débil da minha voz, eu lanço aos críticos conscienciosos, o meu grito de alarme.

Levantar os que valem, apoiar os que prometem, derubar e desmascarar os audaciosos e os nulos, — eis o dever sagrado da Crítica que se préza!

*

* *

Mas, — Senhor dos Ceus! — para quê, afinal, tão abespinhado prólogo? Simplesmente para lhes falar dum belo livro de versos, — estreia literária dum môço de talento.

Eu tenho orgulho e tenho fé nos rapazes da minha geração, — esta caluniada e sacrificada geração, que sofre e batalha por um Portugal maior!

Ainda há pouco, tive a honra de me referir largamente a um grande Artista do meu tempo, — NARCISO DE AZEVEDO —, e já hoje lhes venho falar doutro grande Poeta que desponta — ANTÃO DE MORAIS GOMES.

Nomes que todos devemos decorar, — seus livros devem ser lidos e conhecidos, por todos aqueles, a quem ainda interessa a riqueza literária da nossa terra...

E Antão de Moraes Gomes, é dos poucos poetas de valor que conheço, aquele de quem não hesito um instante em afirmar, — a mão espalmada sôbre o coração —, que é um môço de talento e a mais espontânea vocação poética, que me tem sido dado apreciar. E' dessas raras criaturas pre-

destinadas para as Letras e que nascem já poetas, por mandado divino... Nasceu Poeta e Poeta há-de morrer, — porque, como êle próprio confessa, num formoso soneto do seu livro: ANTÃO ERA PASTOR...

Em Humildade-Orgulho me agasalho,
 Por Deus me ter tomado ao Seu Serviço!
 — Por Amor de Ele, a tudo o mais eu falho...
 — E já nasci com este compromisso!

Assim é, na verdade. Idealista, bisonho, intratável, por vezes, — Antão é um falhado para a vida material, não sabendo fazer mais do que versos, mas versos que, como poucos, êle trabalha *com alma e coração!*

Assim o tenho conhecido e o conheci, aí por 1917, — mocinho poeta de 14 anos e camarada meu nos bancos escolares. Juntos colaboramos num jornalsinho literário do Porto — «A Luz» —, que se publicou de 1916 a 19, e daí datam as melhores, as mais saudosas recordações da nossa amizade e camaradagem de espírito.

Apesar do seu irritante vozeirão, do seu aspecto bárbaro, de criatura intratável e colérica, o Antão possui uma alma duma sensibilidade rara, duma delicadeza e duma percepção, quási femininas. Sensitivo, fácilmente sugestionável, êle sente e engrandece a dôr dos outros, mais, quantas vezes mais, que a sua própria tragédia...

A essa, à sua tragédia, — porque a teve, enorme e sincera —, poetiza-a e canta-a, nos seus versos.

Adivinhámo-la no soneto *A minha verdade*, e nesse original e curioso *Soneto dos meus nervos*, que transcrevo, como magnífico depoimento de intuição analítica, de aguda auto-observação nevrótica:

O' meus nervos: — ciganos-bailarinos;
 Sou Camisa-de-forças a conter-vos.
 — São os gritos suicidas dos violinos.
 Agulhas espetadas nos meus nervos!

Meus nervos frágeis, quási femininos,
 Hei-de arrancar-vos, para conhecer-vos!
 Meus nervos-ébrios, nervos-assassinos,
 Sou Penitenciária, de prender-vos.

Olhai: meus olhos são interruptores
 Que acendem grandes lâmpadas de côres...
 — As lagrimas das almas sem remédio...

Bailai, meus nervos: — saltimbancos-roxos,
 A' hora negra do piar dos môchos,
 Nos salões opiados do meu Tédio!...

Esta imagem: *meus olhos são interruptores que acendem grandes lâmpadas de côres...* —, dá-nos perfeitamente a ideia das nevroses halucinantes, e com um relêvo tal, como só os *doentes de Beleza* sabem exprimir as suas dôres...

*

* *

Antão era Pastor... — é pois o título dêste livro de sonetos, com que Antão de Moraes Gomes vem pela primeira vez a público e que, enternecidamente, dedica: *A's Almas da Santíssima Trindade: Meu Pai, Minha Mãe e Minha Irmã!*

E' preciso ter ouvido, algum dia, o Poeta falar, comovido e saúdoso, destas suas sagradas memórias, para poder compreender bem, o sentido profundamente piedoso da dedicatória.

E todo o livro precisa de ser lido com atenção e com alma, porque o Autor é, por vezes, duma delicadeza subtil, e portuguesíssimo, na leveza gracil das suas expressões.

Quási todos os sonetos são duma encantadora originalidade e em todos, o *fecho*, o verso final, à boa maneira clássica, resume, em síntese admirável, a ideia inspiradora.

Em favor da verdade, e como apenas pretendo ser justo e sincero para com o Autor, devo fazer notar ao espírito desempoeirado de ruins preconceitos de Antão Gomes, que os seus versos pecam, aqui e além, do abuso de exagerados simbolismos. Este pequeno defeito, é devido, sem dúvida, ao seu enorme desejo de originalidade e renovação de ritmo, procurando obrigar o espírito do leitor a familiarizar-se e a desvendar, átomo por átomo, todo o complicado subjectivismo interior das emoções poéticas. Porém, nesse voluptuoso exercício de estilizar a ideia, corre-se muitas vezes o risco de fazer dessa poesia, «*exprimant par le moyen d'images fulgurantes, sans coordination logique, les phénomènes toujours renouvelés et presque simultanés de notre subscocient qui illumine, le temps d'un éclair, la vie extérieure.*» (1)

Sêrvem de exemplo, para o que acabo de expôr, os seus sonetos *Predestinada* e *Flôr de Génesis*, — êste último, porém, duma grande beleza de ritmo e com êste fecho admirável:

— *Deus é o perfume em Flôr que se não vê!*

Antão Gomes tem, contudo, no seu livro, sonetos belos e perfeitos, que não exagéro, afirmando, que êles ficarão e permanecerão na nossa literatura, como excelentes modêlos poéticos, comparáveis aos melhores dos Mestres da Poesia portuguesa.

Cito ao acaso: *Santa Teresa de Jesus* (que adiante transcreverei), *Corações de Abraços* (comparável aos melhores versos de Cesário Verde), a formosa *Lenda do Pintarroxo*, *A Bernardim Ribeiro*, *Senhora do Domingo* (um quadro perfumado e sôlheiro de aldeia), etc. etc.

E para terminær, aqui deixo, como prometi, o soneto

(1) Paul Aeschimann — «Vingt-cinq ans de littérature française».

Santa Teresa de Jesus, que falará por mim, dizendo, melhor que todas as palavras, o quanto vale e o quanto promete o magnífico talento de Antão de Morais Gomes, que já hoje se encontra na vanguarda dos melhores poetas desta geração, e amanhã, — quem sabe?! —, será dos primeiros de Portugal!

Cristo-Senhor, suavissimo Inspirado,
O Mestre da Parábola serena...
Morreu tão lindo e loiro e maguado,
Que a Mágua ao vê-O, fez-se mais pequena...

Sonhou-se Espôso, em candido noivado,
Dessa ingénua Maria Madalena!
— Alma-Cristã, num corpo de Pecado —
Que foi, no Mundo, a sua maior Pena!

Ela estendeu-lhe as mãos num longo Adeus...
E deu-lhe a Alma! — Ele entregou-A a Deus,
Que lhe fez nova Forma doutra Luz!

E, um dia, para ser toda de Cristo,
Para lembrar-lhe de que O tinha visto
— Nasceu Santa Teresa de Jesus!...

::: Dos Livros :::

**História e Teoria das
Côrtes Gerais, pelo 2.º
Visconde de Santarém,
prefaciado por António
Sardinha.**

A biblioteca nacionalista, já vasta e constituindo a maior e melhor base para a ressurreição e reconstrução de Portugal, acaba de ser enriquecida com um magnífico volume em cuja divulgação todos os homens bons de Portugal se devem empenhar.

Nos tempos que vão correndo, tão fertéis em toda a casta de *literatices* avariadas, em que a pornografia corre parelhas com a falta de senso de certos leitores de avariada mentalidade, tudo quanto se faça em prol dos bons livros, redunda em prestígio da nossa Literatura, e, consequentemente, no arejamento e saneamento da sociedade actual.

Os livros que constituem a biblioteca nacionalista são os melhores que existem, pelos seus ensinamentos, pela sua boa doutrina, por tudo, enfim, que de perto se prende com o futuro do nosso país.

O nosso grande mal presente,

o nosso maior mal, está na grave anarquia mental e moral, que nos oprime. E' necessária uma reacção enérgica e é essa reacção que os escritores integralistas tem vindo operando, coroados dos maiores sucessos. Os integralistas fizeram monárquicos de princípios, coisa que não existia no nosso país, como o Grande Rei D. Carlos tam amargamente se queixava. Foi essa falta de monárquicos que tornou possível a república e a desorganização do presente. Muito se tem feito já, mas muito mais é preciso fazer. A nossa organização criou uma filosofia política que soluciona os variados problemas de interêsse nacional. E' necessário, pois, dar aos nossos livros a maior expansão, para que a sua obra possa ser mais fecunda, e os resultados possam ser mais proficuos.

*

Depois da morte do nosso querido e inolvidável Mestre Dr. António Sardinha, a mais alta mentalidade do nosso tempo, dois livros fôram lançados à publicidade. *Ao Ritmo da Ampa-*

Iheta, obra admirável do saúdo-Mestre, e complemento do *Ao princípio era o verbo*, e a *História e Teoria das Côrtes Gerais*, pelo 2.º Visconde de Santarem, que António Sardinha prefaciou, e a propósito do qual brotaram estas palavras descoloridas, mas sinceras.

Pelas teorias explanadas, pela lucidez da doutrina, *A Teoria das Côrtes Gerais* é um grande e magnífico compêndio de doutrinação nacionalista. Quiz Deus reunir nesta obra duas belas inteligências: uma, a arca santa das doutrinas tradicionalistas; a outra: o doutrinador admirável; o reconstrutor da Cidade Nova, de que somos obreiros.

E, embora isto nos compunja e pese à nossa saúde, quiz ainda Deus reunir as duas almas junto a Si, antes de ter saído à publicidade *A Teoria das Côrtes Gerais*, como a querer premiar no céu os esforços dos dois devotados reconstrutores do Portugal cristão.

*

E já que falamos de António Sardinha, alonguêmo-nos mais um pouco, porque a sua obra, felizmente, será continuada, e os seus inéditos serão reunidos e publicados.

Novos livros se seguirão, livros que a sua prodigiosa mentalidade nas legou, não contando ainda os prefácios que escre-

veu para alguns livros dos seus discípulos dedicados, um dos quais; da autoria do meu ilustre camarada Dr. Manuel Múrias, que será o continuador da obra legada pelo querido Mestre, se anuncia para breve.

Serão reunidos os artigos de *A Monarquia*, os ensaios de *Nação Portuguesa*, e os esparsos que vão ser recolhidos de várias outras publicações.

Vão ser conhecidos novos livros do delicado poeta *Da Corte da Saúde*: — *Era uma vez um menino...*, e a *Pequena Casa Lusitana*, e, assim, louvado Deus, revelar-se há tóda a magnífica obra de António Sardinha, no seu duplo aspecto histórico e poético.

M. ALVES DE OLIVEIRA.

*

Registo de entradas.

—«O Caminho das Lágrimas», por José Agostinho e «O Jardim de Amor», de Rabindranath Tagore;— edições da casa Figueirinhas, do Pôrto.

Nesta secção far-se hão referências a todos os livros de autores portugueses, de que nos seja enviado um exemplar.

Revistas & Jornais

Publicações recebidas:

NAÇÃO PORTUGUESA — Revista de Cultura Nacionalista, dirigida pelo dr. Manuel Múrias, n.º 5, 3.ª série—com o seguinte sumário:

—As «Cartas da Freira» (conclusão) por António Sardinha; —«A' margem dum processo» (a questão Gomes Freire, III), por Rodrigues Cavalheiro; —«Soror Mariana» (soneto inédito), por António Sardinha; —«Um grande jurista português» —«Frei Serafim de Freitas», por Marcello Caitano; —«Francisco de Almeida e Mendonça — ministro em Roma», por J. M. Ribeiro da Silva; —«A política de Africa de El-Rei D. Sebastião» (continuação), por Manuel Múrias; —«Dr. António Maria de Sousa Sardinha» —agradecimento—; —«Crónicas do Mês», por M. M., C. M., Afonso Lucas e Rolão Preto; —«Relações luso-espanholas»; —«Das idéas, das almas & dos factos»; «Na Feira das Letras»; «Publicações».

Redacção e Administração:— Largo do Directório, 8—3.º— Lisboa.

LABARÉDA — Revista de Critica e Letras—2ª série, «Número Vicentino», com colaboração de Visconde de Vila Moura, Gonçalves Cerejeira, Cesar de Oliveira, Bettencourt Ferreira, Narciso de Azevedo e Pinheiro Torres. Pôrto, 1925—Julho e Agôsto. Rua de S. Miguel, 27—2.º.

BROTÉRIA — Revista luso-brasileira—, Série mensal «Fé, Ciência, Letras». Director: J. S. Tavares. Caminha, 1925. Vol. I, Fascículos I a IX, de Janeiro a Setembro.

A TRADIÇÃO — Boletim do Grémio Português Tradicionalista. Director: J. Nunes de Freitas. Lisboa, 1925. Ano I, n.º 5, ilustrado com gravuras de El-Rei D. Duarte II, D. Miguel II e do brinde oferecido ao Senhor D. Duarte pelos portugueses Seus amigos.

ACÇÃO ACADEMICA — Brilhante quinzenário, defensor dos princípios nacionalistas, inteligentemente dirigido pelo dr. Lumbrales e cuja visita muito agradecemos, desejando-lhe as maiores prosperidades. Pôrto, 1925. Ano I, n.º 1.

— **Acaba de sair** —

Numa elegante edição do GIL VICENTE o primeiro volume das separatas que nos propomos publicar:

D. Frei Churso de Guimarães,

interessante novela vimaranense, da autoria do nosso distinto colaborador sr. Fernando da Costa Freitas.

- - A' venda nesta Administração - -

Numa elegante e sóbria edição da "Nação Portuguesa," acabam de ser postos à venda os seguintes
livros

Cultura Peninsular no Renascimento

de **Manuel Múrias**, o já consagrado autor do

«Seiscentismo em Portugal»,

com um prefácio de ANTÓNIO SARDINHA

E

Anotações à margem

- - - de um capítulo

de **Alberto Sampaio**

de **J. LUCIO DE AZEVEDO,**

com prefácio de **Manuel Múrias**

PREÇO DE CADA 2\$50

Pedidos à «NAÇÃO PORTUGUESA» — L. do Directorio, 8-3.º

Lisboa

Vendem-se nesta cidade na **Casa Nun'Alvares**

Eleição e Revolução

Por José Pequito Rebelo

COMPLETAMENTE absorvido por um urgente e absorvente dever patriótico, que me veda o exercício regular da minha atividade política, devo hoje entretanto abrir um parêntesis no meu alheamento por me sentir obrigado a vir pôr deante da consciência nacional o problema de filosofia política que está implícito nos últimos movimentos revolucionários e nos recentes sucessos eleitorais.

Grandioso problema, êle não é mera cogitação teórica, porque vem implicar talvez com a determinação das orientações práticas dos melhores portugueses perante a Pátria em perigo.

E sendo assim apresso-me eu hoje a trazer ao problema a chave de uma incógnita, e que é tão somente a afirmação da identidade do fenómeno revolucionário com o fenómeno eleitoral. Quero eu dizer que usam uma inadequada expressão aqueles jornais que noticiando os últimos acontecimentos políticos tendentes à formação do elenco parlamentar e municipal se referem a *eleições gerais* e *eleições administrativas*, quando deveriam dizer, com mais propriedade, *revolução do Parlamento* e *revolução das Camaras*. E se não, analisemos sem espírito de *boutade*, antes com objectividade fria, esta imperfeição verbal, que não é só do jorna-

lismo político, mas de toda a gente, numa lamentavel desorientação do espirito público.

O que é Revolução? E' uma brusca mudança política (sucida ou apenas tentada), levada a efeito pela violencia e pela ilegalidade, geralmente acompanhada de efusão de sangue e de acção administrativa e militar.

Ora todos estes característicos se encontram nas eleições, nomeadamente nas ultimas, o que é facil demonstrar.

Mudança brusca do governo, é evidente que é este o fim que norteia todos os partidos da opposição, que, à falta de um triumpho eleitoral que possa guindar cada um dêles à governação sem partillia, ao menos contam com uma parcial transformação do poder, senão imediata, pelo menos resultante da esgrima habil dos seus eleitos nas pugnas parlamentares.

O próprio govêrno, que preside ao acto eleitoral não se pôde dizer tambem que não deseje uma mudança política, pois como veremos no momento do acto eleitoral o soberano não é o govêrno, mas sim a vontade nacional na sua expressão, segundo a ficção da doutrina; e como essa vontade, em geral, não coincide com a vontade do govêrno, este nada deseja mais do que mudá-la; e, em todo o caso, mesmo quando se defendesse de uma offensiva política ameaçadora da sua hipotética legitimidade, o govêrno não faria senão o papel de se defender contra uma verdadeira ameaça revolucionária.

O facto de que a mudança política ambicionada pelos partidos nem sempre se realiza, não diminue o caracter revolucionário da manifestação eleitoral, como não deixam de ser revoluções aqueles fenómenos geralmente reconhecidos como tais pelo facto de alguns ou de a maior parte serem revoluções fracassadas.

Mas passemos àvante.

O característico da violencia e da ilegalidade, que é

clássico nas revoluções, também não deixa de existir no fenómeno eleitoral.

O atropelo da lei é, senão a regra geral da eleição, pelo menos o recurso que existe *sempre* para o fracasso de uma votação de govêrno e muitas vezes para a audácia da oposição.

E não se trata apenas da ilegalidade exterior e formal do acto eleitoral; se vamos mais longe, estudar a íntima natureza do acto individual do voto, nós encontramos a maior prostergação de espírito de todas as vigentes leis democráticas, pela pressão, violência, corrupção, que concorrem para a maior parte das deliberações do eleitor soberano.

E' no fundo idêntica a movimentação para o assalto de um quartel de uma massa de soldados ligados pela disciplina militar, à deslocação de uma multidão de eleitores enquadados na disciplina menos nobre dos partidos e do interesse e da coacção de variadas influências, para a conquista das posições políticas. O atropelo da lei, que não a maior ou menor violência física, é que caracteriza esta dupla categoria de actos anti-jurídicos. A sinceridade do voto é do espírito de todas as leis democráticas, e o atentado contra esta sinceridade é, quanto ao espírito da lei, a mais subversiva das rebeliões.

Mas a ilegalidade toma muito freqüentemente o aspecto característico da violência, mesmo física.

Roubos de actas, assaltos de assembleias, terrorismo, são processos de mão forte que alternam habilmente com as falcatruas subtis, tal como a ofensiva audaz alterna na tactica revolucionária com os estratagêmas capciosos.

Nas eleições também a tropa se desloca, manobra, faz polícia, cerca edifícios, estabelece cordões; como nas revoluções, nas eleições há feridos e há mortos. Nas últimas, isto se viu. E a moderna táctica revolucionária e até puramente militar, se vai applicando à guerra das urnas. Se fizeram successo nas manobras inglesas os *tanks* que podem

deslocar-se com a velocidade de 40 quilómetros à hora e se a concepção de *divisão transportada*, ilustrada pelo célebre exemplo dos *taxis* parisienses utilizados por Gallieni para acudir ao *front*, se vai impondo, depressa os nossos políticos ostentaram também para as decisivas operações eleitorais as *camionnettes* de gente armada, que já tinham feito a sua aparição na revolução não eleitoral do 19 de outubro.

Destas violências não nos iluda o seu caracter relativamente incruento; elas são em número o que não são em intensidade, o fenómeno puramente revolucionário concentra toda a sua intensidade numa zona limitada do território, ao passo que o fenómeno revolucionário-eleitoral se estende simetricamente a todo o país, revolução periódica e obrigatória que vem agitar a paz das mais reconditas aldeias.

Este caracter relativamente incruento de revolução eleitoral é devido sobretudo à circunstância de que o governo tem em geral uma grande superioridade no uso da ilegalidade e da violência, o que faz recuar a resistência da opposição a débeis manifestações mais de comparsas, do que de adversários, o que diminue de uma parte e de outra o calor da refrega.

Que este caracter revolucionário da eleição, não reside apenas no assalto das oposições ao governo organizado; a sua principal concretisação está até na atividade eleitoral do próprio governo. Com efeito, no momento da eleição, o poder supremo (consoante a pura lógica das ficções democráticas) reside, não no governo, mas na livre determinação do corpo eleitoral; qualquer atentado contra ela, mesmo da parte do governo, é um acto revolucionário.

Bem sei que esse corpo eleitoral é uma entidade mitológica, mas temos de considerar como realidades todos esses mitos, porque nêles encarna a lei, e nesta ordem de ideias de definir o que seja revolução o nosso ponto de referência é a lei, embora encarnação da mentira política. De facto e na mais funda realidade das cousas, a grande Revo-

lução consistiu na instauração dessa mentira da soberania e as eleições do presente não são mais do que revoluções secundárias, em que, quasi sómente, se entrechocam entre si, os próprios revolucionários.

E' preciso acrescentar que, se as eleições são em si mesmas revoluções, são por outro lado o melhor alimento do ódio político, que é a semente fecundíssima de novas conflagrações sociais.

*

Esta nossa tese pode ter uma interessante verificação: é seguir o caminho inverso, tomando uma determinada revolução e demonstrar que nela residem os mais salientes caracteres do acto eleitoral.

Tomemos por exemplo a recente revolução do 18 de abril.

Foi revolução ou eleição?

Olhando as cousas pelo lado da mais funda realidade podemos concluir que a Revolução do 18 de Abril foi mais uma eleição do que uma Revolução, e isso explica talvez o seu insucesso.

Pois não se assemelha flagrantemente aquele *ultimatum* a largo praso, apresentado pelos chefes do movimento, a uma proposição de candidaturas? Proposição um pouco irregular e fóra das normas do Código Eleitoral, mas nem por isso deixava de ser a apresentação de candidatos a titulares do poder, apresentação submetida á votação do Presidente da República, dos membros do govêrno e também dos chefes da guarnição militar de Lisboa.

O Presidente da República parece que votou logo contra e com o govêrno, segundo me consta; passou-se o episódio verdadeiramente eleitoral de que votou primeiro por sete votos contra dois a aceitação de conversação com os

chefes do movimento nacional e passado algum tempo fez a votação inversa, por se ter interposto a galopinagem do Presidente da Republica, chefe esquerdista e decerto porque o longo prazo do *ultimatum* permitiu ao govêrno presentir a pouca força eleitoral dos revoltosos na guarnição de Lisboa. Não teve, pois, este movimento o caracter revolucionário de que os seus chefes impozessem a sua vontade ao govêrno constituido; pelo contrário a vontade dos adversários foi formalistamente consultada, e veiu a tornar-se invencivel enquanto a consulta durou.

O 18 de abril sendo no fundo um nobre movimento do sentimento nacional, não foi, na forma, mais do que uma eleição perdida, e perdida exactamente pelo seu caracter conscienciosamente eleitoral. Tiveram os chefes dessa Revolução mais escrúpulo formalista de que muitos chefes da política chamada eleitoral. . .

Fica muito ligeiramente apontada uma matéria que cada vez me parece mais fecunda. A identidade prática do fenómeno eleitoral com o fenómeno revolucionário fica bastantemente illustrada pelos exemplos e considerações anteriores.

E mais justificado aparece o espirito da geração nova penetrado como está do ódio à Eleição-Revolução, e todo entregue à doutrina da Autoridade, da Contra-Revolução e da Representação

Oxalá que esta geração chegue a tempo de reconstruir sôbre bases sólidas a pequena casa luzitana, auxiliados por aqueles dos seus irmãos mais velhos que tenham a coragem de sacrificar os seus preconceitos nos altares de Deus e da Pátria.



Exortação à Pátria

*Pátria minha, infeliz! desperta agora
Desse sono mortal em que caíste:
E recobra outra vez o ardôr doutro
Que só em corações de fé assiste!*

*Tem esperança! há-de soar a hora
Da tua salvação, oh Pátria triste!
Põe os olhos em Deus! que nova Aurora
Há-de surgir em breve. — Deus existe!...*

*Deus nunca te abandonou, Pátria amada;
Nunca! Se foste grande e venerada,
A Êle deves e à fé dos filhos teus!...*

*...E nunca percerás! E' imortal
O nome teu. — Oh glorioso Portugal,
Pátria dos meus Avós! crê sempre em Deus!...*

RUY GALVÃO DE CARVALHO.

Portugal em África

Por Mannel Vaz

I

MUITO se hà escrito sôbre as colónias portuguezas de Africa, mórmente Angola e Moçambique; porém, bem pouco imparcialmente e com conhecimento de causa. Trazer, pois, para a imprensa algo do esforço português nestas paragens e indicar o melhor caminho a seguir para que Portugal leve a cabo o plano grandioso que se impôs desde o século XV, é o dever de cada um de nós, Portuguezes.

Dizer que a situação destas nossas duas grandes colónias é desafogada na presente época e risonha a vida dos muitos que nela trabalham, era não só cometer uma falta que nem mesmo á face do Patriotismo, quanto a mim, seria desculpavel, como cair no peccado de contradizer a verdade conhecida; mas afirmar que elas não teem elementos de ordem material para se elevarem e impôrem como membros inapartaveis, que são, da grande Família que povouou as numerosas ilhas do Atlântico e fundou o mais vasto estado da América, seria muito grande falta de senso. Devemos falar a verdade e não cair em excessos. Os males físicos, tumores e postulas, curam-se estirpando-se e cauterizando-se com antídotos adequados deixando que o cirurgião os examine à vontade e com muita luz. O mesmo princípio deve ser aplicado a todos os outros males de que a humanidade sofre.

Não se deve nunca esconder a verdade, dêa a quem doer, e

embora nos custe confessar as próprias faltas devemos fazê-lo confiados na emenda. E' este um salutar princípio.

A vida das colónias é, em todos os tempos e sob qualquer constelação, a imagem da vida das Metrópoles.

Ha muito, pois, que cá como lá, se tem uma errada concepção da vida. Há muito que cá se vive sómente para a matéria e para os negócios escuros e lucrativos, donde a honra sai em peor estado do que o corpo chagado do Lázaro das Escrituras sagradas. Apenas uma minoria eleva o espirito acima da lama e se guia pelos ditames sublimes da Igreja.

Mas, afóra estes, ha uma grande parte que nem são de Deus nem do Diabo — não são para a matéria, nem para o espirito; quero referir-me aos descendentes derradeiros dum romantismo de triste memória, que, se não rastejam pela sórdida moral dos negócios, são, contudo, repelentes! Vendo a sepultura que a nova geração lhes abriu, audaz e inexoravel, arrastam pelos lupanares e cafés, como um fardo insuportavel, os curtos dias que lhes restam de vida.

Não haja ilusões! muito se fez, mas muitíssimo ha por fazer. Para se construir são precisos alicerces; e quando o edificio é grande e magnificante, é preciso escolher boa pedra. Angola e Moçambique aspiram, no futuro, a ser dois extensos Estados independentes, que é o caminho que seguem todas as colónias, ao terem a consciência dos seus destinos. A América Portuguesa, bem mais feliz do que a Africa, teve a ampará-la fortemente, desde o berço, o carinho dos Jesuitas. Cada uma das suas cidades, numerosas e florescentes, assenta nas sólidas rochas da austeridade desses homens admiraveis, que no dizer dum alto espirito, eram os únicos que davam lições aos índios da América e aos brancos da Europa. O trabalho, por si só, não civiliza. Progresso não quer dizer civilização. O homem rude, mas de são costumes cristãos, é mais civilizado e mais util, do que um sábio corruto. Quando ouço certos insensatos que se dizem católicos e monárquicos, prégar o progresso da Igreja, rio num mixto de desdem e tristeza da ignorância primária com que falam; não sabem que a Igreja é a própria civilização e que fóra dela tudo é bárbaro e selvagem; não sabem que o Apóstolo, com o pensamento no céu, dizia estas sublimes verdades que nos encham a alma de consolação: *«Fomos libertados por Jesus Cristo, e chamados por Ele à liberdade»*, e acrescenta que, «do cativo da corrupção», nos conduz à «liberdade da glória prometida aos filhos de Deus.» E não vêem isto, muitos dêles, pelo peor de todos os males, como dizia Vieira, que é o de não quererem ver.

Não é em progresso material que as nossas colónias ficam na rectaguarda das dos nossos visinhos: — isso é um êrro grosseiro. Veja-se as antigas colónias alemãs e diga-se se algum confronto digno se pode estabelecer com as nossas, que nos encham de verdadeiro orgulho e os relega, a êles, para a vala de inépcia colonizadora. As próprias colónias da Africa do Sul, não estão mais adiantadas do que as nossas; teem a mais o que ás nossas falta ha muito — administração. Lá, os governadores não são delegados dos partidos da Grã-Bretanha, presos ao programa politiquero dum ministro qualquer que o acaso de uma revolução levou ao poder por dias ou horas. Lá, o governador digno, envelhece no seu lugar, e não são os caprichos do govêrno central nem as atoardas duma imprensa réles e anárquica, que lhes tiram da mão as rédeas do mando. Lá, as ordens religiosas teem protecção e respeito assegurados, podendo trabalhar afoitamente para glória de Deus e honra da Inglaterra. E nós?! Triste paralelo!... Os padres portugueses vão para o estrangeiro, porque um govêrno que espectacularmente arvorou por signo estas três divindades pagãs «*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*», os não deixa trabalhar no solo pátrio. Apenas meia dúzia dêles; através de mil sacrifícios, sem tibiezas nem desfalecimentos, sustentam a tradição gloriosa de Portugal, no que os govêrnos fingem auxiliá-los, enquanto na sombra lhes é feita a peor das guerras. As missões laicas, essas caricatas missões, foram um ataque ás missões católicas embora muitos o ignorem e outros o neguem muito hipócritamente. Foi uma maneira de colocar mais umas centenas de apaniguados da República. E que *civilizadores* para cá mandam! Homens que mal chegam, se amancebam com uma negra qualquer, dando ao indígena o mais triste exemplo de vida honesta. Bem bastava as misérias que já havia cá, não sendo raro encontrar divórcios entre assimilados tendo por causa a infidelidade conjugal da mulher — seduzida por europeus na maioria dos casos, — quanto mais, ainda mandar para cá mais, cobertos com a capa de uma *missão nobre*, que não comprehendem. E digo que não comprehendem, não porque me seja lícito pôr em dúvida a inteligência e cultura dos homens das missões laicas, mas porque gente de saber, não procura ganhar a vida naqueles lugares, que sabe que lhe não pertencem de direito.

Para que a par do progresso material das colónias a civilização se accentue, é preciso varrer o lixo que se atravessa no caminho daqueles que sabem o que querem; é preciso dar um golpe na burocracia inepta e sugadôra que teme a expansão e a ambição legítimas daqueles que trabalham. E' preciso expulsar de vez e

sem contemplações nem transigências aqueles que nada produzem. Impõe-se como dever impreterível a todos os católicos que nesta qualidade sabem o seu mais illustre título, advogar corajosamente a entrada dos Jesuitas e de outras ordens regulares Portuguezas em as nossas colónias. E' aos altos espiritos católicos da nossa terra, que pertence fazê-lo em conferências e em escritos de qualquer natureza. Guerra de morte aos ídolos do Oriente que, como desvairados espiritos de fâquires do Ocidente, pretendem fazer dos templos Augustos do Crucificado, antros de infame orgia. Em pleno século XX, a anarquia do pensamento é medonha e confrange as almas daqueles que Deus livrou de tamanha confusão.

As caravelas dos nossos maiores sôbre o mar tenebroso da lenda, com a Cruz de Cristo singrando ao alto, sempre triunfantes, sejam para nós um símbolo: — a fé avassalando o mundo, a Cruz humilde fazendo cair os manipansos tóscos da Africa e da América, e os ídolos de ouro e diamantes da Ásia.

No momento em que a diplomacia da República de Portugal é nula e o estrangeiro se vai assenhoriando atrevidamente do nosso esforço gigantesco em Africa, sem que os governos da malaventurada República se importem ou os combatam, resta, no meio desta balbúrdia em que a visão clara das coisas aparece aos olhos de muitos informe e brumosa, a nós, à mocidade, mostrar a verdade aos estrangeiros, serenamente e sem temôres, certos do que é Portugal e do que êle pode no concerto das nações coloniais. Compete a nós abrir as portas das fronteiras àqueles Portuguezes todos que lá fóra comem o pão amargo do exílio, vertendo lágrimas de sangue pelas desditas da Pátria.

E' urgente que os Jesuitas e mais ordens regulares Portuguezas venham continuar a obra de colonisação católica e Portuguesa, interrompida há um século pelos govêrnos de espirito revolucionário; é preciso que êles venham cortar o passo à desnacionalização das missões estrangeiras e protestantes que nos pretendem roubar o domínio espiritual do negro.

E' ás insubstituíveis ordens regulares portuguezas, sôbre tudo aos Jesuitas, com sua fé robusta, austeras virtudes e alta cultura, que compete coordenar e guiar as energias latentes e dispersas, dar alma aos vultos grandiosos das novas nações luziadas que já se desenham nos esplendôres do futuro, para maior honra e glória de Deus e da Pátria.

“Aleluías,,

Por Horácio de Castro Guimarães

Por amavel deferência do meu querido amigo e distinto Poeta — Parente de Figueiredo — chegou há tempos, à solidão do meu retiro, o último livro de CARLOS DE MORAIS.

Há livros de versos, que trazem à minha alma o sabôr transcendente duma oração...

Poesia e Oração! — gritos sublimes e grandiosos, murmúrio dos sêres em ascése! Ambos partem da Vida, em alheamento, para o Alto, numa ânsia de comunicar com Deus. E na porção atômica de Sonho que ambos encerram, ha qualquer coisa da essência primitiva do Génesis, que existe ainda em todos nós, e que só a imperfeição da palavra humana, agrilhôa à matéria...

«Je n'aime que la poésie et la Religion» — dizia Barrés, o elegante e admiravel prosador francês, revelando-nos, nesta alta afirmação da sua intelligência, a estreita afinidade que liga e irmana, o sentimento religioso e o sentimento poético.

Toda a poesia que se afasta desta augusta finalidade, pode, quando muito, impressionar a nossa intelligência pelo seu esforço humano e mecânico de Arte, mas não conseguirá nunca acender no nosso espirito, a chama emocionante, ingénu e consoladora, duma aproximação divina!

«Aleluías», — o último trabalho de Carlos de Moraes,

sôbre o qual, neste momento, os meus olhos afadigados descansam — é, pois, um destes livros bons,

- *Livro do Amor, do Lar, da Natureza,*
- *Livro de versos sãos, de lyra sã...*

como o próprio autor confessa, na dedicatória à Esposa.

Carlos de Moraes não é um noviço, débil e hesitante, na difícil Arte poética e ainda menos, um desconhecido no nosso parco meio intelectual. Não! Dêle conhecíamos já, « Rosas desfolhadas » e « Coroa de Rosas », — duas belas afirmações de trabalho honesto e inteligente, publicadas há anos.

O inspirado Poeta das « Aleluías », enfileira no reduzido número de Artistas, que trabalham e produzem, devagar, conscienciosamente, no retiro do seu gabinete, sem se dispersarem perduláriamente pelas mezas sujas dos cafés, onde os talentos alheios se fazem e desfazem, levemente, irreverentemente, entre bafuradas entoxicantes de fumo e cálices de *cana* . . . E o seu nome, tem sido consolidado pouco a pouco, nos alicerces seguros do seu talento e não nas afirmações dogmáticas desses languidos, chupados críticos de botequim e de esquina, que arrolam os Artistas como quem arrola roupa suja e os discutem consoante a disposição física que lhes dão as botas apertadas ou as noitadas indigestas da ceia barata, no *Club* . . .

E porque a afirmar o talento de Carlos de Moraes, não anda o grito histérico dos amigalhotés, nem o *clakson* estríduo dos compadrios literários, mas apenas e *simplesmente*, o valor intrínseco da sua obra, eis porque, para êle, vai toda a simpatia leal e desinteressada da minha inteligência.

*

* *

« Aleluías » é, na verdade, um livro do Amor, do Lar.

da Natureza... E é também um livro são — sem pessi-
mismos, sem ideias pedantes e doentias. Para Carlos de
Morais, o Amor é o seu lar, sua mulher, seu filho, — toda
a sua alegria enorme de viver; o Lar, é o sorriso daquela
casa onde êle mora, — a límpida Cathedral

• • • • •
« Onde os meus sonhos vôm como as aves
Entre as frondosas cômias dum choupal. »

e onde “nem vícios, nem mentiras, nem maldades, profanam
o seu branco limiar,; a Natureza, é aquela obra imensa e
harmoniosa do Creador, que êle escuta e adora, duma ma-
neira bem diferente dum panteïsta, sabendo que para além
do rumôr profundo da floresta, um outro mundo existe... ”

E é assim que Carlos de Moraes serenamente prescruta
o ritmo da Vida e conformando-se com ela, com as suas leis
eternas e naturais, com os duros encargos que, para viver,
— Deus nos impõe, resignado e alegre — exclama :

— « Haja Sol, haja Amor na minha voz!... »

Fafe — Dezembro — 1925.

•••••

Crónica Política

Per Rolão Preto

A falência da política eleitoral do partido da Carta

O Partido monárquico Constitucional que a si próprio vaidosa e inofensivamente se apelida de « Causa Monárquica » — *excusez du peu*, — está a estas horas mordendo o freio duma grande desilusão. Não, a república não é a *Carta* que vergonhosamente se foi deixando-se cair de transigência em transigência, até à miséria suprema do 5 de outubro.

Eleições livres? Sagrados Princípios da Democracia? Soberania do Povo? Oh! a oligarquia dominante sabe bem o valor que ela sempre deu a esses mitos liberal-democratas, em nome dos quais, queria agora o partido monárquico pregar-lhe sustos mandando a S. Bento esquadrões cerrados de legisladores ferozmente barulhentos, absolutamente incómodos para uma boa digestão republicana.

Escusam os monárquicos de teimar. A república tem todos os defeitos, terá, mas tãla não o é. Nesse capítulo, desiludam-se os venerandos varões do *Conselho Político*, nesse capítulo e embora, só nesse, não acompanha a república a Carta.

Pois é pena. Estar assim tão bem architectado um plano para derrubar o regime em três lances: — primeiro lance conquista dum terço da câmara; segundo lance «o Senado é nosso»; terceiro e lance final ou decisivo a Carta restaurada por unanimidade nas duas câmaras, sendo desta vez «dada aos portugueses pelo Correia Barreto» (por não haver tão alto traidor como da vez primeira, certo como é que tudo se está estragando nestes tempos amargos).

Estar assim tão bem architectado o plano, com uma vasta organização concelhia, distrital e conselheiral, para *base*, tronco e... membros (a cabeça está em Londres, *helas!*), estar tudo organizado, preparado, combinado, tendo, para qualquer falta, ainda as reservas inexgotáveis das «Juventudes» Monarquicas e Conservadoras (!) que teem posto todo o intemerato e galhardo ardor dos seus anos na tarefa inexcedível e esgotante dos «cadernos eleitorais»; estar assim tudo, e, afinal, a república não se comove, não se deixa vencer, não duvidando, para isso, em passar por cima da Vontade Sacrosanta do Povo, calcando a pés juntos as conquistas da Liberdade conseguidas à custa de tanto sangue generoso, conspurcando enfim a sua honra (a honra da república!) de regime democrata.

É demais. A consciência liberal do povo português foi ultrajada vilmente. A sua resposta será uma condenação tremenda e sem apêlo na primeira oportunidade.

Trema a república... nas primeiras eleições. E, até lá, ó veneráveis e deliciosos Bonzos da rua da Barroca, vá de recommear a soneca interrompida em tão má hora que ainda estais todos tremetes de mal contida ira e justa cólera. Olhai, olhai e admirai a vasta e simbólica barriga, ó doces e contemplativos Bonzos do sereno Conselho. Cá fóra *chove* e *troveja*; adormecei vós, ó Simples, nos braços carinhosos da Carta. Podeis dormir descansados. A Liberdade vela!

No céu estranho da hora que passa, todos nós, os que andamos na realidade trágica, distinguimos sobre as vossas cabeças encanecidas a sombra carinhosa das suas brandas asas de... morcêgo.

O verdadeiro significado das eleições

Fóra, porém, das fantasias doiradas do partido monárquico constitucional e do alarido inutil da fictícia exaltação dos Conselheiros del-Rei que se pode e deve concluir do resultado da burla eleitoral de há dias? Conclusões novas, nenhuma.

A farça repetiu-se com os velhos bastidores, os personagens de sempre e a secular matrona Liberaldemocracia à porta da barraca, batendo o tam-tam, chamariz das vaidades, das ambições desmedidas e dos sórdidos egoísmos.

Quem ganhou? quem sempre ganha: — o partido do governo.

Para que? para que em nome dos *princípios* se perpetue a tirania dos *Fins* do democratismo-absoluto-senhor.

E porque? porque o partido do govêrno tem *naturalmente* consigo o maior número de votos, contando-se como se conta em democracia, não por *cabeças* mas por *bocas*. E' esta a condição dos *partidos de govêrno*, segundo a essência alta dos Princípios.

— Mas há govêrnos que caem perante as urnas... Poincaré, por exemplo.

—E' verdade, e segundo a lógica atraz estabelecida. Poincaré, austero e formalista, desdenhou *as bocas* e estas formaram a grande alcateia que agora se está entredivorando ferozmente na ânsia democrata de melhor comer na gamela do Poder que tomou de assalto. Em Portugal raras vezes os governos esquecem as lições da Democracia nesse capítulo temeroso — o estomago.

—Então que resultará das eleições agora realizadas?

—Nada de definitivo, a não ser que a nação conclua delas a necessidade que tem de procurar a própria salvação fora da sua absurda engrenagem!

Na ordem constitucional perdura o «gachis»; cá fora mantém-se e acentua-se cada vez mais o divórcio irreparável entre a nação e os seus dirigentes de acaso de quem desconhece as intenções e as manobras grotescas.

E' sintomático, por exemplo, que o próprio dia da abertura do Parlamento em lugar de marcar o início da luta legal confinada pelos limites definidos da Constituição, seja antes assinalado pela maior recrudescencia dos boatos de Revolução.

Quere dizer: a Constituição da república caducou, os velhos tramites que ela marcava à marcha da política nacional já nada influem no desenrolar dos acontecimentos; quere dizer: os partidos estão fora do quadro da nação, nada significam e nada valem na solução dos problemas da hora presente.

Quere dizer: o mal estar moral, económico e financeiro do país agrava-se hora a hora a despeito da fantasia eleitoral dos políticos e o remédio não estava nas *urnas*, está nas *armas*.

Um conselheiro ousado ou a defeza
do Parlamentarismo no ano de gra-
ça de 1925

Os ataques tantas vezes violentos que o Integralismo dirige ou inspira contra o velho e anacrónico Parlamentarismo não tem em geral provocado qualquer gesto de defeza dos contrários que mereça, assim, uma «especial menção». A regra, nestes casos, costuma ser: ou lançarem-nos aquele alto e soberano desprêzo que tanto nos afflige ou então desbragarem-se em violentas cantilínicas contra as nossas humildes pessoas fazendo do problema político uma larga questão pessoal que às vezes chega a ponto de nos «tirar o sôno». Quanto, porém, a rebaterem os nossos argumentos aliás sempre ditados pelo imperismo construtor da História ou pelo imperismo organizador da Sabedoria Política moderna, até hoje, liberais ou democratas, democratas ou liberais, ou ainda *liberaisdemocratas* não nos tem querido dar essa honra. Ou com pouco menos.

Abre-se, porém, agora, uma excepção. E de que tamanho ela é. O senhor conselheiro D. Thomaz de Vilhena, *lugar-tenente interino d'El-Rei* nas ocasiões em que o sr. Ayres d'Ornellas, descansando do seu pesado cargo, vai para a Ilha da Madeira subir ao Monte de «carrenho» ou provar o vinho novo, o senhor conselheiro D. Thomaz de Vilhena, dizia, eis a excepção. Eis o adversário que se nos ergue inopidamente na frente para proclamar do alto do seu lugar de Senador a verdade política — enfim.

Os jornais o dizem:—s. ex.^a erguendo um dedo espectral e tremendo teria salvado a hora tam combalida em tôda a Europa do Parlamentarismo arrancando de dentro do vasto e fiel peito de constitucional, daqueles antes quebrar que torcer, e, lançando-nos em rosto, a nós, os perturbadores da harmonia parlamentar, esta enormidade vigorosa e definitiva «tem-se dito muito mal do Parlamentarismo, mas ainda não se inventou outra coisa melhor para o substituir».

Assim falou Zaratustra!

Quem há aí agora tam ousado que se abalance a erguer o guante atirado com mão de mestre à face rebelde da Contra-Revolução-Nacionalista?

...E para isto andamos nós, senhor Conselheiro, a queimar as pestanas, perdendo o nosso preciosissimo tempo a explicar a v. ex.^{ta} tantas coisas desapreendidas dos portugueses e bem mais dignas de

ser entendidas do vosso preclaro espírito do que as negregadas ilusões parlamentaristas.

Não se «inventam» na verdade, ex.^m sr., nem será possível «inventar» coisa que substitua o Parlamento pela simples razão de que elle é insubstituível. Coisas há que teem êsse dom. Por exemplo: o chapéu alto do sr. Bernardino, as luvas do sr. Alfredo Pimenta, o forno crematório do sr. Guizado e a Carta Constitucional...

Assim, nós quando dizemos mal do Parlamento, senhor D. Thomaz, não pensamos, de nenhuma maneira, substituí-lo por *outra coisa* que por acaso para aí se inventasse. Creia-o V. Ex.^a para uma vez. Quando dizemos mal do Parlamento é para o liquidar definitivamente pondo em S. Bento, por exemplo, uma companhia de cavalinhos (aí está uma substituição condigna que não acudira a V. Ex.^a) ou um bazar dos «três vintens». Sei lá, qualquer coisa que interesse mais a Lisboa e que seja menos imoral.

E' o que pensamos neste capítulo. Oxalá desta vez se tenha feito, enfim, tôda a luz que desejamos no espírito aflito de V. Ex.^a. E, se era só a *substituição*, como cremos, que o atormentava, reine, enfim, a paz no seu coração.

Qualquer coisa há de nessa altura ocorrer quando houver de se alugar o pardieiro. Lembre-se V. Ex.^a como a Mala Posta, essa luminosa instituição que viu nascer a Carta, foi afinal substituída, ainda que mal, confesso-o, mas foi-o, pelas *estradas de ferro*, como dizem os brasileiros nossos irmãos.

...Alguna coisa se fará. Erga V. Ex.^a o coração e... os olhos para contemplar por momentos o panorama admirável do novo Portugal sem Parlamento e sem o Bernardino, sem partidos e sem o venerando Bugalhão e o imponderável Afonso Costa. Concebe V. Ex.^a isto? Um Portugal para os portugueses. Para todos. Sem grupos, sem *coterias*, sem cabalas politicantes. Um Portugal tendo na base a família e o grupo económico — sindicato, corporação; à cabeça o Rei paternal e responsável, que governa mas não administra, e, a harmonizar, congregar, hierarquizar — o corpo da nação; a orgânica intelligência da sua compleição municipal, regional, provincial... a sua compleição histórica.

Oh! Se V. Ex.^a quizesse e pudesse entender-nos!

Se os monárquicos constitucionais e os conservadores portugueses quizessem ouvir-nos!

Enfim. Deus louvado. Já estivemos mais longe.

Os claustros da Oliveira

E' verdadeiramente apavorante o abandôno criminoso a que estão votados os claustros da Oliveira, admirável obra de estilo românico que ficará reduzida a um montão de pedras abandonadas se de pronto se lhe não acudir.

A benemérita Sociedade Martins Sarmiento, tem, já por várias vezes, oficiado a uma *Comissão*, crêmos que *dos monumentos nacionais*, ou coisa idêntica, para se conseguir a reparação; esta, porém, tem ligado tanta importância ao caso que nem sequer teve um officio para, em resposta, dizer à Sociedade Martins Sarmiento: — *recebemos e vamos providenciar.*

A que mãos estão confiados os nossos monumentos!

Os claustros da Oliveira não podem continuar abandonados. E' um crime, um grande crime mesmo.

A Sociedade Martins Sarmiento, honra lhe seja, tem feito tudo para remediar êste grande mal. Não a ouvem! Que é necessário fazer? Despertar os brios Vimaranenses e prestar todo o auxílio para que a Sociedade Martins Sarmiento se faça ouvir. Como? Organizando-se um protesto colectivo, a que não devem ficar estranhos os deputados por êste círculo e a Câmara Municipal, e formando-se uma Comissão em que fiquem representadas tôdas as Associações civis e religiosas, autoridades, etc., etc.

Pela nossa parte e na medida do nosso esfôrço, prestaremos a essa Comissão todo o nosso aplauso e o nosso concurso.

Mãos à obra, pois! **POR GUIMARÃES!**

... in corpore sano

“Sporting e Scouting,,

Por Engénio de Belonor

II

NUM manifesto que a «Comissão de Propaganda Scouting» acaba de distribuir, lêem-se estas palavras, que nos irão ajudar a responder à questão posta no artigo anterior: — «o Desporto, hoje tão recomendado como remédio infalível para acudir à decadência física dos povos, não corresponde plenamente a esta finalidade, porque não reprime o desregramento moral que é quasi a causa única do mal que pretende combater. Não destruindo a causa, vê-se, depois, impotente perante o efeito».

Esta transcrição vai ser-nos de grande auxilio no nosso exame.

Antes de o iniciarmos precisamos de estabelecer o seguinte: — *a educação física será sempre fictícia, melhor diremos, nunca se conseguirá uma educação física satisfatória, se antes se lhe não prepara o caminho por meio duma educação moral perfeita.*

E' esta a primeira lacuna de que padece o Desporto, como tão assisadamente apontou a «Comissão de Propaganda Scouting» no seu já aludido manifesto. Mas ha ainda muito mais.

O Desporto não se limita a passar em silêncio criminoso sobre a moral, que devia enviar adiante de si como guarda-avançada. Segundo o fim que os seus propagandistas temem em vista, o lema do Desporto devia ser: — «jogar para criar sangue, para robustecer, dar energia e vida ao organismo depuperado dos jovens dos nossos dias». Mas aqui reside o defeito capital do sistema. O Desporto, cujo apregoado fim é fazer homens sãos e fortes, adultera-se, perde de vista êsse nobilitante fim e parece dizer tão sómente aos

rapazes sempre sedentos de prazeres e sensações fortes: — «*jogai para gosardes*».

O jogo, que devia ser um meio, converte-se em fim e todos os intuitos superiores gritantemente conclamados pela propaganda desaparecem para dar lugar a estoutre refinadamente corrutor: — «*jogar para gosar*». Não procurando o jovem no Desporto senão um largo campo onde o seu estouvamento livremente se expanda, também não cura de o abraçar em toda a sua amplitude (o que é, aliás, quasi impossível). Todo o seu cuidado consiste em preparar-se, aperfeiçoar-se naquele ramo que mais o atrai, porque maior soma de prazer lhe pode acarretar.

É' o vício da especialização, que pode desenvolver realmente qualidades particulares preciosíssimas num organismo, mas que nunca por nunca faz o homem forte na verdadeira acepção do termo, o homem plenamente apto para a vida.

•*L'être fort est résistant, musclé, adroit, énergique, endurant et sobre. Il sait marcher, courir, sauter, grimper, lever des poids, en lancer, se défendre et nager.* Educação física assim integral, homens com tais aptidões não os pode formar o Desporto. Ora o homem «*qui ne possède pas ces qualités n'est pas un citoyen complet, n'est pas un soldat parfait.* Dans la vie moderne aux exigences multiples, celui-là risque d'être un vaincu».

Estas palavras dum distinto oficial da marinha francesa são decisivas na condenação formal do Desporto. Por elas se vê que o desportista nunca será fisicamente um homem completo, a não ser no caso, aliás inverosímil e quasi impossível, de abraçar o Desporto na sua máxima amplitude, auxiliando o seu exercício com uma acurada vida de morigeração, sobriedade e virtude.

Mas se a conclusão a que chegamos é que o Desporto não consegue restaurar a raça nas suas energias físicas, não será ainda difícil demonstrar que

o Desporto é a ruina física da juventude,

é mais uma causa do mal, que pretende combater, a juntar às outras que no artigo anterior enumeramos.

O jovem escolhe sempre aquele ramo de desporto por que sente mais predilecção e emprega todos os esforços por sobressair.

Chega um dia em que os aplausos de muitos milhares de basbaques e mandriões, que passam a sua vida a olhar beatamente a balbúrdia esquentada dos desafios, estrugem clamorosos sobre a

cabeça do novel desportista e o enchem de vangloria, arrastando-o simultâneamente a sonhar na conquista do «campeonato». Uma vez com esta ideia a povoar-lhe a mente, ideia que se torna a obsessão de todos os instantes, o jovem abandona os seus estudos, as suas occupações, a sua familia, toda a sua vida socialmente util, para se entregar todo sem reservas a preparar-se para dar realidade ao seu sonho doirado: - ser campeão.

Este individuo, que assim abandona tudo o que tem valor pratico e real pela vaidade estulta e doentia de possuir um titulo que lhe garante bons lucros, é certo, mas que em regra lhe custa a saude e a vida, êste individuo julga-se um triunfador, quando em verdade não passa do mais triste e infeliz dos vencidos: — vencido pela vaidade e vencido pela ganância (porque todo o desportista profissional conta enriquecer à custa do Desporto).

Mas para que um só individuo atinja tal situação, quantos e quantos não ficam inutilizados para sempre, condenados a uma vida de miséria moral e de charlatanismo? Cem por um, afirma categoricamente *Royet*, no seu livro «Les E'claireurs de France .

E já que nos referimos a *Royet*, ouçamo-lo ainda: — «Puis, l'entraînement auquel conduit la spécialisation sportive est trop souvent intensif, précipité, sans mesure. Il convient de se mettre en forme par telle épreuve de bicyclette ou de football. On appelle à son aide tous les procédés factices, tous les excitants dangereux. On se confie aux mains intéressées de ces «entraîneurs» qu'on rencontre en marge de tous les milieux sportifs».

E conclue *Royet*: — «Ainsi détourné de son but originel, le sport provoque chez l'individu le surmenage, pe'es de tous les tares qu'il devrait précisément combattre, faiblesse du cœur, tuberculose, etc.»

Depois da exposição clara e formidavel de *Royet*, impossivel é não aceitar a sua conclusão, quando é certo que *Royet* sómente se limita a enunciar sumariamente factos de observação diária. E', pois, certo que o Desporto, bem longe de corresponder às necessidades de momento para combater a decadência física, se converte numa perigosa causa de muitos e maiores males.

E' necessário consequentemente ir procurar o remédio a outra parte: — remédio seguro e eficaz, que não possa, degenerando, converter-se em tónico assassino.

O Escotismo

será esse remédio. Sistema de educação integral, começa precisamente onde devia começar: em estabelecer uma regra moral que

penetre toda a vida do jovem e o faça acima de tudo um homem; — tanto é certo que o homem se mede pela sua moralidade,

Pondo de parte as lutas mesquinhas em que os desportistas se consomem, arruinam e inutilizam mutuamente para a conquista dos campeonatos (que o Escotismo não admite), o Escotismo a todos os jovens amostra o caminho, para que, *por esforços próprios*, marchem à conquista da perfeição moral, intelectual e física.

Morigera a juventude, modelando-lhe a alma pela Lei: — código de honra que é uma verdadeira ressurreição prática dos ensinamentos de Jesus Cristo, o maior de todos os Scouts por ser o Scout-Deus.

A honra, a lialdade, a prática do bem, o amor do próximo, a delicadesa, a obediencia, a bondade, a alegria, a sobriedade e a pureza, tais são as virtudes que o Scout adquire na vida bela e ridente que o Escotismo lhe proporciona.

O jovem aperfeiçoa-se intellectualmente, não com conhecimentos teóricos perdidos em dezenas de compêndios enfadonhos, que só servem para sobrecarregar a memória e fazer perder o amor ao estudo, mas incitando a curiosidade a investigar praticamente, dando assim à inteligência conhecimentos práticos sempre utilizaveis quaisquer que sejam as circunstâncias de tempo e lugar em que sejam necessários.

O organismo robustece-se e desenvolve-se. A vida ao ar livre dos acampamentos e dos longos passeios atravez dos campos e das florestas, a vida em contacto com a natureza é o grande meio de que se serve o Escotismo para tornar sãos e fortes os corpos.

A comodidade enervadora é afastada como prejudicial e perigosa. O quietismo forçado da escola e a agitação febril da officina com todos os seus inconvenientes tem no Escotismo o seu enérgico antídoto.

Numa palavra, o Escotismo, abrangendo todo o Desporto, mas por uma forma racionalmente regrada, completa-o pela Lei moral que impõe a todos os seus adeptos, pelo carácter eminentemente práctico que costuma dar a todos os seus ensinamentos e distrações; pelo espirito de método e regra a que submete tudo, pela disciplina com que educa as vontades mais rebeldes e dispostas à anarquia, pela abnegação e desprendimento de que consegue revestir a alma dos jovens e que tão bons resultados produz em tôdas as localidades que tenham a felicidade de possuir agrupamentos de Scouts.

Em conclusão:

— O *Scouting* sobrepõe o *Sporting*. O *Scouting* é o orienta-

dor prático dos impulsos irreflectidos da juventude para a acção; o *Sporting* é a balbúrdia do espírito a tumultuar infrene.

O *Scouting* é o remédio seguro contra a degenerescência que ameaça o futuro da Raça portuguesa; o *Sporting*, nada regularizando, nenhuns desmandos impedindo, converte-se em consequência última numa causa das mais temiveis da nossa ruina física, por causa do seu atractivo e da sua vulgarisação.

No *Scouting*, o ideal «*mens sana in corpore sano*» encontra a sua objectivação. No *Sporting* a educação que tão gratuitamente se afirma, somente se traduz nesta palavra sinistra: corrupção.

O contraste é flagrante e perfeito.

Publicações recebidas

Revistas & Jornais

Nação Portuguesa — Revista de Cultura Nacionalista. Director: Dr. Manuel Murias. Lisboa — Largo do Directório, 8-3.º — 1925, III série, n.º 6.

Ação Realista — Revista quinzenal. Redactor principal: Ernesto Gonçalves, Lisboa — Rua da Barroca, 59 s/l — 1925, Ano II, n.ºs 10-11 de Novembro.

Revista de Guimarães — Publicação da Sociedade Martins Sarmento. Volume XXXV, Guimarães, 1925 — n.º 3 — Julho-Setembro.

Brotéria — Série mensal «Fé, Ciência, Letras». Director: J. S. Tavares. Caminha, 1925. Vol. I. Fasc. X, XI e XII de Outubro a Dezembro.

A Águia — Órgão da Renascença Portuguesa. Directores: Leonardo Coimbra e António Carneiro. Porto, 1925, n.ºs 34, 35 e 36, Abril a Junho.

Invicta-elne — Revista ilustrada de cinematografia. Director: Roberto Magalhães Lino. Pôrto, 1925. n.º 20 — Dezembro.

Tecnica — Revista de cultura técnica e económica. Directores: José Centeno Castanho e José de Queiroz Vaz Guedes. Lisboa, 1925, 1.ª série. N.º 1 — Dezembro.

A Tradição — Boletim do Grémio Português Tradicionalista. Director: J. Nunes de Freitas. Lisboa, 1925. N.º 6 — Dezembro.

Mulheres do Norte — Mensário de arte e literatura. Directora: D. Amélia de Guimarães Vilar. Pôrto, 1925. N.º 9 — Dezembro.

Revista do Ateneo — Director: António Palma. Jerez de La Fronteira, 1925. Ano II. N.º 16 e 17, de Novembro e Dezembro.

Os nossos Mortos!

Triste fim de ano e triste missão esta de prestar culto de saúdade aos nossos Mortos! Êste ano, prestes a findar, ceifou, na Seara magnifica da Inteligência, grande porção de vidas. Está mais pobre Portugal. Vão caindo lentamente as folhas das árvores e o vento canta uma canção arripiante, uma canção de extermínio. Que nos estará ainda esperando nas encruzilhadas do Destino?

Gama Barros

Gama Barros foi uma das mais belas inteligências do nosso país e um dos nossos Mestres mais ilustres.

A sua pêna, posta sempre ao serviço de Portugal, ficou consagrada na *História da Administração Pública*, magnífico monumento em que se fortalece toda a nossa Fé e se eleva toda a nossa Esperança.

• • • • •

Cândido de Figueiredo

Foi um admiravel filologista e versou as difficilimas questões de linguagem portuguesa com um profundo saber. Incansavel trabalhador, organizou o *Novo Dicionário*, tendo conquistado grande renome e autoridade.

Os seus trabalhos de filologia dispersos por vários jor-

nais foram sempre lidos com agrado e proveito, pois eram acessíveis a todas as inteligências

Foi um incansável trabalhador tendo votado ao estudo da nossa língua o brilho do seu nome e a segurança das suas pacientes investigações.

• • • • •

Moreira de Almeida

Jornalista ilustre e vigoroso deixou, nas colunas do «*Dia*», marcada a sua personalidade. Embora em defeza da utopia liberal, a sua pena de jornalista de larga envergadura teve sempre o dom inegualavel do verbo sugestivo igual à paixão candente com que terçava armas na arêna da política em defesa dos seus ideais.

Dotado de espírito jurídico publicou em 1892 o *Elementos de Direito Internacional Público*, que lhe valeu ser proposto sócio da antiga Academia Real das Ciências.

• • • • •

Elísio de Carvalho

Ilustre escritor brasileiro, Elísio de Carvalho foi um devotado amigo da nossa Revista, não nos tendo faltado o seu aplauso e a sua estima.

Elísio de Carvalho, sem dúvida uma das maiores figuras representativas do Brazil, dirigiu a magnífica Revista «*América Brasileira*», onde apresentou os seus pontos de vista históricos e economico-politicos sendo um devotado amigo de Portugal e um apóstolo da Ideia Nova.

Historiador, geógrafo, economista e sociólogo, seguia com enterneçada atenção o nosso movimento social e literário. Nos seus livros de ensaios, como o *Suave Austero*, de que a nossa Revista transcreveu parte de um capitulo

dedicado à obra magnífica de Afonso Lopes Vieira, nunca era esquecido o nome de Portugal, tendo, no nosso país, entre o escol dos nossos homens de letras, fundas e sinceras amizades.

• • • • •

D. Carolina Micaëlis

Embora nascida na Alemanha prestou à cultura lusitana, no campo da filologia, da etnografia e da história, serviços relevantes.

Os estudos peninsulares, como os estudos portugueses, devem-lhe muitíssimo. Esta ilustre senhora, tendo sido sempre a primeira em todos os ramos científicos a que se consagrou, tem direito à gratidão e homenagem comovida de quantos em Portugal lutam em prol do resurgimento da verdadeira cultura nacional.

A edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, o prefácio monumental das *Obras* de Bernardim Ribeiro. *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas damas*, o prefácio do *Romance de Amadis*, de Afonso Lopes Vieira, as *Notas Vicentinas* e os seus ensaios na Revista «*Lusitânia*», são exemplares perfeitos, atestando a perfeição inexcedível a que chegaram os estudos portugueses. «*Gil Vicente*» fez-se representar nos funerais da insigne Senhora, pelo nosso distinto colaborador Dr. Afonso Lopes Vieira.

*

Um vento cruel de infortúnio vai devastando a Seara do Espírito. Hora de abandono. Hora trágica de infortúnio. Curvemo-nos respeitosos e evoquemos a Memória dos que em vida souberam dignificar o seu nome e elevar Portugal.

Nichos de "Alminhas,"

Por Alberto V. Braga

II

EM corrido ponto de acréscimo, damos a seguir como que a segunda parte do artigo publicado no número passado, artigo por nós escrito em esboço de tentativa, pelo amor e paixão que de regra bem humilde deitamos aos rebentos ensilvados que pela terra a alma do povo ergue, na reza do seu místico viver, quer semeados em suor, para amanhã do seu sustento, em penitência de trabalho, campos verdejantes onde o rubro das flores bravas põe a nota do sacrifício, quer plantados em amor na simplicidade engalhosa dos cravos da janela ou da alfândega do talhão, corações de namorados em balanças de melhor querer, fugidos e encobertos pelas barras e pelas moutas e cantados em triunfo e desafio pelas faixas zoeirentas das ceifas e embriagantes de vinho moço, quer ainda venerados, padrões de fé já de raízes fundas por êsse chão, pelo respeito da sua crença, que não está só nos santos que o altar enfeita e o padre sagra na solenidade das suas festas.

Para o povo mais além vai, na manifestação da sua crença, a latitude do seu credo cristão, que abrange nas vozes dos sinos o sinal respeitoso que o obriga por Deus a descobrir-se e a rezar, vendo nos cruzeiros símbolos de fé e nas edículas o castigo divino, o santuário devassado em caminho público, das almas que no céu não têm descanso por culpa dos seus pecados na terra.

E no todo da sua crença, unida em agasalho ná sua alma, como pedrinhas de ninho abrigadas pelas asas acolhedoras dos pardejos, no todo da sua crença, porém e ainda rebentos se escapam em entrelaçamentos da mesma origem e brotando do mesmo estro, que vão de telhas abaixo levar pelo mesmo fio da crença, em derivantes supersticiosas embora, consólo a dores e a quebrantos de maus-

olhados e funções cabrioladas de porco-sujo, quer se leiam exorcismos em regra autorizada de direito católico, quer as feiticeiras lhe requirem o mal, quer a água-benta afugente em hissopadas de alecrim os espíritos das casas, ou os defumadoiros de sempre-verde e arruda purifiquem à moda antiga das antigas pestes, os recintos barulhentos dos deuses invisíveis da maldade turbulenta, ou ainda a passagem pelos pálios, em maré solene de procissão, seja preventivo acto para facilidade de parto, assim como para o mesmo fim a coroa e manto da S.^{ra} do Amparo, da freguesia de Sande, alivia as mulheres que deles se anaifar, dos *apertos*, fazendo-as ter hora feliz. E as pedras de ara, que revelam certos segredos, e as águas brotadas de bicas santas, que fazem miraculosas curas, a sugestão da água-benta bebida em delírio de febre, os ramos benzi-dos em procissão e velas bentas, que preservam da *bicha* dos campos e dos raios, quando Nosso Senhor ralha em trovão ⁽¹⁾ das alturas dos céus, para onde o nosso povo deseja, depois dos trabalhos do mundo, da penitência do corpo, da miséria e pobreza dum viver de aflições e lágrimas, encaminhar a sua alma de rudeza, inocente como o rir duma criança de peito, e tão singela no amor como afervorada na fé, sim, tudo isto que representa?

São dotes da crença, são rebentos ensilvados brotando pela terra, pelo mundo, pelas casas, pelos corações e almas do povo místico, em viver de rezas, ensalmos e benzeduras.

*

* *

Foi o artigo publicado no número passado, escrito há três anos, no «Gil Vicente» jornal, e se agora volta a lume no «Gil Vicente» revista, sem que nenhum motivo de flagrante oportunidade o fizesse retirar do esquecimento, se deve sómente à benevolência amiga do secretário da redacção Manuel Alves de Oliveira, desejando assim ter a nossa companhia em permanente conversa nas colunas da sua revista.

Mas uma vez que êste amigo dêle se não esqueceu, e o foi en-xergar na colecção do antigo periódico, fazendo-nos novamente

(1) O sino da Oliveira, dantes, tangia aos trovões. Era da disposição estatuária.

passar a vista sôbre a singeleza dum escrito já pójeirento, de tentativa louvável e atimada quanto ao pedido de se defenderem as poucas edículas que ainda restam, ou de se recolherem as que se forem abatendo pela indiferença ou desamor dos homens, com carinho e interêsse pelo que representam como nota etnográfica de tradição viva; já que aquele amigo, como dizíamos, fez voltar o nosso velho artigo à letra impressa, queremos dar-lhe, como paga agradecida, a segunda parte, que senão no todo, mas em pontos de recolla, mais o completa, porque alvêitando os nossos papeis, aquellamos umas notas curiosas aqui e ali arrancadas de livros manuscritos de apontamentos do saudoso e culto Abade de Tãgilde, apontamentos referentes à existência das edículas que há espalhadas pelas freguesias rurais do concelho de Guimarães.

E' natural que algumas delas, pela antiguidade da informação, já não existam.

Outras notas colhemo-las nós, e como o Abade de Tãgilde sôbre nenhuma edícula fez incidir o seu critério de observação e descrição, no rápido focar do retábulo, instantâneo que reputamos interessante e que vai além do interêsse curioso ao súbito estudo da manifestação e tendências da scenografia popular e do capricho artístico quanto à imaginária do pincel na descrição dramatizada de certas passagens dos tormentos divinos, com os céus e os infernos e a côrte celestial das divindades do mando e do poder, que apparecem em diversidade, pintadas à maneira da concepção de cada artista, como sôbre nenhuma o Abade de Tãgilde fez descrição, procuramos nós de algumas tirar o decalque escrito do seu figurado, fazendo-lhe à nossa moda, de saber de telhas abaixo, algumas observações corredias.

Pena é que de todas as enumeradas não nos seja possível, por pouxarem para lá de difícil caminhada e longa distância, dar a descrição do retábulo, entrando assim na medida orientada do que reputamos essencial ao estudo das diversas tendências que vincam, em differença, as *alminhas* das várias regiões.

Para outros, e mais entendidos, fica em aberto êsse estudo de encanto e interêsse, que melhor surtiria, tanto em valor como em curiosidade, desde que fosse feito comparativamente com as edículas dos diferentes districtos, tirando depois, no separado das variedades, a razão das tendências quanto à indole de cada povo.

E' que de facto as *alminhas* são, de ponto a ponto, de região a região, representadas diversamente na pintura do retábulo, no desempenho da scena, na marcação do figurado, e sempre diversas nas casinhas do seu abrigo, no albergué do seu amparo, arquite-

cturas de escola vária e modalidades de feição, e muitas de figurado em impressões de azulejo, outras de alto relêvo, e as mais vulgares em pinturas desbotadas de trôlha. (1)

As nossas, e creio que as de toda a região do baixo Minho, são singelas e idênticas na construção simples do seu abrigo, pequenos casôtos de pedra, cobertos por telhados ou em remate na mesma pedra do nicho, e abertura ao meio, onde encaixa o retábulo de madeira ou fôlha, com resguardo de grades de ferro e arame e fechaduras ao fundo do buraco do mealheiro.

Quási todas têm a sua inscrição e algumas o pedido caridoso duma esmola de reza, para o abrandamento das penas de castigo divino de tanta alma que lá se foi.

Os retábulos são pequenos e o figurado é quási sempre o mesmo, pontificando o Anjo da Guarda, e não o Cristo crucificado como noutras regiões, variando porém de posição e de lugar na colocação da scena, pinturas horríveis de desenho a mor parte, de côres lambidas e chapadas de borrão, interessantes outras no apuro da factura, com corridas pinceladas de ingénuo marcar de atitudes, revelando tôdas certa tendência de scenografia popular, que lhes

(1) «Lugar e modo de colocação dos retábulos variam também muito. A mais simples maneira de os dispor é a de pendurar os quadrinhos no tronco das árvores (Souzelas, Palheira, Anobra), ou a de fixá-los numa vara, à beira de um caminho ou numa encruzilhada (entre Agrêlo e Granja, caminho de Pena cova). A seguir a êste primitivo processo, que deixa deteriorar rápidamente a pintura e a madeira, — facto que em alguns pontos evitam cobrindo os quadrinhos com um sobrecéu de zinco (estrada de Almalaguez a Miranda), — vem a colocação dos retábulos, quer pintados quer de azulejo, em estelas de pedra. Essas estelas de pedra aparecem-nos conformes as regiões, feitas de calcáreo (Baixo Mondego), ou de granito (Alto Mondego), e apresentam de um para outro ponto diferenças sensíveis, porquanto as de calcáreo são altas e singelas (concelhos de Coimbra e Miranda), e as de granito, mais baixas, cheias de labores, cavadas de nichos grandes (concelhos de Oliveira-do-Hospital e Táboa).

Um outro sistema existe ainda, mais comum e também generalizado no país; o da colocação das alminhas em nichos que se abrem nas fachadas das casas, entre janelas, sob cruces ornamentais simples ou ladeadas de esgrafitos e rosetas de ô folhas; nos muros das quintas e sôbre os portões de entrada dos páteos, alternando com os santos da invocação das propriedades; ou em paredes edificadas propositadamente para as receberem, entre duas casas (obras em geral do século XVIII), etc.

Outra maneira e ainda mais curiosa que as precedentes, é a da conservação e resguardo dos painéis em minúsculas capelas de almas, pequenos cubos de pedra cobertos por um telhadinho de duas águas, com que os olhos alegremente deparam de longe em longe, pela região marginal do Mondego, etc.»

(*Etnografia Artistica*, por Vergílio Correia, págs. 13 e 14).

dá ponderado valor e marcada nota de etnografia, quando não queiramos entrar em religioso e descoberto respeito pela tradição que representam, de invocação pelas almas e de protectora sentinela aos caminhantes que vagueiam, que vão e vêm no cirandar do trabalho, tal o ponto escolhido do seu plantão: encruzilhadas, pontes e caminhos de tabuleiro velho, com piso de escadeado pedregulho.



ALMINHAS DA FONTE SANTA (Retábulo pintado).

Desenho de D. Dantas.

que as árvores resguardam em caixilhos, quinchosas tão juntas que são um mimo de jardim e que amontoam o povoado, para a aproximação das gentes, e que vive unido pela protecção das capelinhas, borboletas brancas no brilhar dos montes, a bênção do céu nas freguesias da terra.

Tão pequeninas e humildes são, arrumadas ao canto de caminhos tão largos como a palma das nossas mãos e ensarilhados como as encarquilhas de rosto da gente nossa avó, que à justeza simples do nosso povo se assemelham, revelando bem a sua alma temente e cheia de medos da morte e do inferno, na invocação significativa

São tão ingénuas, frescas e lavadas de cal no interior, grunito áspero no resguardado das suas pinturas, telhados de telha mourisca em largo chapelete de abas salientes, tão pequeninas e ajustadas no achêgo do todo, que bem definem a índole da nossa gente de rusticidade timorata, e bem se calham com a paisagem de frescos arrelvados, paisagem inconfundível, que se estende em leito sempre verde e de cravejamentos de florinhas bravas, que o sol doira, doirando o torrão minhoto, dividido em quinchosas

das almas dos mortos que se apresentam nos retábulos com todo o cortejo de pavores.

São de achêgo tão brando e de familiaridade tão caseira, na postura recolhida do seu acantonamento, que até das crianças são a igrejinha do seu divertir, nos actos mais solenes de brincadeira séria.

E ante **esses** nichos de bondade cristã, elas aprendem, as crianças pivetes do campo, a seguir na esteira da vida, em moço início, a larga cadeia de prisão que une em parentesco dado tôda a família que se agasalha na roda curta duma freguesia.

Da certeza do afirmar talvez não nos enganemos, se aqui, para amostra, relatarmos uma scena presenciada nas *alminhas* de Sapos, em Pencilo. O quadro é simples, singelo, tocado de beleza ingénu e significativo, onde a inocência representa, no rodeio amplo, espraiado e risonho do ar livre. Um baptizado duma boneca de trapenta roupagem, ante o respeito dum nicho de almas sofredoras.

O pai, a parteira, os compadres e a comitiva dos convidados. Não vimos que nenhum rapaz fizesse de padre. Era talvez como que o ensopar da *criança*. Atitudes mais ou menos risonhas, mais ou menos agarotadas e scena rápida.

Cerimónia de rapazes.

Já ficava com nome, a boneca pobreta daquela raparigada.

Compadres se ficavam a chamar depois, engatando assim, na sua inocência, o significado que prende numa aliança de compadrio os pais e as mães daquele rancho travesso de folga.

Não sabemos se algum casamento se tenha feito também. E' provável.

As alianças caminham do ponto moço à segurança do abrigo e amparo duma união regulada em contracto.

Quantos casamentos e baptizados nas igrejinhas dos rapazes, nessas *alminhas* perdidas pelo desconfôrto das costeiras!

*

* *

Caminheiro que vá, destas bandas, em romaria para as lonjuras de Santa Marta, farnel ao ombro, pé descalso para aturo do piso bravio e em rancho para alívio da caminhada e defesa da noite, encontra no trajecto cinco ou seis nichos de *alminhas*, as mesmas em modéstia, em simplicidade, almas irmãs das nossas, que à beira

do caminho se encontram na mesma postura esperançada de reza confiante.

E não há uma só criatura, podemos afiançá-lo, que não reze ou que não deite a sua esmola na grêta do mealheiro:

Alminhas benditas, permiti que nós todos voltemos a passar aqui com saúde.

E lá seguem. E' que a lonjura é que farte, e a ideia da casa e dos parentes que ficaram, vai sempre no pensamento dos que a tão retirado ponto vão fazer em promessa a sua romaria de esmola ou de sacrificio. E lembram-se das almas, para que as almas os guiem e os tragam sãos e salvos.

São almas espalhadas pelos caminhos.

Que triste não é ver as almas penar no fogo pintado dos nichos!

¿ Aquele fogo será material e verdadeiro, no tribunal da justiça divina?

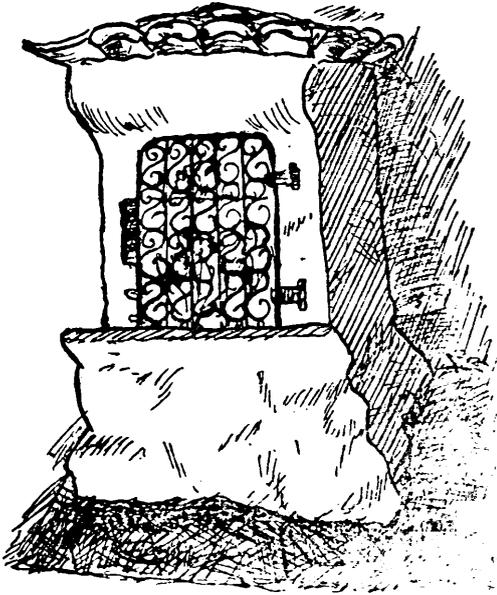
Mas como diferem as almas, nas *alminhas* dos caminhos!

Como do temperamento do povo se avalia nas concepções do

seu engenho! Filhas da mesma origem, postas à beira estrada, como são diversas as *alminhas* que se topam para lá do Marão, até Vila Real!

São do nosso conhecimento e da nossa confiança.

São seis ou sete nichos, diferentes dos nossos, altos, telhados de zinco suspensos em colunas de pedra, abertos dos quatro lados, alguns com resguardo ao fundo, lamparão suspenso, cruzes em pedestal tôcco, enormes, onde Cristos pintados figuram na posição do seu sacrificio de morte e outros com retábulos de figurado vário.



ALMINHAS DA FONTE SANTA

(Retábulo em alto relêvo)

Desenho de D. Dantas

Todos à beira estrada, para defesa dos estafetas e almocreves, homens rudes de caminhar aturado, cão de fila em vanguarda, e guisalhar em cadência esperta nos penduricalhos da burricada, para que o sono não venha de noite, por aquelas serras de meter mêdo.

São nichos à feição do temperamento impulsivo, videiro e decidido da gente transmontana, a colher no cenário de tanta campina longa, desabrigada, sem aconchégos de beleza, triste, onde as cegonhas, aqui e ali, no meio dos campos, parecem bombos de rapazes ou rabos de vacas nicholas.

Que pena não haver as *alminhas* sofredoras em abrigos tão desconfortantes!

Das edículas que existem no concelho de Guimarães

Briteiros (Salvador) — No lugar do Bacelo há uma edícula das almas, feita em 1881, agenciando os donativos para isso, Manuel Gomes.

Caldelas — Há um nicho junto à estrada nova que tem a data: *Mesa de 1859*.

«Dantes, após a reconstrução da capela, em 1692, levantou-se questão entre a irmandade e os cônegos de Guimarães, padroeiros da freguesia, sôbre a recepção das esmolas dadas ao Santo, querendo os cônegos que elas pertencessem ao pároco.

Levada a questão à Relação de Braga, transigiram os litigantes, ficando a pertencer ao pároco as esmolas que se lançassem dentro da capela, e à irmandade as que fossem lançadas fora, numa caixa que então se colocou numa edícula junto à estrada, nicho a que chamam, desde então, o «*botim*.»

Costa — No lugar do Carvalho, caminho da Penha e mesmo chegado à linha férrea, ficaram ali talvez quatro braças de muro velho que a linha de ferro cortou, vendo-se ao fundo, rente ao caminho e geitosamente formado no grosso da parede, um nicho de *alminhas*, nicho abandonado, já musguento, abrigo de almas, sem almas. Tão pequeno corte de muro, ali isolado, lá nos quere parecer que ficasse para mais tarde serem restauradas as *alminhas*.

O nicho, desde que fosse bem amanhado, ficaria uma lindeza; demais o sítio presta-se.

Ficariam a ser depois aquelas *alminhas*, uma guarda vigilante aos romeiros e peregrinos que sobem ao alto da Penha, e as *alminhas*, em paga, teriam as mercês de muita *reza*.

Aos habitantes do lugar compete o restauro, em nome da tradição, daquele nicho, sendo como que o chamar ao seu abrigo as aimas que deixaram fugir do fogo sem ordens do Anjo da Guarda.

Depois, as rezas as levarão ao Céu.

Por onde andarão elas, as *alminhas* do Carvalho?

Se calhar, sofrendo penas dobradas, pelo desamor dos homens!...

Creixomil — «Havia uma edícula à meia-laranja e outra no Miradouro»

Já não existem, e nem vestígios se encontram.

Existe a do Salgueiral, revelando até pouca característica no abrigo do retábulo, que é, diga-se, um dos melhores que temos visto, retábulo que longe de ser uma maravilha, está cuidado no desenho do Padre Eterno e Anjo da Guarda, com côres correctas e muito limpinho no todo.

Porém, o exterior, reformado, a nosso ver, não é o abrigo típico das almas, mas sim a cabeceira dum mausoléu, com cruz de pedra ao alto e dois pinúsculos de feitio aos lados, tudo na frescura de cal branca.

E' de tamanho mais que regular êste abrigo de *alminhas*; está encostado a um muro e tem dous degraus.

A abertura é grande, visto que o retábulo, em forma de caixilho, com moldura preta, deve medir aproximadamente 0^m,90 de alto por 0^m,60 de largo. À frente, uma segura grade de ferro, a duas fechaduras.

Em campo branco, o Anjo da Guarda, de bom desenho, pintura regular, côres muito discretas e bem pinceladas, com um quadro na mão, onde se vêem o cálice e a hóstia. Por cima do Anjo, o Padre Eterno, de braços abertos, a meio corpo, sofrível expressão, e em baixo, nas chamas amarelentas, parecendo mais um trigal crespo a vergar de maduro, sete figuras no sofrimento do fogo: um padre, um bispo de mitra, uma mulher desgrenhada e quatro cabeças mais, olhar ao alto, em súplica pouco expressiva, dando ideia duma saída de banho de mar.

Palpita-nos que dois artistas pintaram a n. de retábulo, — aliás um dos melhores, senão o melhor que temos topado, — pela pouca igualdade e segurança do desenho dos figurantes. O Anjo e o Padre Eterno melhores, sem contenda, os sete do grupo dos figurantes do fogo, quasi todos de perfil, por serem mais fáceis de linhas do que os que estão de frente, com as suas complicações de desenho.

Se não nos enganamos, estas *alminhas* foram reformadas e tratadas há pouco ainda.

—Acima da casa das Lameiras, quem sobe, do lado esquerdo, prantadas num nicho pequeno cavado no muro, está outro retábulo de *alminhas*, em folha, o mais horrível e miserando que nossos olhos têm enxergado. Assim, também não. Tanta palhaçada é desafôro. Aquilo que para ali está não representa coisa nenhuma.

Um irrisório Anjo da Guarda com balanças na mão, tombado em fundo de borra azulada, um céu nevoento, e quatro cabeças de roberto no fogo, fogo de roxo-rei, assobiado ao arrepio em sete chapadas esgarçadas.

Tem grade de ferro e dentro um mealheiro de folha. São as melhores peças do nicho. Em cima, a algarismos toscos, de aprendiz mais que bronco, a côr azul, lê-se: 1925.

São de facto recentes. O nicho porém já ali existe há muitos anos.

Será o nicho acima falado, dado como existente no Miradouro? E' provável.

Quiseram aproveitá-lo, mas... em má hora o fizeram.

Donim — Próximo à igreja está o cruzeiro, pequeno, e junto a êste uma edícula das almas, no lugar do Agrelo.

Gondar (*S. João Baptista*) — Existe uma edícula no lugar do Souto da Ponte.

Gondomar (*S. Martinho*) — Houve uma edícula próximo ao lugar do Barroco, que deu o nome a três casas dali, denominadas das Almas.

Infantas — Existe um nicho curioso e bem conservado, perto da igreja e mesmo à beira estrada.

Infias (*Santa Maria*) — Há uma edícula no lugar do Barreiro, junto à estrada de macadame, estando antes na estrada velha.

Pencelo — Há uma edícula junto ao lugar do Reguengo, na parede dum campo da casa do Sapos, tendo uma inscrição na frente, que diz: *Anno de 1849*. Ao lado, gravado na pedra: *Estas almas serão sempre consrvadas pelos possuidores de Sapos i nunca sairão deste terreno para fora*.

E' um nicho pequeno, bem conservado, que fica em plano superior ao caminho da igreja. Tem o seu telhadinho de beirada saliente, encanudado e prêso a argamassa, com um perrucho de cruz de ferro, no cimo.

O retábulo, que é em fôlha, está resguardado por um caixilho de ferro, tecido em rede de arame.

Tem o retábulo, no fundo, umas chamas desbotadas, de recorte torreado, em forma de ameias de fortaleza, com uns figurantes toscos saindo a meio corpo do recorte pincelado das chamas, escor-

ralho de vasilhas no tom sombreado, todos vestidos de branco saramelado, mãos em súplica e tudo rudemente engendrado, principalmente nas carantonhas de chapa batida, ao jeito de bonecas de trapos, cosicadas a pespontos largos.

O Anjo da Guarda tem pintura garrilha a verde e vermelho, e paira no cimo das cinco cabeças do drama de fogo, balanças em oscilação de justiça, sobressaindo em fundo azul. E' pintura também de engenho atamancado, êste Anjo da Guarda.

— Há uma outra, em estado de abandôno, embora conservada no resguardo do nicho, cubo de pedra inteiriça, na ponte do Carvalhal, tendo sómente o cofre das esmolas num frangalho de arrombamento, e as pinturas apagadas, na concavidade do nicho.

Alguns traços ainda se distinguem, pois que o retábulo era feito na própria pedra, caída, e então lá se vêem o Anjo da Guarda, de balanças, e alguns figurões no fogo já consumido pelo tempo.

Estas *alminhas*, as mandaremos nós restaurar, quando toparmos artista popular de feição, habilidoso e com ingénuo mas inédito engenho.

Sande (S. Lourenço) — Há duas edículas: 1.^a oratório de N. S.^a da Lapa, com imagem da padroeira e Cristo crucificado, no lugar dêste nome, na antiga estrada para Braga; 2.^a no lugar da Cancela, com um retábulo, tendo em alto relêvo a Trindade e almas, tudo horrível e desgraçadamente feito, tendo no fundo esta inscrição:

Dai a vossa esmola para a veneração da S. S. Trindade.

Lembrai-vos que foi o que criou o céu e a terra e tudo quanto nós vemos.

Que se venera nesta freguesia na dita capela do Espirito Santo.

Na parte posterior e extrema, esta: «Mandou fazer u bemeifeitor José Antonio Marques de esmolas por devoção que tinha com o Espirito Santo no anno de 1882.»

Sande (S. Martinho) — «A distância de 50 metros da igreja matriz, junto à estrada real, levanta se um elegante oratório de pedra fina, encimado por uma cruz e dous obeliscos.

No retábulo acha-se pintada a Trindade, diferentes santos e as almas no purgatório, e no fundo do retábulo esta inscrição:

*O' vós que ides passando
lembrai-vos do nós que estamos penando.*

*Neste activo fogo por Deus asuprado,
 queima nossas almas o negro pecado.
 Se vós cá estiveras submergidos em fogo,
 ó vós não quizeras esquecer ao povo.
 Acudi ao pai, à mai e ao irmão,
 a estes tromentos que aqui nos dão.
 S'a justiça divina assim condena,
 ha serto q'a culpa merece tal penna.*

Na base do oratório entre estas = anno = d, 1867 = vê-se esta:

*O' irmão, que ides paçando,
 lembrai-vos de nós que estamos penando. V. P. N. A.
 Este alat.º M. F. A mesa.*

Aos lados do oratório dous bancos de pedra, um de cada lado. Quasi defronte do oratório anterior levanta-se o cruzeiro paroquial, elegante, assentado em cinco degraus de pedra, granito fino, tendo na face sul a data — 1840.»

— Nesta mesma freguesia, no sítio chamado dos *Quatro Irmãos*, estrada velha para Braga, existe um oratório ou edicula que contém um retábulo de madeira pintado e resguardado por paredes, e na frente por grade de ferro. (1)

O livro mánucripto das consultas aos párocos das freguesias do concelho, de 1842, diz: «*Campas dos Quatro Irmãos*, que estão próximas à antiga estrada para Braga (junto à quinta da Eira Ve-

(1) Na distância de 15 metros para sul há uma encanação de água, caindo esta por uma bica numa poça, e sendo aproveitada para beber e mais usos domésticos. Sôbre o cano e junto à bôca acha-se um marco quadrangular com a seguinte inscrição: *Esta água mandou-a tirar a S.ª Maria Teresa e R. do Couto.*

Lembre-se com um P. N. N. M.

Junto a esta fonte é que está a celebrada sepultura dos 4 irmãos. E' um espaço de 1^m,70 por 1^m,50, coberto com quatro tôscas lápides, todas unidas, tendo insculpidas: a primeira (a começar do sul), e terceira, uma espécie de espada curta, a segunda uma cruz de malta e a quarta nada.

Tudo isto está resguardado por quatro marcos, em dous dos quais está insculpida uma cruz de malta. Estes dous marcos estão feitos com mais apuro que os outros, que apenas são esteios grossos.

(Livro 1.º mánucripto, de *Sibade de Tágilde*).

lha) e perto um nicho, onde está um irmão todas as terças (dia de feira em Braga), a pedir esmola para sufrágios ás mesmas.

A tradição diz que eles se mataram andando pegados por causa de partilhas de águas.» (1)

Serzedelo — Existe uma edícula no lugar do Soeiro.

Tàgilde — «Há uma edícula ou oratório junto à porta nova, interiormente forrado de azulejos e com uma tela onde está pintado o Cristo crucificado, tendo aos pés da cruz a Virgem e S. João, que parece serem boas pinturas, infelizmente em grande parte cobertos com uma imagem de Cristo crucificado, escultura que anteriormente estava na sacristia da igreja paroquial e que por 1769 foi aqui colocada.»

S. Torcato — Há um nicho dalmas, lá ao fundo da rua da Corredoura, singelo mas curioso na pintura do retábulo, côres vivas e expressão humilde do figurado.

Êste retábulo, em madeira, pequeno, encafuado na cavidade do nicho, estava solto, e se as almas que ali poisavam, não voaram já ao céu, desprendidas da dor pelo favor da reza, foram viver no remanso de qualquer pobre choupana, em adôrno de voto, ao cimo da cabeceira de catre de casados, ou então foram para o museu de qualquer curioso da especialidade, pois já há muito que lá não se vêem, a não ser o esqueleto pétreo, abrigo das almas que roubaram à caridade da oração.

Urgezes — Junto aos portais da quinta denominada da Fonte Santa, acha-se um nicho das almas, com as imagens em alto relevo, em madeira, lendo-se na parte superior de ferro, que as resguarda, o seguinte: 1867 — *Foi mandado fazer por D. Josefa Maria Vaz Moreira, Snr.ª d'esta quinta.*»

Assim nos dá êste informe Abade de Tàgilde. Porém a ins-

(1) Como está um pouco enroupada no mistério respeitável da lenda, a vida obscura dos 4 irmãos, em luta estrancinhada e caída em regueiras de sangue perdido e inútil, pouco importa saber-se onde se firma a tradição variável, que explica por uns a mera e insignificante partilha de águas e por outros o dirimir desauatinado de sensibilidades amorosas.

O ponto essencial é juntar a tradição em todas as modalidades do dizer corrente, porque a tradição é manto largo de retalhos doirados que cobre por diversos aspectos e com feições diversas, os assuntos mais melindrosos que não têm os pergaminhos em ordem de consulta.

É a tradição, quanto mais variada, mais rica.

Deslizaram estas considerações, muito do nosso saber de seroadá caseira, porque enxergamos no vol. 8.º do *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, pag. 9, a variante que segue:

crição é que já se não topa, talvez prejudicada em arrasamento pela reforma a que tivessem sujeitado o nicho.

Todavia a inscrição devia manter-se e respeitar-se.

E' um nicho muito caído exteriormente, encostado a um muro, junto ao portão da quinta da Fonte Santa, e que tem uma grade segura de ferro, a duas fechaduras.

O retábulo é em madeira, um alto relêvo muito razoavel, porém com pinturas más.

Tem cinco figurantes, em cacho, de tamanho regular, destacados em campo cinzento claro, a serem lambidos por umas chamas de curvaturas de cobra, aguçadas línguas de fogo: Duas irmãs de caridade, rosto paciente, de traço próprio, um rei barbado, de coroa e mãos postas e mais dois figuras de bigode e mosca, pouco insinuantes, caras de remorso.

Ao cimo um Anjo da Guarda de cruz e balanças, de engenho horrível e pintura empastelada, em fundo de borradíssimo céu pardento.

Distingue-se perfeitamente que aquella pintura foi feita em aposição ao alto relêvo por qualquer borra-paredes, porque não liga nada com o conjunto do retábulo, antes estraga o que o ignorado artista esculpiu pacientemente.

Dar-lhe até cima o tom cinzento claro do retábulo e apagar aquella mancha, seria uma obra de caridadé, seria mesmo pelas almas.

— No mesmo caminho, adiante da Fonte Santa, tanque de três bicas de água milagrosa, que tem no cimo um nicho com um S. Joãozinho muito tímido, macrocéfalo, com um carneiro ao lado, do seu tamanho, e perto da casa onde se lê, em inscrição de taboleta, um conhecido soneto bucólico, está outro casôto de almas, de telhadinho saliente e com cruz grande ao alto, de canudos de barro, casôto que tem uma curiosa grade de ferrô, em resguardo do re-

« **Quatro Irmãos** — Lugar muito agradável e pitoresco, Minho, nas faldas da serra da Falperra, na estrada de Guimarães para Braga.

Deu-se o nome de *Quatro Irmãos* a quatro penedos que parecem tampas de sepultura.

Segundo a tradição, quatro irmãos, destes sítios, filhos de Maria do Canto, amavam uma formosa menina, sobrinha do abade da freguesia.

Ardendo em amor e ciúme, os quatro irmãos reptaram-se para neste lugar decidirem à paulada, quem havia de casar com a rapariga. Três ficaram logo no campo, e o quarto, que ainda viveu algumas horas, é que contou tudo ao abade, que os mandou enterrar no sítio da contenda, que se ficou denominando dos *Quatro Irmãos*. »

tábulo, grade de linhas bem lançadas, representando ao centro o cálice e a hóstia.

O retábulo é em folha, com moldura de madeira, e a sua figuração toda, de tintas a desbotar, é desoladora.

Tem um Cristo e Santo António ao lado, de menino ao colo, embebido na leitura. Ao fundo o Anjo da Guarda de asas imponentes, arrastando das chamas uma pecadora mulher, de grandes tranças caídas, pastelão de tinta. Em volta do fogo mais nove figuras, que não merecem referência, mesmo porque já mal se apercebem, a não ser um bispo de barbas brancas.

Na padieira do nicho lê-se:

1824

*No meio de tantos tormentos
Gritamos em alta voz,
Ou nos dai uma esmola
Ou pedi a Deus por nós.*

— Na mesma freguesia e no lugar da Portinha, num baixo muro de caminho, está um retábulo de *alminhas*, metido em nicho quadrado, que as pedras do muro aparelham, com grade de ferro de interessante desenho à frente, cruz ao cimo, na fiada de padieira e com a seguinte inscrição no fundo do retábulo:

*Vós que ides passando
Orai por nós que estamos penando.*

O retábulo é de madeira, tendo em campo branco, na distinção alta do lugar, o Anjo da Guarda, exótica figura de traços, garatujados e de berrantes côres nas vestes do seu pôsto de honra, um vermelho e verde de brocha, Anjo da Guarda que guarda o maior exército de penitentes que teimos visto em fogo pintado.

São onze personagens de caraças largas, disformes, caraças de bonecos pintados pelo rapazio em lousa preta a giz grosseiro, apagadas um pouco nas tintas de tonalidade de caretas de carnaval.

Todas elas parecem coladas ao fogo que vem de baixo em pintura arcoírisada.

Lá estão: um rei de coroa e um bispo de mitra, nas extremidades; honra solene à pilha restante, talvez à plebe, gente de fome e de miséria.

Não tem mealheiro.

— Na mesma freguesia, no lugar do Cruzeiro, e perto mesmo

do cruzeiro esguio e elegante da igreja de Urgezes, está um nicho de *alminhas*, formado no perpianho da frontaria da última casa duma ilha.

Está bem agasalhado o retábulo, naquela esquina da casa, retábulo curioso, um alto relêvo que não é nenhuma obra escultural de valia mas que é de merecimento, regularmente cavado no símbolo do Espírito-Santo, que assenta num resplendor doirado, e nos anjos que estão à sua volta, em plano mais ao fundo, de asas medidas à cabeça como as de morcego fingido de morto.

Nas línguas de fogo, bem lançadas, seis cabeças um tanto ar-robertadas: um militar, logo à frente, de capacete e penacho vermelho, um bispo, etc, etc.

Do lado direito, e como que sôbre uma nuvem, o Anjo da Guarda inclinado, deitando a mão salvadora a uma figura das penas infernais, que é na semelhança um perfeito bêbé de celuloide.

Há lá miúdezas bem esculpidas.

O retábulo é grande, 1^m por 0,85, aproximadamente, tendo no fundo a inscrição vulgar :

*Oh vós que hides passando
Lembrai-vos de nós que estamos penando.*

Estas *alminhas* são muito curiosas e típicas, e de inédito engenho no arranjo da scena, concepção feliz do ignorado entalhador que as esculpiu.

Como estão sob o abrigo duma casa protectora, e sob a guarda e zêlo do dono daquela ilha, vendo-se mesmo lá dentro, a amenizar tanta dor e tanto fogo, três jarras com flores, a tão bondoso proprietário vem a calhar um pedido: Que faça pelas almas a reforma inteligente duma pintura discreta, porque o retábulo, todo êle, precisa e merece.

Vizela — Há duas edículas. Uma na rua da Rainha, bem conservada, e outra na Lameira.

Não fomos vê-las porque não nos sobrou o tempo. Perto e conhecidas, fica para mais tarde o seu descrever.

: : Dos Livros : :

“As Carapuças”, — Por Leão Martins,
com prefácio de Ruy Chianca — Braz Lauria —
Rio de Janeiro, 1925.

Lá da outra banda, da terra dos Brasis, Leão Martins, amigo velho e temperamento moço de poeta, de veia inspirada e de sensibilidade doce e sonhadora, modesto cantor das rimas que sem esforço, — à laia de gente aldeã em desgarrada, que de improviso modela em beleza de conceito cantigas de puro gôsto, — nos deu já há anos, no primeiro livro que publicou, «Musa Vil», uma faceta do seu talento, em correntio lirismo de suave frescura. Leão Martins, lá da terra das patacas, mandou-me ultimamente, com um ofertório de penhorante amizade, um livro de airosa apresentação; «As Carapuças», cem quadras, cem modelos completos e perfeitos em medida, talho, pespontos e arrebitados penduricalhos, de forma, jeito, feitio e capacidade para caberem com acêrto em muito toutiço.

Leão Martins deixou aquela suavidade sonhadora, aquele doentio rimar em versos de conversa apaixonada, mas versos de ternura, bem equilibrados e cantantes como todos os que se lêem na «Musa Vil», e vá de ser agora, nas «Carapuças», um espírito mais rasgado, dos tempos de hoje, escarpelizador, entrando numa poesia de observação, de água-forte, no género satírico, que é, aliás, um género difícil, pelo equilíbrio que requiere, pelo jeito, pela forma; pois é preciso um riso que faça rir, um ridículo que ridicularize, uma gargalhada que faça gargalhar, uma farpa que faça sangue, uma beliscadura que faça pinchar, uma côcega que faça rir ou contorcer, ou uma carapuça enfim que fique justa, sem que tombe aos lados em posição duvidosa.

*Sendo em numero de cem,
As quadras — frouxas e duras, —
Todavia, chegam bem
P'rá milhões de creaturas...*

No género, e para citar os consagrados, são de profundo e marcado relêvo os poetas: Guerra Junqueiro, na sátira política sobretudo, e Augusto Gil, na sátira de feições diversas.

O povo também cultiva o género, e o seu cancionero, tesouro de maravilhas, encanto brasonado da sua arte, está cheio de bicos de sedeiro, sátiras vagas e ingénuas de gracejo contundente.

O povo sabe rir no feixe curto de quatro versos, e tem rosaldar de sobejo quando entra de fazer pouco dos amores perdidos ou abandonados.

E se em desgarrada, num lento emperriçar de brios, os contendores se pegam em esganiçamento de medir fôrças, aqueles versos que se prolongam em cadência e que saem engatilhados em frases feitas, de mistura com os estribilhos de *olari lô lela, laranja verde limão*, etc, etc, estribilhos para auxílio da rima, aqueles versos, é de contar, saem sempre satirizados, vermelhos de ponta e aguçados de corte, deixando em resumo uma essência feliz de improvisação e definindo o ponto fraco do adversário.

As sátiras de Leão Martins estão dentro do nosso tempo, tempo que duma reacção precisa para encanar em melhoria, e se os conselhos e as prédicas não vingam os desejos, a sátira que ridicularize pode ser espelho que convença.

— *Com estas modas de agora*
— *Eva afirma em reunião,* —
Anda já qualquer senhora,
Como nos tempos de Adão.

E Leão Martins, tratando bem o verso, sem asperezas de forma, boa rima, castiga sem dó nem piedade, e mete com jeito e sem custo, numa quadra, feixe pequeno, a largueza de todo o apanhado em conceito e censura.

As mulheres são as que mais sofrem. As mulheres, não direi bem, porque os poetas costumam erguê-las em pedestal de sonho e amor, e Leão Martins é um poeta, direi melhor portanto que quem mais sofre são as suas arrogâncias de luxo, de grandeza e de tafulice.

Agradecido pela sua lembrança, caro amigo, e felicitações pelo livrinho que saiu formoso das mãos do editor e correio, seguro e bem marcado da sua veia inspirada de poeta.

Tradições e Usanças Populares, — por Alberto V. Braga — Livraria Espozendense, Editora — Espozende.

Alberto Vieira Braga bom amigo e nosso distinto colaborador é um paciente investigador e um folclorista devotado. Nas tradições, usanças e superstições populares do nosso Minho colhe os elementos para os seus trabalhos, reúne-os e dá nos sempre ignorados motivos, uteis e devéras interessantes, tanto mais que Alberto Braga sabe narrá-los numa corrente linguagem, impregnada, também, de uma simplicidade que encanta.

Nas *Tradições e Usanças Populares*, tem, Alberto Braga um trabalho de "alôr. Todas as suas páginas são cheias de ensinamentos, aproveitáveis uns, superstiosos e sem finalidade outros, ensinamentos e superstições do nosso povo, — alma simples e ingénua que teme bruxarias e mulheres de virtude, odeia sapos e corujas, sabe talhar maus olhados e expulsar espíritos ruínas com rezas e defumadouros.

Alberto Braga arrebanhou, aqui e além, fragmentos dispersos, catalogou-os, reuniu-os neste volume, e focou maravilhosamente a alma popular, a rusticidade, saber, conselhos e devoções, (na maioria dos casos mixto de catolicismo e paganismo), das gentes dos campos no apêgo

das suas tradições e usanças e nas experiências e lições que os *antigos* lhes confiaram.

Abraçamos muito sinceramente Alberto Braga, esperançados no exito que êste seu trabalho tão merecidamente alcançará.

A Casa do Outeiro 'romance), por Pires de Lima da Fonseca — Edição da «Lumen» -- Coimbra.

O admiravel paisagista dá *Terra em Braza*, tem, neste seu novo trabalho, a sua consagração de Artista.

A Casa do Outeiro não é um vulgar romance de enfastiada prosa. E' mais, muito mais. O seu autor, ao escrevê-lo, não quiz apenas dar-nos uma leitura agradável mas sem resultados práticos. Obreiro da Reconstrução este seu trabalho é um cântico ás virtudes inabalaveis das nossas Tradições, e um poema de Esperança no futuro. Livro consagrado «A' Glória Eterna de Portugal, à memória sagrada dos Santos e dos Heróis, à memória humilde dos Mortos, e a todas as almas capazes de sentir e a todos as inteligências capazes de meditar o que à Pátria se deve» êle é um compêndio de doutrinação nacionalista, que devemos fazer propagar.

Pires de Lima da Fonseca imprime vida e movimento a todos os personagens. E a *Casa do Outeiro* de tão nobres tradi-

ções é o espelho fiel das felicidades e desditas da nossa Pátria. Maria da Graça é o espírito moço da nossa época, cheio de fé e lutando contra as contrariedades que se lhe deparam e contra a má vontade do pai-espírito sempre despreocupado e sempre ansioso do socego e quietude de Londres. E o seu esforço heroico vence sempre; luta pela reconstrução do solar dos seus avós, pela casa e pela terra que são pertença sua porque o foram de seus antepassados, e vence. Magnífica lição! Manuel Luiz é o doutrinador revolucionário que morre vítima dos doutrinas que espalhou, — gritos de extermínio à sociedade atual, para que, das suas ruínas, surja, enfim, a hora da igualdade, da emancipação social. Romance de interessante descritivo e de uma grande oportunidade na quadra de expiação resgatadora que decorre «para que da penitência do dia de hoje saia a redenção luminosa do dia de amanhã!» está destinado ao maior sucesso.

A colina sagrada, por Manuel Ribeiro — Guimarães & C.^a, Editores — Lisboa.

O ilustre autor da *Catedral*, inicia, com *A colina sagrada* a «Trilogia nacional».

Não podia ser mais auspiciosa a estreia pois *A colina sagrada*

é um livro de valor e de doutrina. Todas as suas páginas respiram nacionalismo puro. Só temos que o saudar por continuar percorrendo a estrada de Damasco.

A inteligência de Manuel Ribeiro, que sempre admiramos, veio prestar um serviço á Verdade caracterizada numa espontanea sinceridade e beleza de forma.

Todo o entrecho é soberbo e a paisagem coimbrã é-nos revelada como numa tela de bom pintor. Admirável livro, onde a fé cristã é exaltada, o problema da vinculação — êsse pesadelo que apavora os democratas — é defendido com calor e onde se preconisa, com todo o entusiasmo o regresso ás tradições históricas que nos engrandecem. Belo serviço prestado á cruzada do resgate! No meio do descalabro literário e da prosa sibilina que hoje em dia se publica, o esforço magnifico de Manuel Ribeiro vem contribuir para *um salutar retôrno às tradições nacionais e á fé religiosa que exalta e torna o homem um ser de beleza e perfeição.*

Com todos estes requisitos esperamos que o presente livro hã-de encontrar no nosso meio aquela aceitação de que o torna crêdor a matéria que nêle é tratada e a proficiência com que Manuel Ribeiro soube versã-la e expô-la.

M. ALVES D'OLIVEIRA.

COLABORADORES DÊSTE NÚMERO

A. de Melo e Niza
Afonso Lopes Vieira
Albano F. Dias Magalhães
Alberto Monsaraz
Alberto V. Braga
Alírio de Melo (Padre)
António Rodrigues Cavalheiro
António Sardinha
Augusto da Costa
Cesar de Oliveira
Domingos de Gusmão Araujo
Elísio de Carvalho
Euclides Portugal
Eugénio de Belonor
Fernando da Costa Freitas
Francisco Veloso
Hipólito Raposo
Horácio de Castro Guimarães
J. Nunes de Freitas
Jaime de Magalhães Lima
Jerónimo de Almeida
José Ferrão
José Pequito Rebelo
Leão Ramos Ascenção
Maga
Manuel Alves de Oliveira
Manuel Vaz
Mário de Sampaio
Mariotte
Nuno de Montemór
Pedro Teotónio Pereira
Pinheiro Torres
Pires de Lima da Fonseca
Rolão Preto
Rui Galvão de Carvalho
Simeão Mesquita
Tavares Ferreira
Vasco de Carvalho.

ÍNDICE DAS PRODUÇÕES

Como o Integralismo avança — 1 a	2
D. Frei Tirso de Guimarães — Fernando da Costa Freitas 3 a 5, 98 a 104, 123 a 125, 209 a 211, 263 a	269
A graça do sofrimento — Nuno de Montemor — 6 a	8
Castelos de Portugal — Horácio de Castro Guimarães — 9 a	10
O mesmo Deus (soneto) — Rui Galvão de Carvalho	10
Portugal falsificado — Hipólito Raposo — 11 a	14
Aos que souberam crêr — Pedro Teotónio Pereira — 15 a	17
O momento social português — J. Pequito Rebelo — 18 a	20
A caninho! — Cesar de Oliveira — 21 a	29
Dr. António Sardinha — Redacção	30
O que esqueceu a Adamastor — António Sardinha — 30 a	32
António Sardinha — José Ferrão — 33 a	34
Na pedra da campa (soneto) — António Sardinha	34
O pensamento católico na obra poética do Dr. António Sardinha — P. ^o Alírio de Melo 35 a	41
Um Mestre da História — Alberto Monsaraz — 42 a	43
A Santa Intransigência — Nuno de Montemor — 44 a	46
António Sardinha e a doutrina do absoluto — Domingos de Gusmão Araujo — 47 a	50
Avós sem nome (soneto) — António Sardinha	50
O exemplo de uma vida — Hipólito Raposo — 51 a	52
Sanabiles fecit nationes Mariotte — 53 a	54
Sobre um cadaver... — Horácio de Castro Guimarães — 55 a	56
Designios de Deus — Simeão Mesquita — 57 a	58
Uma perda irreparavel do nacionalismo português — Augusto da Costa — 59 a	60
Mais fell! — Cesar de Oliveira — 61 a	64
Um grande poeta — Pinheiro Torres — 65 a	70
Vexilla Regis (soneto) — António Sardinha	71
António Sardinha — Euclides Portugal — 72 a	75
A lição íntima — António R. Cavalheiro — 76 a	77
Os mortos vivem!... — Tavares Ferreira — 78 a	79
A esmola da viuva — Leão Ramos Ascensão — 80 a	81
Egas Moniz (soneto) — António Sardinha	82
António Sardinha — Rui Galvão de Carvalho — 83 a	84
António Sardinha — Albano F. D. Magalhães — 85 a	86
O Mestre — Manuel Alves de Oliveira — 87 a	88

A representação profissional — A. de Melo e Niza — 89 a.	94
«Terra em Braza» — Pires de Lima da Fonseca — 95 a.	97
A 2. ^a Divisão Portuguesa na Batalha do Lys — Vasco de Carvalho — 105 a.	111
A nova Reconquista — Francisco Veloso — 112 a.	115
Vária — 116 a 117, 143 a 145, 228 a.	233
Dos Livros — Manuel Alves de Oliveira — 118 a 120, 150 a 151, 277 a 278, 325 a.	326
Revistas & Jornais — 120, 151, 234, 279 e	303
Temporal desfeito — Cesar de Oliveira — 126 a.	129
A teoria do humanismo — Domingos de Gusmão Araujo — 130 a.	134
Um poeta português autêntico — Jaime de Magalhães Lima — 135 a.	138
Notas desenfadadas sobre coisas mais ou menos conhecidas — Pedro Teotónio Pereira — 139 a.	142
Amor imortal (soneto) — Jerónimo de Almeida	142
Alerta! — Eugénio de Belonor — 146 a.	148
Um ascendente miguelista (soneto) — Rui Galvão de Car- valho	149
Gil Vicente — Afonso Lopes Vieira	153
Exortação da Gueira — Cesar de Oliveira — 154 a 163, 185 a.	194
Auto da Barca do Inferno (de Gil Vicente) — 164 a.	165
A' margem da obra de Gil Vicente — António Rodrigues Cavalheiro — 166 a.	171
Sobre Gil Vicente — António Sardinha — 172 a.	173
Os autos de Mestre Gil — Manuel Alves de Oliveira — 174 a	176
Auto da Mofina Mendes (de Gil Vicente) — 177 a.	178
Para a reconstrução de Portugal — Hipólito Raposo — 181 a	184
Medicina popular e cautelas supersticiosas — Alberto V. Braga — 195 a.	203
Mens sana... — Eugénio de Belonor — 204 a.	208
Afonso Lopes Vieira — Elísio de Carvalho — 212 a.	215
A Arte de Narciso de Azevedo — Horácio de Castro Gui- marães — 216 a.	227
D. Duarte Nuno — J. Nunes de Freitas — 235 a.	237
D. Duarte Nuno — Maga — 238 a.	241
A Dom Duarte Nuno (soneto) — Rui Galvão de Carvalho.	242
Ao Senhor Dom Duarte II — Mário de Sampaio	243
Os que eu amo — Nuno de Montemór — 244 a.	245

«Scouting e Sporting» — Eugénio de Belonor — 246 a 249, 299 a	303
Casa do Outeiro — Pires de Lima da Fonseca — 250 a. . .	255
Nichos de «Alminhas» — Alberto V. Braga — 256 a 258, 307 a	322
Ruínas de amor — Horácio de Castro Guimarães — 259 a	261
Dr. António Maria de Sousa Sardinha (agradecimento). . .	262
Versos — Horácio de Castro Guimarães — 270 a	276
Eleição e Revolução — José Pequito Rebelo — 279 a . . .	284
Exortação à Pátria (soneto) — Rui Galvão de Carvalho. . .	285
Portugal em Africa — Manuel Vaz — 286 a	289
«Aleluias» — Horácio de Castro Guimarães — 290 a . . .	292
Crónica Política — Rolão Preto — 293 a	297
Os claustros da Oliveira — Redacção	298
Os nossos Mortos! — Redacção — 304 a	306
«As Carapuças» — Alberto V. Braga — 323 a	324

ILUSTRAÇÕES

Dr. António Sardinha	33
D. Frei Irsó de Guimarães	123
Gil Vicente	155
Narciso de Azevedo.	216
S. A. R. o Infante D. Duarte Nuno de Bragança	243
Alminhas da Fonte Santa — 311 e.	313